

New York Times Bestselling Author

Jessica Clare



The rarest treasure
of all is love...

ROMANCING
the
BILLIONAIRE

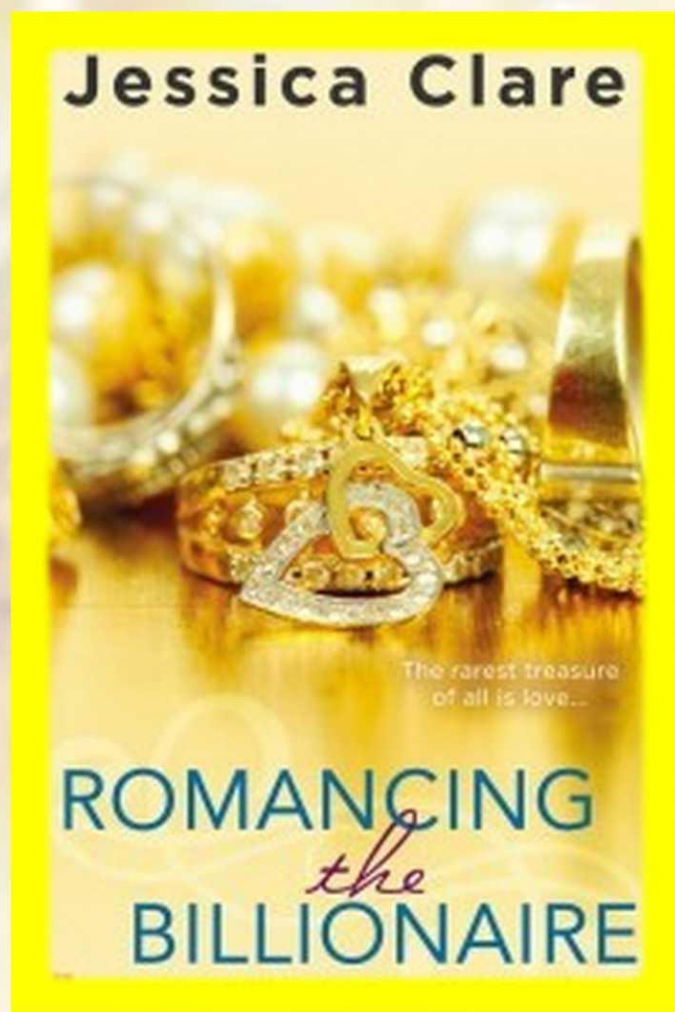


❧ A Billionaire Boys Club Novel ❧



Jessica Clare

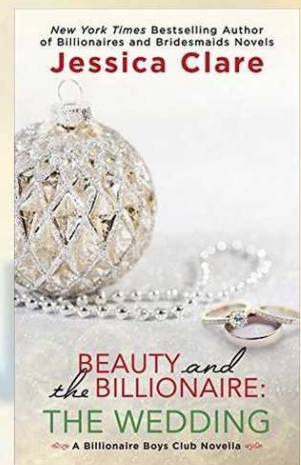
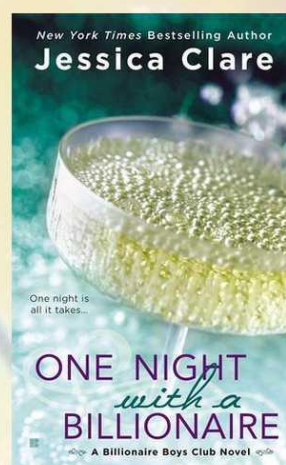
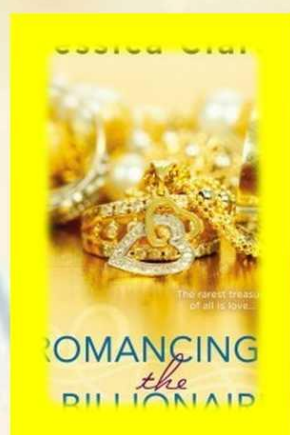
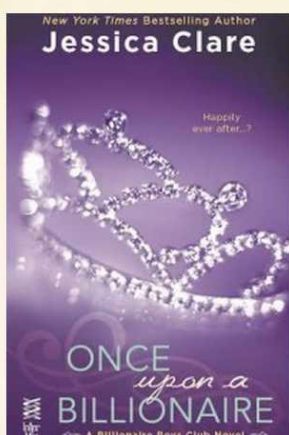
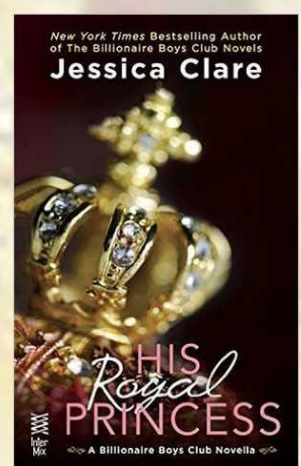
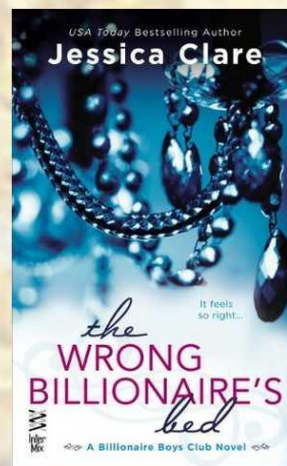
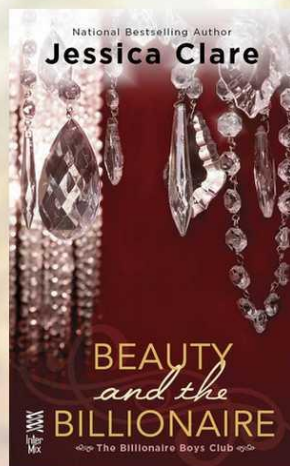
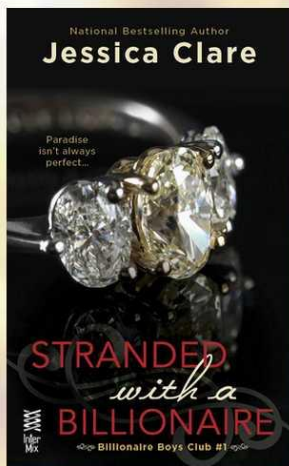
APRESENTANDO:



Jessica Clare
Billionaire Boys Club 5

APPRESENTANDO:

Jessica Clare Billionaire Boys Club 5



the
BILLIONAIRE

Jessica Clare

Sinopse

O *Billionaire Boys Club* é uma sociedade secreta. Seis homens de riqueza surpreendente. Mas há uma coisa que o dinheiro não pode comprar. Quando se trata de amor, o sucesso não vem tão facilmente...

Jonathan Lyons. Playboy, bilionário e aventureiro, vive a vida no limite. Quando ouve que seu mentor, Dr. Phineas DeWitt, tinha um diário secreto que leva a um artefato lendário, Jonathan entra em ação.

Isso agita seu sangue, mas vem com um desafio inebriante: a filha de DeWitt, Violet. Ela possui o que Jonathan precisa. E não desistirá disso para o homem que partiu seu coração.

Violet é a fraqueza de Jonathan, ele ainda está apaixonado, apesar de seu rompimento volátil há uma década.

Mas as memórias dela são mais nítidas. Nunca o perdoou por abandoná-la. Ou assim pensou. Quando as suas atenções se tornam sedutoras, corre o risco de se apaixonar por ele novamente. E não pode deixar de se perguntar... ele realmente a quer, ou apenas o que está escondendo?

ROMANCING
the
BILLIONAIRE

A tradução em tela foi efetivada de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o a aquisição integral da obra literária física ou em formato E-book.

O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes de qualquer forma de obtenção de lucro, direta ou indiretamente.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem aviso prévio e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros cuja publicação for vinculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, e bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responde individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria e coparticipação em eventual delito cometido por aquele, que por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro, direto ou indiretamente, responderão nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

Jessica Clare

Por favor, não publique
nossos arquivos em redes como blogs e
Facebook

Se você viu algum arquivo nosso em algum
lugar
sem a nossa autorização, converse com a
moderação.

Se você gosta dos nosso livros ajude!!

Quem gosta, respeita nosso grupo!

Não publique diretamente no Face, blogs e
afins,
não exponha o grupo de forma desnecessária

Não aceitamos reclamações sobre
as traduções do grupo!

Se não gostou, leia o livro
no idioma original

of all is love...

ROMANCING

BILLIONAIRE

Capítulo Um

Violet DeWitt segurou o envelope marcado “*A ser aberto pela minha filha após a minha morte*” e passou os dedos pelas beiradas.

— Bem? — O advogado perguntou claramente curioso. — Você não abrirá?

Mas Violet olhou apenas a escrita caligráfica feita pela mão de seu pai, remanescente da época medieval. Estudou o selo de cera ornamentado. Era uma coisa tão desnecessária em um envelope moderno. O tipo da coisa que o pai dela faria.

Cuidadosamente colocou o envelope no colo e deu ao homem do outro lado da mesa um sorriso educado.

— Não, eu não vou.

A testa larga do homem enrugou e ele pareceu desapontado.

— Mas esse é o último desejo de seu pai, Sra. DeWitt. Você não quer honrá-lo?

— Estou bastante certa de que já sei o que diz Sr. Penning — falou, mantendo a voz viva e alegre enquanto colocava o envelope sob as mãos.

— Agora, há mais alguma coisa envolvida com os bens do meu pai para a qual você precisa de mim?

Sr. Penning lhe lançou outro olhar intrigado antes de se virar para a pilha de papéis em sua mesa folheando-os. Entendia o olhar que ele lhe deu. A maioria das pessoas que o advogado viu, provavelmente,

estava de luto ou preocupada com o dinheiro que herdaria; Violet não estava interessada em nada disso. Só queria ir embora.

— Seu pai era um grande homem — comentou Penning, enquanto pegava outro pedaço de papel e o espiava através dos óculos bifocais.

— Sim.

— O trabalho dele foi muito respeitado. Li três livros dele e, apesar de ser apenas um entusiasta da poltrona, não pude deixar de ficar fascinado. Que vida emocionante o homem levou. Realmente, apenas um grande homem.

— Então foi o que me disseram.

Agora, o Sr. Penning pareceu surpreso.

— Você não conheceu seu pai, senhora DeWitt? Estava com a impressão...

— Eu o conhecia — corrigiu, desejando que a conversa não fosse nessa direção. O advogado provavelmente não queria ouvir sobre as longas ausências do pai viciado em trabalho, do abandono da mãe e do tratamento insensível do Dr. DeWitt a Violet. Todos acreditavam que o lendário arqueólogo Dr. Phineas DeWitt era tão amável para sua família quanto para as câmeras de documentário. Não era o caso, pensou consigo. Não era o caso de forma alguma. Mas ela colocou um sorriso paciente no rosto e se inclinou para frente, como se estivesse interessada no documento que o Sr. Penning segurava.

— As propriedades dele foram encaminhadas, certo?

— Oh. — Ele ajustou os óculos, voltando a focalizar a papelada à sua frente.

— Sim, na verdade, acredito que o envelope é o último item pendente. Lamento dizer que seu pai já se endividou bastante antes de sua morte. Parece que ele financiou privadamente algumas expedições pessoais e correu várias hipotecas em sua casa, que foi tomada pelo banco três semanas antes de sua morte.

Violet fez um murmúrio compreensivo na garganta. Não se importava com o dinheiro ou com a casa e não esperava nada. Só desejava ir embora.

— Felizmente, houve um doador anônimo que pagou todas as dívidas pendentes de seu pai.

— Muita sorte — concordou, apertando o punho. Tinha uma ideia de quem era aquele doador e odiava o idiota. Anônimo, de fato. Agora, ele esperava que ela fosse agradecida e se jogasse nele com gratidão. Não nesta vida.

— Então acho que é tudo. — O advogado lançou um último olhar expectante, sua atenção deslizando para o envelope em seu colo. Quando ela não fez nenhum movimento para abrir, suspirou e lhe entregou um papel para assinar. Ela o fez, e ele se levantou e estendeu a mão.

— Obrigado, Sr. Penning. Ligue-me se eu puder ajudar mais — o avisou, de forma séria. Então apertou a sua mão e deixou o escritório de advocacia, o envelope fechado na mão.

Quando chegou ao carro, ligou o motor, jogou o envelope no banco do passageiro e depois parou. Esfregou a testa, desejando que a dor de cabeça atrás dos olhos desaparecesse. Os envelopes eram um dos velhos favoritos do falecido Phineas DeWitt. Quando tinha oito anos, o pai lhe dera um envelope de presente de aniversário. Dentro havia uma

pista que, se seguida, a levaria a uma trilha de pistas adicionais. Estava tão animada na época e, após uma série de pistas em envelopes, cada uma mais complexa que a anterior, chegou ao presente.

Era uma cópia da Enciclopédia sobre o Estudo dos Hieróglifos Antigos. Usado. A inscrição dentro dizia: Para Phineas, obrigado por ser um ótimo professor.

Concedido, era um livro interessante, mas o seu eu de oito anos queria uma Barbie.

Phineas não prestou atenção aos outros aniversários dela até completar dezesseis anos. Recebeu outro envelope pelo correio e ficou excitada apesar da trepidação inicial. No final da perseguição, no entanto, seu presente foi uma cópia de uma tese de doutorado escrita por um dos alunos de seu pai em afrescos minoicos. Ele pregou uma nota que dizia: *Preste atenção, Violet. Esse é o tipo de coisa que você precisará escrever se quiser trabalhar para o seu pai!*

Novamente, não algo que ela particularmente queria. Mas Phineas DeWitt acreditava em duas coisas – conhecimento e aventura. Tudo o mais era tolice.

Jogou a tese copiada no lixo e tentou esquecer as ideias terríveis de seu pai para presentes de aniversário. Quando tinha dezoito anos, caiu mais uma vez e ficou igualmente desapontada. O final da perseguição do envelope levou a um anel de cobre feio que deixou o dedo verde e parecia algo saído de uma loja turística. Isso foi depois de uma semana de busca frenética para encontrar o que seu pai deixou, lutando contra a esperança que tivesse lembrado do que gostava, seus medos, esperanças e sonhos, e que lhe desse um presente que mostrasse, que realmente entendeu sua filha.

Não aconteceu. Phineas DeWitt deu presentes, mas no final, ainda era tudo sobre ele. Assim como tudo o mais com os jogos de seu pai, sabia que sua excitação inicial levaria à inevitável decepção. Os envelopes e o desafio foram para mascarar o fato de que Phineas não colocou nenhum pensamento ou esforço em seus presentes... como se não tivesse pensado ou se esforçado em ser seu pai.

E sabia o que – e a quem – este último jogo de envelope levaria sem ter que olhar.

Oh pai. Eu sei o que você está fazendo. Este é apenas mais um joguinho e não tenho intenção de jogar desta vez. Nada que você diga ou faça pode me fazer querer falar com Jonathan Lyons novamente.

Violet não achou que fosse um tipo duro e implacável. Era uma mulher legal e compreensiva. Mas quando um cara te deu palavras bonitas, te engravidou e te abandonou? Isso não era tão fácil de perdoar ou esquecer, não importava o que seu pai quisesse.

Algumas coisas você simplesmente não podia esquecer.

— Esta é a sala de aula dela — falou o diretor Esparza a Jonathan Lyons, apontando para a porta à frente. — Você tem certeza que a Sra. DeWitt está esperando por você? Ela não me indicou que antecipava uma visita, e este é um campus fechado. A diretora parecia desaprovadora, mas não o expulsou. Era incrível o que poderia fazer se aparecesse em um terno caro com seu guarda-costas pessoal. Claro, ser famoso – ou infame – nos círculos certos certamente ajudou.

— Ela está me esperando — afirmou Jonathan, ajustando a frente do paletó. — Talvez simplesmente esqueceu de notificar você. Violet é uma velha amiga da família dos Lyonses.

— Bem — afirmou Esparza com um sorriso feliz. — Sou uma grande fã de seus carros, embora eu não possa pagar um! — Deu uma risadinha de menina em desacordo com sua idade avançada.

Deu a ela seu melhor sorriso libertino, adotando a parte do bilionário da Playboy.

— Devo mandar um para você?

— Oh, não. — Esparza riu novamente, e ajeitou uma mecha de cabelos cinza em seu coque.

— É contra a política da escola. Mas você é doce por oferecer. — Avançou e bateu na porta alegremente rotulada como *Quinta Série de Estudos Sociais*.

Jonathan engoliu o nó na garganta e mudou de posição. Era patético ficar nervoso. Escalou penhascos no Nepal, fez snorkel com tubarões, explorou muitas cavernas e uma vez acabou em um navio atacado por piratas somalis. Nunca esteve nervoso em todas essas situações. Alimentado por adrenalina? Absolutamente. Nervoso? De jeito nenhum.

Mas do lado de fora de uma sala de aula do quinto ano, esperando por uma mulher que não via há dez anos? Suas palmas suavam.

Como seria a aparência de Violet? Suas lembranças dela eram de certas coisas, em vez do pacote inteiro. Lembrou-se de uma menina baixinha, não mais alta do que o seu ombro, com tranças longas e escuras listradas de rosa – choque, um sorriso perverso, uma figura

magra e uma tatuagem que dizia *Carpe Diem* na parte inferior das costas. Lembrava-se do cheiro de sua pele, do jeito que dava gritos ofegantes quando gozava, e a sucção apertada de sua boca em seu pau.

Só de pensar nela trouxe uma riqueza de memórias e arrependimentos de volta. Não houve um dia que não se arrependesse da última noite, da última hora, do último minuto que passaram juntos.

Ela queria se casar. Queria que sua pequena aventura de verão na Grécia se transformasse em algo real. Insistiu em voltar para os Estados Unidos e se estabelecer. E ele tinha dezenove anos, cursando um semestre da faculdade, e ficou deslumbrado com a dinâmica Dr. Phineas DeWitt, que parecia diariamente à beira de mais uma importante descoberta arqueológica. Ambos participavam da última escavação de DeWitt no verão, e foi a coisa mais emocionante que já fez. Como o filho mais novo de um empresário que precisava desesperadamente de um milagre. Jonathan assistira, ano após ano, à medida que seu pai despejava cada hora de seu tempo e cada dólar em sua carteira para tornar a Lyons Motors uma empresa viável, tudo sem sucesso. Não estava com ciúmes da obsessão do pai com o negócio de carros; era simplesmente algo que alguém tinha que dar de ombros e ignorar.

No Dr. DeWitt, no entanto, encontrou um mentor e uma figura paterna que se importava com o que Jonathan pensava. De repente, era importante e isso era inebriante.

Mas Violet teve uma mudança de ideia rápida e decisiva. Não queria uma vida de escavações arqueológicas e aventura. Queria casa e uma família, nessa ordem. Não mais aventura, não mais faculdade,

tudo na idade de dezenove anos. E sugeriu, na noite que passaram juntos, que desistisse de tudo e se estabelecesse com ela.

Jonathan riu na cara dela, um jovem imbecil cheio de si mesmo.

Ela deu um tapa nele, explodiu em lágrimas, e saiu de sua vida.

Essa foi a noite em que a perdeu, e não demorou muito para que se arrependesse de sua crueldade. A Grécia sem Violet ao seu lado simplesmente não era a mesma. Na verdade, nada era igual. Começou a sentir a falta dela com a mesma intensidade com que amou a expedição arqueológica e confessou ao professor DeWitt, a quem via como um mentor e amigo, de seu desejo. Pensava em ir atrás de Violet. Pedir desculpas. Tentar novamente.

Mas o pai dela disse que era um erro. Segundo ele, Violet esteve nos Estados Unidos durante toda a semana antes de se encontrar com um ex-namorado. E ele entregou a Jonathan uma pilha de notas de campo para enterrar sua tristeza. Devastado, se jogou no trabalho.

Algumas semanas depois, o Dr. DeWitt contou a um deprimido e desanimado Jonathan que Violet se casara e que era hora de seguir em frente. Jonathan queria acompanhá-lo a uma descoberta de um novo túmulo no Vale dos Reis?

Ele o fez. Aceitou. E mergulhou em aventuras, arqueologia, esportes radicais – o que fosse preciso para se distrair do fato de que fodeu tudo e perdido Violet. Quando seu pai morreu e seu irmão mais velho declarou que não queria a Lyons Motors, assumiu determinado a fazer sucesso. Dez anos depois, com muito trabalho, engenhosidade e ajuda da Irmandade – a sociedade secreta de empresários da qual fazia parte, transformou-a em uma empresa de bilhões de

dólares. Entre o trabalho e suas excursões em volta do mundo, manteve um estilo de vida agitado.

Nunca conseguiu, no entanto, esquecer do que perdeu. Dez anos depois, ainda pensava em Violet DeWitt e em como as coisas teriam sido diferentes se tivesse se estabelecido com ela.

Passos clicaram no piso de linóleo da escola, trazendo-o de volta ao presente. Um momento interminável depois, a porta da sala de aula se abriu. Jonathan levantou a cabeça.

Ali estava ela, parada ao lado da pesada porta da sala de aula de madeira, com uma expressão franzida e decepcionada no rosto, como se esperasse vê-lo, mas esperava que fosse diferente.

Assim, as palmas das suas mãos começaram a suar novamente.

Estava diferente do que ele lembrava. Isso era de se esperar – não era o garoto magro de dezenove anos com pele questionável e falta de pelos no peito. Se alguma coisa mudou, no entanto, foi que Violet ficou mais bonita do que a última vez que a viu... e mais calma. Se foi o olhar selvagem e diabólico que tanto amava, e as tranças riscadas. Essa Violet ainda era minúscula, mas sua figura esguia tinha se suavizado em curvas exuberantes, delineadas por uma saia preta recatada e uma blusa cor de creme com um laço no pescoço e longas mangas onduladas. Tinha saltos pretos simples de gatinho, nenhuma joia, e o cabelo comprido que lembrava era cortado em um prumo preto assimétrico que estava escondido atrás de uma pequena orelha e balançava em seu queixo.

Esta era sua Violet selvagem? Parecia com ela...e não. A vida de casada combinava com ela, isso estava claro. Estava tão linda como quando a viu pela última vez, e o pensamento de outro homem em sua

vida, fez doer por dentro. Deveria ter sido *ele* ao lado dela, mas foi um idiota egoísta.

— Jonathan — disse ela em uma voz plana e educada. — Que surpresa adorável.

Sua voz indicava que não era nem uma surpresa nem um prazer.

— Apenas um lembrete, Srta. DeWitt, de que os visitantes precisam ser despachados para o escritório no futuro — falou a diretora Esparza, lançando outro sorriso amigável na direção de Jonathan.

— Claro. Minhas desculpas — disse Violet, sempre tão educada.

— Você não entrará Jonathan? — Apontou para a sala de aula.

Ele acenou para o guarda de segurança, que se virou para ficar na porta em uma pose de alerta. Não que ele esperasse problemas na Neptune Middle School, é claro, mas descobriu há muito tempo que parecer importante lhe levava a tantos lugares – e às vezes mais – do que distribuir gorjetas.

Os seus pequenos saltos estalaram quando voltou a se sentar em sua enorme mesa na frente da sala. Notou que não lhe ofereceu um assento, e olhou para as frágeis mesas dos alunos alinhadas em fileiras bem organizadas. Sua sala de aula era colorida e ousada, fotos de locais exóticos e mapas do mundo cobrindo as paredes, juntamente com gráficos e bandeiras. Apesar do ambiente, a escola era velha e escura, os painéis de madeira se entortavam com a idade e tinha certeza de que os ladrilhos no teto cairiam devido a danos causados pela água.

— Lugar legal. Onde estão seus alunos?

— São três e meia — afirmou naquela voz suave demais, controlada demais. — A aula acabou. Isso é detenção.

Ele se virou para olhá-la, sorrindo com o que esperava que fosse seu melhor sorriso de flerte, que nunca falhou em derretê-la no passado.

— Acho que fui malcriado.

Violet juntou as mãos na mesa.

— Sr. Lyons acho que nós dois sabemos por que você está aqui.

— Jonathan.

— Sr. Lyons — repetiu, seu olhar quase o desafiando a contradizê-la. Olhou-o por um momento mais longo, em seguida, enfiou a mão na gaveta da mesa, tirou um envelope e estendeu-o para ele.

Aproximou-se, pegando o envelope familiar dela, notando que o selo nas costas ainda estava intacto.

— Você não abriu?

— Estou bastante familiarizada com os joguinhos do meu pai. Não preciso abrir para saber que não o jogarei. Isso tudo é uma manobra dele para algum propósito que ainda não descobri, nem me importo.

Jonathan se perguntou sobre seu comportamento gelado. Violet estava sendo absolutamente fria para ele, e não havia feito nada.

— Você ainda guarda rancor do passado?

Seus olhos se estreitaram.

Isso seria um sim.

— Olhe Violet. Eu era criança, você era criança. Nós éramos jovens. Nós fizemos coisas estúpidas, cometemos erros estúpidos. Não podemos passar por isso e trabalhar juntos?

— Trabalhar juntos? Em quê? — Puxou seu próprio envelope de um bolso interno de seu paletó Fioravanti e o estendeu para ela.

Ela simplesmente olhou para ele, arqueando uma sobrancelha.

Tudo bem teria que fazer isso da maneira mais difícil. Abriu o envelope, tirou o papel e leu para ela. A primeira linha era o endereço do ensino médio. A segunda linha dizia: — Minha filha, Violet, segura a chave.

Olhou-a para ver a reação dela à afirmação enigmática.

Ela revirou os olhos.

— Bem? O que você acha?

— Acho que meu falecido pai perdeu seu chamado como ator dramático — declarou. — Se há uma chave a ser encontrada, provavelmente está no meu envelope. Você pode tê-lo. — Cutucou em sua direção e pegou uma pilha de papéis do canto da mesa e os puxou para frente. Então, pegou uma caneta vermelha e começou a avaliar, como se ele não estivesse lá.

Olhou-a pelo que pareceu uma eternidade. Realmente não estava curiosa? Não queria saber?

— Você não está nem um pouco interessada no que seu pai estava escondendo?

— Não. — Não olhou para cima, apenas continuou avaliando.

— Você ficaria surpresa ao saber que, após a sua morte, não apenas todos os seus diários faltavam, mas havia rumores de que ele roubou algo importante de sua última escavação?

— Não ficaria surpresa — afirmou Violet, ainda sem olhar para cima. Rabiscou uma nota em vermelho num teste, virou-a e passou para a próxima.

— Se isso pudesse criar drama e tensão para o meu pai, ele faria isso.

— Essa foi a *minha* escavação — contou Jonathan. — Seu pai roubou de mim.

Ela o ignorou.

— Você não se importa?

— Com isso — Olhou para cima e deu-lhe outro olhar frio. — Eu deveria me importar? Disseram-me que, após a morte de meu pai, uma terceira parte anônima liquidou todas as suas dívidas e que elas não deviam ser uma preocupação minha. Também me disseram para agradecer. — Sua boca se enrugou na última parte, como se tivesse mordido um limão.

— Eu considero uma daquelas dívidas manipuladas.

Então sabia que tinha cuidado das coisas e não estava satisfeita. Isso não o deteve.

— Eu quero essas revistas. Mais do que isso, quero a estela que ele roubou da minha escavação. É insubstituível.

Voltou a olhar para o teste e cutucou o envelope com a outra mão, aproximando-o um pouco mais.

— Droga, Violet. Fale comigo.

— Eu estou falando — respondeu na mesma voz.

— Quero trabalhar juntos nisso. Preciso desses periódicos e do que ele roubou.

— Eu te disse. Você está livre para pegar meu envelope.

Irritado, arrancou-o da mesa e abriu. Não havia nada além de um símbolo dentro, um completamente desconhecido para ele.

— Eu não sei o que isso significa.

— Isso realmente não é problema meu.

Sorriu levemente para ele e apontou para a porta, como se sugerisse que deveria sair.

Ficou claro que terminou com ele, assim como ficou claro para Jonathan que, se fosse chegar a algum lugar, precisaria da sua ajuda. Violet teria acesso a informações sobre o falecido Dr. DeWitt que ele não teria. Recordações. Conhecimento interno.

— Eu te pagarei um milhão de dólares se você me ajudar com isso.

— Ela levantou os olhos da papelada, os olhos arregalados de surpresa.

— Você fala sério?

— Eu sou bilionário agora, ou você não ouviu? Assumi a Lyons Motors.

— Viva para você. — Seu rosto estava impassível.

— Assim. Um milhão de dólares para você concordar em ser minha empregada até descobrirmos o que quer que isso signifique. — Acenou com a carta no ar.

Violet bateu a caneta nos papéis, como se pensasse. Então balançou a cabeça.

— Não.

— Você é uma professora de escola. Tenho certeza de que precisa do dinheiro.

— Eu sou uma professora — concordou. — E é o meio do ano letivo. Não posso sair. Isso colocaria o distrito escolar sob terrível sofrimento.

— É uma aventura — bajulou, lembrando como seus olhos costumavam acender com o pensamento de algo assim. Sua Violet costumava amar uma emoção tanto quanto ele.

Desta vez, o seu olhar para ele era de aço.

— Não, Jonathan.

— Por quê? — Cerrou o punho entorno do papel, perigosamente perto de perder a paciência e sair da sala.

— Não me importo com o pequeno estratagema do meu pai para nos unir novamente.

Ele inalou bruscamente. Então pensou que seu pai estava deliberadamente jogando-a para ele? Não é de admirar que pensasse que era o pior tipo de escória, aqui para chegar em uma mulher casada.

— Olhe Violet, enquanto é ótimo ver você.

— Receio não compartilhar o sentimento...

— Eu não estou aqui para foder com o seu casamento — continuou, com o coração doendo. Não tinha certeza do que esperava

dela. Talvez um pouco de carinho? Melancolia por memórias antigas? Desejando o que antes poderia ter sido entre os dois? Estava claro que o que quer que fosse, estava morto e enterrado, e Violet não queria nada com ele. Era casada, de qualquer forma. Não faz sentido sonhar com uma mulher casada. — Eu só quero uma velha amiga para me ajudar com algo importante para mim, tudo bem?

Ela olhou para cima e inclinou a cabeça, franzindo a testa ligeiramente, e enfiou uma mecha de cabelo preto atrás da orelha em um movimento que trouxe de volta uma riqueza de memórias. Lembrou daquela expressão pensativa, e desejo e saudade voltaram através dele.

Dez anos, e ainda estava insanamente apaixonado por Violet DeWitt, princesa do gelo e tudo. Não é de admirar que quisesse assustá-lo.

— O que você disse?

Brincou com a frente do paletó, grato por ter sido abotoado para esconder qualquer indício da ereção que acabara de receber naquele pequeno gesto dela.

— Falei, eu não estou aqui para atrapalhar a sua vida, tudo bem?

Ficou de pé, alisou a saia e depois deu a volta para o lado dele. Estendeu a mão.

— Deixe-me ver essa carta.

Finalmente, chegavam a algum lugar. Ansioso, Jonathan segurou as duas para ela.

Violet vasculhou as cartas e lhe lançou outro olhar confuso.

— O que é isso? — perguntou.

— De onde você achou que eu fosse casada?

Agora era a sua vez de ficar confuso.

— Desculpe?

— Eu disse que não sou casada. Onde você conseguiu essa ideia?

O sangue começou a rugir nos seus ouvidos. Assistiu, em transe, quando empurrou uma mecha de cabelo atrás da outra orelha. Isso fez as duas orelhas se destacarem – o que lembrou que ela odiava, mas achou adorável. *Sua Violet.*

Desistiu dela há muito tempo porque se casou com alguém apenas alguns dias depois que deixou sua cama, e se arrependeu desde então.

— Você — tossiu, irritado com quão rouca sua voz estava. Sentiu como se todo o sangue tivesse corrido para o rosto... bem, isso e outra extremidade. Limpando a garganta, tentou novamente.

— Você cancelou o casamento?

Mais uma vez, ela deu-lhe um olhar curioso.

— Que casamento?

— Seu pai contou que quando você partiu... Você se casou com outra pessoa. Imediatamente.

Ela levantou ambas as sobrancelhas para ele, como se dissesse *realmente?*

— E você acreditou nele? Jonathan, sua família financiava todas as suas escavações na época. Teria dito que vacas voavam na lua se fosse o necessário para mantê-lo ao seu lado.

Bem, porra tudo isso. Sabia que Phineas era um cão velho astuto, mas não tinha ideia de que foi levado para uma mentira em algo tão importante.

— Você é... solteira?

— Eu não vejo porque é da sua conta. — Gritou quando agarrou a mão dela. Era tão suave quanto ele se lembrava, as unhas dela estavam curtas. Era um hábito que nunca foi capaz de quebrar. Não havia anel em nenhum dedo.

Ele mentiu.

Deveria ficar furioso. Cheio de raiva, ódio que dez anos foram desperdiçados, dez anos que os separaram.

Mas não viu nada disso. Tudo o que viu foi Violet – sua Violet que estava tão perto dele que poderia alcançá-la e tocá-la novamente pela primeira vez em tanto tempo que todo o seu ser doía. Violet, com a mão na dele. Não importa que tentasse tirar isso do alcance dele.

Sua Violet estava aqui, na frente dele, e nunca se casou. Seria amaldiçoado se deixasse a oportunidade escapar por entre os dedos novamente.

Agarrando seus ombros, virou-a completamente para ele, inclinou-se e pressionou sua boca firmemente contra a dela. Ele a beijou com toda a paixão feroz de dez longos e solitários anos. Ela não respondeu, mas tudo bem. Tinha bastante necessidade e amor por ambos. Ela veio entorno. Mostraria o quanto sentia falta dela. Nunca a deixaria ir de novo. Ele...

O joelho dela foi entre suas pernas e conectou com sua virilha.

Quando Violet saiu do trabalho, foi ao supermercado, ao ginásio, chegou à casa e limpou seu minúsculo apartamento, ainda estava chateada. Na verdade, estava furiosa.

Como Jonathan Lyons ousou voltar a sua vida só porque seu pai morreu? Como se atreve a pensar que largaria tudo, sua vida, sua carreira para ajudá-lo em alguma perseguição selvagem que seu pai concedeu como uma espécie de versão arqueológica de Willy Wonka¹?

Como ele se atrevia a pensar que poderia simplesmente agarrá-la e beijá-la? Simplesmente porque não era casada?

A falta de um anel de casamento não significava que ela estava em disputa; isso não significava que não o odiasse com cada fibra de seu ser. Fumegando, jogou as compras na geladeira e depois xingou quando a caixa de leite caiu e derramou sobre a caixa de espinafre recém-lavada. Droga! Xingando, pegou toalhas de papel e limpou a geladeira, e quando foi lavar as mãos, percebeu que ainda tremia.

Ainda tremia de fúria, horas depois, suas unhas ainda mais mordidas.

Não queria lidar com isso. Tudo isso. Sua vida era agradável e compartimentada. Se não foi emocionante, foi segura e não houve surpresas. Não gosta de surpresas. Sempre acabaram sendo decepções.

Então tomou banho, vestiu um pijama de flanela, leu um romance de mistério na cama e foi dormir. Ou tentou, de qualquer forma. Seu

¹ Personagens principais do filme e do livro ambos chamados no Brasil de A Fantástica Fábrica de Chocolate.

corpo inteiro era uma massa trancada de nervos irritados, e olhou para o teto, apenas transbordando de frustração.

Jonathan Lyons a beijou.

Valsou de volta em sua vida como se não a tivesse abandonado há dez anos, quando mais precisava dele. Ainda egoísta depois de todos esses anos. Algumas pessoas nunca mudam. Pensou no olhar em seu rosto quando lhe deu uma joelhada nas bolas. Na verdade, não foi satisfatório. Estava tão irritada, e ele parecia tão chocado e totalmente surpreso.

E ferido.

Como se não pudesse acreditar que *sua* Violet o prejudicaria.

E isso só a deixou mais louca de raiva. Como se fosse a irracional. Contorcendo-se de frustração, jogou as cobertas para trás e atravessou o quarto, entrou na sala de estar. Seu apartamento bagunçado era pequeno, mas não exigia muito. Só precisava de uma área de trabalho e uma cama. Indo para as prateleiras cheias de livros, foi para a seção onde guardava álbuns de fotos pessoais. Os álbuns de sua mãe encheram a maior parte da prateleira, mas havia um pequeno álbum que ela tirou do final e soprou a poeira.

A capa estava decorada com um desenho de chave grega, e havia escrito AKROTIRI² 2004 em letras estilizadas e ousadas. Voltando ao seu quarto, se enrolou nos cobertores e começou a folhear as fotos.

Sua primeira e única viagem para ajudar seu pai errante. A mãe dela foi contra, mas estava tão animada para ir, tão deslumbrada com o pensamento de passar o verão com seu pai inteligente e famoso que

² Sítio arqueológico da Idade do Bronze da ilha grega de Santorini.

ansiava por aquilo que parecia uma eternidade. As pessoas brincavam que o pai dela era algo parecido com Jacques Cousteau para arqueologia. Supôs que seria adequado se Jacques tivesse negligenciado sua família por duas décadas e levado sua esposa a beber.

Violet folheou as fotos, pensando naquele verão. Ali estava uma foto dela e do pai perto da escavação, apontando para uma parte de uma parede e sorrindo. Ambos os rostos estavam bronzeados do verão, e o cabelo dela estava em duas longas tranças escuras listradas com cores selvagens. Usava um par de óculos escuros e uma regata. Atrás dela na foto, a mão dele em sua cintura, estava Jonathan Lyons.

Deus estava tão apaixonada por ele. Tão incrivelmente estúpida, mas apaixonada. Assim que chegara a Santorini para passar o tempo com o pai, descobrira que ele também convidara uma série de alunos para a expedição de verão. Tinha se sentido ferida, inicialmente, tendo pensado que seria especial nos olhos de seu pai, mas sua dor logo se transformou em interesse quando conheceu Jonathan Lyons. A Lyons Motors era famosa – ou infame – por uma linha de carros que estava rapidamente se tornando uma piada, e ele não estava interessado nos negócios da família. Magra, um pouco nerd e totalmente entusiasmada com tudo no mundo, achava que Jonathan era fofo.

Havia algo tão incrivelmente exuberante e sincero sobre Jonathan que ela amava. Considerando que cada movimento de seu pai parecia ser completamente calculado, ele parecia viver no momento, e adorava isso. Sua excitação pela escavação era inquestionável. Era o primeiro no local todas as manhãs e o último a sair. Se alguma coisa precisava ser pesquisada, Jonathan se jogava de cabeça nela.

Possui cem por cento de intensidade, empacotado em um atraente universitário de dezenove anos.

Ele foi irresistível para ela.

No final da primeira semana, eles passaram muito tempo juntos. Na segunda semana, a beijou e ela o jogou em sua cama e eles se ferraram como coelhos. No momento em que um mês se passou, estava apaixonada.

No momento em que o segundo mês passou? Estava grávida de seu bebê.

Não era que eles não fossem cuidadosos. Eles foram. Usavam preservativos todas às vezes, mas até os preservativos não eram infalíveis, e estavam cheios de juventude e entusiasmo, e às vezes ele a acariciava algumas vezes antes de colocar um preservativo, só porque parecia tão bom para ambos. Jonathan abordou o sexo com a mesma intensidade com que se aproximava da vida – era voraz e insaciável.

Ela tinha que admitir, olhando para a foto dele, que praticamente a arruinara para outros homens. Nenhuma outra experiência sexual chegou perto.

Que sugado.

Aos dezenove anos, não ficou chateada por ter ficado grávida. Estava completamente apaixonada por Jonathan e mentalmente ligando seus últimos nomes e escolhendo nomes para o bebê. Se fosse um menino, o chamaria de Theseus DeWitt-Lyons, e uma garota seria Ariadne DeWitt-Lyons, baseada nos mitos do labirinto de Creta. Sonhava em se casar com ele e voltar aos Estados Unidos para terminar sua educação universitária e criar sua família. Ficou claro que o pai dela não a olhava como filha, mas apenas como outra

estudante em sua escavação, e desejava uma família – de *verdade*. Nunca teve uma família em funcionamento e o sonho de um lar feliz era inebriante. Em vez de fantasiar sobre achados arqueológicos, a sua cabeça estava cheia de creches e casas iniciais. Um marido, uma esposa e um filho que era adorado por ambos os pais.

Esse era o seu novo sonho e mal podia esperar para começar com Jonathan.

Mas não queria que se casasse com ela só pelo bebê. Queria que ele se casasse com ela porque a amava e porque *queria* casar com ela. Isso fazia parte da fantasia, afinal de contas. Viu como era, em primeira mão, quando os pais se casavam pelo bebê, ao invés de por amor. Sua família tinha dinheiro, e queria que fosse ideia dele se casar, não dela, ou pareceria que buscava simplesmente sua fortuna. Na realidade, não dava dois dados sobre o império de carros que a família Lyons tinha. Sua vida perfeita envolvia uma casinha em algum lugar, jantares de família com filhos e marido, e beijar sua esposa enquanto saía para trabalhar pelo dia. Algumas mulheres sonhavam com carreiras; Violet sonhava com uma família nuclear e muito unida. Era tudo o que sempre quis depois de uma infância de depressão da mãe, miseráveis bebedeiras escondidas e as longas ausências do pai. Só queria estar cercada de *amor*.

Foi uma idiota tão ingênua naquela época.

Irritada, virou a foto seguinte em seu álbum. Outra de Jonathan, suas bochechas pressionadas juntas na praia de Santorini. Lembrou daquela noite. Essa foi à noite antes de tudo mudar. Tiveram uma folga de fim de semana e decidiram passar juntos. Desfrutaram de um jantar

romântico e passaram a noite em um hotel em Fira, e na cama Violet confessou suas esperanças para ele. Que não queria nada mais do que começar uma família.

— Não é uma má ideia... para o futuro. — Jonathan distraidamente, brincava com seus longos cabelos.

Não era isso que Violet, de 19 anos e grávida, queria ouvir. Virou para ele na cama.

— O que você fará depois de deixarmos essa escavação? O que acontece com a gente?

— O que você quer dizer? — perguntou.

Ela não estava feliz por ter que soletrar.

— Quando sairmos daqui quais são seus planos? — Ele encolheu os ombros. — Voltar para as aulas. Começar o próximo semestre. Aguardar o próximo convite do Dr. DeWitt.

O que... Não era o que ela queria ouvir.

— E quanto a mim? — Ele deu a ela aquele sorriso de partir o coração.

— Em alguns anos, talvez nós dois trabalhemos na mesma universidade.

Daqui a alguns anos? Aos dezenove anos, alguns anos pareciam uma vida inteira.

— Mas... Eu quero que nós fiquemos *juntos*.

— Eu também quero isso. — Ele parecia triste.

Não, não estava entendendo. Agarrou o seu braço.

— Eu quero que nós fiquemos juntos quando sairmos daqui. Quero que nós criemos uma família. Juntos. — Enfatizou as últimas duas palavras, esperando que ele percebesse o que ela estava pedindo e pulasse com entusiasmo.

Começar uma família com você, Violet? Deus, eu não quero mais nada. Faremos isso!

Adoraria ter bebês com você, Violet.

Eu nunca quero sair do seu lado, Violet.

Em vez disso, apenas franziu a testa para ela como se estivesse dizendo coisas ridículas.

— Começar uma família? Agora?

— Sim, *agora*.

Ele riu. Riu! E descreveu um milhão de coisas que ele fazia. Precisava retornar a Dartmouth³. Falou ao Dr. DeWitt que queria ir em sua próxima escavação, sem perguntas. Então tinha membros da família esperando por ele para fazer um aprendizado com seu irmão, o herdeiro. Levaria anos até que Jonathan pudesse se acalmar e até pensar em família, e era jovem demais para considerar isso.

Cada palavra tinha quebrado o coração de Violet um pouco mais. Traída, ela deu um tapa no rosto dele e correu. Saiu do quarto deles, o deixou em Fira e voltou para a escavação. Então, chorou até dormir naquela noite porque queria a cerca branca e o Príncipe Encantado tinha outros planos.

Ele tentou ligar para ela no dia seguinte, uma e outra vez. Tentou vê-la, mas ela o evitou. Em vez disso, despejou toda a sua mágoa em

³ Universidade na cidade de Hanover, no estado de New Hampshire.

uma carta. Não queria contar a ele sobre o bebê e usá-lo como uma ferramenta para forçá-lo ao seu lado, mas não tinha escolha. Ainda se lembrava do último parágrafo da carta, até o jeito que parecia no papel.

Se você me ama, Jonathan, por favor, venha para casa comigo. Quero que criemos nosso bebê juntos. Se você se importa em ser pai, por favor venha comigo. Por favor, por favor. Eu te amo muito.

Mais ou menos implorou para ele encontrá-la , e ele nem se incomodou em responder. Um gosto amargo encheu a sua boca enquanto olhava para a foto, fechou o álbum de fotos e o jogou do outro lado da sala.

Contos de fadas eram besteira. O Príncipe Encantado ignorou sua carta. Foi para casa, chorou por duas semanas e perdeu o bebê um mês depois. O que a fez chorar mais.

E então se recompôs, voltou para a faculdade e prometeu que sua felicidade nunca mais dependeria dos planos de outra pessoa.

Em sua mente, continuou lembrando o olhar de prazer de Jonathan, mais cedo naquele dia. *Você cancelou o casamento? Você não é casada?*

Bateu com o punho no travesseiro com raiva, depois desabou na cama, determinada a dormir em algum momento naquela noite. Jonathan ficou chocado ao saber que não era casada. Então o santo Dr. DeWitt mentiu para seu protegido favorito? Puxa que choque. Seu pai teria vendido a camisa das costas de sua mãe morta se isso significasse obter financiamento para um projeto. Sabia disso toda a sua vida. Como poderia Jonathan não ter percebido isso?

Por um momento, pensou se ele recebeu sua carta.

No final isso não importava. Jogar o cartão do bebê foi o único cartão que ela tivera e perdeu a moeda de troca um mês depois. Jonathan não teria ficado ao seu lado, independentemente disso. Não quando possuía *outros planos*.

Supôs que, afinal de contas, as coisas aconteceram para o melhor. Se Jonathan não a rejeitasse, poderia ter acabado em um casamento miserável com o cretino, e ele teria ficado preso em um casamento por causa de um bebê que não queria. Ela viu seu verdadeiro egoísmo.

Sim, a vida sempre funcionou do jeito que deveria, disse a si mesma enquanto se acomodava na cama de novo.

Mas ainda teve problemas para dormir naquela noite.

Capítulo Dois

Na manhã seguinte, acordou cinco minutos antes de seu alarme disparar, com os olhos turvos e infelizes. Olhou para o telefone, zumbindo ao lado da cama com um texto, e atendeu.

“Equipe mtg @ 7 horas na cafeteria. OBRIGATÓRIO estar lá!”

Gemendo, caiu nos travesseiros. Quem diabos marcou uma reunião improvisada de pessoal às sete da manhã? Seria um dia especialmente miserável, considerando que só dormiu por duas horas. Ugh! Se arrastando para fora da cama, tomou um banho rápido e começou a se preparar para o trabalho.

Quarenta minutos depois, ela entrou no estacionamento da escola com um café extragrande na mão e uma dor de cabeça latejante. O estacionamento já estava cheio, o que significava que toda a equipe estava pronta para essa reunião inicial. Oh, meu Deus! Correndo dentro da escola, notou que havia um conversível Lyons estacionado na pista da frente.

Certamente isso era coincidência, não era? Muitos caras ricos dirigiram Lyons. Possuir um dos chamativos carros havia se transformado em um símbolo de status há alguns anos, quando apareceram em um desses filmes de carros de alta velocidade. Depois disso, a Lyons Motors passou da piada para o sucesso. Não que ela vigiasse como a companhia dele iria. De qualquer modo, havia carros de Lyons por todas as estradas. Isso não significa que aquele idiota ainda estava aqui, não é mesmo?

Com os olhos apertados, Violet apertou o café na mão e foi até a lanchonete para a reunião da equipe.

Apesar da hora adiantada, as mesas foram desdobradas e os professores encheram os assentos. O pequeno pódio portátil de Esparza ficava na frente da sala e, atrás dela, uma fila de cadeiras estava cheia.

Jonathan estava sentado em um dos assentos. Apertou violentamente seu copo de papel e seu café saiu, espalhando-se por toda a sua mão, a manga branca e o chão.

Com um assovio, largou a xícara e apertou a mão para expulsar o café quente, enquanto sua amiga Kirsten corria com uma pilha de toalhas de papel.

— Você está bem?

— Somente manchada — esclareceu Violet, agachando-se em seus calcanhares e sua saia para limpar sua bagunça.

— O que está acontecendo? O que há com a reunião?

— Algo sobre financiamento — murmurou Kirsten, a ajudando a limpar o café.

— Você sabe que o distrito escolar está no vermelho há algum tempo.

Ah não. Se não fosse pela presença daquele carro chique no meio-fio, teria pensado que isso era uma demissão de algum tipo ou um anúncio de mais programas sendo cortados. Mas o fato de que

Jonathan – o próprio papai Warbucks⁴, sentado na frente da sala em um de seus ternos caros?

Isso lhe deu um mau pressentimento. Um sentimento muito ruim.

Sentou-se no fundo da sala, notando que o intenso olhar de Jonathan estava fixo em sua direção. Maldito! Provavelmente a viu derramar seu café em todos os lugares. Queria parecer legal e não afetada pela presença dele. Tarde demais para isso. Tudo bem então. Queria olhá-la de longe? Violet se inclinou para perto do treinador sentado ao lado dela.

— Sabe o que é isso?

O treinador Trammel sacudiu a cabeça. Ele era bonito, mas já tinha namorada e era amigo de longa data dela.

— Nenhum palpite. Você?

— Nada — disse ela, certificando-se de sorrir e rir em sua direção. Quando olhou para Jonathan, seu rosto estava cheio de raiva e possessividade. *Boa. Deixe-me saber como se sente, Johnny-boy. Você desistiu de sua reivindicação há dez anos.*

— Todos estão aqui? — perguntou Esparza ao microfone, depois sorriu para os professores reunidos.

— Isso não demorará muito, mas eu queria reunir todos os professores para passar as boas notícias.

— Ah não. Não.

Esparza juntou as mãos, praticamente dançando de excitação por trás do pequeno pódio.

⁴ Personagem fictício da história em quadrinhos.

— Como todos sabem, o Distrito Escolar de Neptuno teve problemas com financiamento nos últimos anos. Todos vocês estão cientes de que os reparos no ginásio custaram um bom preço, e preocupávamo-nos que teríamos de reduzir os programas de aprimoramento estudantil para manter todos empregados, e isso também significa livros didáticos obsoletos por mais um ano. Ou dois. — Seu sorriso cresceu brilhante. — Mas, estou feliz em anunciar que o Sr. Jonathan Lyons da Lyons Motors se interessou pelo Neptune School District e fez uma oferta extremamente generosa para nos tirar dos problemas e até mesmo nos permitir comprar ipads para estudantes carentes.

Houve vários suspiros fora da plateia, e alguns dos professores aplaudiram com entusiasmo. Netuno era um dos distritos escolares mais pobres de sua área, com muitas famílias de baixa renda, e não era segredo que eles lutavam. O seu próprio pagamento refletia que eles lutavam. Não teve um aumento desde que começou há três anos. Mas era o que era.

— Nos próximos dias nos reuniremos com a diretoria da escola para determinar a melhor maneira de alocar fundos, mas eu só queria que todos vocês soubessem o quanto estamos empolgados com isso. — Esparza bateu palmas com tanto entusiasmo que por um momento, parecia uma foca ansiosa esperando por um peixe.

— E, além disso, estamos apresentando uma proposta para que a escola seja renomeada como Jonathan Lyons Middle School.

Violet pensou que poderia vomitar em sua boca. A última coisa que queria era o nome de Jonathan em todos os lugares que olhasse

pelo resto de sua carreira. Deus, teria que mudar de distrito escolar apenas para se afastar dos lembretes dele.

Olhou para Jonathan.

Ainda olhando para ela. Os seus olhos se estreitaram quando a plateia começou a falar e a aplaudir animadamente. Algo não somava. Por que Jonathan estava tão interessado em sua escola?

Sua escola? No dia anterior, recusou sua oferta e disse que não havia como acompanhá-lo.

Não.

A reunião terminou com isso. Violet ficou em pé, como o resto da equipe, na esperança de se misturar com a multidão.

— Senhora. DeWitt — a diretora Esparza chamou no microfone crepitante. — Você poderia, por favor, permanecer por alguns minutos? Preciso falar com você.

Violet praticamente rosnou de raiva. Só podia *adivinhar o* que era isso.

Jonathan observou Violet mais ou menos pisando para o lado da diretora Esparza. Seus braços estavam cruzados sobre os seios e notou que uma das mangas brancas da blusa estava manchada de café. Seus seios, no entanto, arfavam magnificamente sobre seus braços, e teve que se forçar a não os encarar como um menino de escola.

Ao invés disso, pensou no jeito que ela se inclinou para o homem que sentou ao lado e sorriu para ele. Riu dele. Esse era o namorado dela? Um ex-amante? Um amante atual? A sua mão se apertou ao seu

lado e uma onda de ciúmes rugiu através dele. Queria ser o único que conseguia seus malditos sorrisos.

Não que estivesse sorrindo agora. Na verdade, parecia querer penetrá-lo. Sorriu maliciosamente, sabendo que ela odiaria o que viria a seguir. Sua Violet odiava não estar no controle das coisas.

E ela *seria* dele novamente.

— Diretora — falou Violet com uma voz fria e quase congelante. Recusou-se a olhá-lo. — O que posso fazer para você?

— Bem, é um pouco heterodoxo — expressou Esparza, sua voz se tornando um pouco excessivamente calmante e maternal. — Mas espero que você me ouça sem fazer julgamentos, é claro.

— Deixe-me adivinhar — afirmou Violet categoricamente. — Ele está distribuindo dinheiro em troca de que eu viajar com ele pelas próximas semanas.

Reprimiu um sorriso ante a astuta observação dela, e no modo como Esparza balbuciava claramente surpresa por Violet já ter percebido as coisas. Mas sua Violet sempre foi afiada.

— Eu garanto a você, Srta. DeWitt é tudo muito honesto — começou Esparza. — É só que o Sr. Lyons procura por um especialista em história, e com a escola sendo tão bem orçamentada e tudo...

Odiava ver a pobre mulher ficar tão nervosa. Levantando-se, Jonathan enfiou as mãos nos bolsos e acionou sua pose de playboy bilionário, todo sorridente e elegante.

— O que a adorável diretora está tentando dizer, Violet, é que solicitei a companhia de uma velha amiga para viajar. Você me disse que não poderia abandonar a escola e que não havia dinheiro para

substitutos. Eu assegurei que haverá. É o mínimo que posso fazer para gastar parte do meu dinheiro em um gesto filantrópico.

Violet se virou para ele, seus olhos praticamente jogando punhais nele.

— Presumo que se eu não for com você, nada deste dinheiro mágico filantropo jamais chegará ao distrito escolar, certo?

Na verdade, chegaria, mas ela não precisava saber disso.

— Não — mentiu. — E tenho a certeza de que algumas pessoas serão liberadas no final do semestre para manter o orçamento em funcionamento. E não haverá ipads ou instrumentos musicais para as crianças. Pobres crianças pobres. — Balançou a cabeça. — Todos privados de uma educação melhor por causa das necessidades egocêntricas de um professor.

As mãos dela se apertaram ao lado do corpo. Parecia pronta para cuspir as unhas. Ou atacá-lo. Ele não se importou com o que. Isso era melhor que a fria indiferença que lhe deu ontem. Poderia levar uma violenta e ardente Violet que o odiava. Mas não podia fazer nada com uma mulher que fingia que não existia.

— Então basicamente estou sendo chantageada para ir com você e cantar fatos históricos em seu ouvido?

— Sim — falou preguiçosamente. — Você fará isso?

— Eu não tenho escolha, não é? — Violet falou.

— Você tem. Mas pense em todas as crianças que sofreriam se você escolhesse egoisticamente.

— Sr. Lyons — interveio a diretora Esparza, franzindo o cenho. — Eu realmente não sei se isso é apropriado depois de tudo.

— Está tudo bem, Betty — disse Violet, e sua voz parecia cansada.

— Imaginei que ele tentaria algo assim quando o vi esta manhã. Irei com ele. Está bem. Só não se esqueça de obter o dinheiro por escrito e garantir que o contrato seja duro. — Olhou para ele, claramente fervendo.

— Quando iremos, oh, filantropo?

Ele não conseguia esconder seu sorriso triunfante.

— Amanhã.

Naquela noite, não conseguiu afastar sua mente de certa professora.

Amanhã. Violet seria sua novamente, a partir de amanhã. Descansou no banco de trás do sedã Lyons enquanto o motorista se dirigia ao hotel, com um sorriso satisfeito no rosto.

Ah, claro, ela não *queria* estar ao lado dele, mas acabaria por vir. Sempre foi espinhosa nas primeiras reuniões. Ele se lembrou da primeira vez que a conheceu, quando tinha aquelas longas e lindas tranças e uma boca torta. Aos dezenove anos, ela não tinha paciência para tolos, e ele definitivamente era um menino tolo, completamente tonto apenas por estar em sua presença. Ela era frágil para ele também. Ficou claro que Violet usava uma armadura entorno de seu coração, e não deixava ninguém chegar perto.

Ela o lembrava de um de seus amigos, Hunter, embora ele tivesse deixado suas cicatrizes do lado de fora. E então decidiu fazer amizade com Violet, porque era linda e inteligente, e, diabos, ele era um cara excitado de dezenove anos. Levou cerca de uma semana para que ela

se abrisse e deixasse suas defesas baixas, e então era uma garota quente, provocante e deliciosa.

Lembrava-se do jeito que sorria como se soubesse de um segredo que ninguém mais sabia.

Ela deu aquele sorriso para o outro homem hoje cedo, aquele que sentou ao lado dela na reunião. A sua mão apertou seu telefone, a fúria correndo através dele. Violet lhe disse que não era casada. Isso não significava que não estivesse vendo alguém. A inveja serpenteou através dele. Se não era casada, ela ainda era um jogo justo. Simplesmente teria que seduzi-la de volta à suavidade, voltando a sorrir para *ele* assim.

Ele a queria. Puro e simples. Sempre a quis. E nunca parou.

O carro parou em frente ao hotel e saiu ainda perdido em pensamentos. Pensar que ele estava em Detroit várias vezes por ano em reuniões da indústria automobilística, e nunca soubera que sua Violet estava bem debaixo do nariz, ensinando em uma escola local.

O destino trabalhou de maneiras misteriosas.

Dirigiu-se ao seu familiar quarto de hotel. Tendia a estar muito em Detroit a negócios, e embora provavelmente fosse mais sensato comprar uma residência aqui, ficou no Townsend porque não se incomodava em estabelecer raízes. Não queria uma casa. Não se isso significasse voltar para casa e achá-la vazia e oca.

Quando entrou na suíte, percebeu que as coisas estavam do jeito que gostava, sem ter que dizer como preferia. Estava aqui com a frequência suficiente para que seu assistente simplesmente enviasse por fax sua agenda para o gerente do hotel, que se certificava de que todas as suas necessidades fossem satisfeitas antes que precisasse

perguntar, e pagava caro por isso. Assim tinha travesseiros extras, garrafas de sua água favorita ao lado da cama e lençóis de banho em vez de um manto.

Também tinha uma prostituta em sua cama. Como sempre.

A mulher sentou-se quando entrou na sala e puxou a gravata. Mal a olhou. Não precisava. Sabia como seria. Todas as garotas tinham um perfil: cabelo curto e escuros. Não gostava de envolvimento românticos. Não tinha namorada desde, bem, desde Violet. Era muito mais fácil pagar alguém para uma foda rápida e depois mandá-las embora.

Ela caminhou até ele, vestindo nada além de um espartilho. Seus seios eram enormes e provavelmente falsos, mas tinha um rosto bonito.

— Olá — ronronou indo ajudá-lo a desabotoar a camisa.

— Meu nome é Sally — declarou em voz baixa e sensual. — E minha palavra segura é “Kitty”. Estou aberta para qualquer coisa que queira fazer.

E alcançou seu pau.

Parou-a, segurando seu pulso.

— Estou cansado hoje, Sally.

Ela pareceu surpresa e depois chateada.

— Oh. Você... hum, você quer que eu ligue para a agência e peça para mandarem outra pessoa?

— Não quero ninguém esta noite — afirmou suavemente. Bem, queria uma pessoa em particular, mas ela provavelmente estava colando alfinetes em uma boneca vodu dele. O pensamento de foder

Sally em vez de Violet era desagradável, como usar sapatos marrons com um terno preto. Não haveria repercussões, mas não *parecia* certo.

A garota na frente dele mordeu o lábio vermelho brilhante.

— Oh. — Sally ainda parecia magoada, e ele se sentia um idiota. Nunca recusou uma garota antes, e a agência enviou exatamente o que gostava. Provavelmente estava cheia de histórias sobre como se ela o fizesse feliz, começaria a perguntar por ela regularmente, e lhe daria uma boa gorjeta.

Achou que Sally estava mais chateada com o dinheiro do que por não conseguir seu pau. Então tirou a carteira e começou a tirar notas de cem dólares do seu clipe de dinheiro.

Ela levantou a mão, tentando pará-lo.

— Oh, o Sr. Lyons, a agência me paga.

— Eu sei. E quero que você diga a eles que fiquei muito satisfeito com seus serviços hoje à noite. *Muito* satisfeito. — Tirou um total de dois mil do clipe e a ofereceu.

— Meu motorista está lá embaixo. Diga-lhes na recepção que você tem seus serviços para o resto da noite. E eu adoraria que você fosse às compras, por mim. É o meu pedido de desculpas. — Acenou com o dinheiro para ela.

Sally o olhou para ele, depois sorriu com prazer.

— Obrigada, Sr. Lyons. — Pegou o dinheiro dele e sua roupa da pilha limpa em uma cadeira próxima.

— Aproveite — falou ele quando ela puxou a roupa e saiu um momento depois.

Então estava sozinho. Graças a Deus.

Encolhendo os ombros, jogou o paletó no pé da cama e sentou-se. Esfregou o rosto, pensando. Então, pegou seu Ipad e abriu um PDF da carta do pai de Violet. Fez uma busca inversa pela imagem na Internet, mas não trouxe nada reconhecível. Frustrado, jogou o tablet de lado e deitou, pensando nela.

Os travesseiros em sua cama cheiravam ao perfume de Sally. Era uma fragrância espessa e almiscarada, muito diferente do perfume de Violet. Que cheirava a café e, bem, papel. Engraçado como achou isso excitante. Pensou em Violet novamente, mas desta vez, em vez de sua resposta fria a ele ontem, estava furiosa com raiva, raiva que se derreteu em fome furiosa quando a tocou.

Com Violet em sua mente, desfez as calças e começou a se masturbar.

Na manhã seguinte, Violet olhou pela janela do seu apartamento para ver uma limusine esperando do lado de fora. Revirou os olhos com a visão, mas ergueu sua bagagem de mão e sua bolsa. — *Aqui vai.*

Ficou com ressentimento a noite toda com a voz alta de Jonathan, mas hoje estava cheia de aceitação. Poderia lutar contra isso, ou poderia aceitar que ele a superou e era apenas um idiota. Poderia ir junto com as coisas, acabar com isso e depois voltar para sua vida. Então iria, e sorriria com os dentes cerrados o tempo todo.

Trancou o apartamento, desceu o elevador e saiu para a rua. Quando saiu do prédio, um homem saiu do lado do motorista da limusine e se aproximou dela.

— Miss DeWitt?

Suspirou e entregou a bolsa a ele.

— Obrigada.

Ele assentiu e abriu a porta dos fundos da limusine para ela, e ela entrou.

Não foi surpresa para ela que Jonathan estivesse no banco de trás da limusine, esperando. De alguma forma, imaginou que estaria lá para importuná-la a cada segundo dessa viagem.

— Olá, Sr. Lyons — disse em uma voz friamente educada. Notou que ele se vestiu muito casualmente esta manhã, uma camiseta azul do Super-Homem debaixo do blazer e jeans. Seu cabelo escuro estava um pouco bagunçado, como se não se importasse se parecia naquele dia.

Não sabia o que fazer com aquilo. Parte dela estava contente por não ter o Jonathan vestindo-terno-super-caro com sua higiene impecável, relógio de pulso caro e sapatos ainda mais caros. Mas apenas para não dar a mínima para como parecia quando estava com ela? Nem mesmo escovando o cabelo dele? Mesmo? Não merecia um pouco de autolimpeza?

— Bom dia, Violet — falou, e estendeu um copo com tampa para ela. — Três açúcares, creme extra, certo?

Seus olhos se estreitaram. Ele até se lembrava de como gostava do café? Isso era tudo para que pudesse encantá-la de volta à sua cama? Não é uma chance do caralho.

— Obrigada. — Pegou o copo dele, mas não bebeu.

Ele percebeu isso.

— Eu não envenenei você sabe.

— Claro que não. Imagino que seja difícil até mesmo para um bilionário esconder um corpo.

— Isso, você é muito mais útil para mim viva. — Ergueu seu próprio copo para seus lábios.

— Estamos indo direto para o aeroporto, se você estiver pronta.

— Pronta? — bufou. — Você é o único que me sequestrou.

— Não é um sequestro, Violet. Seu pai roubou uma estela única de uma das minhas escavações...

— Uma estela?

— Sim. Você sabe, uma daquelas tábuas de pedra com uma inscrição cerimonial...

— Eu sei o que é uma estela, Jonathan! — Como se fosse ignorante. Que chato.

— Sim, bem, então você sabe que é muito importante para mim. Você é a única pessoa que poderia saber como recuperá-la.

— Você continua dizendo que ele roubou de você. — Phineas DeWitt era um idiota sem coração, mas era um devoto da arqueologia e um grande defensor dos museus. Não tinha certeza se ela comprou todo o ângulo do roubo. — Por quê?

— Essa é a questão, não é? É importante principalmente por causa de onde é, Cadiz⁵. Aqui. — Pegou um laptop e começou a digitar. Um momento depois, ligou a câmera e iniciou uma ligação.

⁵ Cádiz é uma antiga cidade portuária no sudoeste da Espanha, construída em uma faixa de terra cercada pelo mar na região da Andaluzia.

— Você está aí, Sergio?

Um chocalho de espanhol veio através dos alto-falantes do laptop, misturado com o feedback. A imagem na tela balançou para frente e para trás. Violet estremeceu e esfregou a orelha enquanto Jonathan ajustava o volume.

— Sergio, eu tenho a Sra. DeWitt no carro comigo — gritou para a câmera.

— Você pode mostrá-la de onde a estela desaparecida veio?

— No buraco? — Sergio gritou, com sotaque grosso. A câmera saltou em volta vertiginosamente, como se alguém andasse.

— Sim, no buraco!

— No buraco? — Sergio repetiu, claramente perdendo os comandos de Jonathan.

— No maldito buraco!

Os lábios de Violet se contraíram com diversão.

— Muito gritos sobre buracos. Devo deixar vocês dois sozinhos por um momento particular?

Jonathan lhe lançou um olhar reprovador.

— Ok, no buraco — disse Sergio, e latiu algo em espanhol para alguém, depois mudou para o inglês novamente para falar com Jonathan. — Colocarei o arnês⁶.

— Obrigado — Jonathan proferiu secamente.

⁶ Cinto de segurança para a escalada.

A câmera mudou novamente, e teve um vislumbre de um homem de pele dourada com olhos de âmbar e um cabelo encaracolado antes de girar entorno.

— A câmera está ligada. Você pode me ouvir?

Jonathan olhou para ela e depois assentiu.

— Nós podemos ouvir você. — Curiosa inclinou-se para frente para observar a imagem no laptop enquanto ele saltava a cada passo. Apesar de ter sido manhã em que estava, o sol estava no final da tarde brilhante na foto. Pixels saltaram enquanto Sergio manobrava através de um acampamento ocupado.

— Onde ele está? — perguntou Violet, com a voz baixa, para que o microfone do computador não o captasse. Ficou interessada apesar de sua irritação com Jonathan.

— Uma escavação que patrocino em conjunto com um amigo meu. Procuramos o que pode ser as ruínas da Atlântida.

— Na Espanha?

— Sim. Dados recentes mostraram que houve uma civilização muito grande em uma planície costeira que foi dizimada devido a um tsunami na hora certa. Procuramos por qualquer coisa que possa ligá-lo à Atlântida em vez de, digamos, Társis, que é a teoria atual. Seu pai supervisionava a escavação no ano passado, até ficar doente demais para continuar.

— Mmm — proferiu Violet sem compromisso. Isso deveria ser um golpe para ela? Não sabia que seu pai tinha câncer até que fosse tarde demais. Mal falou com ele nos últimos dez anos e só descobriu sua situação depois que morreu. Então, se ressentiu do fato de que a

impediu de vê-lo uma última vez. Sempre suspeitou que a família não era importante para Phineas DeWitt, mas negar a sua filha o último adeus ao seu pai? Isso a deixou irracionalmente chateada, e quando estava chateada, trancava suas emoções e ficava fria.

Tipo como fazia agora.

Então assistiu a câmera saltar em volta e não disse nada até que a imagem balançou e olhava para baixo em um buraco apertado e escuro.

— O que é isso?

— Esse é o buraco — apontou Jonathan. — Isso leva a uma caverna e encontramos o que acreditamos ter sido usado para propósitos e cultos oraculares. A entrada está enterrada sob várias toneladas de rocha e lama, mas fomos capazes de cavar vários metros e quebrar de cima para baixo.

— Indo — Sergio falou. Houve um balançar menor, e então a câmera encarou a parede rochosa enquanto descia em uma escada de metal rangente em um túnel estreito e escuro.

— Homem corajoso — comentou Violet. — Você deve pagar bem a ele.

— Na verdade, Sergio é um voluntário da universidade — contou Jonathan.

— E está disposto a pular em um buraco assim?

— Claro. Isso é o que é arqueologia. — Jonathan sorriu para ela. — Eu me lembro de uma garota que tinha “carpe diem” tatuada na parte inferior das costas. Onde está seu senso de aventura?

— Foi arrancada para fora de mim — afirmou Violet em uma voz de desaprovação. — Já tive bastante aventura por uma vida.

— Eu estou no fundo — Sergio chamou, e a imagem balançou novamente. — Indo para o átrio. — Mais balanços, e então na escuridão, uma luz se acendeu. — No local — chamou, e a câmera mudou. — Você pode ver?

Violet olhou para Jonathan, uma sobrancelha erguida de forma inquisitiva.

Jonathan apontou para a tela do computador.

— Você vê aquela pintura na parede? Você mal consegue distinguir um mural, mas na maior parte é destruído. — Seu dedo roçou a tela. — Este é um touro, e essa pessoa é uma dançarina de festival aqui. Pare de se mexer, Sergio.

— Desculpe — veio a voz baixa, e a câmera parou.

— Eu tomarei sua palavra para isso — afirmou Violet. — O que isso tem a ver comigo?

— Abaixo do mural — seu dedo apontou para uma linha um pouco mais escura — encontramos duas lajes de pedra, duas estelas. Um era do tamanho da mão e um era maior. O maior foi escrito em hierático, e mencionou um grande festival. O segundo foi em etrusco e uma variante que nunca tínhamos visto antes. Foi comemorando algo que um dos nossos homens interpretou como uma grande inundação ou um desastre com água.

— Mmm.

— Atlantis.

Ela revirou os olhos. O que queria que dissesse?

Jonathan continuou a observá-la.

— Seu pai pegou a pedra menor para que fosse datada e catalogada em carbono, e ninguém a viu desde então. Nem ninguém registrou o fato de ser levada para um laboratório para a datação por carbono. Virou-se para o computador, bateu na tela e franziu a testa para si mesmo.

— Obrigado Sergio. Isso é tudo que eu precisava.

— A qualquer momento — Sérgio ligou de volta, sua voz truncada. Falou outra coisa, mas a conexão foi interrompida e a ligação foi desligada.

Jonathan fechou seu laptop e deu a Violet um olhar examinador.

— Bem?

— Essa foi uma história adorável para dormir, mas o que isso tem a ver comigo?

— Você sabe alguma coisa sobre o seu pai roubar artefatos?

— Eu mal falei com meu pai nos últimos dez anos. Como poderia saber de alguma coisa? — Seus lábios se curvaram com escárnio. — Você é o único que estava apaixonado por ele. Você deveria ser o único, a saber.

— Eu acho que roubou, porque sabia que o queria. — Deu-lhe um olhar curioso. — E acho que esperava que eu fosse atrás de você e fizesse perguntas.

— Bem, se isso fazia parte de seu plano mestre, é lamentável. Não quero nada com ele. Ou você, para esse assunto.

— No entanto, aqui estamos nós. — O seu olhar intenso a fez estremecer.

— Você disse que me ajudaria a encontrar minha estela e seus diários.

— Você não me deu muita escolha — retrucou.

— Ele não é meu pai — pontuou Jonathan.

Poderia muito bem ter sido. Violet com certeza não esteve perto do Dr. DeWitt. Tamborilou os dedos.

— Acabaremos logo com isso, tudo bem?

— Como eu disse, estamos indo direto para o aeroporto. Não quero perder tempo também. Todo dia que passa sem essa estela, a trilha fica mais fria.

— Eu tenho meu passaporte. — Manteve sua voz, e manteve os olhos longe dele.

Ele assentiu.

— Tudo certo. Posso perguntar para onde estamos indo?

Franziu a testa e olhou para ele.

— Por que você está *me* perguntando *para* onde estamos indo? Esta é a sua pequena viagem!

— Você é a única que deve entender o símbolo que seu pai deixou. — Puxou um tablet e começou a tocar nele, então ofereceu o tablet para ela. Lá, digitalizados, havia uma cópia do símbolo em uma das letras.

Certo. Isso tudo era um pequeno jogo que seu pai planejou para mantê-la aos olhos de Jonathan, para que continuasse a financiar os projetos de estimação de Phineas DeWitt mesmo depois da morte.

— Sim, eu sei onde é isso.

— Cuidado em compartilhar? — Ela hesitou. — Quando eu estava crescendo, gostava muito de estudos romanos antigos. Uma das superstições que os romanos tiveram foram tabuletas de maldição. Eles acreditavam que se você quisesse amaldiçoar alguém, você escrevia a maldição em uma tabuleta e depois a esconderia em um lugar que ninguém poderia encontrar. Quando tinha nove anos, escrevi uma maldição no meu traço mágico e enterrei no quintal da minha casa de infância. E porque eu queria encontrá-lo mais tarde, esculpi esse símbolo na árvore. — Apontou para o símbolo no papel.

Ele pegou o tablet e olhou para ele.

— Pensei que era um hieróglifo.

— É um demônio. — Ele virou o tablet, ainda olhando para ele. — Você tem certeza? Existem cinco membros e três olhos. Talvez seja algum tipo de bug?

— Eu sei o que desenhei — Violet estalou para ele. — E não era muito boa em esculpir, tudo bem?

Seus lábios se contorceram em diversão.

— Então, quem você amaldiçoou?

— Meu pai. Ele deixou minha mãe novamente e ela estava deprimida. — Deixou sua mãe muito naqueles dias.

— Com o que você o amaldiçoou?

Desta vez a sua boca se curvou em um sorriso irônico, lembrando sua raiva de infância.

— Acredito que eu exigi que o pinto dele caísse.

— Eu tenho uma vontade incrível de cruzar as pernas e ficar o mais longe possível de você.

— Você tem sorte de que não tenho um traço mágico à mão. — Ele riu, seu sorriso tão absolutamente brilhante que iluminou todo o seu rosto. Naquele momento, não era o bilionário Jonathan Lyons, ousado e magnata. Era apenas Jonathan, de dezenove anos, que fez seu coração palpitar.

Era como se flutuasse agora.

Tomou um grande gole do café e virou-se para olhar pela janela, não se importando que sua boca queimasse com o calor da bebida. A última coisa que queria era se aproximar dele novamente.

— De qualquer forma — afirmou ela, voltando a voz para a fria timidez — precisamos ir para Alamagordo, Novo México.

— É onde você cresceu?

— Sim.

— O traço mágico ainda está lá?

— Não. Minha mãe me fez desenterrar e depois contou ao meu pai quando voltou alguns meses depois. Ele não se importou. De fato, lembrei de que ele me corrigiu sobre minha maldição e disse que os romanos nunca teriam marcado tal ponto, já que derrotou o propósito da maldição.

— Então transformou isso em uma lição?

— Não é uma lição se você já está ciente dos fatos.

— Então você marcou isso de propósito? Você queria que encontrasse? — Ela fez isso. Queria que o pai percebesse o quanto estava furiosa e ferida por ter partido, e que mamãe passava o dia todo na cama, chorando e mamando uma garrafa de rum. Não saía para sua raiva, então entalhou aquele símbolo com raiva na árvore, esperando

que seu pai voltasse para casa no dia seguinte e perguntasse sobre o símbolo. *O que é isso, Violet?* E então poderia mostra-lo.

Mas ele não voltou para casa até meses depois, e nunca notou a árvore. Foi sua mãe, tonta de excitação por seu marido estar em casa e prestando um pouco de atenção nela, que trouxera a maldição de Violet. *Isso não é precioso da nossa Violet?*

Foi assim que toda a sua infância foi. Seu pai partia. Sua mãe beberia. Violet se enfureceria. Seu pai voltaria. Sua mãe o sufocaria com carinho. Então partia de novo. Por tudo isso, construiu ressentimento por seu pai brilhante e defeituoso.

— Violet? — Jonathan perguntou em voz baixa. — Você está bem?

— Alamagordo — informou categoricamente. — Concordei em ser seu guia, não seu entretenimento. — Ele suspirou com resignação, e ela se sentiu um pouco como uma idiota.

Capítulo Três

Violet ficou bastante alarmada ao ver que a limusine não seguiu para o Detroit Metro Airport, mas foi para um campo de pouso menor.

— Onde estamos indo? — Ele lhe deu aquele olhar arrogante que fez seus nervos rangerem.

— O aeroporto. — Ela rangeu os dentes. — Que aeroporto é esse?

— Um privado.

— Claramente. — Olhou pela janela para o pequeno hangar.

— Não faremos um voo comercial? — Esperava uma multidão de passageiros e algumas revistas de bordo para distraí-la de sua companhia.

— Já que estamos apenas indo para o Novo México, imaginei que eu nos levaria até lá. — O medo fez seus olhos se arregalarem. — O quê? Nós não teremos um piloto real?

Virou aquele olhar intenso e arrogante para ela.

— Eu *sou* um piloto real, Violet. Piloto meus aviões o tempo todo.

— Sim, mas... — Parou. Parecia um pouco indelicado dizer *que não quero deixar minha vida em suas mãos*. Mas que escolha teve? Poderia recusar virar e sair... E então todo mundo no distrito escolar se ressentiria dela.

Sim, assim foi uma escolha. Violet suspirou. — Se você bater, eu ficarei furiosa.

— Levarei isso em consideração.

Deu-lhe um olhar afiado para ver se brincava, mas... Não parecia. Com um suspiro, continuou a olhar pela janela e reprimiu quaisquer comentários ou preocupações que tivesse sobre pegar um avião pequeno.

Meia hora depois, quando viu o próprio avião, soltou um gemido de angústia.

— Você está brincando comigo, certo? É tão pequeno.

— Não tão pequeno assim. Este é um dos maiores da sua classe — Jonathan afirmou, olhando para ele com o que parecia ser afeição. — Socata TBM 850. Turboprop. Teremos combustível suficiente para chegar ao Novo México sem ter que parar e reabastecer.

Olhou para avião e depois para Jonathan.

— E você é o piloto.

— Eu sou o piloto.

Balançou a cabeça quando puxou a pequena escada para subir a bordo. O avião era vermelho e branco, e contou três janelas em sua lateral. Enquanto subia, não conseguiu reprimir outro gemido de horror. O interior era do tamanho de seu porta-malas, todo de couro bege, e parecia ter o tamanho grande o suficiente para os assentos de dentro.

— Não posso acreditar que estamos voando nessa coisa.

— Eu não deixarei nada acontecer com você — avisou Jonathan. — Basta entrar já.

Relutantemente, o fez, indo para um dos assentos de trás.

— Na frente — falou Jonathan. — Precisar de companhia para me manter acordado enquanto voo.

— Espero que você esteja brincando — retrucou. Quando ele apenas piscou para ela, suspirou e se dirigiu para frente, espremendo-se no banco do passageiro. Não ficou aliviada ao ver o maciço painel de controle na frente ou os conjuntos gêmeos de coisinhas do volante. Isso só a deixou mais chateada. E se ele não pudesse voar e ela tivesse que assumir? Eles morreriam com certeza; não tinha ideia de como pilotar um avião.

— Você não pode ter um jato particular como qualquer outro bilionário? — resmungou enquanto ele se moveu para o banco da frente ao seu lado.

— É mais divertido pilotar seus próprios brinquedos — respondeu com um sorriso, afivelando-se. — Você realmente os aprecia.

— *Apreciar* não é a palavra que estou pensando — murmurou Violet, e certificou-se de que o cinto de segurança estava bem apertado. Então, fechou os olhos e começou a roer as unhas, rezando para que o voo acabasse logo.

—

O tempo estava ótimo em vários estados, e o voo em si era uma brisa. Jonathan tentou falar com Violet a princípio, mas quando ficou claro que estava irritada e ansiosa, que a deixou sozinha e ela adormeceu. Então, ao invés disso, apenas a observou enquanto cochilava caída no assento do copiloto.

Ainda era incrivelmente adorável. Apesar de todo o seu comportamento espinhoso, podia passar cada minuto do resto de sua vida com Violet e não se cansar dela. Estava fascinado com a franja

grossa de seus cílios escuros, por um lado. Eles esconderam aqueles lindos olhos castanhos escuros que não conseguia esquecer. A teimosa curva de seu queixo era exatamente como se lembrava, e se lembrava de ter pressionado beijos ali.

Não que o deixasse fazer isso agora. Odiava-o.

Ficou desapontado que ela claramente alimentou o ódio contra ele ao longo dos anos. Claro, tiveram um rompimento confuso, mas o tempo passou e ambos eram adultos. Não guardava rancor por ela correr para casa e deixá-lo. Não guardava rancor porque mudou de ideia sobre o que queria da noite para o dia e exigiu que eles iniciassem uma família, e quando não gostou dessa ideia, fugiu para casa, para a mãe dela. Imaginou que eles eram jovens e estúpidos na época, e agora poderiam ser adultos. Amigos, se nada mais. Mas agia como se fosse seu inimigo mortal, e não entendia isso.

Só teria que conquistá-la novamente.

Conquistou ela uma vez, quando era uma adolescente fechada. Conversou, sorriu e flertou e fez um completo tolo de si mesmo até que ela quebrou e começou a responder. Poderia fazer o mesmo com uma violenta e rígida Violet. Continue falando e incomodando até que explodisse e dissesse a ele o que a irritava tanto para que pudesse consertar.

Porra, faria *qualquer coisa* para consertar isso. Nunca quis ninguém além de Violet. Era tudo para ele. Não se importou com o que levou.

Como se ela pudesse ouvir a mudança de seus pensamentos, se mexeu em seu assento, aconchegando-se mais contra o couro, sua

bochecha embalada contra o cinto de segurança que separava seus seios ainda magníficos.

— Mmm, Jonathan. — Ele congelou, olhando para o painel de instrumentos. Já não via os indicadores à sua frente ou o céu que enchia as janelas. Sua mente estava no seu gemido sonolento.

Obviamente sonhava. Obviamente. Repetiu isso em sua mente, mas não colou. Seu pau ficou duro como uma pedra em segundos. O que sonhava? O que imaginava que fazia? Suas mãos agarraram o manche com força, as varas duplas lembrando-o de agarrar seu pau, de todas as coisas. Porra. Porra. Como se precisasse pensar em se masturbar no momento? Só porque gemeu o nome dele enquanto dormia?

— Mmm — disse Violet novamente sonolenta, e a olhou bruscamente. Estava apenas fodendo com ele? Mas ela não se mexeu. Contra o tecido fino de sua blusa apropriada, seus mamilos estavam duros.

Ai Jesus.

Começou a suar. Não a cobiçaria enquanto dormia. Ignoraria isso. Ignoraria o fato de que aqueles deliciosos mamilos cutucavam a blusa fina, apenas implorando para serem tocados. Lembrou-se de quanto ela adorava ter seus seios acariciados, como gritava e se debatia quando puxava seus mamilos com os lábios... Enxugou a testa, surpreso por não estar coberto de suor. Violet sempre falava enquanto dormia, lembrou-se. Nada demais. Apenas sonhava.

Ouçá isso, idiota? Está apenas sonhando. Agora vá se foder. Ainda nos odeia quando está acordada.

Claro, seu pau ouviu tão bem quanto ela. O cockpit da Socata era pequeno. Muito pequeno, pensou. Sua mente traidora estava lhe dizendo para estender a mão e colocar uma mão em sua coxa, escorregar até a saia e ver se ela estava molhada...

E então ela realmente o odiaria, não seria? Esfregou a mão no rosto e depois voltou para o manche, olhando sombriamente à frente. Só teria que ignorá-la. Então, se concentrou em coisas que fariam com que seu pau voltasse ao normal. Coisas como sua velha empregada enrugada que trabalhava em sua casa na cidade de Nova York. Avistando os paparazzi esperando do lado de fora de um hotel em que estava hospedado. Sua nova linha de carros esportivos lançando como limões. Saltando de um avião e seu cabo de paraquedas não respondendo.

Depois de alguns minutos, estava sob controle novamente. Boa.

Ela se mexeu em seu assento novamente, sua saia subindo mais pelas coxas.

— Mmm, oh, sim.

— *Violet* — latiu. Jesus. Um homem só podia aguentar um tanto.

Ela estremeceu acordada com um pequeno bufo, membros se debatendo um pouco. Então olhou em volta, olhos vidrados e estreitos de sono.

— Hã?

— Acorde — ordenou rispidamente.

Ela levantou a mão e esfregou o rosto.

— Eu tentava dormir, você sabe.

— Sim, mas eu quero companhia — mentiu. Ela o lançaria se soubesse o verdadeiro motivo pelo qual a acordou. — Fale comigo.

— Cresça — murmurou, endireitando em seu assento. — Eu não posso acreditar que você me acordou porque estava entediado.

Olhou, notando que ela cruzou os braços sobre os mamilos eretos para escondê-los, e suas bochechas estavam coradas. Estava ciente de que teve sonhos sujos sobre ele? Parecia que ambos precisavam de uma distração.

— Diga-me, por que você nunca abriu a carta que seu pai mandou? — Ela olhou pela janela para a direita, evitando o olhar dele.

— Você está brincando comigo, certo? Você deveria saber mais do que a maioria das pessoas que meu pai e eu nunca estivemos exatamente em bons termos.

— Vocês não se encaravam olho no olho. Eu me lembro disso.

— Falta de gratidão — afirmou categoricamente.

— Ainda assim, ele deve ter te amado um pouco para ter todo o trabalho para organizar algum tipo de caça ao tesouro depois de sua morte. Presumo que não encontraremos o que procuramos na sua casa de infância?

— Não — demorou a palavra. — Isso nos levará a uma pista, o que nos levará a outra pista, que nos levará, em última análise, à decepção. Confie em mim sobre isso.

— Eu não tenho tanta certeza sobre isso. — Dr. DeWitt colocou muito esforço nisso enquanto estava doente e morrendo. Isso não parecia um capricho para ele. Enquanto esta viagem tivesse sua estela

no final, e a companhia dela durante a viagem, seria uma vitória no seu livro.

— Tenho certeza — proclamou Violet categoricamente. — É de meu pai que falamos. Tudo foi sempre uma decepção com ele.

— Sim, mas para ele enviar as duas cartas, é claramente uma insinuação de que devemos trabalhar juntos.

— Ou, tudo faz parte do plano do meu pai para mantê-lo financiando seus projetos depois que morreu. Ele me pendura no seu nariz e você continua jogando dinheiro nas coisas que importam para ele.

— Você não sabe se é verdade.

— Ele lhe enviou uma lista, não foi? Das fundações e projetos que quer continuar depois que se foi?

A boca de Jonathan se curvou levemente, embora ele reprimiu o sorriso que ameaçava. Ela conhecia bem o velho. O Dr. DeWitt, de fato, enviou uma lista de causas que eram caras a seu coração e que ele desejava continuar a ver apoiadas após sua morte. Mas o velho sabia que não precisava jogar Violet no seu caminho para conseguir que o apoiasse.

— Eu já lidei com seus desejos.

— Claro que você fez — falou categoricamente. — Você sempre foi sua pequena marionete, não é?

A irritação surgiu na sua mente. Ignorou suas palavras agulhadas. Violet poderia atacá-lo, mas não responderia da mesma maneira.

Então apenas declarou: — Pousaremos em breve.

Violet ficou em silêncio enquanto estavam na parte de trás do sedan pelas ruas de Alamagordo. Não era um tipo de cidade de elite – Alamagordo era tudo menos isso, então ficou surpresa ao ver que ele possuía um motorista esperando por eles quando pousaram no minúsculo aeroporto privado. Aparentemente tinha assistentes realmente eficientes.

Odiava dizer isso, mas se sentiu... culpada. Poderia dizer que feriu os seus sentimentos atacando-o no avião, chamando-o de marionete do pai. Não era justo, sabia disso. Seu pai era o homem mais manipulador que já conheceu. Era simpático, agradável e dinâmico, porque sabia que conseguia o que queria. Você não perceberia que atropelava seus próprios desejos até muito, muito mais tarde. A maioria das pessoas não se importava que Phineas fosse uma cabra velha e manipuladora, mas ela não era a maioria das pessoas. Para Jonathan estar completamente envolvido no charme do velho era compreensível.

Então, sim, se sentiu um pouco como uma idiota por ser tão baixa com ele no avião.

Era só isso... Teve o sonho mais perturbador. Distraidamente roeu as unhas, lembrando-se. Uma das coisas que mantinha contra Jonathan, uma das muitas, muitas coisas, era que ele foi incrível na cama. Praticamente vibrava intensidade em todos os momentos, e ter essa intensidade focada em seu prazer foi uma experiência multiorgástica a cada vez. Pós-Jonathan? Ficou insatisfeita com alguns de seus amantes, simplesmente porque não investiram o tempo ou o cuidado para ter certeza de que ela sáísse até que seu cérebro ficasse vazio. Não como Jonathan. Isso era outra coisa que a irritava – que atingiu o seu pico sexual com um idiota que a largou.

E aparentemente seu corpo lembrava quão bom foi na cama, porque a lembrava enquanto dormia. Teve o sonho mais erótico sobre ele. Imagens do seu corpo sobre o dela ainda enchiam sua mente. Dele perfurando-a por trás até que gritava de prazer. Dela implorando para virá-la e comer sua boceta até que não aguentasse mais. Dele a empurrando de costas e fazendo exatamente isso.

Limpou a garganta e cruzou os braços sobre os seios, olhando em silêncio pela janela. Seus mamilos estúpidos estavam respondendo de novo, e sabia que sua calcinha estava molhada, tudo a partir daquele sonho. Odiava isso. Seus sonhos precisavam lembrar como ele a tratou no passado.

— Estamos quase lá — afirmou o motorista, voltando para uma antiga subdivisão.

— Obrigado — respondeu Jonathan. Olhou para ela.

— Devo assumir a liderança?

Como se ela quisesse estar no comando.

— Seja meu convidado. — Ele assentiu e pareceu visivelmente tenso quando se aproximaram de sua antiga casa. Uma velha lembrança dele surgiu em sua mente. Era uma pessoa extremamente focada, mas quando recebia uma tarefa que estava animado, parecia crescer em intensidade. Lembrava disso, e o conjunto determinado de seus ombros trouxe de volta uma riqueza de memórias que queria esquecer.

Eles pararam em frente da casa e olhou para sua casa de infância. Parecia menor e muito mais antiga do que lembrava. A casa era azul quando morava lá e agora era um amarelo alegre com cortinas

de babados nas janelas. A árvore que lembrava no jardim da frente não passava de um toco.

— Vamos — ordenou Jonathan, abrindo a porta e saindo do carro antes que o motorista pudesse sair para abrir a porta para ele.

Violet hesitou, mas quando Jonathan se moveu para o lado dela e abriu a porta, o seguiu. Memórias eram apenas isso, memórias. Não há necessidade de ficar chateada com elas. Ainda assim, era difícil não ver sua casa de infância e imaginar sua mãe dentro, soluçando por depressão e infelicidade. E quando não chorava, bebia. Não lembrava qual era pior.

Jonathan ofereceu-lhe o braço, como se estivessem indo para um evento social.

Olhou inexpressivamente para ele e ignorou.

— Apenas ir, tudo bem?

Ele deu de ombros e se dirigiu para a porta da frente.

— Eu farei a conversa.

Isso estava bem para ela. Andou com ele e ficou quieta enquanto batia na porta da frente. Isto era, bem, era estranho para ela ir até sua casa de infância e bater, esperando por um estranho abrir a porta.

— O que faremos se ninguém estiver em casa?

Ele considerou por um momento.

— Invadir o quintal e subornar a polícia se formos pegos?

Ela o olhou. Estava brincando? Era difícil dizer com ele. Às vezes falava sério sobre as coisas mais estranhas.

— Não atenderia a porta se nos visse aqui. Parece que tentamos vender algo para alguém. — Ele deu um sorriso para ela. — Venderei ao proprietário um carro esportivo por um dólar se me deixarem ir no quintal.

— Claro que você faria — murmurou.

Os dois ficaram em silêncio ao ouvir o som da corrente e se viraram para a porta.

Uma velhinha enrugada em um vestido floral e com o cabelo em rolos atendeu a porta e deu-lhes um sorriso doce.

— Posso ajudá-los? — Seu olhar foi de Violet para Jonathan, então pareceu demorar-se lá.

— Você está...?

Ele estendeu a mão.

— Jonathan Lyons, senhora. Você já ouviu falar de mim?

A mulher riu e colocou os dedos na mão dele.

— Oh meu. Você é aquele homem com os carros, não é?

— Este sou eu.

— Isso é para a televisão? — Olhou em volta, procurando câmeras, e pareceu desapontada por não ver nenhuma.

Jonathan sorriu.

— Não Senhora. Preciso pedir um favor para a senhora. Podemos entrar?

Dois minutos depois, eles estavam na casa da infância dela, enquanto Jonathan conversava com a proprietária e explicava por que visitavam. Olhou para o ambiente desconfortavelmente. Suas

lembranças dessa casa eram pisos escuros, cortinas bem fechadas e tristeza. Esta casa era tão fofa por dentro como fora. Cores claras e arejadas e janelas abertas enchiam a sala de estar com a luz do sol e lançavam sombras nas bugigangas que enchiam delicadas prateleiras ao longo da parede. Uma pequena mesa com cadeiras Queen Anne estava embaixo de uma das janelas, e um tapete de pano decorava o piso da cozinha.

— Então você quer desenterrar uma árvore no quintal? — Olhou para Jonathan curiosamente, e então seu rosto se iluminou.

— Você está com aquele bom homem que veio aqui no ano passado, não é?

Violet se virou para isso.

— Ano passado? — Seu pai planejava as coisas com tanta antecedência?

A mulher assentiu.

— Um cavalheiro perguntou se podia enterrar algo embaixo de uma das árvores do quintal. Contou-me uma história adorável sobre isso, significando algo para sua filha. — Encolheu os ombros. — Eu pensei que era um pouco doido, mas inofensivo.

Um sorriso relutante se espalhou pelo seu rosto.

— Doido era uma boa descrição para o meu pai. — Não tinha tanta certeza sobre inofensivo.

— Falou para esperar você no futuro. Lindo homem. — Deu a Violet um sorriso doce.

— Falou muito bem sobre a sua linda filha também. — Antes que pudesse zombar disso, a mulher continuou. — Bem, vamos lá

então. Não me importo. Faça o que quiser, apenas não toque nas minhas orquídeas.

— Nós não tocaremos — assegurou Jonathan.

Eles foram para o quintal, e que também estava transformado das memórias dela. Por um momento de parar o coração, se preocupou que a árvore tivesse desaparecido. Não que se importasse, é claro, mas não passou por Jonathan para inventar outro tipo de esquema para mantê-la ao lado dele enquanto tentavam descobrir onde a próxima pista os levaria. Mas contava as árvores e percebia que o fino chumaço de algodão que empalara quando criança ainda estava ali, apenas mais grosso e alto.

Atraída, se dirigiu para frente, procurando a marca que fez quando era jovem. Jonathan seguiu, e quando chegou à árvore, ela correu os dedos ao longo das cristas erguidas da casca. Lá, fracamente entre os cumes, estava o desenho dela. Parecia um inseto esmagado. Só um pouco. Violet sorriu para si mesma. Hã. — Esta é a árvore.

— Se importa se cavarmos na base? — Jonathan perguntou a dona.

— Vá em frente — falou a mulher com o rosto risonho.

— Tem certeza de que isso não é para a TV?

— Tenho certeza — respondeu com uma risada.

— Tem uma pá? — Violet esperou que Jonathan pegasse alguns utensílios de jardinagem da dona e depois voltou para a árvore.

— Cave aqui — disse Violet, apontando para frente da árvore. Isso foi onde escondeu seu Traço Mágico quando era criança, entre duas

raízes erguidas. Deu um passo para trás e observou enquanto ele cavava, toda a sua amizade casual se foi mais uma vez em face de sua intensidade concentrada.

Não precisou cavar muito. Violet imaginou isso. Afinal, o pai dela queria que fosse encontrado. Algumas pás de terra, Jonathan ressoou contra alguma coisa, e os três pararam e se inclinaram para ver o que descobrira. Ele se inclinou e tirou a sujeira de uma pequena caixa de metal, depois a puxou e estendeu-a para Violet.

— Você quer fazer as honras?

Acenou para ele com uma mão. Nunca admitiria que estivesse um pouco curiosa.

— Esta é sua festa. Vá em frente.

Ele examinou a caixa por um momento, segurando-a. Para os olhos dela, parecia um cofre simples. Meio que se perguntou se encontrariam um Traço Mágico dentro, e seu coração vibrou dolorosamente.

Mas quando abriu a caixa, e tirou dois envelopes creme com o conhecido lacre de cera vermelho de seu pai.

— Um tem o meu nome, e um tem o seu. — Violet olhou para o envelope com o nome dela. Ficou surpresa que sua mão não tremeu quando chegou para frente e arrancou-o do aperto dele. Não abriu. Ainda não. Em vez disso, esperou enquanto Jonathan rasgava sua abertura, seus olhos daquele olhar intenso, escuro e agudo que a fez estremecer e lembrar seus sonhos de mais cedo.

Ele abriu a carta, examinou-o e ficou quase desapontado.

— Só uma palavra. GLIRASTES⁷. Não tenho certeza do que isso está se referindo. Mostrou a ela o papel, seu olhar se voltando.

— O que é seu diz?

Relutante, virou a dela e gentilmente abriu o selo. Seu coração bateu forte quando viu a escrita cursiva familiar de seu pai com certas letras em negrito. Havia oito linhas, e escaneou e começou a ler.

"Eu conheci um viajante de uma terra antiga

Quem disse: "Duas pernas de pedra vastas e sem tronco.

Fique no deserto. Perto deles, na areia,

Meio afundado, encontra-se um rosto quebrado, cuja carranca

E lábio enrugado e escárnio do comando frio

Diga que seu escultor bem essas paixões ler"

Violet franziu a testa para o papel.

— Poesia? Mesmo? Você tem uma palavra inventada e eu tenho poesia? Meu pai estava doido em seus últimos dias?

Olhou para cima e para sua surpresa, o rosto de Jonathan se iluminou com reconhecimento.

— O quê? — perguntou cautelosamente.

— “E no pedestal essas palavras aparecem” — murmurou, ficando de pé e tirando o pó da calça jeans. Seu olhar intenso segurou o

⁷ Glirastes, o Mestre Fabricante, é um arquiteto e inventor famoso, habilidoso e rabugento em igual medida.

dela. “Meu nome é Ozymandias, Rei dos Reis: olhe minhas obras, você é poderoso e desespero!”

Sua sobrancelha subiu. — Ozymandias?

— Shelley — exclamou animadamente, e suas mãos agarraram seus braços e puxou-a em seus braços.

— É Shelley!

Pediria que explicasse, quando a agarrou e a puxou contra ele em um rápido e leve beijo de excitação. Antes que pudesse castigá-lo, se afastou dela, sorrindo, virou-se e agarrou a mulher idosa e deu-lhe um grande beijo na bochecha.

— Shelley! — Pronunciou novamente.

A mulher idosa riu.

Violet não riu. Não foi um beijo de nada. Apenas excitação.

Ainda assim, as suas bochechas ficaram vermelhas quando se lembrou de seu sonho de antes, e a boca dele entre suas pernas. Forçou-se a permanecer exteriormente indiferente.

— Você se importa de explicar o que você quer dizer com “Shelley”? — Jonathan se virou e deu-lhe um sorriso brilhante, seu rosto solene se iluminou de um jeito que o impossibilitou de desviar o olhar. — Percy Bysshe Shelley — explicou. — Ele escreveu o poema Ozymandias quando viu uma estátua de Ramsés, o Grande, em Londres.

— Então — falou pensativamente, batendo no papel em sua mão. — Conhecendo meu pai, ou seguiremos o rastro do coelho atrás do próprio Shelley e iremos a Londres, ou pesquisaremos Ramsés, o Grande. O que sua pista tem a ver com isso?

— Não faço ideia — disse Jonathan, aquele sorriso juvenil ainda em seu rosto.

— Mas eu tenho certeza de que há uma conexão em algum lugar. Nós apenas temos que descobrir isso.

— Mmmhmm. — Violet assentiu, olhando para o papel. Traçou o dedo sobre as letras. — Alguns desses personagens são mais sombrios que outros. Isso deve ser parte da pista. — Dobrou a carta. Descobriria isso mais tarde. Agora, não conseguia parar de pensar sobre aquela breve pressão de sua boca contra a dela. O que havia de errado com ela? Um dia em sua companhia e já salivava em cima dele só porque comia bem uma boceta? Jesus. Ela não tinha moral? Ele a *abandonou* quando tinha dezenove anos e estava grávida. Por que se importava se os olhos dele se iluminavam quando estava empolgado com alguma coisa, ou se beijava muito bem? Nada disso importava se fosse uma pessoa terrível, e ele era.

Era como o pai dela, usando pessoas para seus próprios meios.

Olhou friamente para ele quando sorriu de volta, determinada a não ser influenciada por seu charme.

— Então agora você me arrastará para Londres, não é?

Sua expressão exuberante morreu lentamente, seu rosto suavizando.

— A menos que você pense que devemos começar com o Egito?

Violet encolheu os ombros.

— Sou apenas a ajuda contratada. Você é quem está decidindo as coisas.

Ele assentiu, perdido em pensamentos, e enfiou a carta no paletó. Virou-se para a dona da casa e deu outro sorriso encantador.

— Eu não posso lhe agradecer o suficiente, madame.

— Você poderia me dar um daqueles carros extravagantes que você vende — pediu a ele, e então riu atrás de uma mão cheia de manchas de idade.

Ele se inclinou sobre a mão dela como se respondesse a um comando. — Está feito. Mandarei entregar um.

Seus olhos se arregalaram em dois círculos.

— Eu... Lyons, não quis dizer, eu apenas brincava...

— Eu sei — afirmou ele. — Mas insistirei. — Pegou a mão dela na sua, beijou as costas dela, e sorriu.

— Vermelho cereja?

Ela deu-lhe um aceno de cabeça aterrado.

Mais uma vez, teve que resistir ao impulso de revirar os olhos. Se o homem desse um carro a todas as pessoas que encontrasse, quebraria em poucos dias. Isso não era uma maneira de administrar um negócio, pensou rabugenta.

Eles agradeceram a mulher mais uma vez e Jonathan mandou sua informação para seu assistente, e então voltaram para o carro que esperava.

Uma vez que eles estavam dentro, ele agarrou-a e arrastou-a através do assento em direção a ele.

— Jonathan.

Sua boca cobriu a dela e a beijou novamente. Chocada, permaneceu congelada quando a puxou contra ele e seus lábios persuadiram os dela. Memórias explodiram através dela, junto com seu beijo. Memórias de sua excitação na escavação; nunca esteve mais excitado do que quando tiveram uma descoberta de tirar o fôlego. A adrenalina o tornava duro como uma rocha, fosse de arqueologia ou qualquer outra coisa. Parecia que a adrenalina bombeava através dele agora, e esqueceu que ela o odiava.

Ela tentou se afastar, mas a língua dele encostou-se à dela e a enfraqueceu. Isso provocou em sua boca, impulsos firmes e decisivos que eram tão intensos quanto o próprio homem. Sua mão se moveu para sua nuca e ele a segurou contra ele, gemendo seu nome entre beijos quentes e febris.

— Violet. Deus, Violet.

A maneira como disse o seu nome fez seus mamilos endurecerem. Sua boca se separou sob a dele e caiu em seu feitiço. O sabor dele era doce contra sua boca, saboreando um pouco de hortelã. Seus lábios eram firmes contra os dela, tão insistentes quanto seu aperto nela. Quando a língua dele entrou em sua boca e depois se curvou ao lado dela, ela gemeu. Oh, Deus, sempre foi um bom beijador. Sabia exatamente como apertar seus botões

Ofegou, percebendo o que fazia. Beijava o homem que odiava acima de todos os outros homens. O homem que a traiu e a deixou sem se importar com o mundo.

Ela se afastou dele, puxando para trás.

— Não, Jonathan!

— Violet — murmurou, e o olhar em seus olhos estava repleto de luxúria.

Deu um tapa no rosto dele.

Isso chamou sua atenção. Ele se afastou claramente surpreso com a resposta violenta dela. Soltou-a e sua mão foi para o queixo.

— Desculpe-me. Eu não percebi que você estava tão pouco disposta.

— *Sempre* estarei sem vontade com você — sussurrou. — Você acha que pode voltar em minha vida e me jogar em sua cama como se nada tivesse acontecido?

O olhar em seus olhos ficou intenso novamente.

— Se eu pudesse te jogar na minha cama neste momento e saber que você ficaria lá? Faria em um piscar de olhos, Violet.

— Não — chorou furiosamente. — Você não pode me tocar! Nunca mais!

Ele passou a mão pelo cabelo, claramente frustrado.

— Eu percebo que nos separamos mal, Violet, mas caralho. Nós éramos duas crianças estúpidas. Não podemos ser adultos sobre isso?

— “Ser adultos sobre isso”? — riu o som histérico.

— Você é o único a me agarrar a cada chance que você recebe.

— Eu te amo, Violet — afirmou baixinho, seu tom mortalmente sincero. Nenhum alto clamor de afeição por Jonathan; apenas intensidade quieta e solene. — Eu nunca deixei de te amar. Sempre. Quero que você volte.

Ela tremeu todo o seu corpo tremendo violentamente com a força das emoções que a rodeavam.

— Você perdeu meu amor quando me abandonou.

Ele balançou sua cabeça.

— Eu tinha dezenove anos, Violet. Quem com dezenove anos de idade quer se estabelecer e criar uma família?

— Você deveria ter pensado nisso antes de me engravidar!

Ele parou.

Respirou fundo. O olhar em seu rosto era terrível em sua tristeza.

— O que... Você disse? — Poderia ter sido esculpido em granito, por toda a emoção que mostrou.

— Eu estava grávida e você ainda me abandonou — falou suavemente, porque gritar com ele em face de tal quietude parecia... não natural.

— Não finja que você não sabia.

— Eu não. — Sou deflacionado.

— Eu contei que queria ir para casa e começar uma família imediatamente. E quando isso não ficou claro, deixei uma nota para você.

— Nunca recebi essa nota.

Ela não sabia o que pensar dessa resposta.

— Bem, você não precisa se preocupar. Perdi o bebê um mês depois, então não o atacarei por apoio à criança. — Toda a sua raiva estava esgotando-a. Carregou isso por tanto tempo, e vomitando agora só se sentia... sem brilho. Balançou a cabeça.

— Veja. Eu só quero você fora da minha vida, tudo bem? Tudo o que tivemos entre nós morreu dez anos atrás. Eu quero que isso acabe para que nunca tenha que te ver novamente.

Ele a olhou.

Olhou para ela por tanto tempo, completamente imóvel, que ficou nervosa.

— O quê? — retrucou.

— Havia um bebê? — As palavras eram calmas, planas.

— Não comece este jogo, Jonathan — afirmou cansada. — Apenas não faça. Você não pode reverter dez anos de ódio com um pouco de fingimento, ok? Então nem tente.

Enquanto o observava, ele parecia mudar de cor, a luz, a intensidade em seus olhos que era muito Jonathan parecendo morrer na frente dela. Recostou-se, olhou para ela por mais um instante e depois se virou para o motorista que, ela ficou horrorizada ao notar, estivera ouvindo toda a conversa.

— Hotel, por favor — pediu Jonathan com voz rouca.

Ela sentou-se no banco, os braços cruzados, a boca ainda machucada pelo beijo, e olhou pela janela enquanto se afastavam de sua casa de infância.

Por que se sentiu como o cara mau aqui? Era a parte prejudicada, não Jonathan.

Capítulo Quatro

Agora sabia por que ela o odiava.

Observou-a atravessar o saguão do hotel. Seguiu atrás dela, apenas a olhando com saudade quando fez o check-in, lançou um olhar zangado para ele, e então desapareceu no elevador.

Voltando para a sua vida novamente, pensou desanimado.

Pensou em dirigir-se a seu quarto e esvaziar o minibar. Apenas bebendo sua miséria. Mas o minibar não tinha o suficiente para entorpecê-lo. Seguiu para o bar do hotel.

A bartender era jovem e bonita, com uma riqueza de cabelos negros encaracolados. Deu a ele um olhar apreciativo.

— O que eu posso fazer para você, lindo?

Sentou-se no bar.

— Scotch.

— Com gelo?

— Na garrafa. — Bateu na frente do bar. — Apenas traga isso.

— Dia ruim? — Deu-lhe um olhar simpático e virou-se para pegar a garrafa.

— Um dos piores — concordou. Só perdendo para o dia em que Violet o deixou. Pegou o copo que ela colocou na sua frente, bateu, e esperou por ela para preenchê-lo novamente. Normalmente não bebia

até o esquecimento. Não gostava de ter seus sentidos entorpecidos. Mas hoje? Hoje só queria esquecer.

Houve um *bebê*.

Esfregou a testa. Deveria saber que havia um bebê. Deveria ter adivinhado porra. Faz sentido agora. Por que sua Violet mudou de despreocupada, teimosa e independente para exigir que abandonasse a faculdade com ela e criasse uma família imediatamente. Foi tão idiota. Então, empenhado em ajudar o Dr. DeWitt, nunca considerou as razões por que dela de ficar tão chateada e ansiosa para deixar a Grécia e voltar para os Estados Unidos.

Estava grávida. E ela queria... Queria-o.

E a abandonou. Nem mesmo a perseguiu para lhe dizer que a queria. Pensou que era casada e fora de seu alcance, mas isso foi uma mentira, uma mentira contada a ele pelo pai dela.

Hoje perdeu tudo.

Sempre pensou no Dr. DeWitt como um mentor e uma figura paterna. Sabia que o velho era um idiota astuto, mas sempre admirara sua tenacidade para conseguir o que queria. Confiava no homem apesar disso, pensando que, era um de seus amigos mais íntimos, havia um nível de respeito entre eles.

Acontece que foi tudo besteira. DeWitt mentiu para ele sobre Violet apenas para conseguir que ficasse e continuasse financiando as coisas, e fez isso alegremente.

Enquanto isso, abandonou a mulher que amava, que estava grávida e com medo.

E ela perdeu o bebê e o culpou por isso.

Jogou outro copo de uísque, depois pegou a garrafa do balcão e começou a beber.

Violet o odiava. Ficou muito feliz em descobrir que ela não era casada, que nunca foi casada, porque isso significava que em algum lugar, de alguma forma, ainda poderia ter a sua Violet.

Agora, esse sonho se foi não podia consertar isso. Não podia fazê-la amá-lo novamente, não com a sombra de um aborto espontâneo – um aborto que era culpa dele, entre eles.

Ele a perdeu para sempre, e desta vez não havia nada que pudesse fazer para consertar isso.

Bebeu o uísque. Tinha gosto de lixo, mas o que importava?

Nada importava. Nada importava mais.

No outro dia

Violet desligou a TV do quarto do hotel e olhou para o telefone. Debateu por um minuto, depois ligou para a recepção.

— Olá. Procuro pelo Sr. Lyons. Você poderia transferir para o quarto dele?

O operador conectou-a. O telefone tocou por vários minutos, exatamente como na noite anterior. Ninguém atendeu. Não estava respondendo.

Começava a ficar preocupada. Não que Jonathan fizesse beicinho e a ignorasse – não se importava com isso, mas que não a

contactava. Sentiu-se emocionalmente esgotada depois de sua grande confissão, como uma concha vazia de Violet DeWitt. Não estava mais com raiva, apenas cansada. Tão cansada. Mais do que tudo, só queria terminar com ele e voltar para sua vida tranquila e agradável.

Eles não deveriam fazer essa caçada idiota juntos? Apenas sentar em um quarto no Novo México parecia uma enorme perda de tempo, mas o que poderia fazer? Tinha certeza de que, se simplesmente acordasse e voltasse para Detroit, reteria o dinheiro que ele pendurara em frente à escola e declararia que ela renegara a parte final do negócio. O que a escola faria se ela lhes custasse o dinheiro? Eles não ficariam felizes, com certeza, especialmente na próxima vez em que os cortes no orçamento chegassem.

Mas falando sério, exatamente quanto tempo deveria ficar em seu quarto e assistir a episódios de *House Hunters* enquanto esperava por ele?

Desligou o controle remoto um momento depois e balançou as pernas sobre a beirada da cama. Bem. Se ele não fosse atender seus telefonemas, talvez respondesse quando aparecesse em sua porta e explicasse o que diabos estava acontecendo. Calçou um par de sapatos e jogou um suéter por cima da camiseta, depois foi até o saguão.

Ela se aproximou da recepção e deu à mulher um sorriso educado.

— Você poderia, por favor, me dizer qual é o quarto do Sr. Lyons? Trabalho com ele em um projeto e não consigo me conectar com ele no momento.

A moça da recepção mordeu o lábio.

— O quê? — perguntou Violet.

— Eu posso dizer qual é o quarto dele — falou baixinho — mas ele não está nele. — Alarme bateu nas veias de Violet.

— Onde ele está então?

— No bar.

— O bar? — Isso não soa como Jonathan. Não bebia muito, exceto em situações sociais. Essa foi uma das razões pelas quais se apaixonou por ele originalmente; era uma mudança refrescante de sua mãe alcoólatra. Olhou para o relógio na parede. Eram dez da manhã. O que na Terra?

— Você tem certeza?

A garota assentiu.

— Está lá desde que comecei meu turno ontem à noite.

— O dia todo? — Franzindo a testa, agradeceu e foi até o bar do hotel. A área do bar era escura e atmosférica apesar da hora adiantada... e deserta. Cadeiras foram viradas nas mesas, e alguém passou um aspirador sobre os tapetes. Examinou a sala e fez uma pausa quando viu um reservado no fundo da sala ainda coberto de garrafas meio bebidas. Havia uma pilha de roupa em um canto da mesa.

Quando a roupa se mexeu, percebeu que era uma pessoa. Jonathan. Franzindo os lábios, se adiantou. Anotou mentalmente as garrafas vazias de vodca, a miríade de copos na mesa com palhas vermelhas e resíduos na beirada, restos de bebidas mistas passadas. Havia várias garrafas quase vazias de Crown Royal, alguns outros licores que não reconheceu e, nesse mar de garrafas, Jonathan parecia dormir, a cabeça apoiada na mesa. Sua jaqueta estava puxada sobre o

rosto como se para escondê-lo da luz do sol. Seus lábios se curvaram em desgosto. Não havia nada pior que um bêbado.

Tinha muita experiência com bêbados desleixados. Sua mãe era uma e Violet passara a infância inventando desculpas para o comportamento de sua mãe. Odiava ver alguém normalmente tão vibrante e inteligente entorpecido pela bebida. Isso a encheu de uma raiva impotente.

Alcançou as garrafas e pegou o casaco.

— Jonathan?

Ele gemeu e sentou-se com um empurrão, olhando para ela. Seus olhos estavam vermelhos e injetados, seu rosto estava barbado e seu cabelo estava uma bagunça. Seu terno estava amassado, e parecia ser o que o mesmo usado quando o viu pela última vez. Seu olhar focou nela, e essa expressão gritante retornou ao seu rosto.

— Ah, dane-se. Violet.

— O que há de errado com você? — sussurrou, jogando o casaco para ele.

Sua boca torceu para o lado.

— A melhor pergunta seria perguntar, o que *não há* de errado comigo?

Ela ignorou isso.

— Você esteve bebendo a noite toda?

— Não sei. — Encolheu os ombros e pegou uma das garrafas com álcool ainda dentro dela. — Não importa.

— Bem, eu me importo.

Ele sorriu timidamente.

— Nós dois sabemos que é uma mentira, Violet.

Ela mordeu as unhas, pensando.

— Nós não deveríamos ir para o Egito e procurando por sua estela para que possamos continuar esta pequena caça ao tesouro sem sentido?

— Como você acabou de dizer — ele balbuciou. — É inútil. — Levantou o copo para ela e depois bebeu.

Tamborilou os dedos no braço dela. Isso não era como Jonathan. Ficando animado com pequenas descobertas? Perseguindo aventuras? Isso era ele. Este miserável bêbado na frente dela que não se importava? Isso não era ele. Se alguém poderia acusar Jonathan Lyons de algo, era que ele se importava demais e tendia a se envolver demais.

Franziu a testa para si mesma. Na verdade, isso nem sempre foi verdade. Ele a abandonou... Não foi? Essa não foi a ação de um homem que se importava demais. A menos que tudo o que ela pensasse tivesse sido uma mentira...

De qualquer maneira, ela era sua parceira até que terminassem, para melhor ou para pior.

— Jonathan, por favor. Precisamos continuar isso. Não porque eu particularmente me importo com o pequeno esquema que meu pai preparou, mas porque tenho estudantes para voltar, e não posso até que você me liberte. Você está me segurando aqui.

— Eu gostaria de segurar você — ele falou, e havia tanta desolação em seu tom que a fez respirar fundo.

— Muito engraçado, Jonathan — ela afirmou, odiando que sua voz tremeu. — Você sabe o que quis dizer. Você me tem aqui até terminarmos com isso, então vamos.

Mas ele não se mexeu. Em vez disso, traçou um dedo ao redor da borda do copo sujo e, em seguida, deu-lhe um olhar taciturno, de olhos vermelhos.

— Não, Violet, acho que nunca tive você.

— Se será assim, voltarei para o meu quarto — ela avisou.

Deu de ombros, serviu-se de outra bebida no copo sujo e levantou-a num brinde.

— Assim será.

Violet foi embora, irritada e confusa. Por que estava agindo assim? O que disse a ele não foi surpresa... Foi isso? Mesmo se o perguntasse, poderia confiar que o que lhe dissesse era a verdade?

De repente, não sabia mais.

Naquela noite, ligou para a recepção novamente.

— Ele ainda está no bar?

— Ele está — o recepcionista garantiu a ela. — Não podemos tirá-lo. O barman continua colocando copos de água para que não tenha envenenamento por álcool, mas começamos a ficar preocupados.

— Descerei em um minuto — afirmou Violet. Isso tinha que parar. Ele causaria danos nos rins se não tomasse cuidado. Desligou o telefone e foi até o saguão, depois foi direto para o bar. Com certeza, Jonathan ainda estava lá em seu lugar regular. O licor de antes foi substituído por todas as novas garrafas. Agora, parecia que estava

bebendo tequila. Estava de pé, mal, um copo na mão. A frente de sua camisa do Superman estava manchada de álcool.

Ele nem sequer olhou para cima quando se aproximou, apenas olhou com tristeza para uma das garrafas.

— Jonathan — falou Violet, movendo-se para ficar ao lado de sua mesa e cruzando os braços sobre o peito. Foi sua melhor pose de professora irritada e nunca deixou de fazer seus alunos prestarem atenção.

— Isso tem que parar. — Quando ele não respondeu, estendeu a mão e agarrou seu queixo, forçando-o a olhá-la.

— Jonathan!

Ele a olhou, e seus olhos estavam tão feridos que ela doía por dentro.

— Violet.

— Você precisa parar com isso. A sério.

Sua boca desenhou lentamente um sorriso preguiçoso.

— Por quê?

— Bem, em primeiro lugar, você começou a cheirar como um bar. E em segundo lugar, isso não é saudável.

— Isso importa?

— Por favor — adulou, mudando de tom. Talvez se tentasse uma tática diferente, poderia chegar até ele. — Você está me assustando, Jonathan.

— O que importa? Você me odeia Violet. — O olhar em seus olhos era gritante. — Você deixou isso claro.

Sentiu uma pontada de pena.

— Isso não significa que eu quero assistir você beber até a morte. Agora, por favor. Venha para a cama.

Por um momento, seus olhos se iluminaram e se levantou da mesa, seu corpo alto tecendo.

— Sua cama?

— Não!

Ele se sentou novamente.

Violet deu-lhe um olhar exasperado.

— Realmente, Jonathan?

Ele a ignorou e começou a derramar outra bebida.

Ela estendeu a mão e pegou a garrafa da sua mão, e ele a olhou.

— Você precisa parar. Isto não é você.

Jonathan balançou a cabeça lentamente, seu cabelo bagunçado deslizando sobre a testa.

— Como você sabe, Violet? Você não me viu em dez anos. Talvez eu tenha decidido beber depois que você me deixou.

Cuidadosamente arrancou o copo dos dedos dele.

— Você falou que entorpece os sentidos, e você não gosta do seu entorpecido. Eu me lembro disso.

Ele balançou a cabeça, sem olhá-la.

— Não quero lembrar nada agora.

Outra pontada de pena. Droga.

— Jonathan, apenas venha. Levaremos você de volta ao *seu* quarto e o colocarei na *sua* cama, certo?

Ele simplesmente colocou a cabeça na mesa e olhou para uma das garrafas.

— Você precisa de ajuda, senhora? — Um dos garçons se aproximou.

— Posso ajudá-la a levá-lo ao seu quarto, se você quiser.

— Não, estamos bem — falou com um pequeno sorriso de agradecimento. — Ele esteve assim o tempo todo?

O homem assentiu.

— Quando não está chorando.

— Chorando? — Violet ficou horrorizada. Nunca viu Jonathan chorar. Não podia nem imaginar isso. Mesmo quando eles lutaram, ele apenas a olhou com aqueles olhos sombrios e fumegantes.

— Sim. Nós achamos que alguém morreu. Continua dizendo que a perdeu. — O homem encolheu os ombros. — Você pagará a conta dele? É um grande problema.

Seu coração acelerou novamente. Alguém *morreu*. Mas ele não se importava com o bebê... Não era isso? Afastou o pensamento.

— Não, o tirarei daqui. Ele pode pagar sua própria conta. A garota na recepção pode adicioná-lo ao seu quarto.

Tirou dinheiro do bolso e ofereceu a ele como uma dica.

— No entanto, obrigado pela sua ajuda.

O homem assentiu e pegou a nota de vinte.

— Deixe-me saber se precisar de mais alguma coisa.

Saiu quando ela se ajoelhou ao lado da mesa de Jonathan. Estudou-o por um longo momento, pensando nas palavras do homem. *Chorando como se tivesse perdido alguém.* Perdi-a. Estendeu a mão e acariciou seu braço com a mão, e sua voz estava mais suave desta vez.

— Jonathan. Vamos para o seu quarto, tudo bem?

Ele se virou para ela, apoiando a cabeça em seu braço enquanto olhava em sua direção.

— Você sabe que eu te amei, Violet? — sua voz era suave.

— Eu sei. Mas isso foi há muito tempo atrás.

Balançou a cabeça, só um pouco.

— Nunca mudou para mim — declarou, suas palavras grudadas. — Nunca parei. Agora é tarde demais.

Continua dizendo que a perdeu.

Agora ela queria chorar. Não podia enterrar dez anos de ódio purulento em uma noite, mas podia ter pena de um homem que estava claramente infeliz.

— Se você me ama, não vai subir para o seu quarto?

— Não importa se eu te amo ou não — murmurou. — Perdi você de qualquer maneira.

Violet pensou por um momento.

— Se você for até o seu quarto e for para a cama, eu beijarei você.

Lentamente, sentou-se e ela sentiu vontade de rir. Então encontrou a cenoura que atrairia o burro, não é?

— Mas você me odeia, Violet.

— Odeio mais você estar bêbado aqui. A oferta está de pé. — Ela se levantou e estendeu a mão para ele.

— Você irá até o seu quarto e eu beijo você. Se você não fizer isso, pode simplesmente ficar aqui com suas garrafas.

Jonathan levantou-se da mesa tão depressa que quase o derrubou, o material de vidro batendo ruidosamente. Mexeu-se de forma instável em seus pés, mas seu olhar intenso estava de volta nela.

— Venha me beijar, então.

— Uh uh — disse a ele.

— Até o seu quarto, primeiro. — Quando começou a se abaixar novamente, colocou um braço em volta da sua cintura e sentiu sua respiração.

— Até o seu quarto, e depois de você ter um pouco de enxaguante bucal, é isso.

Isso provocou uma risada bêbada, e passou os braços em volta dela, arrastando-a contra sua frente. Inalou profundamente, enterrando o nariz no cabelo dela.

— Esqueci quão bem você cheira. — Suas palavras eram quase um gemido de pura alegria, e enviou uma onda de choque através de seu corpo.

— Você está bêbado — lembrou-lhe com um tapinha no braço. — Agora, deixe ir e nós chegaremos lá em cima, ok?

Ele se inclinou sobre ela pesadamente enquanto seguiam lentamente para o elevador do saguão. A moça da recepção deu-lhe um olhar de gratidão quando passou e abriu o elevador para eles, enquanto ela e seu companheiro bêbado continuava a agarrá-la e exclamar quão

maravilhoso seu cabelo cheirava. Conseguiu, porém, levá-lo até seu quarto, tirar o cartão-chave de sua carteira e colocar na porta.

— Quase lá — encorajou.

— Quase se beijando?

Reprimiu uma risada com a esperança embriagada em sua voz.

— Quase.

Eles cambalearam o caminho através de sua suíte até a cama, e ele desabou, caindo de costas com um gemido. Ela recuou a tempo, antes que a arrastasse para baixo com ele, embora seu cabelo na altura do queixo voasse.

— Ooof.

— Na cama — pediu ele, tão orgulhoso como se tivesse realizado alguma coisa. Levantou os braços, claramente esperando que saltasse para eles.

Ela bufou.

— Sem chance. — Olhou para as pernas e, em seguida, gesticulou em seus pés.

— Tiraremos esses sapatos de você, ok? — Violet se inclinou para desamarrar seus cadarços. Para um bilionário com toneladas de dinheiro, com certeza tinha alguns tênis encardidos.

— Não me importo quando você está com raiva de mim, você sabe.

Continuou a trabalhar em um nó nos laços.

— Isso é bom, porque estou com muita raiva de você.

— É quando você me ignora que não aguento. Quando você desiste de mim e me corta. É como se você tivesse ido de novo e eu odeio isso.

Droga, precisava parar de sentir pena do homem. Puxando violentamente em seu sapato, conseguiu puxá-lo e jogou-o no chão. Sua meia seguiu um momento depois.

— Outro pé agora.

— Sinto sua falta — ele contou suavemente.

Ela o ignorou, tirou o outro sapato e tirou a meia.

— Aqui vamos nós. Você provavelmente deveria tirar a jaqueta também. E essa camisa tá imunda. Vamos.

Ele sentou-se devagar e ela o ajudou a tirar a roupa. Quando sua camisa saiu, gemeu e caiu de costas na cama, coçando o peito.

— Cara, isso é bom.

Olhou para o peito dele surpresa. Lembrou-se de um Jonathan alto e magro, com um peito magro e juvenil e apenas um cabelo no peito. Tinha preenchido. Seus braços eram bronzeados e fortes, rasgados com músculos. Seus peitorais estavam cobertos com uma leve pitada de cabelo no peito escuro, e havia uma trilha pelo abdômen que apenas implorava para ser seguida. Sentiu o impulso mais estranho de passar os dedos pelas cordas dos músculos e ver se eles se sentiam tão duros quanto parecia. Ai Jesus. Até tinha um abdômen plano, pequenas saliências esticadas em seus quadris. Oh, isso era sexy.

Deus, isso não era justo. Dez anos se passaram. O homem deveria estar nojento e careca, não mais quente do que jamais o viu.

E ele a olhava com aquele sorriso bobo e embriagado no rosto enquanto cobiçava seu abdômen bronzeado e apertado. Ela viu uma feia tatuagem preta de crânios e dinheiro no braço dele.

— Noite bêbado no Rio?

— Não. — E apenas sorriu para ela. — Eu recebo meu beijo agora?

— Cara, você com certeza se fixou nisso, não foi? — Violet murmurou, mas o considerou por um longo momento. Pelo menos estava fora do maldito bar.

— Escove os dentes primeiro.

— Sim, senhora.

— Isso é sim, Sra. DeWitt — corrigiu em uma voz atrevida, em seguida, queria bater-se por flertar com seu ex-amante bêbado. *Ideia terrível, Violet.* Este homem foi uma má notícia. Só precisava se lembrar disso.

— Vá em frente. — Mexeu os dedos na direção do banheiro.

Ele pulou da cama – e quase abriu a cabeça, correndo contra a parede. Sufocou uma risadinha e sentou-se na beira da cama enquanto se aproximava, tropeçando, até o banheiro e começando a escovar vigorosamente os dentes. Continuou olhando-a como se verificasse se ainda estava na cama e não escapado.

Se tivesse sido alguém além dele, ela teria se divertido.

Mas desde que era Jonathan, era apenas... Confuso. Ficou tão chateado com a briga que foi beber, e agora que estava com ele, estava agindo como um estudante tonto – embora bêbado. Não fazia sentido, realmente.

A menos que tudo que pensasse sobre ele fosse uma mentira.

Talvez realmente não soubesse sobre o bebê. Queria perguntar sobre isso, para obter uma resposta real, direta e honesta, mas ele estava bêbado. Não havia sentido em questionar um homem bêbado. Teria que esperar. Apertou as mãos e viu quando enxaguou a boca, em seguida, usou bochechos com grande gosto, afastando-se para garantir que sua boca estivesse limpa o suficiente para o beijo deles.

Então, cambaleou de volta para o quarto e deu-lhe um sorriso de olhos fechados, seus olhos praticamente fechados por uma mistura de exaustão e álcool.

— Beije-me agora?

— Deite-se — ela ordenou, levantando-se da cama e acariciando um travesseiro.

Ele mais ou menos cambaleou para a cama e depois a olhou, esperando. Ela se inclinou e, no último momento, beijou-o na testa.

— Trapaceira — murmurou de olhos fechados.

— Você está muito bêbado para apreciar mais alguma coisa. — Falou a ele.

Ele fez um som que poderia ter sido afirmação, e antes que sequer puxasse os cobertores, estava dormindo.

Olhou-o, pensando. Não sabia o que fazer com ele. Ou o que pensar. Jonathan ainda a deixava mais louca do que louca de todas as maneiras possíveis. Por que foi que dez anos parecia uma eternidade... e ainda assim parecia ontem ao mesmo tempo?

Ele rolou na cama e abraçou o travesseiro, expondo seu traseiro e a carteira saindo do bolso. Oh, certo. Estendeu a mão e tirou-a do

jeans para que não o perturbasse enquanto dormia, com a intenção de colocá-lo na mesinha de cabeceira. Em vez disso, o olhou por um momento e depois deu outra olhada nele. Ainda dormindo.

Então abriu a carteira, incapaz de resistir a sua intranquilidade por mais um momento.

Estava cheia de dinheiro. Isso não foi surpresa; era um bilionário. Isso a interessou menos do que o que mais estava na carteira. Estava cheio de preservativos? Fotos de outras mulheres? Cavou em volta, sabendo que era uma porcaria o que fazia, mas sem se importar. Por trás de vários cartões de crédito platina e preto, encontrou uma foto escondida. Aha.

Mas quando puxou para fora, era seu próprio rosto a olhando.

A imagem estava amassada, as bordas gastas e era óbvio que foi carregada nessa carteira – ou em outras semelhantes, por um longo, longo tempo. A foto era de Santorini, os dois em frente às ruínas de Akrotiri, ambos usando chapéus e listras de zinco branco em seus narizes. Eles pareciam idiotas.

Pareciam tão felizes.

As suas tranças de dezenove anos de idade estavam penduradas sobre os ombros e olhava para um Jonathan sorridente com um olhar de adoração. Sentiu uma estranha pontada no estômago ao ver aquilo. Uma vez, ela o adorou. E a julgar por essa foto, era assim que queria se lembrar dela.

Cuidadosamente colocou a foto dobrada de volta na carteira e procurou por outras fotos de mulheres. Não havia nada, apenas a foto dela. Franzindo a testa, fechou a carteira e colocou na mesa de cabeceira.

Ao seu lado, Jonathan gemeu em seu sono.

Endureceu, ouvindo e observando-o. Para seu horror, um soluço severo atingiu seu corpo.

— Violet — ele gemeu.

Soou tão torturado. Com o coração doendo, estendeu a mão e tocou o braço dele.

— Estou aqui, Jonathan. Volta a dormir.

Imediatamente, seus soluços cessaram e sua respiração se acalmou, e voltou a dormir.

Olhou para o homem que achava que conhecia.

Não sabia o que fazer. Por um longo e doloroso momento, quis se virar e sair correndo do seu quarto, sair do hotel e continuar correndo até Detroit. Pegue sua vida agradável, segura e tranquila novamente e esqueça tudo sobre o bilionário que a usou e a pendurou para secar. Fugir às vezes era muito mais fácil do que ficar e encarar as coisas, era uma grande fã de corrida.

Mas não foi embora. Ao invés disso, estendeu a mão e tirou os cachos da testa dele e então suspirou quando não acordou. Bem, droga.

Viu seu telefone na outra mesa de cabeceira e se levantou, indo em direção a ele. Era um smartphone e passou o polegar pelo botão, imaginando se era codificado por senha. Não. Com o coração acelerado, foi para a lista de contatos recentes. Várias empresas passaram pela tela e então encontrou um nome, Cade.

Mastigando o lábio, considerou por um momento, e então discou.

Demorou alguns toques antes que alguém atendesse. Então, a voz alegre de um homem veio na linha.

— E aí, cara?

— Eu- É Cade? — Tentou manter a voz calma. — Você é amigo de Jonathan?

O tom do homem imediatamente ficou mais guardado.

— Quem é?

— Meu nome é Violet...

— Oh maldito. Violet, né?

Franziu a testa.

— Sim. Por quê?

— *Aquela* Violet?

— Aquela Violet o quê? — retrucou, ficando irritada. O que esse homem acha que ele sabia?

— Há de muito tempo atrás? Aquela que partiu seu coração?

Sentiu suas bochechas esquentarem.

— Isso é pessoal.

— Isso também não é um não. — A voz do homem cresceu gentilmente. — O que posso fazer por você, Violet? E por que você está me ligando no telefone do Jon?

Olhou para o homem que dormia na cama, a testa franzida como se seus sonhos ainda o atormentassem.

— Acho que o quebrei de novo — sussurrou.

Cade concordou em ir para o Novo México, mas só poderia ser no outro dia. Nesse meio tempo, Jonathan acordou nervoso e escuro, e voltou direto para o bar. A recepção telefonou novamente para ela como se pudesse impedi-lo! – e, através de mais bajulação de um bêbado, conseguiu levá-lo de volta ao seu quarto para dormir de novo.

Não sabia se poderia continuar fazendo isso. Era muito duro em seu coração. A sua mãe havia se embebedado tantas vezes que ela se sentia mentalmente distanciada toda vez que alguém pegava uma garrafa. Agora, Jonathan fazia a mesma coisa, e isso fez a sua alma doer. O homem estava sendo impossível e se recusou a ouvir a razão quando tentou falar com ele. Era como se tentasse fechar tudo e todos, e a garrafa era a única maneira de fazer isso.

Foi por isso que ficou ridiculamente aliviada quando recebeu um texto de Cade em seu telefone. *Estou aqui. Encontrarmo-nos?*

Violet correu para o saguão. Esperava desesperadamente que Cade soubesse o que fazer com Jonathan, porque ficou sem ideias – e ele começava a ficar frustrado com seus subornos de beijos na testa.

O homem que esperava por ela no vestíbulo vestia um elegante terno cinza e tinha que ser o homem mais bonito que já vira. Estava com um olhar angelical, dos cabelos loiros até os brilhantes olhos azuis e a pele perfeitamente bronzeada. Bom Deus.

— Hum, Cade?

Ele caminhou para frente, estendendo a mão.

— Cade Archer.

Sacudiu, dando-lhe um sorriso nervoso.

— Violet DeWitt.

— Você está exatamente como Jonathan descreveu você.

Piscou surpresa.

— Ele me descreveu para você?

— Em termos brilhantes — afirmou Cade, enfiando o braço na curva e conduzindo-a para o elevador do hotel. Então deu um sorriso irônico. — Também estava bêbado como um gambá.

Queria rir, mas isso só a fazia se sentir um pouco amarga.

— Então ele só me traz quando está bêbado?

— É a única vez que Jonathan se abre — concordou Cade. — O resto do tempo, está preso mais forte que o Fort Knox. Se você quer mergulhar no penhasco, ele é o seu homem. Se você quiser falar sobre sentimentos, ele é a última pessoa a quem você diria.

Violet mordeu o lábio enquanto considerava isso.

— Ele tem um problema com a bebida, então? Eu não consigo fazer com que pare.

Cade sacudiu a cabeça.

— Eu o conheço há muito tempo e só ficou bêbado duas vezes no tempo que eu o conheço. A outra vez foi no funeral de seu pai. Estava fora de si com a tristeza. Ficou bêbado, falou uma tonelada sobre você, e então prendeu e se recusou a falar de qualquer coisa novamente depois.

Bem, isso não a fez se sentir muito melhor.

— Eu não sei o que fazer para que pare de beber agora. Eu...Nós brigamos e eu disse algumas coisas duras. Acho que o machuquei pior do que imaginei.

Ele deu a ela um sorriso amigável.

— Acho isso difícil de acreditar.

Também não viu Jonathan nos últimos dias. Violet encolheu os ombros.

— Ele está para baixo. Nós deveríamos procurar por uma mensagem deixada para nós por meu pai, mas Jonathan não sairá da cama. Ou se fizer isso, acaba no bar. Estou presa até terminarmos isso.

— Presa? — Cade parecia curioso.

— Presa — concordou categoricamente. — Está basicamente subornando as pessoas para me manter ao seu lado, tudo sob o pretexto de ser caridoso.

— Que... também não soa como Jonathan.

— É isso mesmo — explicou Violet educadamente. — Talvez você e eu devíamos comparar Jonathan e ver qual é o real. Porque nós dois parecemos passar um bom tempo juntos.

— Bem — Cade afirmou enquanto caminhavam pelo lobby. — O Jonathan que conheço é extremamente leal. Muito apaixonado pelo seu trabalho e disposto a fazer qualquer coisa para conquistar alguém para a sua causa. É um pouco sincero, mas um bom homem. Muito intenso. Muito determinado. E um pouco de viciado em adrenalina.

Ok, então isso soou como ele.

— Não esqueça a parte de não conseguir manter as mãos longe das mulheres.

Ao ouvir isso, Cade deu-lhe um olhar curioso.

— Mesmo? Eu nunca soube que Jonathan agisse assim. Tateando mulheres na sua frente? O Jonathan que conheço se mantém fechado. Não me lembro de ter uma namorada estável.

Suas bochechas ficaram rosadas. Ele *tateava ela*, não outras mulheres. Pensou na foto em sua carteira. Nenhum preservativo, nenhum outro número de telefone ou foto de mulher em sua carteira. Apenas uma foto dela com zinco no nariz.

— Como eu falei — mexeu-se. — Eu acho que estamos vendo dois homens diferentes.

— Estranho — Cade murmurou, mas não discutiu com ela.

Eles foram até o bar. Estava mais ocupado devido à hora da noite, mas Violet ainda não teve problemas para encontrar a mesa de Jonathan. Apenas olhou para aquela com mais garrafas no canto mais escuro. Sim, lá estava ele. Suspirou e apontou.

— Na mesa nos fundos. Ocupado tentando se embriagar novamente.

Cade esfregou o queixo e olhou para Violet com curiosidade.

— O que exatamente você disse a ele?

— É... pessoal. Então você lidará com ele daqui?

— Você não quer ficar por aqui? — pareceu surpreso.

Seu sorriso era agridoce.

— Eu não acho que me quer por perto no momento. Eu sinto muito. — Deu a Cade um olhar de desculpas e se afastou antes que pudesse fazer mais perguntas.

Era covarde da parte dela correr, mas não conseguia lidar com as coisas no momento. Sua mente girava. Não sabia em quem ou o quê acreditar mais.

Capítulo Cinco

Jonathan mal olhou para cima de sua garrafa de uísque quando alguém se sentou à sua mesa. Para sua surpresa, parecia o amigo dele, Cade. Fechou os olhos e depois os esfregou.

— Droga. Eu acho que estou bebendo demais.

— O que há no cardápio? — Cade perguntou, pegando uma garrafa e cheirando-a. Ele estremeceu.

— Jesus, cara. Você já comprou todas as marcas decentes?

Encolheu os ombros.

— Álcool é álcool.

— E você não é um idiota para beber. — Cade acenou para alguém. — Posso pegar um copo, por favor? E duas águas. Voltou-se para Jonathan.

— Então, você quer dizer o que incomoda você?

Serviu-se de outra bebida e desabou.

— Minha vida está podre, é isso.

— O estranho é ouvir isso de um homem que parece amar escalar montanha e perseguir cidades perdidas.

— Toda porcaria para passar o tempo — afirmou Jonathan. — É tudo besteira que não importa.

Nada importava porque dez anos atrás, teve Violet e ela carregava seu filho... e chutara tudo para ir vagabundeando em volta do mundo

com um homem que mentia em seu rosto enquanto fingia ser seu amigo e mentor.

Cristo, era um idiota. Desistiu de Violet. Sua Violet. Esfregou o rosto novamente e gemeu quando a realidade desabou novamente.

— Cade, eu sou tão idiota.

— É sobre aquela mulher adorável que acabou de fugir? — Cade bebeu sua bebida, sua expressão amigável e compreensiva. Claro que ele não o julgaria. O homem nunca julgou ninguém. Se alguma vez houve um homem que merecia ser santo, era Cade Archer. Não podia nem o odiar por isso.

Em vez disso, esticou o pescoço, esperando por outro vislumbre dela.

— Ela foi embora?

— Não conseguiu sair daqui rápido o suficiente.

Olhou para baixo em seu copo, pensando nos olhos castanhos e cautelosos dela, seu cabelo liso, sua figura exuberante que só amadureceu com a idade.

— Ela é linda, não é? Faz meu coração doer apenas por olhar para ela. Eu vejo o seu rosto, e vejo tudo que eu poderia ter tido.

Balançou a cabeça e queria bater na mesa em frustração.

— Mas não tenho nada disso. Eu não tenho nada.

— Isso é um pouco dramático, você não acha? — Cade olhou para ele, analisando-o. — Você transformou a sorte de sua família. Você é um dos homens mais ricos do planeta. Você é um benfeitor de dezenas de instituições de caridade. Você nunca é cruel, é generoso com seu

dinheiro e tem alguns amigos realmente idiotas. — Sorriu para a última parte. — Não pode ser de todo ruim, pode?

— Mas nada disso importa porque ela me odeia — rosnou Jonathan. Sua mão agarrou seu copo com tanta força que Cade pensou que poderia se quebrar. — Eu desistiria de tudo em um piscar de olhos para saber que ela me amaria de novamente.

— Eu não acho que ela te odeia — Cade afirmou calmamente. — Não ficaria tão inquieta se o fizesse.

— O que você sabe? Você nunca perdeu ninguém que amava. Você tem uma vida perfeita.

— Perfeita — Cade ecoou, e seu sorriso se torceu um pouco, parecendo surpreendentemente frágil.

— Estamos confessando nossos pecados, então? Tudo bem. — Ele se inclinou para frente e se serviu de uma bebida maior, sem olhar para Jonathan. — Eu amei e perdi também.

— Quem? — Não acreditou nele. Cade estava apenas cuspiendo porcaria para fazê-lo se sentir melhor.

O homem loiro tomou um longo gole de sua bebida e considerou por um tempo antes de olhar para Jonathan novamente. — Daphne Petty — afirmou lentamente.

Não tocou um sino. Parecia familiar, mas o seu cérebro estava espantado no momento.

— Eu deveria saber quem é?

A expressão de Cade foi triste.

— Você pode ser o único no mundo que não sabe. Irmã de Audrey. Audrey de Reese. — Quando a expressão de Jonathan permaneceu suave, Cade continuou.

— Reese Durham? Seu amigo na Irmandade? Homem das senhoras? A irmã gêmea de sua esposa é Daphne. É uma cantora. Aquela com a peruca roxa e os biquínis de plástico e as tatuagens?

Uma memória acendeu.

— Ela estava em uma revista masculina no mês passado?

— Provavelmente.

— Sim, eu acho que me masturbei para ela. — Não tinha, não realmente. Violet foi a única que deixou seu pau duro. Só queria limpar aquele olhar alegre do rosto de Cade.

— Idiota.

— Então você está apaixonado por ela? — Se pensava na garota certa, ela era selvagem e mais do que um pouco mal comportada. Não parecia o tipo de Cade. — A cantora?

— Eu estava apaixonado, sim. — Cade considerou seu copo. — Ela ficou famosa e mudou. Não é mais a mesma garota e não sei o que pensar. Tudo o que sei é que sinto que foi ela quem escapou. — Deu a Jonathan um pequeno sorriso. — Assim. Você não está sozinho no canto do coração partido.

Ficou surpreso ao ouvir tudo isso vindo do Cade.

— Sim, mas você não destruiu a vida dela, não é?

— Não, ela parece fazer isso bem sozinha — afirmou Cade categoricamente.

— Bem, eu destruí Violet. — Pensou na dor em seus olhos. Um bebê. Houve um bebê e ele nunca soube. Perdeu-o depois que ela foi para casa. Teria sido porque estava tão estressada e infeliz por ser abandonada? Provavelmente. Também podia culpar isso pelos próprios pés. Apenas o fez se odiar mais.

— Sonhei com ela por dez anos, Cade. Senti falta dela a cada momento acordado. E agora descubro que me odeia e sempre me odiará. É como uma faca no meu interior. — O desespero ameaçou dominá-lo. — Eu não a recuperarei agora. Nunca.

— Talvez seja hora de vocês começarem de novo — falou Cade. — Faz dez anos. Vocês são pessoas diferentes do que eram antes.

Talvez. Só não sabia se Violet lhe daria essa chance. Fodeu tudo dez anos atrás. Talvez nunca haja uma chance de consertar isso agora.

—

Alguém bateu na porta do quarto de hotel de Violet algumas horas depois, pouco antes de ir dormir. Curiosa, vestiu uma túnica e espiou pelo olho mágico. Cade, destrancou a porta e abriu uma rachadura.

— Está tudo bem?

Cade lhe lançou um breve sorriso.

— Bem, está bêbado de novo.

— Isso não é surpreendente. Está bêbado nos últimos dias. Tenho certeza que passou mais tempo bêbado do que sóbrio desde que estamos juntos.

— Está infeliz no momento — afirmou Cade, olhando para o corredor. Violet esticou o pescoço para fora da porta e avistou um

homem deitado em uma cadeira no final do corredor, com uma garrafa debaixo do braço.

— Sim, parece *muito* infeliz — disse em uma voz divertida. — Tenho certeza que é rápido para me culpar por tudo isso.

— Na verdade não. Ele se culpa. — Cade olhou para ela e depois para o corredor. — Tem certeza que destruiu sua própria vida e arruinou a sua, e coloca a responsabilidade por suas ações diretamente em sua própria porta.

Sentiu uma pontada de pena por isso.

— Bem, você pode garantir a ele que estou bem.

— Eu faria se tivesse a chance de dizer uma palavra.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer, está constantemente citando poesia para mim. Assista. — Cade entrou no corredor alguns passos.

— Jonathan? Pronto para subir?

— Eu era criança e ela era criança — cantava a voz bêbada no final do corredor. — “Neste reino junto ao mar. Mas nós amamos com um amor que era mais que amor – eu e minha Annabel Lee!

Alguém na sala ao lado bateu na parede em resposta.

Violet pressionou a ponta dos dedos na boca para não rir. Não foi engraçado. Não foi.

— É Edgar Allan Poe?

— É isso que é? — Cade fez uma careta. — É maravilhoso.

— Acho que sim. Eu fiz algumas aulas de poesia na faculdade e soa familiar.

Estava majoritariamente em poesia quando começou a faculdade. Não sabia que Jonathan conhecia poesia. Era essa outra faceta dele que surgira nos últimos dez anos, ou sempre estivera lá e nunca notara?

— Então você não conseguiu que ele parasse de beber?

— Ele já estava naufragado, então eu achei que não faria mal em obter mais alguns detalhes dele antes de programar o meu plano.

Ela inclinou a cabeça para ele, curiosa.

— Seu plano?

— Sim. — Sorriu e esfregou as mãos, parecendo tão infantil que ela queria sorrir de volta. — Fase um – coletar informações. Fase dois – estratégia. Fase três – execução.

— Tudo soa muito corporativo.

— Ele é perfeito, não é? — Parecia bastante satisfeito consigo mesmo.

No final do corredor, Jonathan começou a falar bêbado novamente, com a voz recitando outro poema que estava muito difícil para ela entender.

Olhou para ele no corredor e brincou com o pescoço alto de seu manto.

— Você não deve, hum, pará-lo?

— Não. Deixarei que tire tudo do seu sistema. A partir de amanhã de manhã, ele não gostará de outra bebida.

— Você parece muito confiante.

— Confie em mim. Eu sei o que faz ele funcionar. Eu só preciso da sua palavra que você vá junto com tudo que eu jogo em você.

— Eu? Qual é a minha parte nisso?

— Só isso. Eu o buscarei no café da manhã, e qualquer coisa que eu sugerir para você, apenas concorde com isso. Tiraremos Jonathan da sua depressão e ele voltará para a estrada com você, em um piscar de olhos.

Não tinha certeza se era esse o caso, mas Cade parecia muito confiante.

— Se você diz.

— Ótimo. Vejo você então. Levarei ele para a cama. — Gesticulou para Jonathan, depois se afastou.

— Espere! — Quando se virou Violet não pôde deixar de perguntar: — Então, o que contou para você?

Cade sorriu misteriosamente, mas suas palavras foram contundentes.

— Que ainda está loucamente apaixonado por você e lamenta que tenha perdido você para sempre.

Por alguma razão, essas palavras fizeram com que sentisse uma pontada aguda e infeliz em seu coração. *Ele perdeu você para sempre.* É claro que sabia que era isso, certo? Ainda assim, ouvir as palavras pronunciadas em voz alta a fazia se sentir ansiosa e um pouco infeliz. Não tinha certeza se queria se perder para sempre.

— Eu estou bem em ser amiga dele — confessou. — Eu simplesmente não posso confiar nele para mais que isso.

— Eu entendo — afirmou Cade. — E eu não estou julgando. Vejo você de manhã, Violet. — Deu um aceno de cabeça e se afastou. Um momento depois, o ouviu se mover para o lado de Jonathan, encorajando o homem bêbado a sair de sua cadeira e voltar para seu quarto.

Quando fechou a porta, pegou mais algumas linhas da poesia bêbada de Jonathan jorrando. “E esta donzela”, divagou, “ela viveu sem outro pensamento a não ser amar e ser amada por mim.”

— Vamos — Cade murmurou, e então ficaram em silêncio.

Mas Violet teve as palavras tocando em sua cabeça por um longo tempo depois. *Ela não vivia com outro pensamento a não ser amar e ser amada por mim.*

O poema — Annabel Lee, teve um final infeliz, lembrava corretamente.

—

Na manhã seguinte, pontualmente às nove horas, alguém bateu à porta de Violet.

Ela respondeu, seu cérebro cheio de perguntas inquietas e rodopiantes. Teve uma noite sem dormir, cheia de mais sonhos com Jonathan e fazendo amor, e isso a deixou inquieta. Havia uma razão racional para continuar sonhando com a boca dele em sua pele, ela disse a si mesma. Não fazia sexo há mais de um ano, e agora estava saindo com um ex-amante. Fazia muito sentido.

Explicação sensata ou não, ainda acordava dolorida e cheia de necessidades todas as manhãs, e hoje não foi diferente.

Vestiu-se de forma conservadora, no entanto, já que não sabia qual era o grande plano de Cade para tirar Jonathan de sua depressão. Usava calça e sapatilhas, junto com um simples suéter preto. Seriam roupas úteis para praticamente qualquer situação. Ainda assim, quando atendeu a porta e viu Cade parado em outro impecável terno cinza, se perguntou se estava mal vestida.

— Violet — ele a cumprimentou alegremente. — Você está linda esta manhã.

— Obrigada — murmurou, saindo de seu quarto e certificando-se de que a porta estava trancada atrás dela. Não viu Jonathan e, estranhamente, ficou desapontada.

— Estamos sozinhos?

— Não — Cade começou. — Por quê? Você quer estar? — Virando a esquina, Jonathan caminhou lentamente em direção a eles, óculos escuros cobrindo os olhos. Fez uma careta para Cade, que apenas lhe deu um sorriso indiferente.

— Ora, não — exclamou Violet, surpresa. — Eu só estava curiosa. O que rastejou até a sua bunda e morreu?

— Tudo, se meu cérebro é qualquer juiz das coisas — afirmou Jonathan sem rodeios. — Minha cabeça está me matando.

— Isso é culpa sua. — Não conseguia parar de olhar para o cabelo dele. Era um desastre absoluto, e vários dias de crescimento de barba estavam revestindo sua face. Parecia uma bagunça. Uma bagunça profunda e profundamente de ressaca. Então aumentou o volume de sua voz.

— Estou *morrendo de fome*. Desceremos e comeremos?

Cade ofereceu-lhe o braço com um sorriso e ela aceitou.

Jonathan apenas fez uma careta para os dois.

Quando chegaram à sala de jantar do hotel, Cade insistiu em puxar a cadeira para ela, para que pudesse se sentar. Isso lhe valeu uma palavra afiada de Jonathan. Qual foi o jogo do Cade? Parecia indiferente ao humor cada vez mais azedo do amigo, mas tinha que ser algum tipo de ato. Abriu o guardanapo no colo, curiosa, e observou os homens.

Jonathan caiu mais ou menos na cadeira e pôs a mão na testa. Ficou claro que estava sentindo suas bebidas. Cade, no entanto, parecia alegre e alerta.

Quando a garçonete se aproximou, Jonathan pediu uísque.

— Hum, eu não tenho certeza se estamos servindo isso tão cedo — a garota gaguejou, olhando para ele com alarme.

Cade franziu o cenho para ele.

— Você tem certeza que deseja fazer isso? Precisamos de você sóbrio.

— Porra. — Respondeu a ele e depois apontou para a garçonete. — Uísque. Uma gorjeta de cem dólares para você se você trazer nos próximos dois minutos.

— Sim, senhor — falou ela, corando. — Posso pegar outra coisa para vocês?

— Suco de laranja — pediu Cade.

— O mesmo — disse Violet, abrindo o cardápio.

— Agora, Violet, lembre-se, o café da manhã é para mim — Cade disse a ela e estendeu a mão para acariciar seu braço. Sorriu para ela e apertou a mão dela, dando-lhe um aperto encorajador.

Jonathan franziu a testa para os dois. Tirou os óculos escuros e olhou para ela por cima do cardápio, com os olhos vermelhos. Então, olhou para Cade.

— Por que o café da manhã é para *você*?

Esta foi uma boa pergunta, mas jogaria junto com ele.

— Obrigado, Cade. Eu aprecio isso. — Puxou a mão dele e fingiu considerar o cardápio.

Mas Cade permaneceu alegre.

— Eu contei a Violet que desde que eu estava tomando as rédeas deste projeto, também lidaria com as despesas dela.

Os olhos dele se estreitaram mesmo quando a garçonete trouxe sua bebida e a colocou cuidadosamente na frente dele. Ele a ignorou, seus olhos ainda fixos em Cade.

— O que você quer dizer com você está assumindo este projeto?

E agora entendia o plano de Cade. Deixaria o amigo com ciúmes.

Parte dela queria jogar o guardanapo na mesa e bater nos dois homens bobos por agir assim. Afinal de contas, não era um objeto para eles brigarem, e fazer Jonathan ficar com ciúmes não estabeleceria nada além de cutucar um touro já irritado. E o que isso realmente conseguiria? Então ele estava com ciúmes? E daí? Não era como se fosse se lançar em Cade *ou no* Jonathan. Só queria ir para casa e pegar as rédeas de sua pequena vida tranquila.

Mas não podia deixar de espiar Jonathan através de seus cílios para ver como ele reagiria. E não pôde evitar a vibração estranha e excitada em sua barriga quando ele olhou para Cade como se quisesse arrancar a cabeça do homem.

Isso foi ridículo. Por que se importava que isso o incomodasse?

Talvez houvesse algum tipo de osso feminino em seu corpo que gostasse de ver um cara ir todo homem das cavernas macho-alfa nela. Mas ela não pôde resistir a cutucar a situação. Então fingiu considerar seu cardápio um pouco mais e depois deu a Cade um sorriso brilhante.

— Você é tão doce.

— Por que — Jonathan grunhiu sua voz com cascalho em sua garganta — diabos *ele* é doce? O que ele está fazendo?

— Violet me contou sobre sua situação — Cade falou, sorrindo para a garçonete quando colocou suco de laranja na frente dele. — Ela quer voltar para a escola, mas é obrigada a permanecer ao seu lado até que o mistério seja resolvido. E desde que você está indisposto e determinado a permanecer aqui, pensei em intervir e ajudá-la.

Isso recebeu uma resposta de Jonathan. O branco de seus olhos apareceu e suas narinas se abriram.

— Cade — ele cerrou. — Dê. O. Fora.

— Por quê? — Cade não seria dissuadido. Gesticulou para a bebida dele. — Está claro quais são seus planos.

— Dê. O. Fora — repetiu Jonathan, claramente furioso.

— Ele está apenas tentando me ajudar, Jonathan — interveio Violet, incapaz de resistir a esfregar sal na ferida. — Eu pedi a ele para

vir. Você tem sido impossível de falar nos últimos dias. — Para seu horror, um nó se formou em sua garganta e teve que piscar repetidamente para não chorar como uma idiota. Não percebeu como estava estressada até que disse em voz alta. — Eu não sabia o que fazer. Tudo o que você faz é beber e gritar comigo.

O olhar que Jonathan lhe deu foi totalmente torturado.

— Violet, por favor.

— Não — disse, e sua voz vacilou. Ficou de pé. — Eu não posso fazer isso, tudo bem? Não posso ficar aqui para sempre, não quando sou necessária na escola. E não posso sentar aqui e assistir você entrar em coma como minha mãe fez. Você me forçou a fazer essa caça ao tesouro quando tudo que eu queria era esquecer que meu pai existia. Então agora eu estou aqui, e você precisa decidir o que é que *você* quer, porque ou nós terminamos isso ou irei para casa. — Jogou o guardanapo sobre a mesa, seu apetite se foi. — Eu estarei no meu quarto.

Enquanto se afastava, ouviu a voz baixa de Jonathan atrás dela.

— Maldito seja você, Cade.

Meia hora depois, Violet arrumara a bagagem, escovara os dentes novamente, e agora estava sentada em seu quarto, esperando o telefone tocar para que alguém pudesse lhe dizer o que estava acontecendo. Quando uma batida veio à porta, ficou aliviada; estar no limbo era emocionalmente exaustivo.

Quando abriu a porta, Jonathan estava lá. Inclinou-se pesadamente contra o batente da porta como se fosse a única coisa que o mantinha de pé. Se fosse possível, o cabelo dele parecia pior do que antes. Ele a olhou solenemente.

Ela o considerou por um longo momento.

— Oi.

— Podemos conversar? — perguntou.

— Certo.

Empurrou o batente da porta e entrou no quarto dela sem esperar por um convite. Quando se sentou na beira da cama dela, ela bateu o pé no chão.

— Não se sente lá.

Por alguma razão, ter Jonathan em sua cama de qualquer maneira pareceu totalmente pessoal demais.

Sem perder o ritmo, moveu-se para o chão e bateu no carpete, as pernas estendidas na frente dele, suas costas descansando contra a cama.

— Assim está melhor?

— Eu suponho. — Violet olhou pela porta, mas não havia sinal de Cade.

— Seu amigo está vindo?

Jonathan bufou.

— Qual amigo? Eu disse para ele ir se foder. Ele apenas riu na minha cara. — Balançou a cabeça e esfregou a testa. — Foda saber que ele está certo sobre tudo também. Estou feliz que você o chamou aqui.

Violet fechou a porta e hesitante se aproximou dele. Ok, isso foi um bom sinal. Sentou-se no pé da cama e depois, após um momento de indecisão, se moveu até sentar no carpete ao seu lado.

— Então — afirmou suavemente. — Conversaremos.

— Podemos começar de novo? — estendeu a mão para ela. — Oi. Eu sou Jonathan Lyons. Eu faço carros e tenho muito dinheiro e aparentemente sou muito ruim em ler as pessoas.

Sua boca se curvou com diversão e ela colocou a mão na dele.

— Violet DeWitt. Professora e conhecida por guardar rancor – não importa quão insignificante, por muito tempo.

Deu a ela um olhar cheio de alma com aqueles olhos escuros dele.

— Eu não acho que você está sendo mesquinha, Violet.

— Eu sei. E eu não acho que podemos começar de novo. Há muito entre nós para limpar as águas. — Olhou para a mão na dele, mas ele ainda segurava. Ocorreu a ela que deveria realmente se afastar.

Mas não fez.

— Violet — murmurou, olhando para as mãos unidas. — Quando te perdi há dez anos, perdi minha melhor amiga. Todos os envolvimento românticos de lado, eu realmente, sinto falta dela.

Esse nó estúpido estava de volta em sua garganta.

— Eu sei como você se sente.

— *Podemos* começar de novo então? Como amigos? O que quer que tenhamos no passado não pode ser esquecido, mas sei que você seguiu em frente e não está interessada em mim. Tanto quanto isso dói, eu posso viver com isso. Mas gostaria muito de ser seu amigo novamente, Violet. Por favor. Você não pode imaginar o quanto senti sua falta.

Não posso? Pensou, mas não disse em voz alta. Em vez disso, refletiu sobre sua oferta. Amizade, nada mais. Parceiros em resolver o

mistério dos envelopes de seu pai, e então voltaria para sua vida com menos uma coisa realmente grande em seu ombro.

Poderia fazer isso?

Ela poderia.

Desde que atacou Jonathan e o enviou para sua bebedeira, sentiu... Não exatamente limpa, mas a ferida que deixou dentro dela por tanto tempo foi cauterizada com a confissão. Vendo sua resposta a fez perceber que talvez ele não fosse o malvado e horrível vilão que o fizera ser. Depois de todo esse tempo percebeu que Jonathan era tão humano quanto ela.

E não podia mais odiá-lo.

Então apertou a mão dele, ainda travada na dela.

— Amigos. Eu acho que posso fazer isso.

O sorriso que lhe deu foi brilhante, intenso e tão Jonathan que a fez sofrer novamente.

— Eu suponho que amigos não carregam medicação para minha ressaca?

Violet deu-lhe um sorriso.

— Você só consegue se você prometer não beber mais.

Seu sorriso desapareceu e apertou a mão dele novamente.

— Você realmente me preocupou, você sabe. Só porque fiquei com raiva de você não significa que queria vê-lo se machucar.

— Eu sei — afirmou ele, olhando para as mãos unidas. Estendeu a mão livre e passou um dedo pelas costas da mão dela, acariciando

sobre os nós dos dedos. — Eu só... Não queria pensar por um tempo. Doeu muito.

Sua ponta do dedo roçou sua pele, enviando sensações de cócegas através de seu corpo. Sabia que deveria arrastar a mão, mas não conseguia fazê-lo. Então apertou a mão dele novamente.

— Você não foi o único machucado, você sabe.

Mais uma vez, lhe deu aquele olhar de animal ferido que parecia destruí-la.

— Eu sei Violet. Deus eu sei. Isso é parte do que está me comendo por dentro.

E o que poderia dizer sobre isso? Tirou a mão da dele tentando não pensar na sensação dos dedos dele em sua pele, passando por padrões delicados lá – e apontou para a mala.

— Assim... começaremos nossa jornada louca de novo?

— Estou pronto, se você estiver.

— Hum. — Considerou sua aparência desgrenhada e de ressaca. — Por favor, me diga que você deixará alguém pilotar o avião desta vez?

Ele riu.

— Para você, eu posso fazer isso.

Ela sorriu.

—

Algumas horas depois, acomodavam-se em assentos dentro do jato particular que Jonathan alugou. Violet pegou um dos assentos na parte de trás do avião, e Cade, Jonathan viu, sentou-se na frente, o

mais provável para que ele pudesse dar privacidade a eles para conversar.

Decidiu que talvez não matasse Cade depois de tudo.

Sentou-se em um assento em frente a Violet, satisfeito quando ela não se encolheu ou franziu a testa ao fazê-lo. Em vez disso, deu-lhe um sorriso hesitante e ele retribuiu.

Foi um novo começo. Estava tão aliviado que eles estavam tentando de novo que nem se importou que jurassem ser apenas amigos. Pegaria qualquer pedaço de Violet que conseguisse em sua vida. Se estivesse na zona de amizade permanente, então viveria com isso, contanto que ela não olhasse mais para ele com ódio.

Violet segurou o cinto de segurança e apertou-o.

— Posso apenas dizer o quanto estou feliz por você não estar pilotando este avião?

Tentou não olhar muito para o jeito que ela alisou suas roupas e colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha. Não queria deixá-la desconfortável. Ao invés disso, pegou o telefone e fingiu ler algo na tela.

— Eu tive centenas de horas no cockpit⁸, Violet. Eu sou um bom piloto.

— Sim, mas parece estranho ter alguém que conheço pilotando. Você é mais falível do que um especialista sem nome e sem rosto.

Ele sorriu fracamente. Mais falível?

— Porque eu sou humano aos seus olhos?

⁸ Expressão é empregada para se referir ao painel de controle das aeronaves.

Pareceu surpresa, seu olhar passando para o dele.

— Eu... acho que sim.

A julgar pelo olhar em seu rosto e o rubor que manchou suas bochechas, não gostava de pensar nele como humano. Supunha que era mais fácil para ela pensar nele como um monstro, um idiota que a deixou e seu bebê. Seu âmagô se apertou com o pensamento, e sentiu o desejo de vomitar.

Ela tinha todo o direito de pensar nele como o maior imbecil do mundo. Agora só tinha que provar para ela que era um homem normal. Um homem comum que precisava esconder o fato de que ainda era loucamente apaixonado por uma mulher que não queria nada além de uma tentativa de amizade.

Mas faria qualquer coisa para manter Violet ao seu lado.

— Então, para onde estamos indo agora? — perguntou, com as mãos entrelaçadas no colo, o olhar focado nele novamente. — Você não contou.

Bebeu a visão dela, admirando sua forma exuberante, a maneira como seu cabelo escuro roçava contra seu rosto até que o colocou de volta atrás de uma daquelas orelhas que se sobressaíam um pouco mais do que gostava. Seus adoráveis olhos castanhos escuros com os longos cílios. Seu pequeno corpo que parecia ser composto inteiramente de curvas arredondadas que podia encarar por horas a fio e nunca se cansar.

— Jonathan? — estalou os dedos para ele. — Olá?

Ele piscou.

— Desculpa. A ressaca está matando minha capacidade de pensar — mentiu. Muito melhor para ela pensar nele como uma bagunça devido ao álcool em vez da verdade – que ainda era infinitamente fascinado por tudo nela.

— É por isso que eu não queria que você voasse — disse ela com um aceno de cabeça. — Agora, para onde estamos indo?

— Primeiro a cidade de Nova York — contou ele. — Precisamos deixar Cade lá e eu tenho uma reunião para comparecer esta noite que não posso perder. — Era a noite da Irmandade, algo que quase esquecera em seu estupor de bêbado, mas desde que levavam Cade para a cidade, poderia muito bem tirar algumas horas de seu horário e ter o seu tempo também.

— Cidade de Nova York? — franziu a testa.

— Primeiro você está bêbado por dias e dias, e agora me fará sentar e esperar por você enquanto participa de uma reunião de negócios? Quando caçaremos esses “Glirastes”?

— Muito em breve — Jonathan jurou. — Eu prometo. Se eu pudesse sair disso, faria. É algo que foi agendado com semanas de antecedência.

Ela revirou os olhos, mas não havia raiva em seu rosto.

— Então, sua agenda é mais importante que a minha?

— Confie em mim quando eu digo que nada é mais importante para mim agora do que você. — Deus, quase o sufocou tentando manter essas palavras leves e fáceis para que não ficasse nervosa com ele. — Estou pedindo para você como um amigo. — Outra palavra que o sufocou – amigo.

Mas funcionou. Ela assentiu.

— Tudo certo.

— Foi um progresso.

Quando a limusine parou no clube, Jonathan observou Violet enrugar o nariz.

— Seu negócio está em uma boate?

— É — concordou.

Sentado em frente a eles, Cade deu a Violet um sorriso fácil.

— Eu sei que parece estranho, mas garanto-lhe, não pegaremos mulheres.

— Eu não pensei isso. Somente... não beba mais, está bem? — Suas sobrancelhas franziram de preocupação e olhou para Jonathan.

— Eu não beberei de novo — jurou, e quis dizer isso. Deve ter causado a ela muito mais preocupação do que deixou transparecer. Sua Violet carregava uma armadura de aço entorno de seu coração porque foi ferida tantas vezes pelas pessoas que amava. E a machucou novamente, parecia. Por isso, queria se chutar. O pensamento de beber mais álcool sabendo que a aborreceria? Essa era a coisa mais distante em sua mente.

Assentiu claramente desconfortável.

Ele estendeu a mão para tocar a mão dela no assento, incapaz de se ajudar.

— Nós estaremos aqui apenas algumas horas. Eu quero que você espere com o carro... — Podia ligar e pagar um hotel para ela, para que

pudesse relaxar, mas a ideia de liberar Violet para Nova York o deixou ansioso. Temia que, se ele desse as costas, não a encontrasse.

— Fico com o carro? — Claramente, não era fã da ideia e afastou a mão da dele. — Quanto tempo você ficará aqui?

— Eu não sei. — Puxou a carteira e desdobrou várias notas, colocando-as em suas mãos antes que ela pudesse protestar.

— Vá fazer compras. Gastar dinheiro. Alguma coisa. Apenas fique com a limusine, e voltarei assim que puder. Eu prometo.

Ela o observou por um momento, então assentiu, alisando o dinheiro que ele lhe entregou.

— Estarei aqui.

— Obrigado. — Queria se aproximar e beijá-la novamente, mas não se atreveu. Cerrando o punho para evitar agarrá-la, assentiu.

— Espere por mim.

Então, seguiu Cade no clube.

Toda semana, durante anos a fio, a Irmandade se encontrava no porão do clube sujo. Sua sociedade secreta se formou na faculdade e continuou desde então. Se possível cada homem tentava não perder uma reunião, pois incomodava seus irmãos. Tinha certeza de que perderia mais reuniões do que a maioria, dada sua propensão a correr para os confins da terra em outra missão.

Hoje à noite, desejou ter feito o mesmo. Estava nervoso enquanto ele e Cade entravam no clube barulhento e ocupado e se dirigiam para os fundos, depois pelo longo corredor até o porão. O guarda-costas de Hunter já estava lá, em pé para guardar a porta, e por hábito, deu-lhe o sinal: tocou dois dedos no ombro e os deslizou sobre o braço até onde

estava sua tatuagem. Cade fez o mesmo gesto, e o homem assentiu e se afastou.

Então, se dirigiram para o porão esfumaçado, o cheiro de charutos flutuando no ar. Enquanto descia as escadas atrás de Cade, podia ouvir uma voz feminina alta acima do murmúrio dos outros.

— Vamos lá, corra! Mamãe precisa de um casamento de destino!

— Isso seria Gretchen — afirmou Cade. — Novamente.

Jonathan não falou nada. Verdade seja dita, odiou quando Hunter começou a arrastar sua noiva para todas as reuniões supostamente privadas. Isso arruinou o espírito de sigilo, mas Hunter não seria dissuadido; se ele estivesse lá, Gretchen estaria lá. As noivas e esposas dos outros homens sabiam do clube, mas não apareciam como Gretchen.

Costumava ser assim, odiava ver o rosto dela na mesa de pôquer dele. Agora? Agora que Violet estava de volta em sua vida? Percebeu. Entendeu aquele tipo voraz de possessividade que fez um homem querer arrastar sua mulher para o seu lado e nunca deixá-la sair. Droga, estava praticamente com vontade de arrastar Violet para fora da limusine no andar de cima e trazê-la com ele, mas isso causaria mais perguntas do que responderia.

Quando entraram no quarto, Reese tirou o charuto da boca e gesticulou com ele.

— Bem, bem, se não é o par perdido. Começávamos a pensar se vocês dois apareceriam.

— Nós tivemos negócios — Cade afirmou facilmente, indo em direção ao seu assento regular.

Jonathan não disse nada, indo para sua cadeira e pegando as fichas oferecidas a ele. Já à mesa estava o círculo interno da elite empresarial de Nova York. Havia Logan Hawkings, o bilionário proprietário do conglomerado, que atualmente encarava suas cartas com uma expressão impassível. Havia Hunter Buchanan, um rei imobiliário que possuía metade da costa leste. Sua noiva ruiva e desgrenhada Gretchen estava atualmente empoleirada em seu colo, rindo alegremente sobre suas cartas enquanto Hunter a observava com uma fascinação faminta.

Do outro lado da mesa, estava Griffin Verdi, um visconde europeu com um pedigree aristocrático e seu co-financiador frequente em escavações arqueológicas. Simplesmente balançava a cabeça para as artimanhas de Gretchen. Ao lado dele estava Reese Durham, recém-casado playboy que também recentemente adquiriu uma série de linhas de cruzeiro.

Parecia que no último ano, todos tinham ido de solteiros para casados ou indo nessa direção. Todos, exceto ele e Cade, é claro. Pensou em Violet novamente, e uma onda de intenso desejo o atingiu. Ele de bom grado desistiria de sua vida de solteiro por ela.

— Parece que todo mundo está aqui — afirmou Logan. — Esta reunião da Irmandade é oficialmente chamada à ordem.

— *Fratres em prosperitatum* ⁹ — disseram em uníssono, levantando os copos. Levantou um vazio para o brinde. Quando Reese lhe ofereceu uma garrafa de seu uísque favorito, balançou a cabeça. Normalmente tinha um copo só para ser social, mas o

⁹ Irmãos em paz.

pensamento de que cruzasse os lábios hoje parecia revoltante. Não tocaria, não com Violet esperando por ele.

— Então, rapazes, o que há no cardápio de negócios hoje à noite? Gretchen pegou o baralho de cartas e começou a embaralhar, ignorando os olhares que os outros lhe enviaram.

— Dominação mundial?

Ninguém disse nada.

Suspirou.

— Em algum momento vocês falarão de negócios na minha frente.

— Não esta noite — afirmou Reese, e apenas sorriu quando Gretchen lhe mostrou o dedo.

Impaciente, jogou sua aposta na pilha.

— Então, não há negócios hoje à noite? — Por que veio para a reunião, então? Pensou em Violet, sentada em seu carro, e desejava estar ao lado dela, apenas bebendo de sua presença.

— Caiu, garoto — Cade murmurou. — Te fará bem para dar-lhe uma pausa.

Jonathan olhou para ele.

— Dar a quem uma pausa? — Griffin perguntou, virando-se para eles.

— Ninguém — Jonathan falou antes que Cade pudesse responder. Sua relação com Violet era... privada. Privada e bastante emaranhada.

Cade assentiu na direção de Griffin.

— Como é essa sua adorável beldade sulista? Ainda se ajustando a ser a próxima Viscondessa Montagne Verdi?

Contava com Cade para dizer a coisa certa para distrair o homem. Reprimiu um sorriso quando Griffin fez uma careta, tirando as cartas da mesa.

— Estamos tendo visitantes esta semana — Griffin disse em um tom cortado. — Minha casa está infestada de “mamãe e eles.” Eles estão ajudando Maylee a escolher um local para o casamento.

— Você confia neles para fazer isso? — Reese perguntou.

— Claro que não. É por isso que eu contratei um organizador de casamentos para estar ao lado de Maylee o tempo todo. Minha adorável Maylee é pura bondade, mas tem um gosto terrível em roupas. — Por um momento, Griffin ficou com um olhar atônito no rosto, depois balançou a cabeça e pigarreou.

— Sim, como se você estivesse se casando com ela pelo gosto dela — afirmou Gretchen com um bufo. — Quero dizer, ela disse sim, então sabemos que o gosto dela nos *homens* é uma droga. — Griffin ignorou as palavras de Gretchen.

— Estou muito feliz por ela não tentar mais fazer com que seu cão seja o portador do anel.

Reese quase cuspiu seu uísque na mesa. Os outros riram, e Cade estendeu a mão e deu um tapa nos ombros de Reese quando começou a tossir. Não era segredo entre eles que Griffin foi o último a ficar noivo, do seu oposto – uma menina caipira do Sul que era tão amigável quanto ele era aristocrático e reservado.

Mais uma vez, pensou em Violet e seu sorriso torto e reservado. Não era aberta como a Maylee de Griffin. Talvez tivesse sido, uma vez, mas a Violet esperando na limusine era reservada. Como se apenas esperasse o próximo golpe cair, e estava certa de que estava chegando.

Odiava que ele tivesse feito isso com ela. O que aconteceu com a garota selvagem com *Carpe Diem* tatuada logo acima da bunda?

Mas sabia essa resposta agora. Foi abandonada durante a gravidez e depois perdeu o bebê. Isso a mudara e ele a perdera para sempre.

— Você está bem?

Olhou para suas cartas sem vê-las, sua mente ainda em Violet. Daria tudo para acertar as coisas com ela. Afinal, talvez ser amigo fosse um passo na direção certa. Ou talvez fosse egoísta da parte dele e precisasse sair da vida dela de novo, cortado como um câncer. O que era melhor para ela? Não sabia, mas o que quer que fosse, faria isso. Violet e sua felicidade eram a única coisa que importava. Talvez algum dia pudesse mostrar isso a ela.

Um cotovelo áspero arranhou seu braço.

— Olá? Terra para Johnny-boy. — Reese empurrou seu cotovelo para ele novamente.

— Você está dentro ou não?

Piscou com o sorriso de Reese sem vê-lo, depois olhou para suas cartas. Um par de reis.

— Eu dobro.

Afinal, dobrar lhe daria mais tempo para pensar em Violet.

Capítulo Seis

Umas poucas horas depois, o primeiro bocejo de Gretchen foi interrompido. Jonathan usou isso para se desculpar do grupo.

— Eu tenho um avião para pegar, garotos. Verei todo mundo na semana que vem. — Sacou as fichas e murmurou adeus, ainda distraído. A noite foi interminável, mas agora terminara e poderia voltar para a sua Violet. Praticamente correndo pelas escadas, saiu do porão e pelo corredor, de volta para o clube que ainda ressoava uma batida selvagem.

Tirou o telefone do bolso, pronto para mandar uma mensagem ao motorista da limusine para trazer Violet de volta, mas assim que chegou à rua, ficou surpreso ao vê-lo estacionado nas proximidades. Eles esperavam o tempo todo? Por que o pensamento dela esperando por ele o encheu de tanta alegria profana? Foi para a limusine e bateu na janela.

Rolou o vidro e Violet o olhou com olhos sonolentos.

— Tudo feito?

— Tudo feito — afirmou ele.

Abriu a porta e se aproximou quando ele entrou. Assim que fechou a porta, ficou surpreso quando lhe ofereceu uma xícara de café.

— Este é seu. Ainda prefere preto?

Ele não fez, mas faria por ela.

— Obrigado. — A xícara ainda estava quente através do papelão.

— Você... foi tomar café?

— Várias rodadas de café, na verdade. — Deu-lhe uma careta triste. — Bebi o primeiro e voltamos novamente, e até fizemos uma visita ao banheiro. Eu queria algo para beber para passar o tempo.

— Você não foi às compras?

Fez uma careta.

— Claro que não. Aqui está seu dinheiro de volta, menos o custo do café, é claro. — Segurou o dinheiro para ele.

Aceitou estranhamente satisfeito com o pensamento de Violet esperando por ele, mesmo pensando nele o suficiente para conseguir um café.

— Sinto muito que demorei tanto.

Acenou com a mão.

— Eu fiz algumas pesquisas no meu telefone enquanto você estava na sua reunião. Imaginei que poderia trabalhar enquanto você estivesse lá, já que é para isso que você me contratou.

— O que você descobriu?

— Bem. — Violet colocou a xícara de café em um suporte próximo e levantou o telefone, arrastando o polegar pela tela. Estava fascinado por aquela pequena ação, por seus dedos delicados enquanto se moviam através do rosto de seu smartphone, digitando. — Comecei com “Ozymandias”, é claro, já que estava na minha nota. Mas quanto mais eu leio sobre impérios caídos e passados trágicos, mais me pergunto se é algum tipo de vergonha de filha velada. Conhecendo meu pai, isso poderia ser parte da razão pela qual ele *me* deu o poema. — Lançou-lhe um olhar de lado.

— O que me irritou, então tentei um caminho diferente. Então eu me concentrei em “Glirastes”. Não demorou muito para descobrir qual era a conexão.

Antecipação se desenrolou em sua barriga.

— E o que é isso?

Seus olhos brilhavam quando ela sorriu.

— Um amante de arganaz.

— Um o quê? — riu de sua expressão, e estava fascinado pelo som, pelo jeito que sorria. Deus, sua felicidade sozinha fazia seu pau duro como uma rocha. Ansiava por tocá-la, sentir aquela pele macia sob os dedos. Em vez disso, apenas agarrou o copo de café com mais força.

— Um amante de arganaz — repetiu, ainda sorrindo. — Parece que o apelido de Shelley para sua esposa era “arganaz”, e então escolheu “Glirastes” como pseudônimo para uma piada interna. Isso significa amante de arganaz.

— É um petisco interessante, mas por que seu pai diria isso?

— Bem. — Violet inclinou a cabeça e começou a rolar através de seu telefone novamente. — Lembra-se que minha carta tinha certas partes de palavras escritas em uma tinta mais forte do que as outras. Se eu pegar todas as letras em negrito, ela diz, treze passos abaixo.

— Sim, mas embaixo de quê? Onde começamos a procurar?

Ergueu um dedo novamente.

— Estou chegando lá. Então, “arganaz” era aparentemente um apelido que Percy deu a Mary durante seu tempo em uma cidade

chamada Marlow, que fica no rio Tamisa. E Marlow é mais conhecido por uma velha ponte suspensa. Esta ponte. — Puxou uma foto em seu celular e estendeu para ele.

Jonathan pegou dela. Por um momento se distraiu com o calor que restava de seu aperto, e teve que se forçar a focar na foto da ponte.

— Você acha que está aqui?

— É um bom lugar para começar como qualquer outro — disse a ele.

— Mas “Ozymandias” foi publicado pela primeira vez sob o nome “Glirastes”, e Glirastes entrou para jogar por causa do tempo que passaram em Marlow. Eu acho que podemos verificar debaixo da ponte. Quero dizer, se são treze degraus debaixo de uma casa, prefiro não rasgar o porão de ninguém sem tentar todas as nossas opções.

Olhou para ela, tão adorável nas sombras do carro.

— *Nossas opções?* — Essa pequena mudança em seu pensamento se destacou para ele. Por muito tempo, não queria fazer parte dessa perseguição. Praticamente plantou seus pés toda vez que sugeriu alguma coisa.

E agora Violet estava pesquisando em seu próprio tempo? Falando sobre procurar juntos?

Ela se inclinou e o cutucou com o cotovelo, o gesto parecido com o que Reese lhe dera antes. Exceto que desta vez reagiu completamente diferente. O corpo macio dela ao seu lado jogou o caos em seus sentidos, o cheiro fraco de seu perfume enchendo suas narinas, e seu corpo imediatamente respondeu ao seu toque, seu pau endurecendo.

— Eu acho que estamos nisso juntos — falou. — O que quer que meu pai queira que seja descoberto, quer que façamos juntos.

— Juntos — concordou. Gostou do som disso.

Violet se remexeu e no seu banco, tentando se sentir confortável. Apesar da hora tardia e da relativa delicadeza das poltronas de couro no jatinho particular, não conseguia relaxar. Talvez fossem as três xícaras de café que engoliu enquanto estava sentada na limusine. Talvez fosse o fato de que estavam a caminho de Londres para a próxima parte da caçada, e estava se sentindo excitada.

Suspeitava que eram todas essas coisas, mas jogue um Jonathan muito sexy e intenso sentado na sua frente? O sono era impossível. Vestia outro blazer sobre uma camiseta e jeans, e o efeito eram abertamente masculinos, confiante casual.

É triste dizer que ainda era afetada por sua presença. Seu relacionamento sexual acontecera há dez anos, mas a forma como seus mamilos pareciam reagir, você acharia que foi ontem que tinha a boca sobre eles. Claro, não podia culpar seus mamilos – não quando o resto do corpo também não jogava bem. Havia uma dor entre suas pernas que não acabava, e sua pele se arrepiava de consciência sempre que ele se aproximava o suficiente para ela sentir o cheiro de sua loção pós-barba.

Sua mente era a mais traidora de todas, porque toda vez que fechava os olhos, via o corpo dele se movendo sobre o dela. Não o Jonathan de dezenove anos de idade. Era do homem sentado em frente a ela, duro de músculos, olhos cansados e intensos ao mesmo

tempo. Era sexy como um garoto de faculdade, mas era totalmente devastador como um homem adulto.

E isso a deixava nervosa pra caralho.

Mexeu-se na cadeira novamente.

— Não consegue dormir? — Jonathan perguntou, e seu pé cutucou sua perna do outro lado do corredor.

Bem, não faz mais sentido fingir. Endireitou-se e apoiou o queixo na mão.

— Algo me diz que tudo o que a Starbucks fez foi uma má decisão. — *Sua proximidade não ajuda.* No entanto, não disse isso em voz alta. Não enquanto estavam em terreno neutro. Mas ainda assim, o homem deveria ter adivinhado que a sua sentada em frente a ela em um avião com pelo menos uma dúzia de outros lugares vazios a balançaria certo? Ou deveria saber que quando se sentasse com as pernas abertas e esparramadas como se fosse o dono do lugar, faria seu corpo arrepiar-se.

Caramba, ele provavelmente *era* o dono do lugar.

— Muito café — murmurou quando uma nova rodada de arrepios cutucou seus braços e esfregou-os.

O sorriso que ele lhe deu foi lento, lindo, seu olhar totalmente focado nela.

— Você precisa relaxar um pouco.

Por alguma razão, se sentia nervosa e palpitante sob aquele olhar intenso.

— Eu acho que sim. — Agora que eles prometeram ser apenas amigos, parecia que o corpo dela – corpo estúpido, estava fixado em outras coisas que não eram de amigos.

— Posso te fazer uma pergunta?

Seu coração começou a bater mais rápido, e seu olhar foi para sua boca sensual. No entanto, tentou jogar casual.

— Oh, hum... pergunta? Certo?

— Quantas mais acha que haverá?

Pela a vida dela, não conseguia descobrir do que ele falava.

— Quantas mais?

— Cartas? Pistas para seguir?

— Oh! — Sua mente estava em qualquer lugar, menos em seus negócios reais juntos.

— Normalmente, eram cerca de quatro.

— Mmm. Então, falamos de mais duas. — Esfregou o queixo pensativamente.

Violet se viu encarando seus longos dedos enquanto ele esfregava. Flexionou a sua mão. *Calma garota. É somente Jonathan, disse para seu coração idiota.* Exceto que não tinha tanta certeza de que acreditava mais nisso.

— Não fique muito animado — desabafou. — Cada uma dessas perseguições resultou em ser uma decepção no final.

— Mesmo assim. — Continuou a esfregar o queixo preguiçosamente, e ela teve que segurar a vontade de tirar a mão dele

de seu rosto. Essa fricção lenta e pensativa estava levando-a à distração.

— Tem que haver um ponto para este pequeno jogo post-mortem⁹ dele. Mesmo se descontarmos o fato de que escondeu seus diários, não é como o Dr. DeWitt para roubar um local de escavação.

— Eu já falei o ponto — disse Violet, sua irritação aumentando um pouco.

— Ele quer me colocar de novo em sua vida, então você continuará financiando todos os seus projetos. Meu rosto na frente do seu será um pequeno lembrete do que quer. Isso tudo é apenas mais manobra dele.

— Mmm. Você parece com raiva. Ele não era um bom pai para você, não é?

Ela suspirou.

— Falaremos sobre isso agora?

— O que há de errado agora? Afasto você do seu sono? — Droga, agora lhe dava aquele sorriso letal novamente, como se compartilhassem um segredo.

— Não — retrucou, seu tom um pouco mais brusco do que deveria ter sido. Violet se endireitou na cadeira novamente.

— Mas de nós dois, você é o único que parece ter lembranças agradáveis dele.

— Não me lembro de você odiá-lo naquele verão...

— Isso foi um acaso — interrompeu. Sabia exatamente como se sentia em relação ao pai e não precisava de mais ninguém para lembrá-la.

— Isso foi quando eu ainda achava que poderia fazer com que se importasse comigo. Aprendi minha lição e não cometi esse erro novamente.

— Acho difícil acreditar que ele não se importava com você — afirmou Jonathan em voz baixa.

— Na verdade, acho quase impossível conceber alguém que não goste de você.

Ela se contorceu em seu assento. Certamente confundiu o calor em seu tom. Era sua própria imaginação em ação.

— Meu pai se importava somente com uma pessoa e uma pessoa somente. Ele mesmo. Tudo o que fez foi promover suas próprias ambições. Destruíu minha mãe com sua negligência.

Jonathan inclinou a cabeça, a olhando.

— Dr. DeWitt nunca falou sobre sua mãe.

— Isso não me surpreende.

— Por quê?

— Bem, o que há para conversar? — Violet descansou a cabeça contra as costas da cadeira e tentou pensar em sua mãe sem lágrimas nos olhos. Foi surpreendentemente difícil; todas as lembranças de Connie DeWitt envolviam sua depressão, sua bebida e como isso lhe afetara. — Ela se casou com ele quando tinha vinte anos e ele tinha cinquenta. Minha mãe era uma de suas alunas, quando ainda dava aulas na universidade. Era jovem e bonita e totalmente apaixonada por ele. Ele foi bem... era um velho perverso.

Jonathan não riu.

Violet deu de ombros e prosseguiu. — Eles me tiveram alguns anos depois, e praticamente depois disso, meu pai ficou mais e mais famoso, e quanto mais famoso ficou, menos voltou para casa. Levou minha mãe à depressão e, quando as drogas não funcionaram, se embebedou. Chorou por tudo.

Sua garganta ficou seca e pensou em sua infância solitária, cheia de quartos escuros e andando na ponta dos pés pela sala, porque sua mãe estava desmaiada e bêbada no sofá. Pelo menos quando mamãe dormia, não chorava. O choro era pior que qualquer coisa.

— Meu pai aparecia alguns meses depois e tudo ficaria ótimo por cerca de um dia ou dois. Então começavam a brigar, minha mãe chorava e ficava deprimida de novo, assim que ele saía pela porta.

— Eu estou supondo que é por isso que é tão difícil para você confiar nas pessoas.

Deu-lhe um olhar afiado, as mãos torcendo no colo. Mas não havia julgamento no olhar de Jonathan, nenhuma reprovação, apenas aquela intensidade perversa que achava tão fascinante. Como se fosse um quebra-cabeça que deixou de lado por dez anos e decidira resolver de novo. Exceto que não precisava resolver ou salvar. Estava indo bem sozinha.

— Tenho certeza de que meu pai parecia um modelo para você, mas ele só era bom para as pessoas que conseguiam o que ele queria. Ao resto de nós, simplesmente não dava a mínima.

— Eu nunca soube — falou suavemente.

— Isso é porque eu nunca deixo ninguém saber que isso me incomodou — confessou, e ficou surpresa ao ouvir aquelas palavras saindo de sua própria boca. Quantos anos de terapia foram necessários

para chegar lá? Sabia que não era boa em compartilhar. Entendeu isso muito bem. Esperava que todos ao seu redor viessem atrás dela por algum interesse.

Não é de admirar que tenha assumido o pior sobre Jonathan.

Você não sabe se isso não é verdade, se repreendeu. Ainda assim, continuava pensando em seus dias de bebedeira e em como estava chateado quando o atacou. Beber até entrar em um estupor não era a ação de uma pessoa feliz. Sabia disso por experiência com sua mãe. Você bebe para esquecer o mundo.

Talvez tivesse retido muito dela mesma uma vez.

Talvez não fosse inteiramente culpa de Jonathan que não tivesse vindo atrás dela. Talvez não tivesse deixado seus sentimentos claros o suficiente. Talvez não tivesse sido clara o suficiente sobre o bebê. Aos dezenove anos, dançar entorno do tema do casamento e da família e depois enviar um bilhete pareceu óbvio. Dez anos depois, parecia apenas infantil. Talvez não o tivesse deixado entrar o tempo suficiente para que visse a verdadeira garota debaixo de toda a armadura, a adolescente grávida assustada e solitária que só queria uma família dela com alguém que não bebesse ou desaparecesse periodicamente.

Mordeu o lábio. Deus, odiava pensar no passado. Olhou de volta para Jonathan.

— Assim... Como os últimos dez anos trataram você?

— Eles foram solitários.

Sabia por quê. Ele contou que sentia falta dela. Isso a deixou... Desconfortável. E também sem fôlego e excitada, mesmo sabendo que

não deveria estar. E com raiva de si mesma por estar sem fôlego e excitada. Violet acenou com a mão.

— Além disso, quero dizer.

— Eu estive ocupado com projetos. Os primeiros dois anos depois que eu saí da faculdade, passei a colocar a empresa de carros de pé. Na maior parte, foi preciso um pouco de gerenciamento e algumas ideias novas.

— Agora você está sendo modesto — declarou. Leu os artigos da revista *Time* sobre como suas ideias criativas e investimentos inteligentes transformaram a Lyons Motors e os tornou uma força a ser considerada.

Ele encolheu os ombros.

— É só trabalho. Não é onde meu coração está. Assim que a Lyons Motors pôde funcionar, comecei a viajar.

— Viajando? — perguntou um toque melancólico. Teve uma época que queria viajar tanto quanto ele.

— Onde você foi?

Um lampejo de prazer real cruzou seu rosto, e seu corpo reagiu para ver isso.

— Para onde eu não fui? — indagou. E para sua surpresa, se levantou da cadeira e se sentou no assento ao lado dela. Começou a protestar até que ele pegou o seu tablet e começou a mostrar suas fotos de suas viagens.

E então, ficou fascinada.

— Você foi para Macchu Picchu? — agarrou a mão dele, parando-o na foto atual antes que pudesse passar por ela. Seus dedos trancaram e entrelaçaram com os dela, algo que tentou não notar.

— Eu já estive lá duas vezes — afirmou. — É fascinante, mas não tão intocado como as Galápagos ou mesmo a Ilha de Páscoa.

Sua respiração ficou presa na garganta.

— Você já esteve na Ilha de Páscoa?

Balançou a cabeça e a olhou, e seu polegar esfregou contra um dos dedos dela ainda emaranhados com os dele. Um acidente, disse a si mesma.

— Quer ver fotos?

Ela assentiu.

Ele puxou a mão dela – quase com relutância, e começou a passar pelas fotos novamente.

Nas duas horas seguintes, Jonathan mostrou suas fotos e contou-lhe histórias de suas viagens. Enquanto lutava pela faculdade e trabalhava em empregos para sobreviver, ele viajava para um lado do mundo e descendo o outro. Havia fotos da Antártida, do Tibete, da Grande Muralha, do interior australiano, das cavernas aquáticas na Tailândia, das estepes da Mongólia e de locais mais incríveis. Cada lugar tinha uma história, e Jonathan a preenchia com os detalhes. Como a água era saborosa na Islândia, como você não podia jogar seus resíduos – mesmo resíduos humanos – na Antártida. Como os povos nômades ainda cruzavam as estepes na Ásia. Como Tóquio parecia estar acesa como o Natal a cada hora do dia.

Tudo era maravilhoso, e a maneira como descreveu com tanto entusiasmo a fez imaginar que estava ali com ele, mergulhando de snorkel na Grande Barreira de Corais, saltando de paraquedas sobre o Grand Canyon, fazendo uma maratona na Antártida. Aconchegou-se contra o ombro dele e olhou para as fotos enquanto falava, e sonhava em estar lá com ele, vivendo a vida ao máximo.

Em certo momento, porém, sua cabeça começou a cansar e ela bocejou.

Jonathan colocou o tablet longe, mas não se levantou.

— Durma um pouco, Violet. Nós temos um longo voo esta noite.

— Eu deveria. A cadeira é desconfortável. Não é feito para pessoas curtas. — Ela enrolou as pernas debaixo dela agora que podia se apoiar em Jonathan, mas assim que ele se levantasse, estaria sem um adereço para se aconchegar.

— Você pode usar meu braço como travesseiro. Eu não me importo.

Sua voz era baixa e suave e parecia tão sonolenta quanto a dela.

Ocorreu a ela que deveria protestar e inclinar-se contra a janela ou algo assim. Mas Jonathan estava quente e cheirava bem e já estava lá. Nem precisava se mexer, de verdade. Apenas feche os olhos, cochile e deixe os seus braços fortes lidarem com as coisas.

Não deveria se inclinar contra ele, mas não se moveu. Não queria. Quando adormeceu, ocorreu-lhe que nunca chegou a perguntar a Jonathan as coisas que realmente queria perguntar-lhe sobre os últimos dez anos. Coisas como se teve uma namorada, uma esposa ou qualquer criança. Coisas importantes.

Mas então adormeceu, e isso não importava.

—

Jonathan não moveu um músculo quando ela se enrolou contra ele e dormiu tão confiante quanto um gatinho. Seu cabelo escuro estava contra sua bochecha, tão brilhante e macio que desejava tocá-lo. Mas não se moveria, para que ela não acordasse, percebesse quão perto tinha enfiado seu corpo contra o dele e voltasse a si.

Em vez disso apenas saboreou o momento. A sensação quente de sua forma menor contra a dele. Sua pele macia onde escovava contra a mão dele. A respiração regular que tomou, até mesmo o pequeno ronco que emitiu quando a cabeça dela inclinou para trás um pouco. Amava tudo isso.

Pensou sobre suas conversas hoje à noite. Foi duro para ele ver o desejo em seus olhos quando mostrou suas fotos de suas viagens. Evitava mostrar fotos das viagens que fizera com o pai, sem vontade de azedar o humor dela. Mostrou suas viagens pessoais em vez disso, viagens pelo mundo todo com amigos, família e às vezes sozinho. Para ela, representavam aventuras. Para ele, eram apenas distrações – outro desvio para tentar impedi-lo de pensar em sua dolorosa solidão e na saudade que sentia dela.

Mas não estava mais solitário. Ela estava aqui e estava enrolada ao lado dele. Seu coração estava tão cheio que poderia explodir de alegria.

Pensou em DeWitt e seus envelopes. Quatro rodadas destes. Cinco, se tivesse sorte. Isso não seria tempo suficiente. Nunca haveria tempo suficiente. Teria que descobrir um jeito de esticar as

coisas, fazer com que seu tempo com Violet durasse o maior tempo possível... sem levantar suas suspeitas, é claro.

Em seu sono, ela suspirou e se enterrou em seu braço, murmurando algo em voz baixa.

Muito ousado, alcançou com a mão livre e gentilmente tirou uma mecha de cabelo escuro da testa dela. Não se mexeu, apenas continuou a dormir.

Se houvesse uma maneira de estender isso para mantê-la ao seu lado, faria isso. Faria qualquer coisa.

Capítulo Sete

— Este é Higginson Park¹⁰ — mostrou Violet, lendo o site de turismo que encontrou online. Seus dedos roçaram a superfície do tablet.

— Eu acho que é onde nós precisamos ir.

— Parece bom — afirmou Jonathan, apontando para o taxista. Ofereceu dinheiro ao homem quando pararam na High Street.

— Espere aqui e nós estaremos de volta em breve.

Eles saíram do táxi e se dirigiram para o parque juntos. Violet estava praticamente tremendo de excitação. Parecia idiota se preocupar com uma das cartas de seu pai, mas estava aqui no Reino Unido, prestes a revistar uma ponte de duzentos anos, atrás de uma pista que o pai deixou para trás, depois de sua morte. Teria que ser uma estátua para não ficar um pouco nervosa com isso.

Junte-se ao fato de que teve mais sonhos eróticos sobre Jonathan na viagem de avião e acordou para encontrar sua mão em sua coxa? Bem. Isso não ajudou em nada seus nervos.

Alisou o cabelo atrás de uma orelha e decidiu ignorar Jonathan e se concentrar em seus arredores. Havia árvores, flores e vegetação por toda parte. Era de manhã cedo e os céus estavam encobertos e cinzentos. Um leve nevoeiro pairava sobre o terreno, e ao longo de um dos caminhos podia ver uma placa decorativa onde se lia o *Caminho do*

¹⁰ Parque na Inglaterra.

Tâmisa. Apontou para ele e Jonathan assentiu. Havia apenas alguns vendedores pela estrada, e reprimiu um bocejo. Talvez depois que eles encontrassem o envelope do pai dela, poderiam ir a um café próximo e conseguir algo para acordá-la.

Ao se aproximarem do rio, vários patos começaram a nadar na direção deles, grasnando.

— Oh, queridos — exclamou com uma risada enquanto os patos continuavam a segui-los enquanto caminhavam.

— Eu acho que eles estão esperando um alimento.

— A menos que eles queiram um chiclete, não tenho nada para eles. — Riu novamente, colocando outra mecha de cabelo atrás das orelhas. A risada morreu quando viu o olhar intenso e quase faminto que Jonathan lançou em sua direção. Deus, como pensou que poderiam sair juntos como amigos? Ele não sabia como ser amigável com uma mulher. Tudo o que sabia fazer era devorá-la com os olhos.

Como fazia agora.

Desviando o olhar, deu outro passo experimental para frente e os patos continuaram a nadar ao lado.

— Devemos conseguir algo para distraí-los — ela disse. — Você quer ir a um café nas proximidades e comprar alguma coisa?

— Eu suponho que eu poderia — falou lentamente. — Você quer alguma coisa também?

— Isso seria adorável — falou, piscando-lhe um sorriso. — Três açúcares, creme extra?

Assentiu e correu pelo caminho, indo na direção oposta de onde ela estava. Ela o observou ir, admirando as linhas de seus ombros

em sua jaqueta e a forma como sua bunda preenchia as costas de seu jeans. *Maldito por não ter uma barriguinha e uma careca*, pensou com um sorriso autodepreciativo. Então, se virou e marchou para a ponte Marlow, com o tablet apertado na mão.

Seguindo a trilha, logo chegou à ponte e se aproximou de uma placa colocada entre os tijolos, curiosa apesar de tudo. *Marlow Suspension Bridge*¹¹ leu, juntamente com o nome do designer.

Escaneou, mas não havia menção de Ozymandias, nenhuma menção a Percy Shelley, e sentiu um pouco de dúvida. E se eles estivessem errados? Certamente seu pai não queria que dessem treze passos embaixo da ponte.

Afinal de contas, treze passos abaixo levariam praticamente para a água. Olhou para os patos ouvindo seus grasnidos, ansiosos por migalhas.

Então, encolheu os ombros e sentou-se no banco gramado, soltando as fivelas no tornozelo de seus saltos altos. Depois de seu despertar desorientado, se armou em seu traje de professora. Com uma saia de lã na altura do joelho, um cardigã de mangas compridas recatado e saltos baixos e com tiras, se sentia como uma pessoa normal, controlada e cuidadosa. Essa era a mulher que era agora, disse a si mesma. Não a garota que se apaixonara por um garoto universitário intenso, de olhos cheios de alma, há muito tempo.

A frota de patos grasnou e correu para longe dela, e olhou para cima para ver Jonathan retornando, dois cafés e uma pequena sacola marrom na mão. Franziu a testa enquanto ela tirava o primeiro sapato.

¹¹ Ponte suspensa sob o rio Tâmis.

— O que você está fazendo, Violet?

— Preparando-me para entrar na água.

Perto dali, um ganso grasnou.

Ele a olhou, com uma expressão concentrada.

— Está frio. Deveria ser eu a fazer isso.

— Está frio — concordou Violet, movendo as mãos para o outro sapato e trabalhando nas correias. — Mas também é o meu pai quem nos mandou nessa caçada, então sou eu quem entra.

Ficou em silêncio por um longo momento, sem dúvida formulando um novo argumento, Violet imaginou. Ficou surpresa quando capitulou.

— Muito bem — exclamou Jonathan. — Apenas tenha cuidado.

— Eu terei — afirmou, e jogou o outro sapato no banco.

— Você terá que alimentar os patos e mantê-los longe de mim — pediu, e olhou para ele.

Sua respiração escapou de sua garganta.

O seu olhar intenso se movia do rosto para as pernas, e as mãos dele seguravam os cafés com tanta força que podia ver o branco dos dedos dele. A expressão em seus olhos era pura luxúria enquanto olhava para suas pernas cobertas de meias, que inconscientemente esparramou no aterro. Havia uma protuberância proeminente na virilha de seus jeans.

Oh.

Violet se virou, as bochechas coradas, e pegou um sapato e fingiu mexer em uma das finas fivelas. Jonathan ficou excitado ao vê-la

tirando os sapatos na beira do rio. Deveria estar chocada. Realmente deveria estar.

Em vez disso, sentiu uma dor antiga e familiar entre as pernas. Sua respiração acelerou, abaixou o sapato e fez a pior coisa imaginável.

Engatou a saia recatada para o alto das coxas e começou a rolar lentamente uma coxa até a perna com grande cuidado. Queria assistir? Ela lhe daria algo para ver.

Engraçado como o pensamento dele observando-a se despir fez sua respiração acelerar.

Muito lentamente, rolou a meia para baixo da coxa. Seus dedos roçaram o joelho e mordeu o lábio, hesitou, e depois continuou descendo, puxando gentilmente a meia para baixo da panturrilha. Arqueou o pé e apontou os dedos dos pés enquanto levantava a perna no ar e cuidadosamente tirava a meia.

— Você não se importa se eu for a que entra para a água, não é? — perguntou com uma voz sensual, colocando a meia na grama.

Quando não respondeu, olhou por cima.

O rosto dele estava sério, as linhas de sua boca rígidas e achatadas. Poderia ter parecido bravo se não fosse pelo olhar escuro e esfumaçado em seus olhos que viu tantas vezes antes.

Estava incrivelmente excitado.

E de repente, sentiu como se brincasse com fogo. O que fazia? Por que se importava se ele estava excitado com a visão dela tirando suas meias? Jesus, estava louca? De repente queria se chutar. Este não era

o jeito de mantê-lo na zona de amigos. Isso era apenas ela torturando-o com o que não poderia ter.

Foi um pouco sem classe por parte dela.

Um dos gansos grasniu de novo, como se concordasse.

Irritada consigo mesma, empurrou a outra meia, empurrando-a pela perna o mais desajeitadamente possível. Quando ambas as pernas estavam nuas, se levantou e parou no banco. Originalmente planejava tirar o cardigã para ver como Jonathan reagia a ela vestindo apenas uma pequena camiseta por baixo, mas que de repente parecia uma ideia incrivelmente estúpida. O que estava *pensando*? Franziu a testa para si mesma e abotoou o cardigã bem alto.

— Apenas segure meu café até eu terminar, tudo bem?

— Claro — afirmou com aquela voz baixa e ardente.

Arrepios percorreram seu corpo. Ignorou-os. Limpando a saia, se dirigiu para a beira da água.

— Treze passos, certo?

— Treze — concordou tensamente. — Seja cuidadosa.

— Eu ficarei bem — assegurou Violet, feliz pela distração. Foi na ponta dos pés até a beirada. Era difícil dizer quão profundo a água era do banco, mas havia uma ponte, então isso significava profundo, certo? Balançou um pé e mergulhou o outro, tentando determinar quão profundo era.

Para sua surpresa, só chegou à sua panturrilha.

— Uau. Não é tão profundo assim. Talvez o rio esteja baixo no momento. Deu mais um passo e deixou a saia presa cair, já que estava

claro que não se molharia. Outro passo e se virou, olhando para Jonathan.

— Você acha que são treze passos da ponte, ou treze passos na água?

— Seu palpite é tão bom quanto o meu.

— Bem — disse Violet, e colocou as mãos nos quadris.

— Nada a fazer além de passear e espero que eu acerte algo com meus pés, então.

— Seja minha convidada — pediu Jonathan. — Eu estarei aqui na margem com café e bolinhos.

— Besta — brincou, sentindo-se um pouco mais à vontade. Não parecia que ele segurava seu pequeno strip-tease contra ela, o que era bom.

— Se você quebrar esses bolinhos, fique de olho nos patos. Eles mastigarão o seu braço para chegar a esse pão, eu suspeito. — Mesmo agora, eles estavam pairando perto dele, ignorando-a.

— Guardarei meus muffins para você — ele afirmou, e a diversão voltou à sua voz. Boa. Ficou aliviada ao ouvir isso.

Violet se arrastou ao longo do fundo lamacento do rio, movendo-se lentamente e sentindo em volta com os dedos dos pés. A água estava fria, mas superficial, e tomou seu tempo, não querendo pisar alguma coisa e sentir falta dela. Ficou mais profundo quando se moveu mais para dentro, e acabou levantando a saia um pouco mais. Havia um pequeno cemitério e uma igreja do outro lado do rio, e se perguntou se estava começando do lado errado. Isso tem significado? Shelley foi

enterrada lá e procuravam no lugar errado? Agora que eles estavam aqui, a pista parecia muito vaga.

— Como está indo? — Jonathan falou depois de um tempo.

— Nada — ela contou, virando-se e movendo um ou dois passos, em seguida, voltando o caminho que veio, em direção ao banco. Olhou para ele com o café dele, tomando-o enquanto a observava.

— Começo a pensar que não deveria ter sido tão rápida em ser voluntária. Esse café parece muito bom.

— É muito bom — afirmou Jonathan. — Mas eu prometo não saborear uma quantia injusta.

Balançou a cabeça, sorrindo.

— Você acha que tem uma caixa de algum tipo enterrada aqui? E se foi pega pela corrente e levada para longe? O que faremos então?

— Não sei — disse Jonathan. — Pode levar algumas semanas para encontrá-lo.

— Esse é um pensamento bastante sombrio.

— Não é? — Não souo como se não gostasse da ideia.

E isso a fez se perguntar. Manteve-se perguntando a si mesma, no entanto, e continuou a marchar, subindo e descendo a margem do rio. Tentou treze passos para fora da costa. Tentou treze passos para fora da base da ponte. Tentou pequenos passos. Tentou passos largos. Mas tudo o que havia sob seus pés era a lama do rio. Foi para frente e para trás sobre cada centímetro da margem do rio que a ponte cobria, e quando tudo isso não resultou em nada, olhou para Jonathan novamente.

— Eu não estou percebendo nada — afirmou. — Não há nada além de lama. Devemos tentar o banco oposto?

— Nós podemos — falou, ficando de pé.

— Quer atravessar a ponte?

— Na verdade, eu tenho certeza que é superficial o suficiente — começou, indo em direção ao meio do rio, para eu atravessar.

Seu pé não se conectou e todo o seu corpo foi para baixo da água.

Por um breve e assustador segundo o mundo de Violet não passava de água. Ouviu uma voz masculina gritar seu nome, o som sombrio. Então seus pés tocaram o chão, apenas um pouco abaixo, e se empurrou de volta, ofegante.

Sua cabeça quebrou a superfície e empurrou a água corrente para fora de seus olhos, cuspiendo em indignação.

Um momento depois, duas mãos fortes a agarraram e foi puxada contra uma grande forma masculina.

— Violet! Você está bem?

Piscou a água do rio para fora de seus olhos, surpresa ao vê-lo bem na frente dela. Ele foi direto para resgatá-la, seus jeans estavam molhados até o joelho, e tinha certeza de que ele ainda usava seus sapatos.

— Eu... Eu acho que estou bem — afirmou fracamente. — Apenas surpresa.

— Cristo, você me assustou — falou com uma voz irregular, os dedos apertados em seus braços. Era como se estivesse tentando tirar um pouco da água de seu suéter apenas tocando-a. A imagem mental disso a fez rir. — Não é engraçado — retrucou Jonathan.

— É um pouco engraçado — admitiu, ainda rindo. Teve que rir de si mesma. Foi divertido.

— Observe o próximo passo.

Bufou. — O que você tropeçou? É um cofre?

— Não é nada. Acabei de entrar em um buraco, isso é tudo. Perdi meu pé e fui para baixo. — Mesmo agora, se sentia boba. O rio não era tão profundo, e ela de alguma forma conseguiu se enterrar. *Ótimo, Violet.*

— Sem cofre, infelizmente.

— Bem, o que quer que fosse já terminou de procurar. — Puxou-a contra ele, seus braços indo em volta dela quando começou a puxá-la para a margem.

Embora estivesse sendo um pouco pesado com as coisas, Violet não reclamava. Suas roupas estavam agarradas ao seu corpo e agora a manhã passara de um pouco frio para um frio perverso, e a única coisa quente era o grande corpo de Jonathan pressionado contra o dela. Ignorou a aderência úmida do tecido aos seios.

— Posso andar sozinha.

— Claramente, você não pode.

— Jonathan.

— Violet, não me faça levar você de volta para a margem — avisou.

— Oh, por favor. Você não poderia se você tentasse.

Ele a olhou e lhe deu um olhar desafiador.

— Isso é um desafio?

— Apenas falando como eu vejo.

Sem uma palavra, se inclinou e a agarrou por trás dos joelhos, puxando-a em seus braços. Ela deu um grito de medo e se agarrou aos ombros dele enquanto empurrava a água.

— Nós cairemos!

— Eu não deixarei você — garantiu a ela. — Pare de se mexer.

Estava fluindo água em todos os lugares, e estava com medo de Jonathan a deixaria cair. Não era mais uma adolescente delicada. Era sólida agora, com as curvas de uma adulta e o vício de uma adulta para Ben & Jerry's¹². Mas ele não estava colocando-a no chão, então fechou os olhos e torceu pelo melhor.

Alguns momentos depois, sentiu os passos dele mudarem, e quando olhou para baixo, Jonathan tinha chegado ao banco. A água escorria de seus jeans e seus tênis esmagavam a cada passo. Fez uma pausa e gentilmente colocou os pés no chão, lhe dando um olhar presunçoso.

— Você não é pesada, você sabe.

Ela apenas revirou os olhos.

— Você não é o Príncipe Encantado, você sabe.

O olhar provocante desapareceu de seu rosto, substituído por uma expressão de dor, rapidamente mascarada com polidez.

Ela se sentiu como uma idiota. Quis dizer o comentário do *Príncipe Encantado* de uma maneira provocante, referindo-se à maneira como ele a carregou como uma princesa que precisava de seu herói. Aparentemente tomou o caminho errado. Então apenas cruzou os braços sobre o peito para esconder os seios e estremeceu no banco.

— O que fazemos agora? Quer experimentar o outro lado?

— Pegue minha jaqueta — ordenou, tirando-a.

— Você não está com frio?

— Estou bem — afirmou bruscamente, empurrando o blazer sobre os ombros antes que pudesse protestar.

Não estava bem. Esse não era o tom de voz de um homem que estava bem, mas não queria discutir com ele. Passou os braços pelas mangas da jaqueta dele, agradecida de que pelo menos fosse capaz de esconder seus mamilos muito espertos.

— Obrigada.

— Atravessaremos a ponte e tentar o outro lado. Desta vez farei a exploração.

Ela fez uma careta, mas não protestou. Não foi capaz de encontrar nada sozinha. Talvez tivesse mais sorte do que ela.

Recolheu seus sapatos e meias e seguiu-o. Pegaram as xícaras de café – o conteúdo derramara quando Jonathan mergulhara no rio atrás dela – e ela cheirou a seu tristemente. Os patos atacaram o saco de papel assim que bateu no chão, e não restou nada além de farrapos e migalhas.

— Tanto para o café da manhã — murmurou, na esperança de restaurar seu humor fácil de mais cedo.

Jonathan não respondeu, apenas pôs a mão nas costas dela e a conduziu para a ponte.

Suspirou para si mesma e deixou que a guiasse.

Eles acabaram de pisar na área designada da trilha da ponte quando Jonathan se endureceu ao lado dela.

— O que é isso? — perguntou curiosa.

Ele a olhou, seus olhos brilhando de uma forma que fez seu pulso acelerar.

— A carta dizia treze passos embaixo, certo?

— Sim.

— E se houvesse uma vírgula?

— Uma vírgula — repetiu, não seguindo seu raciocínio. Estava muito distraída com aquele olhar malicioso em seus olhos. Oh, Deus, esse olhar de suas memórias. Era o mesmo que lhe dera pouco antes dele cair sobre ela. Que *esperar até você conseguir uma carga desse* olhar que sempre prometeu – e entregou – coisas tão boas.

Realmente, *realmente* precisava parar de pensar em sexo entorno dele.

— Treze passos — contou Jonathan — vírgula, embaixo.

Realização amanheceu. Treze degraus embaixo. Olhou para trás no começo da ponte suspensa.

— Treze passos de lá, você acha?

Jonathan já correu de volta, e o viu se virar e então começou a contar em voz alta. Passou por ela e fez uma pausa. — Treze. — Então, ficou de joelhos e enfiou a cabeça sobre o lado da ponte. Um momento depois, se inclinou e todo seu torso se moveu sobre beirada.

— Jonathan, tenha cuidado — e advertiu enquanto ele torcia seu corpo mais para o lado, alcançando algo que não podia ver.

— Entendi — falou, e então segurou um envelope alguns momentos depois.

Violet gritou e dançou no lugar; e não se conteve.

— Você fez! Você achou! Jonathan, você é um gênio!

Ele se sentou de costas, apenas sorrindo para ela como se tivesse ganhado um prêmio, e Violet teve que cerrar os punhos para evitar ir e plantar um grande beijo feliz em seu rosto. Deveria estar mal-humorada por ser capaz de encontrá-lo tão facilmente, mas estava simplesmente excitada por ele ter encontrado. Parecia que eram uma equipe.

Sentou-se ao lado dele na passarela, ignorando as pessoas que tinham que manobrar entorno deles, e olhou por cima do ombro enquanto virava o envelope em suas mãos. Era maior do que ela achava que seria e selado inteiramente em uma fina camada de plástico. O exterior era simples, mas podia ver o nome deles escrito na frente com a caligrafia do pai.

A visão disso enviou uma pontada de emoção através dela. O que seu pai pensava quando colocou aqui? Qual foi o seu objetivo? Olhou para o envelope lacrado, desejando que tivesse entendido seu pai só um pouquinho. Mas mesmo na morte, ele era inescrutável para ela.

Jonathan ofereceu o envelope para ela.

— Você quer fazer as honras?

Balançou a cabeça.

— Você achou. Você abre. Parece apenas justo.

Ele deu um sorriso para ela e depois rasgou o plástico que cobria o envelope. Soltou-a e enfiou um dedo sob o selo de cera, e depois enfiou a mão dentro.

Capítulo Oito

Jonathan tirou dois envelopes amarelados familiares da cobertura de plástico, cada um com seu próprio selo. Um tinha o nome dela e o outro, o de Jonathan. Entregou o envelope com o nome dela para ela, e quando ela hesitou, disse gentilmente:

— Por que você não abre o seu primeiro?

Assentiu e respirou fundo. Esta era apenas outra pista. Não havia razão para estar nervosa. Era apenas mais dos jogos de seu pai que levariam a mais uma pista insatisfatória e, provavelmente, a um prêmio insatisfatório. Tirou o envelope da mão dele e abriu o lacre de cera, depois retirou a carta de dentro. Examinou as linhas de texto e começou a ler em voz alta.

— Vire-se, Fortuna, gire o volante e abaixe o orgulho;

Gire sua roda selvagem pela luz do sol, tempestade e nuvem;

A tua roda e a ti não amamos nem odiamos.

Por sua vez, Fortuna, gire sua roda com um sorriso ou franzir a testa;

Com essa roda selvagem, não subimos nem descemos;

Nosso tesouro é pequeno, mas nossos corações são ótimos.

Sorria e nós sorrimos os senhores de muitas terras;

Franzindo a testa e sorrimos os senhores de nossas próprias mãos;

Pois o homem é homem e senhor de seu destino.

Por sua vez, vire o volante acima da multidão que está olhando;

Tua roda e tu são sombras na nuvem;

A tua roda e a ti não amamos nem odiamos.

Terminou de ler e franziu a testa.

— O que é essa obsessão com a poesia?

— Você amou poesia uma vez. Eu lembro bem disso. Talvez seja por isso que selecionou poemas para suas mensagens.

É verdade que amava poesia... Amou uma vez, talvez. Quando era romântica e boba. Perdeu todo o interesse nisso quando a realidade lhe deu um tapa na cara. Ignorou o astuto comentário de Jonathan, e examinou a carta novamente, procurando por dicas.

— Eu não vejo uma pista como antes. Deve haver uma mensagem no significado do próprio poema. Ou isso, ou o seu tem a mensagem e a minha é apenas um blefe. — Olhou para ele.

— Você reconhece este poema?

Jonathan pegou a carta dela e a considerou. Depois de uma pausa, balançou a cabeça.

— Parece vagamente familiar, mas não sei quem escreveu isso.

— Bem, podemos pesquisar na internet — afirmou, pegando a carta de volta e dobrando-a cuidadosamente.

— O que o seu diz?

Abriu o envelope e uma pequena risada escapou dele.

— O quê? — tentou espiar por cima do ombro sem parecer muito ansiosa.

Ele ofereceu-lhe a carta. Pegou e digitalizou o conteúdo. Foram duas palavras simples: o *Kallista Hotel*.

Violeta ofegou.

— O Kallista? — Esse era o hotel em que eles tinham ficado juntos, naquele verão fatídico em Santorini.

— Eu sei. Imediatamente me fez pensar na escavação de Akrotiri. Seu pai tem que nos levar lá por uma razão.

Com a garganta seca, não disse nada por um longo momento. Não sabia o que pensar. Não queria voltar para Santorini, aquela ilha mágica onde eles se apaixonaram.

Mas parecia que seu pai estava determinado a mandá-los de volta. Isso era apenas para que pudesse jogar o passado em seus rostos e lembrar Jonathan de sua conexão com Violet? Certamente havia maneiras mais fáceis; sabia que Jonathan era generoso quando se tratava dos projetos de seu pai. Tudo o que tinha a fazer era pedi-lo que retiraria o talão de cheques. Então, por que isso? Por que mandá-los lá?

— Você está bem? — ele perguntou, sua mão roçando seu braço de um jeito que a fez estremecer.

Balançou a cabeça como se quisesse limpá-lo e entregou a carta de volta para ele.

— Você está pálida — constatou em uma voz firme. Levantou-se e ofereceu-lhe a mão.

— Venha.

— Estou bem — afirmou irritada, afastando a mão dele.

— Você não está bem — insistiu, e ofereceu-lhe a mão novamente.

— Deixe-me cuidar de você uma vez, Violet. Você está pálida e tremendo. Não gosto de ver isso. — Sua voz suavizou. — Deixe-me cuidar de você.

Sua pele se arrepiou com a intensidade em sua voz, e o olhou. Esse foco estava de volta em seus olhos, naquele ardor, naquela necessidade ardente que consumia tudo. Ela estava tremendo também, mas não por causa da carta. Por causa do Jonathan. Porque ainda estava atraída por ele e não sabia o que fazer, e todos os locais para onde seu pai os enviara pareciam destinados a levá-los a reacender esse romance malfadado de dez anos atrás.

Mas não podia mais resistir a Jonathan Lyons agora do que ela poderia dez anos atrás. Colocando a mão trêmula na dele, permitiu que ele a puxasse para cima. Mesmo que a segurasse contra ele por um pouco mais do que o necessário, não reclamou. Quando passou um braço por cima dos ombros dela e puxou-a para perto dele, não protestou. Gostou. O céu a ajudasse, *ela gostou*.

— Venha — pediu gentilmente. — Tomaremos café da manhã e conversaremos.

Levou-a pelo parque verde e gramado. O sol estava saindo e a neblina se dissipou, mas o ar ainda estava vivo e ainda tremia na jaqueta dele. Ele a levou até o café mais próximo e puxou uma cadeira para ela em uma mesa perto da janela.

— Sente-se aqui e eu pegarei algo para você comer e beber.

Realmente deveria ter protestado. Deveria ter sido forte, não precisava dele e poderia pedir seu próprio maldito café da manhã. Em

vez disso, estremeceu na mesa e apertou o envelope com o poema enquanto Jonathan pedia sua comida e uma bebida quente.

Deixe-me cuidar de você, insistiu. Violet não era boa em deixar os outros assumirem o controle. Era difícil confiar nas pessoas o suficiente para deixar seu próprio bem-estar em suas mãos e estava acostumada a apenas se defender sozinha. Fez isso quando criança, especialmente quando sua mãe estava em um de seus feitiços depressivos, e fez isso como uma adulta quando se viu abandonada e grávida.

Mas quando Jonathan voltou com duas xícaras quentes de café e dois deliciosos bolinhos frescos, estava... grata por ele. Nem se importou quando acariciou seus dedos sobre a bochecha dela, tirando uma mecha de cabelo molhado do seu rosto.

— Seus lábios estão azuis — disse naquela voz feroz e desaprovadora. — Beba.

Assentiu e levou o café aos lábios. Estava escaldante e absolutamente delicioso. Depois de mais alguns goles, deu-lhe um sorriso hesitante.

— Obrigada.

Simplesmente colocou um muffin na frente dela.

— Coma também. Você é frágil.

Ela? Frágil? Isso foi lisonjeiro. Sua boca torceu em uma expressão irônica, e quebrou um canto do muffin e colocou em sua boca. De limão. Seu sabor favorito. Como se lembrava de todas essas coisas sobre ela?

— Melhor agora?

Assentiu, ainda mastigando.

Uma expressão de alívio cruzou seu rosto e relaxou em sua cadeira, sua postura aliviada. Não percebeu o quanto estava tenso.

— Você *está* bem? — perguntou, colocando uma nota provocante em sua voz.

— Só não gosto de ver você chateada.

Queria protestar que ela não estava chateada. Na verdade, não. Estava bem. Mas isso seria uma mentira. *Estava* chateada.

— Eu só me sinto...

— Manipulada? — adivinhou.

Assentiu e brincou com o bolinho.

— Mensagens a cada um de nós para garantir que teríamos que trabalhar juntos, e agora nos mandando de volta para Santorini... — Sua voz sumiu quando as memórias a invadiram. Não era uma época que queria lembrar. Naquela época estava tão feliz... era tão estúpido.

— Não gosto de ver que você tão infeliz assim, Violet — afirmou Jonathan. — Quer você acredite ou não, sua paz de espírito é da maior importância para mim.

Ela não respondeu. Simplesmente tomou um gole de café e pensou.

— Você quer ir para casa, Violet? — A sua voz de Jonathan estava cheia de tensão, seu rosto ilegível. Sua mão apertou a mesa, como se antecipasse sua resposta.

Ela queria? Alguns dias atrás, teria dito que sim e teria as malas prontas antes que ele pudesse respirar novamente. Mas isso foi antes

desta manhã, quando a observou com uma necessidade tão gritante e descarada quando tirou sua meia. E isso foi antes de terem jurado amizade.

E isso foi antes dele se embriagar ao ouvir que havia um bebê.

Então agora não sabia o que pensar. Tudo o que sabia era que se sentia vulnerável e confusa sobre o homem. Seu mundo foi muito mais fácil quando o odiava.

Mas era difícil odiar um homem que citava poesia de amor quando estava bêbado.

Violet envolveu as mãos em volta do papelão quente da xícara.

— Você quer que eu fique, Jonathan?

— Posso honestamente dizer que não quero mais nada além disso na minha vida.

Um calor de prazer corou suas bochechas, e ela assentiu, depois pousou a xícara de café.

— Então ficarei.

A mão dele – fechada em um punho por tanto tempo – flexionou, e depois impulsivamente, estendeu a mão e pegou uma das mãos dela na sua.

— Obrigado.

Poderia jurar que seu polegar roçou as costas de sua mão em uma carícia antes que se afastasse novamente.

Duas horas depois, eles estavam de volta ao aeroporto e no minúsculo jato mais uma vez. Havia se trocado colocando calças de yoga e uma túnica de mangas compridas para se sentir confortável para

o voo. Seu cabelo estava ondulado de secar ao ar, mas apenas o colocou atrás das orelhas e o ignorou. Por alguma razão, nunca se sentiu feia entorno de Jonathan. Era impossível, considerando que a olhava como se ela fosse uma fatia de seu cheesecake favorito.

Também não ficou surpresa quando escolheu um assento na janela e ele escolheu o assento ao lado do dela. Não importava que o resto da cabine estivesse vazio. O tempo de voo parecia um tempo privado com Jonathan, e talvez ela mesma fosse um pouco louca, mas começava a desejar os interlúdios com ele.

Olhou para fora da janela do avião com saudade enquanto deixavam as ruas cheias de Londres para trás.

— Algum dia, eu adoraria explorar essa cidade.

Jonathan congelou ao lado dela.

— Você quer retornar?

— O quê? — Olhou-o, mas ele estava falando sério. Riu e sacudiu a cabeça. — Não, não. Precisamos ir para Santorini. Só estava dizendo. Nunca estive em Londres.

— Você deveria ter dito alguma coisa — Jonathan falou. — Eu teria ficado para você.

Engraçado como a maneira como formulou fez todo o seu corpo formigar. — Esta é sua viagem, Jonathan, não minha. Sou apenas sua assistente contratada, lembra?

— Você nunca é *apenas* qualquer coisa, Violet.

Mexeu-se na cadeira, sentindo-se um pouco desconfortável com sua reação às palavras dele. Não deveria estar feliz com ele dizendo isso. Não deveria.

— Então — disse levemente. — Parece que é só você e eu e as próximas seis horas no avião.

— Você está cansada? Você quer dormir?

— Um pouco cansada — admitiu. Apesar de estar no meio do dia, estava reprimindo os bocejos. Viajar tirava muita coisa de uma pessoa e, além disso, sentia como se estivesse numa montanha russa emocional na última semana.

— Use meu braço como travesseiro se você precisar — falou a ela, puxando seu tablet.

Não precisava lhe dizer duas vezes. Por alguma razão, ansiava poder tocá-lo. Talvez fosse porque crescera tão faminta por amor quando criança, ignorada por ambos os pais, que foi à direção oposta em seus relacionamentos.

Admitia livremente que era uma pessoa de contatos. Gostava de tocar, adorava demonstrações públicas de afeto e adorava qualquer tipo de contato físico quando podia confiar em uma pessoa. Infelizmente seus relacionamentos foram poucos e distantes entre si. Mas agora que os dois eram amigos novamente, se sentia segura em se aconchegar.

E ela amava um bom abraço.

Colocou os braços em volta do bíceps dele e apoiou o queixo no ombro dele, olhando enquanto ele começava a procurar um mecanismo de busca.

— O que você está olhando?

— Eu pensei em pesquisar seu poema. Ver quem foi o autor. Talvez haja uma conexão lá que devemos pegar, como a ponte Marlow.

— Mmm. Boa ideia.

Olhou para ela, surpreso.

— Oh, obrigado, Violet.

Por que ficou tão surpreso e satisfeito com o elogio dela? Não era tão malvada, era? Seus dedos acariciaram seu braço à toa.

— Eita, eu devo ser muito dura para estar por perto, se você está feliz por eu dizer “boa ideia”.

— De modo nenhum. Eu só... Eu pensei que você me odiava. — Seu rosto expressivo era grave, seus olhos estavam escuros.

— Oh, Jonathan — exclamou suavemente, e deu um tapinha no braço dele. Seu braço bem musculoso.

— Eu não te odeio. Não mais.

— Eu não sabia sobre o bebê. — Olhou para frente, como se incapaz de olhá-la. Sua voz era grave, ferida.

— Se eu soubesse nada na terra me impediria de vir para o seu lado. Eu juro.

Mas deixei uma nota para você, queria protestar, mas manteve essas palavras amargas em silêncio. Jonathan estava firmemente nas garras de seu pai, e quem sabia melhor do que ela quanto do manipulador que o velho foi? Então só apertou o seu braço.

— Eu acredito em você.

Estranhamente, acreditava. Pela primeira vez no que pareceu uma eternidade, foi capaz de pensar no bebê perdido e em seu abandono sem ressentimento, apenas uma pontada de tristeza. A frustração e tristeza no rosto dele realmente a fez lamentar a dor que ele passava. Pelo menos teve dez anos para se ajustar a isto. Estava fresco para ele, e parecia infantil jogar isso na cara dele agora.

Então o distraiu. Encostando deliberadamente o peito contra o braço dele, se inclinou e deu-lhe um olhar curioso.

— Meu poema?

Seus olhos assumiram um olhar vidrado, e então pareceu se entregar mentalmente.

— Claro. — Seus dedos dançaram sobre o tablet, e o viu digitar algumas das frases.

— Ah. Aqui vamos nós. Lorde Tennyson. O poema é chamado “*Idyllsofthe King*”, Canção do Casamento de Geraint.

Leu por mais um momento e fez um som enojado em sua garganta.

— Aparentemente é um poema sobre um dos cavaleiros do Rei Arthur e seu casamento foi dilacerado por mentiras. Bem maldito. Seu pai é um idiota.

Não pôde evitar; riu. Ele parecia muito descontente.

Em sua risada, Jonathan deu-lhe um olhar azedo, seu corpo inteiro tenso de raiva.

— Você acha que essa é a mensagem que seu pai planejou que tiremos disso?

— Certamente espero que não — declarou, sua boca ainda se contorcendo com diversão. — Você se vê como um dos cavaleiros de Arthur?

Seus ombros relaxaram um pouco e esfregou o braço com a mão.

— Eu suponho que é um trecho, sim. Qual é a mensagem aqui, então?

— Eu não sei — admitiu Violet. — É algo a ver com o próprio Lord Tennyson?

Bateu no tablet por mais tempo, lendo e, por fim, balançou a cabeça.

— O homem tinha uma vida colorida, mas eu não vejo uma conexão com Santorini. — Olhou-a. — Eu sinto que minha pista pertence a nós. Só não tenho certeza de como nos relacionamos com o poema, a menos que seja de uma maneira insultuosa.

— Bem, eu não deixaria meu pai jogar algumas farpas além do túmulo — afirmou Violet. — Não se preocupe muito com isso, realmente. Tenho certeza de que algo ficará óbvio para nós quando chegarmos a Santorini. E você descobriu a ponte, então tenho certeza que você decifrá a próxima parte.

Assentiu distraidamente e esfregou o queixo, ainda olhando para a informação em seu tablet. Uma linha de preocupação franziu a testa.

Por alguma razão, não gostou de ver aquela preocupação ali.

— Já que estamos no assunto da poesia, você sabe mais?

— Mais poesia? — perguntou a ela, distraído. — O que você quer dizer?

— Eu não me lembro de você ser um fã de poesia quando eu conheci você — brincou. — Se bem me lembro, *eu* era a única com o melhor inglês.

Sua boca se curvou em um meio sorriso quando colocou o tablet longe e se recostou na cadeira, concentrando sua atenção em Violet.

— Eu tive uma mudança de opinião sobre a língua inglesa depois que nos separamos. Na verdade, acabei por me dedicar a Poesia Inglesa de verdade. E nos negócios. É uma combinação estranha.

— Eu diria. — No entanto, estava fascinada. Negócios e... Poesia? Influenciou isso? Pegou seu amor pela poesia porque queria estar mais perto dela? O seu coração se apertou. — Você pode me dizer alguma?

— Poesia?

— Não, a formação inicial do New York Yankees. — Revirou os olhos. — Claro, poesia.

Um sorriso apareceu em seu rosto. Esfregou o queixo, pensando, e então se virou para ela, os olhos brilhando.

— Que tal um pouco mais Shelley?

Encolheu os ombros.

— Isso é bom. Bata-me com isso.

— Você não “bate” pessoas com poesia. Você os surpreende com sua erudição e seu aprendizado. — Abanou as sobrancelhas para ela.

Violet riu e sacudiu a cabeça.

— Só me bata com isso já!

Fez um grande show limpando a garganta, e ela não conseguia parar de rir. Então, sorrindo para ela, começou a recitar baixinho.

— *As fontes se misturam com o rio,*
E os rios com o oceano;
Os ventos do céu se misturam para sempre
Com uma emoção doce;
Nada no mundo é solteiro;
Todas as coisas por uma lei divina
Em um espírito, conhecer e misturar-se.
Porque não eu com a tua?
Veja, as montanhas beijam o alto céu,
E as ondas se abraçam;
Nenhuma flor irmã poderia ser perdoada
Desdenhou-se seu irmão;
E a luz do sol aperta a terra
E os raios de lua beijam o mar;
O que faz todo esse doce trabalho valer a pena
Se você não me beijar?

A respiração ficou presa na sua garganta. Recitou todas as linhas em uma voz dolorosamente tenra, olhando diretamente para ela. Não havia como confundir o olhar em seus olhos, a suave carícia de suas palavras. Seu coração acelerou e estava cheia de desejo por ele, pelo que eles tiveram uma vez, de volta antes de tudo mudasse e fosse para o inferno.

A mão dela subiu até a bochecha dele e gentilmente acariciou a curva de seu queixo com as costas de seus dedos, admirando sua beleza, sua intensidade, seu amor por ela queimando em seus olhos.

E queria experimentar isso de novo. Muito. No entanto, estava apavorada com isso. E se ela se apaixonasse por ele novamente e a machucasse pior do que antes? Não seria capaz de lidar com isso.

E ainda... Não conseguia parar de tocá-lo. Seus dedos roçaram sob o queixo e inclinou o rosto para o dele.

— Obrigada.

O olhar nos olhos de Jonathan estava cheio de necessidade.

— O que faz todo esse doce trabalho valer a pena? — sussurrou, inclinando-se. — Se você não me beijar?

Droga se soubesse a resposta para isso. Ela o beijou.

Capítulo Nove

Se isso fosse um sonho, Jonathan não queria acordar.

Violet, sua Violet, estava abraçada ao lado dele no avião, o olhando com de forma suave enquanto recitava poesia de amor para ela. Então, tocou em sua face e o puxou para ela. E incrivelmente, o beijou.

Não foi mais do que um rápido roçar de seus lábios sobre os dele, mas foi o suficiente. Quando não se afastou, ele tomou a iniciativa. Se estivesse esperando por ele para beijá-la de volta, não deixaria a oportunidade escapar. Seus lábios se separaram contra os dela, sua língua acariciando a costura suave de sua boca. Para sua surpresa, a sua boca se abriu contra a dele, aceitando seu pedido não dito.

Com um gemido, se virou e deslizou uma mão para sua nuca, segurando-a contra enquanto aprofundava o beijo. Sua língua moveu-se contra a dela, e era tão deliciosa, macia e maravilhosa quanto se lembrava. E ela beijou tão ferozmente agora como fez então. Violet não se sentou e apreciou um beijo; sua língua se movia contra a dele, seus lábios acariciavam os dele, e fazia pequenos barulhos ferozes de prazer no fundo de sua garganta a cada golpe de sua língua, como se provasse um prato delicioso. Isso fez seu pau extremamente duro, e seu desejo por ela se intensificou.

Afastou-se dos lábios dela e ela fez um som de protesto, os olhos fechados. Incapaz de resistir a esse pequeno apelo, continuou a beijar

e morder seu lábio superior macio. *Eu te amo*, queria contar a ela. *Nunca parei de amar você*.

Mas sabia que dizer isso de novo a assustaria. Quando recuperasse o juízo, provavelmente se arrependeria desse momento, veria como fraqueza. Precisava dizer algo para mantê-la com ele, para deixá-la saber que tudo o que ele fazia, cada respiração que dava, era totalmente dela.

Os seus dentes puxaram seu lábio inferior, e notou como a cabeça dela inclinava junto com a dele, seguindo seus movimentos, seus olhos fechados em pura felicidade. Amava isso. Queria continuar a vê-la se perder em êxtase. Suas mãos se agarravam a ele como se estivesse faminta por amor, e isso lhe dava esperança.

— Deixe-me lhe dar prazer, Violet — sussurrou contra sua boca.

Seus olhos se abriram.

— O quê?

Silenciou seu protesto com outro beijo fervoroso.

— Deixe-me fazer isso, Violet. Não pedirei mais nada. Deixe-me fazer você se sentir bem.

Outro gemido minúsculo subiu em sua garganta. Seus cílios tremularam, mas não o afastou. Em vez disso, sentiu os dedos dela afundar em sua nuca.

Segurava *mais apertado* nele.

Triunfante, pressionou a boca no queixo dela e começou a emitir beijos rápidos e desesperados em sua pele macia. Deus, ela era linda. Ansiava por ela como oxigênio. Ansiara por aquele olhar feliz que estava no seu rosto. Assombrou seus sonhos, tornou impossível para

ele ver outra mulher. Não quando Violet ainda estava consumindo sua mente.

Mordiscou sua garganta, lambendo e beliscando a pele macia ali, esperando que o afastasse, para protestar que não era isso que os amigos faziam. Mas apenas gemeu e se agarrou a ele, e teve que lutar contra seu próprio gemido de prazer. Gostava do toque dele.

Prometeu então ele faria tão bom para ela que ela voltaria para mais. Desta vez, seria tudo sobre ela. O prazer dela. Observando seu rosto se iluminar com êxtase. Sentindo-a tremer em seus braços. Isso seria satisfação suficiente para ele.

E não tomaria nada para si mesmo. Porque não havia nada na terra que pudesse se comparar com a vibração suave dos seus cílios em resposta ao seu toque. Nada que pudesse fazer lhe traria tanto prazer quanto fazê-la tremer.

Queria fazer mais do que apenas beijá-la em seu rosto e pescoço. Uma imagem dele enterrando seu rosto entre suas pernas surgiu em sua mente e teve que morder sua resposta. Se isso era sobre Violet, ela tinha que querer também. Teria que beijá-la e acariciá-la até que implorasse por isso.

E lembrou que sua Violet amava ser tocada mais do que tudo.

Passou a mão pelo braço dela, apreciando a sensação de sua pequena estrutura sob a dele. Usava um top de malha de manga comprida que ele queria arrancar para que pudesse sentir a pele macia por baixo, mas seguiria sua liderança. Sua mão alisou sobre o ombro e roçou sua nuca, acariciando-a.

Gemeu em resposta, inclinando a cabeça para trás, mesmo quando ela pressionou seu corpo mais perto em seus braços.

— Jonathan — respirou.

Deus, amava o som de seu nome em seus lábios. — Eu estou aqui — murmurou baixinho, deslizando as mãos sobre a forma vestida, acariciando suas costas e, em seguida, alisando sobre seu quadril.

— Suas mãos parecem inacreditáveis — disse a ele. — Por que você faz isso parecer tão incrível?

— Porque eu sei exatamente como você gosta de ser tocada — falou, beliscando sua orelha. — Seu corpo lembra quão bom eu posso ser para você.

Estremeceu contra ele. Por um momento, se preocupou que ele a empurrou com muita força, mas então a sua boca pressionou contra o pescoço dele e praticamente rastejou em seu colo.

— Toque-me.

— Tire o seu top — mandou ele. — Assim poderei tocar em você em todos os lugares.

Ela hesitou por um momento, e seu coração disparou um aviso. Ele a tinha perdido? Mas só abriu os olhos e deu-lhe um olhar confuso.

— O que... sobre o quê... — lambeu os lábios. — Alguém verá?

— Violet, amor, estamos a trinta mil pés. Não há ninguém neste jato, só você, eu e o piloto, e ele não está saindo do cockpit. Estamos completamente sozinhos. — Pela primeira vez naquela noite, ficou grato por terem escolhido voar sem um atendente pairando. Era apenas os dois na parte de trás do pequeno jato, e pretendia tirar o máximo proveito da situação.

Ela lambeu os lábios novamente, sentando-se em sua cadeira, indecisão em seu rosto adorável.

— Se você tem certeza...

— Eu não faria nada que você não queira — falou, roçando as costas de seus dedos ao longo da curva docemente teimosa de seu queixo. — Nunca.

— Eu quero que você continue me tocando — admitiu, estendendo a mão para ele.

Arrastou-a para o seu colo desta vez, empurrando o braço da cadeira entre eles. Entrou em seus braços ansiosamente, suas mãos em seus ombros e suas coxas escarranchadas sobre as dele. Seu pau aninhado entre a parte de suas pernas e foi incapaz de parar o gemido de escapar de sua garganta. Tinha que permanecer no controle; isso era sobre ela, não ele.

Mas ela deu uma pequena mexida em seu colo com a resposta dele, como se gostasse de ouvi-lo. Sua mão moveu pela frente de sua camisa, pressionando contra seus músculos.

— Você tirará isso para mim? Eu quero olhar para você.

Ela queria olhar para ele?

— Se isso lhe der prazer — Jonathan disse.

Ela assentiu com a cabeça, a expressão em seus olhos ansiosa, faminta.

Sentou-se direito na cadeira e Violet se agarrou nele enquanto ele cuidadosamente manobrava e puxava a camiseta sobre sua cabeça sem tirá-la de seu colo. Então sentou-se novamente, puxando-a contra ele.

Suas mãos foram para o peito dele, pressionando contra seus músculos, e ela deu um suspiro de prazer.

— Você com certeza ficou bonito — respirou, seus dedos traçando ao longo de seus peitorais. — Oh cara.

Deixou que ela o explorasse, permanecendo em silêncio para não a interromper e distraí-la de seu foco.

— E tão quente também — ela murmurou, seus dedos arrastando ao longo de sua pele. Parecia pálida contra seu bronzeado, um contraste acentuado lembrando-o dos diferentes caminhos que suas vidas tomaram. Violet deveria estar tão bronzeada quanto ele, pensou ferozmente. Deveria estar ao seu lado em suas aventuras, não presa em uma sala de aula.

Agarrando a mão dela na dele, levou a palma da mão à boca e beijou o centro.

— Eu ficaria ainda mais quente se a sua pele nua estivesse pressionada na minha.

Ela estremeceu, seus cílios escuros tremulando novamente. Observou-a morder o lábio, decidindo, e então para sua intensa alegria, ela alcançou a bainha de sua blusa que escondia suas curvas exuberantes.

— Não tenho me exercitado tanto quanto você nos últimos dez anos.

— Eu não me importo — afirmou. Não deu a mínima. Se era gorda e encarapinhada – o que ela não era, ela ainda seria linda para ele porque era sua Violet. — Eu quero te ver. *Você toda*. Quero pressionar você contra a minha pele.

Seus olhos se arregalaram com suas palavras, e mentalmente se amaldiçoou por perder a calma. Talvez foi um pouco veemente demais nessa declaração.

Mas ela se inclinou e o beijou novamente, e então lentamente puxou a blusa sobre a cabeça, o cabelo bagunçado tremulando contra o queixo e se curvando lá.

E então estava montada nele em nada além de um sutiã e suas calças de ioga.

Seu sutiã era branco liso. Chato, ela provavelmente pensou. Mas ele gostava daquele sutiã chato. Adorou, porque dizia que ela não era uma mulher com um armário cheio de lingerie projetado para atormentar os amantes. Queria ser seu único amante. Queria ser o único a tocar sua pele macia, sentir a pressão de suas curvas contra ele. Então puxou uma das alças e passou um dedo pela costura do sutiã.

— Retire isso.

Ela estremeceu novamente, e ele viu sua pele arrepiar, seus mamilos eretos. Sua respiração chegava em pequenos e abruptos suspiros. Lentamente, suas mãos alcançaram atrás de suas costas e ouviu o pop do fecho, viu o tecido apertado sobre seus seios se soltar e depois cair para frente.

E então encolheu os ombros e os jogou de lado. Violet jogou a cabeça para trás e sentou-se no colo dele, meio nua e desafiadora, como se o desafiasse a dizer algo sobre as mudanças em seu corpo.

Ela nunca foi magra. Mesmo quando eram adolescentes, sua figura tinha tendência a amadurecer. Isso não mudou; seus seios estavam mais cheios do que antes, seu estômago um pouco mais

arredondado, seus quadris um pouco mais largos, sua bunda menos de uma maçã apertada e mais um suculento par de curvas saltitantes que o provocavam quando caminhava. Mas ela era completamente linda. Seus mamilos eram aquele rosa escuro de que se lembrava, ainda empinados e pequenos círculos apertados que imploravam por sua boca e dedos. Seus seios estavam cheios e pesados, mudando com cada rápido aumento e queda de seu peito, e sua cintura afinou antes de se espalhar para seus quadris.

Era uma mulher obscenamente linda.

— Você é tão adorável que você rouba meu fôlego. — Declarou com reverência.

Ele a observou tremer contra ele, seus dedos cavando contra seus braços inferiores onde ela os descansou.

— Que... Isso não é outro poema, é?

— Sou eu — esclareceu sem rodeios. — Falando com você. Você é linda. — O seu olhar a devorou, os seios arfando, os mamilos tensos, a pele lisa. — Posso tocar em você, Violet?

Seus dedos foram para o pescoço dele, brincaram com o seu cabelo.

— Você me dirá mais poesia?

— Tudo o que você quiser — concordou. Qualquer coisa para que ele pudesse colocar as mãos nela.

— Gostaria disso.

E atormentou seu cérebro, tentando pensar em algo que viesse à mente que seria adequado ao momento. Normalmente tinha uma memória afiada para esses tipos de coisas, mas com Violet sobre ele,

seus seios a centímetros de suas mãos carentes, era difícil se concentrar. Mentalmente desceu sua lista de poetas favoritos de qualquer maneira. Não Frost, seu favorito pessoal. Ele não tendeu a momentos românticos. Alguns poemas de amor vieram a sua mente, mas suspeitava que se começasse a prometer amor pra ela – por mais poeticamente fosse – fugiria novamente. As primeiras linhas de um poema imundo de John Wilmot que memorizou na faculdade surgiram e começou a falar.

— “*Nua ela deitou, apertou em meus braços de desejo* — começou, sua voz rouca. A linha seguinte foi — Eu me enchi de amor — mas modificou. — *Eu cheio de luxúria, e ela toda encantada*”.

Seus olhos brilhavam quando começou a recitar, fascinação em seu olhar.

A sua mão percorreu o braço dela e seu ombro em movimentos lentos e deliberados enquanto recitava a próxima estrofe. — “*Ambos inspirados igualmente com fogo ansioso, derretendo-se com bondade, ardendo em desejo. Com braços, pernas, lábios apertados para abraçar, ela me prende ao peito e me chupa no rosto*”.

A surpresa cintilou no rosto dela e ela riu, o som doce e puro. Seus seios balançaram com o riso, e ele ficou momentaneamente sem palavras com a vista deslumbrante. — “*me chupa no rosto*”? — ecoou, rindo. — Isso é suposto ser poético?

— É — disse, com um sorriso no rosto. Tentou desviar o olhar daqueles magníficos seios e falhou. — Este também é o único poema que conheço que usa a palavra “*boceta*”.

— Boceta? Mesmo? Como?

— Paciência, meu amor — ele afirmou com um movimento brincalhão de suas sobrancelhas.

Bufou e inclinou a cabeça, olhando-o com diversão.

— Tentarei ser paciente.

— Você está interrompendo o meu momento sedutor — repreendeu-a.

— Sedutor? Isso deveria ser sedutor quando você fala em sugar as pessoas em seu rosto?

— Fica melhor, eu prometo.

Assentiu, mordendo o lábio para conter mais risadas.

— Eu farei o meu melhor para não rir, então.

— Ria o quanto quiser — disse a ela. — Faz seus seios saltarem muito sedutoramente. — Ela respirou fundo em suas palavras, e ele ficou satisfeito ao ver o desejo suave retornar aos seus olhos. A sua mão foi até a cintura dela e roçou a pele macia ali, e a sentiu tremer. — Devo continuar?

— Por favor — sussurrou, todas as risadas desapareceram, substituídas pela necessidade.

Seus dedos acariciaram seu ombro e então se moveram para roçar a curva de sua boca. — *“Sua língua ágil — continuou em voz baixa — o amor relâmpago menor, jogado dentro da minha boca, e aos meus pensamentos transmitindo ordens rápidas que eu deveria preparar para jogar o raio todo-dissolvendo abaixo”*. — Antes dela poder rir do mais novo eufemismo absurdo, continuou. — *“Minha alma esvoaçante, lançada com o beijo pontiagudo, paira pairando sobre suas margens balsâmicas de felicidade”*.

E arrastou os dedos pelo pescoço até o esterno e esperou.

Um gemido escapou de sua garganta. — Se você não me tocar...

Ele se inclinou e beijou sua boca suavemente, sentindo seus seios roçarem seu próprio peito nu. — *“Mas enquanto sua mão ocupada guiaria aquela parte que deveria levar minha alma ao coração, em êxtase líquido dissolvo tudo o que está por vir...”* — Jonathan parou quando ela explodiu em risadinhas. — Eu acho que esqueci que este poema era sobre isso — afirmou timidamente. — Tudo o que eu lembrava eram as palavras sujas.

— Jonathan Lyons — ela perguntou, passando os dedos sobre as linhas de seus ombros de brincadeira. — Você está declamando um poema sobre ejaculação precoce?

Porra, isso foi embaraçoso.

— Eu posso ter feito isso. — Riu novamente e, caramba, ele amava aquele som.

— Por todos os meios, por favor, continue.

Desde que amava seu riso quase tanto quanto amava seus gemidos de desejo, ele continuou. — *“Em êxtase líquido eu dissolvo todos”* — repetiu. — *“Derreta em esperma e gasta em cada poro. Um toque de qualquer parte dela não tinha feito: a mão dela, o pé, a aparência dela é uma boceta”*.

— Mmm, tem a bocetinha safada — ela afirmou, roçando um dedo sobre o mamilo de brincadeira. — Quase isso... doce, realmente, do jeito que é usado no poema.

Pegou a mão dela e pressionou a boca na palma da sua mão.

— É verdade, você sabe. Cada olhar, cada toque seu e eu sinto como se perdesse o controle.

A diversão em seus olhos rapidamente voltou ao desejo.

— Ainda depois de todo esse tempo?

— Pior depois de todo esse tempo — contou. — Porque agora eu sei o que é acordar sem você.

Sua respiração ficou presa. — Jonathan.

— Silêncio. Esta noite é sobre mim, dando prazer a você. Não pensaremos em mais nada. — Gentilmente beijou a palma da mão dela novamente, e então a colocou em seu peito, sobre seu coração. Então, passou um dedo pelo queixo dela e deslizou para baixo entre seus seios para distraí-la.

— Tudo bem — murmurou suavemente, seu olhar extasiado nele.

Ele esqueceu tudo, menos a necessidade de agradá-la, e, com os olhos fixos nos dela, passou a mão sobre o monte de seu seio, circulando um mamilo lentamente. — Eu me lembro desses seios — afirmou em voz baixa. — Eu me lembro do gosto das pontas na minha língua, o peso de cada seio na minha mão. Eu me lembro como eles saltaram quando eu empurrei dentro de você. E sei quão sensíveis são as partes inferiores — disse, ajeitando os nós dos dedos e curvando-o sobre o declive arredondado.

Ela estremeceu em resposta, arqueando contra o toque dele. Seus olhos se fecharam, e ficou claro para ele que Violet estava determinada a se perder no momento.

Amava isso. Queria isso. Queria vê-la destruída dentro de si, tornada selvagem pelo seu toque.

E a melhor coisa era que ele conhecia o corpo dela intimamente. Sabia como fazê-la se transformar em um poço de desejo.

E sabia disso, para começar? Violet precisava de seus seios tocados. Precisava de seus mamilos manipulados, sua carne amassada e dedos apertando os picos provocantes até que estivesse sem fôlego. Começou a deixá-la louca, usando as duas mãos na palma da mão e segurando seus seios.

— Estes parecem mais doces do que eu me lembro. Tão cheios e rechonchudos como antes, mas mais suaves e convidativos. Não posso esperar para colocar minha boca neles.

Ela deu um pequeno arrepio no colo dele, o que lhe mostrou que gostava das suas palavras.

— Na verdade, acho que irei — confirmou ele. Queria se inclinar para frente e chupar um daqueles mamilos de aparência succulenta, mas com o jeito que estava sentada em seu colo, seria uma posição desconfortável. Então ele a puxou para frente, arrastando seu corpo em direção a ele. Quando a barriga dela estava a centímetros da boca dele, pegou um dos seios dela na mão e colocou o mamilo apontando para a boca dele. Sabia, pela vibração de seus cílios, que estava animada com a antecipação, então desenhrou seus movimentos um pouco. Em vez de tomar o mamilo completamente em sua boca como queria e chupar sua ponta doce e pedregosa, levou-o aos lábios e... esperou.

Ela praticamente se contorceu para fora do colo dele, pressionando o peito em direção a ele. Se aproximando.

Jonathan olhou para o rosto dela, para a necessidade e tensão em suas feições adoráveis, a antecipação gravada lá enquanto ela o

observava sem fôlego, esperando por sua boca em sua pele. Inclinou a cabeça para frente, aquele pedaço de rosa escuro tão perto que podia sentir o cheiro fresco de sua pele, e gentilmente esfregou a ponta em seu lábio inferior, não exatamente levando isso em sua boca. Foi deliciosamente difícil.

Violet engasgou, os olhos escuros fissurados em sua boca enquanto o observava enrolar o mamilo para frente e para trás através dos lábios dele, nunca o pegando entre os dentes ou tocando-o com a língua. Foi uma provocação. Uma provocação celestial e celestial.

Seus dedos apertaram em seus cabelos e pressionou com força contra ele, empurrando o peito para frente. — Oh, Deus, por favor, Jonathan.

Ouvi-la dizer que o seu nome fazia todo tipo de coisa nele. Sem mais delongas, jogou a língua para frente e a golpeou contra o mamilo.

Ela gemeu.

Amava o som daquilo, então lambeu o mamilo com força de novo, acariciando-o com a palma larga da língua, depois circulando com a ponta. Então, gentilmente o pegou entre os dentes e bateu novamente contra ele.

Agora choramingava, sua respiração entrando em pequenas arfadas, suas mãos coladas aos lados do rosto dele enquanto ela o segurava nela. Seus olhos estavam fechados e o olhar em seu rosto era puro êxtase.

Queria mais disso.

Acariciou seu seio, provocando e persuadindo com dentes, lábios e língua, usando cada carícia em seu arsenal para levá-la à loucura.

Sua mão foi atrás dela para segurá-la firme e a outra deslizou até a cintura de suas calças de yoga. O material elástico estava amarrado em sua cintura, e empurrou, querendo enfiar os dedos em seu calor tão próximo. Imaginou a sensação quente dos lábios de sua vagina sobre os dedos, escorregadios com a necessidade, e quase perdeu a cabeça. Seu pau estava tão duro que parecia perto de estourar, mas controlaria isto. O prazer dela era mais importante que o dele.

Ela fez um suave gemido quando beliscou levemente, surpresa pela mordida de seus dentes. Ele a acalmou com lambidas e beijos suaves, murmurando seu nome uma e outra vez. Sua outra mão empurrou as calças de yoga, querendo que elas cedessem e deslizassem por seus quadris. Quando não o fizeram, desistiu disso e apenas empurrou a mão no tecido e pressionou contra sua pele, procurando o berço quente de seu sexo.

Ela ofegou quando roçou os dedos sobre os cachos que protegiam sua vagina. Gemeu contra seu peito, quase vencido, mas quando ela dirigiu a boca para o outro seio, ele atacou com prazer, mordendo, lambendo e provocando até que estivesse choramingando e selvagem em seus braços mais uma vez. Sua mão, parou logo acima de sua vagina, então deslizou para baixo, e segurou seu monte. *Este é meu, queria contar a ela. Isto é meu e de mais ninguém.*

Mas engoliu aquelas palavras e lambeu seu mamilo, enviando-a em novos suspiros de prazer. Muito lentamente, pressionou o dedo do meio para frente... e quase perdeu o controle quando deslizou facilmente entre suas dobras molhadas. Santo Cristo, estava excitada. Mentalmente amaldiçoou e teve que tomar um momento para se recompor, pressionando a testa contra os seios e tentando manter o controle.

Violet se mexeu no colo dele, na mão dele. — É... Tudo bem? — seus dedos arrastaram através de seu cabelo.

— Eu só preciso de um momento. Você é demais. Está me fazendo perder o controle, e eu não quero. Quero que isso seja sobre você.

— Leve o tempo que você quiser — falou suavemente. — Estou bem aqui. — E acariciou o cabelo dele novamente, o movimento quase amoroso. Quando o tocou assim, quase acreditou que ela o amava novamente. Quase.

A percepção de que isso provavelmente não era mais que uma rápida liberação para ela fez sua ereção morrer mais rápida do que qualquer outra coisa. Continuou pressionando o rosto contra os seios dela, mágoa quase o destruindo. Estava tocando a pele de Violet, respirando o seu cheiro, seus dedos enterrados na sua boceta.

E ainda assim, ainda não era suficiente. Queria o coração dela.

Mas quando ela esfregou contra a mão dele, deslizando os dedos para cima e para baixo nas dobras de seu sexo, sabia que ela precisava disso. Não disse que isso seria sobre ela, não sobre ele? Deveria ser, e então a agradaria, mesmo que isso quebrasse seu próprio coração ao fazê-lo.

Então beijou os lados daqueles seios macios e olhou para ela, alisando um dedo para frente até que se arrastasse contra o capuz de seu clitóris.

Ela quase pulou do colo dele, gritando: — Oh!

Agora isso? Isso foi lindo. Ele esfregou novamente, mesmo enquanto ela se contorcia contra sua mão, meio tentando se afastar e meio tentando esfregar seus dedos com mais força. Quando arqueou

as costas novamente, sua boca agarrou um de seus mamilos e ele chupou com força enquanto esfregava seu clitóris, apreciando o pequeno gemido que escapou de sua garganta. Sua sensível, deliciosa e adorável Violet. Nunca poderia ter o suficiente dela, nunca teria o suficiente, mesmo se vivesse até os cem anos.

E ele queria mais. Soltou o mamilo com um estalo audível, satisfeito por ver a ponta molhada e brilhando de sua boca, e um vermelho escuro de sua sucção.

— Eu quero que você se deite nessas cadeiras para mim — murmurou, ainda deslizando o dedo para frente e para trás através de seu clitóris sensível.

— O...onde? — Violet ofegou, olhando em volta da pequena cabine.

— Aqui. — Jonathan relutantemente puxou seus dedos de seu doce e úmido calor e a arrastou de seu colo para o assento ao lado dele. Ela ficou sentada lá, piscando e atordoada, ainda drogada pela paixão.

— Faz... quer que eu deite?

— Não. — Agarrou o cós da calça dela. — Mas estes têm que ir porque estou enterrando meu rosto entre suas pernas.

Ela deu um suspiro trêmulo e recostou-se contra os assentos de couro, seus seios pesados saltando com o movimento, e por um momento, queria voltar para eles, para chupar, provocar e lambê-los até que estivesse chorando de novo. Mas o cheiro de sua excitação estava em suas narinas, e queria mais dela. Lutando contra sua própria necessidade novamente, bateu em seu quadril.

— Levante, por favor.

Ela fez, e ele arrastou as calças de seus quadris em um movimento suave, até que o tecido se agrupou em suas coxas. Seus quadris estavam expostos, as curvas doces e arredondadas deles eram tão generosas e bonitas como lembrava, a palha de cabelo entre as pernas molhadas de desejo acima de suas coxas cremosas. Sua boca ficou molhada com a visão.

Mais um puxão e as calças estavam em seus joelhos. Mexeu-se um pouco e as chutou para fora, então pressionou de volta contra o assento, observando-o com os olhos com as pálpebras pesadas.

— O que você quer que eu faça agora?

— Eu quero que você grite meu nome — mandou em voz baixa, empurrando para frente. Ela estava sentada nas poltronas de couro, o apoio de braço empurrado para cima para que eles fizessem um pequeno sofá, e não deixava muito espaço para ele. Tudo bem. Tudo o que precisava era de um lugar para se ajoelhar. Empurrou as pernas dela e moveu-se para o chão, ajoelhando-se ali.

E então suas coxas se estenderam diante dele, e a luxúria dela estava a centímetros de distância, e não pôde resistir. Como um homem faminto, baixou a boca nela e começou a se alimentar.

Seu suspiro de prazer era quase tão delicioso quanto o seu gosto em sua língua. Quente, almiscarado e um pouco doce, não pôde evitar seu próprio gemido quando lambeu seu calor. Sempre teve a boceta mais bonita que já tinha visto. Dobras suaves e bonitas que envolviam seu clitóris e seu núcleo como se fosse uma flor. Pressionou a língua mais profundamente entre as dobras e saboreou cada longa e deliciosa lambida.

Havia poucas coisas na terra melhor do que a boceta de Violet DeWitt em seu rosto, e pretendia saborear cada momento disso. Cada movimento de sua língua trouxe mais de sua escorregadela para frente, e lambeu-a como se fosse seu deleite favorito. Cada pincel de seus lábios contra sua pele lhe dizia algo: onde era a mais sensível, o que a fazia tremer em resposta, o que trazia mais daquele doce mel para frente de sua língua. Ele a estudou como se tivesse estudado poesia, analisando cada som, cada frase e depois memorizando para mais tarde.

Mas, por enquanto, queria adorar seu clitóris, aquele pequeno centro de desejo. Inclinou o rosto e a boca, dirigindo-se a ele como para um farol, e começou a beijá-lo e lambê-lo com pequenos e metódicos golpes. Sabia que ela gostava de uma construção lenta e estável. Nunca saiu rápido, mas quando saiu, foi magnífico. Queria ver isso de novo, e então usou seus dedos e separou os lábios de seu sexo, espalhando-a diante dele como uma festa, e concentrou suas atenções no clitóris que aparecia, implorando por atenção.

— Jonathan — soluçou, e quando e olhou para cima de seu colo e viu seus olhos, viu a necessidade escrita lá. Necessidade afiada, arranhando. Poderia se identificar. Sua própria ereção retornou com força total e pressionava com força contra o final do assento enquanto se inclinava e passava a língua em sua carne.

— Estou tão perto — implorou. — Por favor, por favor, me empurre.

— Eu o farei — prometeu, e voltou a boca para sua carne, provocando a pequena protuberância rígida de seu clitóris com a língua. Seus quadris empurraram contra sua boca e seus movimentos

constantes e lentos, e não pôde resistir movendo seus dedos entre a costura de seu sexo e procurando por seu núcleo.

Juntou dois dedos e brincou com a entrada dela, circulando-a do jeito que sua língua circulava seu clitóris.

Quase saiu da cadeira em êxtase.

— Oh Deus. Ai sim!

— Fique quieta — rosnou para ela, embora seus próprios quadris empurrassem impiedosamente, inutilmente, contra a beirada da cadeira contra a qual estava pressionado.

Ela assentiu, agarrando a cadeira em que ela descansava. Ela era uma visão deslumbrante, suas bochechas coradas e pele pálida, os seios arfando com cada respiração ofegante, o cabelo um nimbo bagunçado em seu rosto. Suas pernas estavam esparramadas com o rosto dele entre elas, e ele queria memorizar a visão dela daquele jeito, tão cheia de necessidade e tão linda que fez seu coração doer.

— Por favor — pediu novamente, urgência em seu tom.

Ele a atacou mais uma vez, de volta à lambida lenta e constante de seu clitóris seguramente dolorido. Pressionou os dedos no poço de seu sexo, tendo que abafar seu próprio gemido com a maneira como sua boceta apertou e puxou para ele, como se tentasse sugá-lo mais fundo.

Os gemidos de prazer dela ficaram mais altos, e então começou a bombear seus dedos lentamente dentro e fora dela, enrolando-os levemente e arrastando-os contra a parede da frente de seu núcleo quando os puxou para fora, procurando o local que garantiria um orgasmo deliciosamente brutal. O ritmo de sua língua contra o clitóris

continuou, seu ritmo acelerando um pouco e combinando sua respiração rápida e ofegante como se fossem o metrônomo que tinha que seguir. Suspiro, lamber, suspiro, lamber. Seus sucos cobriam sua boca, seu perfume estava em suas narinas e cobria seus dedos, e estava no céu. Não queria deixar este lugar nunca. Se morresse nesse momento, morreria um homem feliz.

Mas sua Violet precisava gozar.

Torceu os dedos dentro dela e esfregou com força, e foi recompensado com o choro de surpresa. Ah, sim, esse era um novo truque que pegou nos anos seguintes. Nunca fez isso com ela antes, e acreditava que seus outros amantes nunca se preocuparam em tentar encontrá-lo. Por um momento, se encheu de um ciúme vicioso que deu lugar a um tipo possessivo de prazer pelo jeito que ela se arqueava e soluçava quando roçou o dedo enrolado nele novamente.

Ela era dele. Esta era ela, era toda dele. Nenhum homem a tocou como ele, e lhe daria o melhor orgasmo que já teve.

Então, com os dedos esfregando contra a parede interna, se inclinou sobre o clitóris com um novo fervor, aumentando os movimentos de sua língua em um novo ritmo.

Ela fez um som sem palavras, barulhenta, completamente desatenta ao fato de que seus gritos ecoavam na cabine enquanto se esparramava entre as pernas dela, comendo-a a trinta mil pés no ar. Seus quadris se moviam, empurrando, como se tentassem seguir seus dedos, e sabia que não podia desistir agora. Fazer isso significaria que teria que perseguir seu orgasmo mais uma vez, e do jeito que ela apertava entorno dele, os lábios de sua vagina inchados de

necessidade, estava perto. Tão perto. Então continuou mentalmente cantando seu próprio poema.

Venha para mim, Violet. Venha no meu rosto, nos meus lábios, e deixe-me provar sua doçura.

Mais alguns esfregões e arcos de suas costas, e sentiu o corpo inteiro tremer, e então ela soltou um pequeno grito de alívio. Suas pernas sacudiram em seus ombros, e sentiu sua boceta apertar com força em seus dedos, sentiu seu clitóris tremer sob sua língua.

Perfeição. Gemeu seu próprio prazer com a resposta dela e continuou lambendo e acariciando, arrastando o orgasmo para aumentar seu prazer pelo maior tempo possível. Ela se contorcia contra ele, seu nome arrastado para fora de seus lábios como uma bênção.

— Jonathan. Jonathan. Jonathan.

— Este prazer é todo para você, Violet — raspou contra sua pele macia e orvalhada. — Eu daria isso para você todos os dias se você me deixasse. Não há nada melhor do que fazer você ficar molhada de necessidade e ver você apertar minha mão.

Ela gemeu seus quadris montados em seus dedos enquanto se perdia no orgasmo, e sentiu orgulho de quão desgrenhada, satisfeita e completamente fodida ela parecia.

Fez isso com ela.

Afastou-se daquele doce berço de seus quadris, amargamente relutante, mas sabendo que não poderia ficar lá a noite toda. Pelo menos, ainda não. Talvez em uma semana ou duas ela o deixasse se banquetear entre as pernas por horas a fio. Por enquanto, estaria contente com qualquer fragmento de atenção que lhe desse.

Mas acima de tudo, tinha que agir como se isso não fosse grande coisa. Como se fossem apenas amigos. Amigos com benefícios.

Seu lábio se curvou com o pensamento.

Ele daria a sua “amiga” tantos benefícios que sua cabeça giraria. Daria a ela tantos benefícios que suas pernas não seriam capazes de segurá-la na posição vertical.

E então veria se ela só queria ser amiga dele.

Então, levantou-se e lambeu o gosto da mulher que amava de seus lábios.

— Eu pegarei uma toalha para você.

Sob o pretexto de recuperar uma toalha, saiu para esconder seu pau no minúsculo banheiro do avião para que não visse sua necessidade e se sentisse obrigada a retribuir.

Odiava essa palavra fodida, *obrigada*.

—

Violet olhou para os ombros bronzeados de Jonathan enquanto andava em direção ao banheiro do avião na parte de trás do jato. Estava aturdida e sem fôlego, e toda... Uau.

Ok, então ele aprendeu algumas coisas desde a última vez que fizeram sexo juntos. O sexo sempre foi ótimo com ele. Mas isso aí mesmo? Isso ali acabou de explodir sua mente sempre amorosa. Nunca veio tão forte. Perguntava-se se poderia andar novamente. Ela se sentiu deliciosamente, completamente, usada.

E ela sentiu muito.

E ainda... quando o viu desaparecer no banheiro, as velhas dúvidas ressurgiram. Sexo oral em uma velha chama e não exigindo nada em troca? Não era assim que os amigos agiam. Era? Esta foi uma viagem só de ida para o coração partido. Algumas das coisas que Jonathan falou para ela no calor da paixão não eram as palavras de um homem tendo apenas um casual com a sua – boa amiga. E agora que sua mente estava clareando, se lembrou de cada gemido que ele lutou para esconder, o jeito que seus lábios se agarravam aos dela como se quisesse memorizar cada carícia.

Mesmo que ele estivesse fingindo que era seu amigo, ainda era o mesmo Jonathan Lyons, possessivo e intenso, que quebrou seu coração da última vez.

Sentou-se e ajeitou o cabelo, tentando acalmar o coração acelerado.

Não importa quão bom era no sexo agora, brincar com ele só poderia levar a mais dor. Precisava dizer a ele que não poderiam fazer isso de novo. Não se quisessem manter sua amizade frágil e recém-reconstruída.

Mas quando puxou a camisa sobre os seios, sentiu-se subitamente tão cansada das paredes que mantinha erguidas para se manter segura. Não poderia simplesmente relaxar por um dia e não se preocupar com emoções? Não podia apenas desfrutar?

Violet vestiu as calças e se recostou no banco, pensando.

Diria a ele de manhã, quando ambos teriam uma mente clara e algumas horas de distância. Hoje à noite, se permitiria chafurdar de prazer um pouco.

Capítulo Dez

Quando o avião aterrissou no aeroporto de Santorini, Violet foi tirada de sua soneca pela gentil carícia de Jonathan.

— Vamos, sonolenta — murmurou quando a acordou.

— Vamos para o hotel.

Poderia ter protestado ou dito alguma coisa sobre trabalhar na caça aos envelopes, mas seu cérebro estava cheio depois do orgasmo intenso que teve antes. Adormeceu antes mesmo dele sair do banheiro. Agora, já era tarde da noite e Santorini estava iluminada e linda, mas suas pálpebras estavam tão pesadas que não conseguia ficar acordada.

Lembrou-se vagamente de uma corrida de táxi até o hotel e de fazer o check-in no hotel enquanto se apoiava no braço de Jonathan e depois dormir. Feliz e delicioso sono.

Quando acordou na manhã seguinte, estava em um quarto sozinha. Aquilo foi... um pouco decepcionante. *Não, não é, se repreendeu. Ele está te dando espaço como você está sempre exigindo.* Ainda assim, olhou pela sala, franzindo a testa. Onde estava Jonathan, se não com ela?

Seu olhar caiu para uma nota na mesa de cabeceira, rabiscada em sua caligrafia familiar e ousada.

Eu estou no quarto 211 se precisar de mim. Ligue-me quando se levantar e nós tomaremos café da manhã e planejaremos nosso próximo passo. – J

Estudou a nota, procurando significados ocultos, algum sinal sobre o que e fizeram no avião. Qualquer arrependimento? Qualquer declaração de amor? Será que “planejar o nosso próximo passo” se refere a algo relacionado a relacionamentos ou estava lendo demais para isso? Violet não sabia. Pareceu... terrivelmente casual.

Tomou banho e se vestiu, optando por jeans e uma blusa de ombro de fora, com uma regata embaixo. O tempo para sua armadura de professora passou, supôs. Colocando o cabelo atrás das orelhas em um hábito nervoso, ligou para o quarto de Jonathan.

— Jonathan — respondeu.

— Ei, sou eu. — Uma pausa. — Olá. Você irá para café da manhã?

Por alguma razão, seu tom indiferente a incomodou. Este era Jonathan, o Senhor Nascido-e-criado-intenso. Não deveria recitar a poesia para sua beleza e prometendo que a amava acima de todas as outras? Esse era o seu modo de M.O. (modo de operação) normal. Tê-lo tão casual depois do incidente alucinante no avião a sacudiu. Limpou a garganta, deixando de lado seus pensamentos.

— Café da manhã é bom.

— Lá embaixo, então? Eu posso estar lá em dez.

— Vejo você então — afirmou, e desligou, vagamente descontente e sem saber por quê. Ela se levantou, passou um pouco mais de brilho labial e acrescentou um toque de rímel para que seus olhos parecessem mais ousados e se dirigiu ao saguão do hotel.

O hotel Kallista não mudara muito nos últimos dez anos e, enquanto atravessava o saguão, as colunas gregas e o chão de ladrilhos

a lembraram de tempos passados. Cruzou os braços, sentindo-se vulnerável, e esperou Jonathan no saguão.

Chegou alguns minutos depois em seu habitual blazer casual, camiseta e jeans. Estava com a barba por fazer e seu cabelo estava um pouco despenteado, como se não tivesse se incomodado em consertá-lo, já que era apenas com Violet que ele estava se encontrando. Não tinha certeza se isso a irritava ou se queria passar os dedos pelos cabelos dele e alisá-lo no lugar.

— Vamos comer? — Jonathan perguntou, apontando para a porta do restaurante do hotel.

Assentiu e deixou que abrisse a porta para ela, perdida em pensamentos.

Eles pegaram uma mesa e sentaram-se, pedindo um par de cafés. Jonathan olhou para o cardápio e o colocou na mesa, depois tirou um pequeno tablete do bolso de dentro do paletó.

— Eu fiz cópias de nossas mais novas cartas enquanto voávamos — contou, tocando a tela.

— Agora que estamos aqui no hotel, talvez possamos descobrir o nosso próximo passo.

— Claro — respondeu sem jeito, e lutou com uma onda de irritação. Ele só ignoraria o que aconteceu entre eles na noite passada? Ela não podia. Toda vez que o olhava, o olhar dela se direcionava para sua boca, e se lembrava de como brincou com o clitóris com a língua durante o que pareceram horas. Quando pegou seus talheres, ficou boquiaberta com as mãos dele, lembrando-se de como aqueles dedos encontraram o ponto certo dentro dela para deixá-la louca de necessidade.

— Você tem alguma ideia? — Jonathan perguntou, espalhando o guardanapo no colo.

Oh, tinha ideias, tudo bem. Observou suas mãos fortes e ásperas se moverem para a superfície da mesa novamente. Aquelas mãos a distraíam. Ele disse algo mais que não pegou.

— Hmm?

— Violet? Alguma ideia para onde seguiremos? Eu seguirei sua liderança.

Ela piscou.

— Seguir o meu comando?

Ele inclinou a cabeça, estreitando os olhos para ela.

— Você parece distraída esta manhã.

Por que ela não se distrairia? A irritação explodiu, pegou o próprio talher enrolado no guardanapo e rasgou o pacote.

— Claro que estou distraída.

— Pensando na pista?

Dane-se a pista.

— Não — ela disse. — Sobre o que aconteceu no avião na noite passada.

Seu olhar era firme, seu rosto ilegível.

— E isso...? — seu queixo caiu um pouco. — Bem, isso não deveria ter acontecido, para começar.

Ele encolheu os ombros.

Um encolher de ombros? Isso foi tudo que conseguiu? Lutou contra seu temperamento enquanto afagava o guardanapo no colo. A garçonete veio e trouxe café, e eles estavam momentaneamente distraídos com o pedido de café da manhã.

— Apenas torradas — solicitou Violet, odiando o tom irritado em sua voz. Deus soou como uma cadela. Quando a garçonete foi embora, colocou as mãos em volta da xícara de café – então, resistiu a arremessá-la na cabeça tão casual dele – e franziu a testa para ele.

— Sinto que precisamos conversar sobre o que aconteceu. — Novamente, ele, deu de ombros.

— Estou ouvindo.

Rangeu os dentes com a casualidade dele.

— Eu só... sinto que amigos com benefícios não é a direção que queremos seguir.

— Tudo bem. — Pegou sua xícara e tomou um gole, em seguida, colocou-a e pegou seu tablet novamente, estudando a tela.

Foi isso? Violet cerrou os punhos. E quanto aos protestos? Expressões de amor eterno por ela? Não disse que sempre a amou e não pararia? Não jurou isso ontem, quando estava entre as malditas pernas dela? E agora simplesmente não dava a mínima?

E o fodido amor-para-sempre?

Um pensamento horrível ocorreu a Violet. E se... estivesse desapontado com ela? E se fosse por isso que ele estava tão legal agora? Puxou o decote baixo de seu top solto, subitamente sentindo-se autoconsciente e desalinhada. Não era tão magra e atlética como era há dez anos. Alguns quilos extras – bem, vinte, haviam se acomodado

em sua figura de ampulheta e a deixavam um pouco mais curvilínea do que a maioria. Ele pegou alguns malditos truques impressionantes nos últimos dez anos e a fez gozar como louca. Mas e se ele a tivesse construído em sua imaginação e agora achasse seu desempenho deficiente?

Por alguma razão, isso era como uma facada no coração.

Foi como... Quando ela sabia que Jonathan ainda estava apaixonado por ela, e poderia segurá-lo no comprimento do braço, até que estivesse pronta para deixar o passado e aceitá-lo novamente. Se segurasse sua amargura e raiva por mais um ano ou dois, e sabia que não desistiria dela. Ela estava confortável em segurá-lo. Era seguro e gostava de segurança.

Mas esse novo e casual Jonathan, que não dava a mínima se eles faziam sexo ou não?

Este homem era um estranho e não sabia o que fazer. E não tinha certeza se gostava disso.

— Tudo bem — repetiu. — Isso é tudo que você tem a dizer?

Ele a olhou novamente.

— O que você quer que eu diga? Eu disse que você poderia dar as cartas. Eu afirmei que era sobre você. Se você não quiser fazer isso de novo, tudo bem.

Isso foi legal? Ele lhe deu o melhor orgasmo de sua vida e não tomou nada para si e isso estava *bem*?

— Ok — concordou, sentindo-se um pouco perdida. — Vamos voltar para apenas amigos.

— Apenas amigos — concordou.

Por que sentia como se ela que estivesse perdendo essa batalha?

— Assim... — Esclareceu depois de tomar um gole firme de seu café. — Estamos aqui no hotel. Nós temos um poema que fala sobre nada em particular. O que nós fazemos?

Jonathan deu de ombros novamente – um gesto que começava a odiar.

— Tenho certeza de que algo virá até nós. Talvez precisemos explorar a cidade. O poema mencionou rodas. Talvez precisemos procurar algum tipo de rodas.

Era uma pista tão boa quanto qualquer outra.

— Apenas procurar por rodas parece bastante vago para mim. E se não encontrarmos a roda a que meu pai se referiu?

— Então esperamos aqui por um tempo e vemos o que nos atinge. Algo aparecerá.

Ele parecia muito casual sobre a coisa toda.

— Então nós simplesmente relaxamos em uma ilha grega e aproveitamos o sol e a areia? É isso que você está dizendo?

Ele sorriu, um lampejo do velho Jonathan subindo à superfície.

— Isso é tão ruim assim?

Realmente não era. Santorini era tão adorável como lembrava, e o tempo parecia estar bom hoje.

— Você acha que devemos verificar as ruínas?

— Não fazemos parte de qualquer tipo de escavação arqueológica, então eu não sei se eles apenas nos deixariam entrar a menos que

pudéssemos mexer os pauzinhos. Podemos, mas se não fosse uma das escavações de seu pai, pareceria estranho que ele nos mandar para lá.

Isso era verdade. Sabia que ele estava fortemente envolvido nas ruínas de Akrotiri por cerca de cinco anos, e então mudou abruptamente de ideia, indo para a Espanha. Por que a Espanha, não sabia e não se importava.

— Assim... Estamos basicamente presos no momento.

— Eu acho que estamos. Quer ir passear?

Piscou com a sua sugestão.

— Não deveríamos trabalhar nisso?

— Deveríamos. E nós iremos. Mas por enquanto, por que não aproveitamos o dia? Tire um tempo. Você parece cansada.

Se estava cansada, era porque ainda era uma poça de geleia depois do interlúdio da noite anterior. Foi um interlúdio que abalou profundamente e não pareceu afetá-lo em nada.

— Eu não estou cansada.

— Boa. Então exploraremos?

— Eu não posso tomar café da manhã primeiro?

— Eu nunca disse que deixaria de comer — afirmou Jonathan em um murmúrio baixo.

E isso a fez corar, pensando novamente no voo de ontem. Droga, tinha certeza que disse isso apenas para incomodá-la. E isso a deixou toda confusa novamente.

Qual Jonathan ele era? O Jonathan de dar de ombros e não se importando se eles se tocassem de novo? Ou o sugestivo, ainda loucamente apaixonado por ela depois de dez anos?

Estava tão confusa.

Passaram o dia no sol quente. Santorini era tão idílica quanto se lembrava. A própria ilha foi formada a partir dos restos de um vulcão, a cidade abraçando as beiradas da caldeira. Foi uma das civilizações mais antigas que existiam há mais de 3500 anos, quando o vulcão entrou em erupção e destruiu Akrotiri. Nos dias atuais, era a cidade de Fira com o seu pequeno aglomerado branco de prédios rastejando sobre o solo rochoso, cercado pelo mar incrivelmente belo e penhascos irregulares. Era absolutamente adorável, e o céu acima era um mar de azul infinito.

Amava este lugar quando escapou aqui com ele há tantos anos. Eles tinham deixado à escavação de Akrotiri para trás para um fim de semana de amor apaixonado no Hotel Kallista quando eram adolescentes, e andando pelas ruas dez anos depois, não conseguia parar de pensar naquele fim de semana.

Naquela época, Jonathan segurou a sua mão enquanto exploravam as ruas estreitas.

Hoje ele caminhou ao lado dela. Como um *amigo*. O pensamento deixou uma nota amarga em sua mente.

As lojas de Fira se alinhavam as ruas, tecidos coloridos e lembranças de praia chamando a atenção. Cheiros deliciosos

permaneciam no mercado, e ela não resistiu a parar para comer um baklava¹², ou um delicioso giroscópio¹³. Comprou um xale de linho colorido destinado à praia, e passou um tempo passeando enquanto faziam compras. Foi agradável... e irritante ao mesmo tempo.

Eles foram passear e falaram sobre nada em particular. Liam o poema repetidamente, examinavam as ruas em busca de rodas ou coisas que poderiam ter combinado com suas pistas, e saíram de mãos vazias. No final da noite, os seus pés doíam de tanto andar, o nariz queimado de sol, e estava dolorida de novo. Eles comeram o dia todo enquanto caminhavam, então não havia necessidade de jantar. Ainda assim, quando chegou a hora de se separar, hesitou. Ele queria passar um tempo com ela? Talvez vir até o quarto dela? Ter um pouco mais de amigos com benefícios?

Não que ela quisesse, se assegurou. Mas se quisesse, pelo menos saberia que ainda estava interessado.

Mas o homem aparentemente não se importava. Deu-lhe um sorriso rápido, disse que ligaria para ela de manhã quando acordasse e seguiu pelo corredor até seu próprio quarto.

E por alguma razão, isso incomodou Violet. Parecia que quanto mais confusa ficava emocionalmente, mais ele recuava.

Odiava isso. Queria que estivesse tão rasgado e confuso quanto ela. Queria que pensasse em seu interlúdio no avião quando se deitasse para dormir naquela noite porque, oh Senhor, sabia que ela pensaria.

¹² Pastel feito com uma pasta de nozes trituradas e massa folhada.

¹³ Pão árabe, batatas fritas, cebolas, tomates, carne e molho.

Sonhou com ele também. Sonhos sombrios e deliciosos de sua boca e de suas mãos, e ele murmurando poesia imunda em seu ouvido enquanto fazia amor com ela.

Era deprimente acordar e descobrir que estava na cama sozinha.

O dia seguinte foi muito parecido com o primeiro. Eles se dirigiram para as praias, e quando protestou que eles provavelmente não encontrariam nenhum indício para o poema de seu pai, ele sugeriu que simplesmente se divertissem. Chegaria a eles em algum momento. Apenas teriam que ser pacientes e esperar, e até que eles se deparassem, poderiam desfrutar da ilha paradisíaca que Santorini tinha para oferecer. Só precisava pensar nisso como férias de trabalho, Jonathan brincou.

E ela achou que era boa em ser paciente, mas não era. Realmente não era. Porque quando andavam na praia e passeavam nas ondas, queria que ele segurasse a sua mão como os outros casais que eles viam. Queria passar as mãos sobre os músculos flexionados e saber que ele a pertencia.

Estava se apaixonando por ele de novo, e isso era perigoso. Quanto mais lutava para se afastar dele, mais perto era arrastada.

Parecia ser o oposto para ele. Jonathan era alegre e amigável, mas havia uma distância definida entre eles. Era como se não se importasse se a beijasse ou tocasse novamente.

Deveria ter ficado feliz com isso. Assim como deveria ter ficado feliz por ter alguns dias de paraíso nas praias de Santorini, curtindo o sol e relaxando em uma bela ilha do Mediterrâneo.

Mas não estava. Estava mais tensa do que nunca, e não tinha nada a ver com a caçada boba de seu pai e tudo a ver com o homem lindo e sexy ao seu lado que parecia determinado a ser apenas seu amigo.

Por que diabos disse que queria apenas ser amiga? Pior que isso, por que ele estava bem com isso?

Sentiu como se estivesse em um tipo infernal de limbo. Um tipo de limbo amigável, sem compromisso, sem corações. Era um limbo que teria ficado perfeitamente feliz duas semanas atrás, antes dele voltar à sua vida.

Mas agora que ele estava, parecia que seu coração queria tudo ou nada. E estava absolutamente aterrorizada com isso, assim como estava com medo de que ele não fosse mais atraído por ela.

E se ela se apaixonasse por ele novamente – uma possibilidade muito real – e ele não estivesse mais interessado? Ficaria para trás, pendurada para secar mais uma vez.

E isso assustou.

Mas quando o terceiro dia se fundiu no quarto dia na ilha paradisíaca, negócios e lazer continuaram a se misturar. Quando Jonathan sugeriu que verificassem o mergulho local no caso de alguma roda submersa, Violet sabia que era um tiro no escuro, mas concordou, e eles passaram um dia mergulhando nas águas azuis do Mediterrâneo. Seguindo essa linha de pensamento, visitaram todas as ruínas da ilha, e ela odiou que gostasse tanto. Cada dia era agradável e totalmente, completamente frustrante. Não podia continuar vivendo neste maravilhoso e terrível limbo. Simplesmente não conseguia.

Algo tinha que ser feito.

Ficou claro que Jonathan não estava mais a perseguindo. Se o quisesse, teria que persegui-lo e tornar óbvio que o desejava. Teria que colocar seu coração na linha e oferecê-lo a ele, sem saber se estava atraído por ela. Talvez estivesse contente com sua amizade agora.

Violet teria que ser a única a assumir todos os riscos. E isso a assustou, mas não a fez tão infeliz quanto à ideia de dias mais torturantes de um distante Jonathan que foi cordial e educado e a tratou tão intimamente quanto o pessoal do hotel.

Pensou que queria ser sua amiga.

Ela não queria. Não mesmo.

Assim... Ela começou a planejar. Se fosse romper essa zona de amigos em que se encontravam, precisava sair com tudo.

No dia seguinte, quando sugeriu que passassem outra tarde na praia, Jonathan ficou surpreso. Estava nervosa com todos os dias passados na ilha. Era óbvio para ele pela sua linguagem corporal frustrada, e pela maneira como continuava franzindo a testa para ele como se estivesse fazendo algo errado.

Mas o que exatamente fazia de errado, não sabia. Estava dando espaço para ela, assim como queria. Não tocou mais nela, mesmo que isso o estivesse matando. Todas as noites, dormia muito mal porque sua cama estava vazia, e passava horas no chuveiro todas as noites, se masturbando e tentando aliviar seu corpo da luxúria infundável e dolorida que tinha por ela.

Se Violet queria nada mais do que ser amigos, não a empurraria. Pegaria o que lhe desse e ficaria feliz com isso.

No entanto, ela estava claramente chateada que eles estavam presos na pista. Cada dia, parecia mais e mais angustiada que eles estavam chegando a lugar nenhum. Ele, no entanto, não estava infeliz, adorava ter que passar esses dias extras com ela. Memorizaram o poema e procurado por rodas por toda a cidade. Perguntaram sobre o Dr. DeWitt em todos os locais em que podiam pensar, e não havia nada para acompanhar. Todos os dias, vivia com medo de que Violet se voltasse para ele e dissesse: — Eu terminei. Não há nada a ser encontrado. — E então não teria escolha a não ser mandá-la para casa e fora de sua vida.

Ele era uma pessoa ruim porque estava feliz por não terem conseguido encontrar nada. Porque todo o dia que eles estavam parados significava outro dia que ele poderia beber em sua presença, observar seus movimentos delicados enquanto comia, observar o jeito que virava seu rosto bonito até o sol para pegar um pouco mais de luz do sol. O jeito que sorria. O cheiro do cabelo dela. O jeito que colocou os dedos nos lábios cheios para morder as unhas.

Então sua sugestão de ir à praia o pegou de surpresa. Não que estivesse reclamando. Mais um dia de lazer com Violet ao seu lado? Aceitaria.

Assim que chegaram à praia e ela tirou a roupa, a sua boca ficou seca.

Em vez da sensata peça que Violet usava nas últimas visitas à praia, comprou um biquíni. Não apenas um biquíni, mas um minúsculo, azul brilhante, que mal cobria sua bunda cheia de curvas

com um triângulo de tecido, e um top que parecia empurrar seus magníficos seios juntos em dois montes gordos que saltavam a cada passo.

Ele teve que se ajustar várias vezes ao vê-la.

Não que ela notasse. A mulher mal o olhou, com seu olhar na água.

— O tempo está lindo hoje.

Eles falariam sobre o tempo, não é? Quando seus seios balançando estavam apenas implorando para serem libertados das alças criativas que os mantinham juntos?

Ela olhou para o sol e baixou a toalha.

— Eu acho que preciso de um pouco de protetor ou queimarei. Você me faria às honras?

Estendeu um pequeno tubo branco para ele e lhe deu as costas.

Ele pegou o tubo, imaginando se isso era algum tipo de tortura. Na base de sua espinha, podia ver duas covinhas que emolduravam sua tatuagem: *Carpe Diem*. Encarar aquela tatuagem o colocaria em apuros. Seu olhar subiu para os ombros dela. Provavelmente uma ligação ruim. Ficou olhando para a nuca dela por um longo momento, tentado pelo pequeno arco de seu maiô amarrado ali. Que apenas implorava para ser separado, e então seus seios se soltariam do confinamento deles...

E então ele teria todos na praia olhando para sua mulher. Bem, mais do que já encaravam. Já estava fazendo cara feia na direção de alguns homens.

Com um jorro irritado de loção bronzeadora, pressionou a mão no ombro dela.

Ela estremeceu, se contorcendo. — Isso é frio!

Deus, seu pau estava tão duro no momento. Ele se envergonharia se alguém visse o tesão que estava em seus próprios calções de banho. Mas Violet precisava ser protegida dos raios do sol, então continuou a acariciar a loção em sua pele – um tipo de tortura bastante delicioso, especialmente com os pequenos e suaves sons de prazer que fazia ao toque dele.

— Mmm, obrigada — agradeceu quando terminou.

Não falou nada em resposta, apenas entrou direto na água para poder esconder sua ereção. Quando estava na altura da cintura, caiu na água até o pescoço e olhou para o mar azul, tentando se recompor.

Para seu aborrecimento, Violet nadou até ele, ignorando o fato de que tentava fugir.

— Você teve alguma sorte com o poema?

— Nenhuma — contou. Não pensava nisso. Droga, nem tentava. Se levasse um mês para descobrir a mensagem enigmática do Dr. DeWitt, ficaria em êxtase. Esse era o tempo que passaria com Violet. Olhando para ela, absorvendo sua presença, ouvindo sua voz suave.

— Eu não trabalhei nisso hoje.

— Tudo bem — ela concordou.

— Eu estou meio que em um beco sem saída, também.

Levantou-se na água e deixou-a escorregar pelo seu top suntuoso, seus seios magníficos e brilhantes.

Não conseguia parar de olhar para eles. Para ela. Ela o torturava de propósito? Foi ela quem disse que queria ser amiga. Deixava-a liderar.

Então, por que se sentiu como se estivesse determinada a esfregar na cara dele que não poderia tê-la? Afundou a cabeça para esfriar.

Eles nadaram por algumas horas. Depois voltaram para seus quartos de hotel separados, Violet alegando que queria um cochilo.

Jonathan tomou um banho frio, e quando isso não aliviou sua necessidade, se masturbou.

Ela ligou para ele algumas horas depois.

— A que horas nos encontramos para jantar?

— Eu estou pronto sempre que você estiver — afirmou.

— Ótimo. Lá embaixo, em meia hora?

Isso estava bem para ele, e se vestiu casualmente e foi até o saguão.

Uma vez que chegou lá, porém, seus dentes se cerraram ao vê-la. Violeta estava... deslumbrante. Usava jeans, mas eram justos, e seus pés estavam envoltos em sandálias de tiras. Além disso, usava uma blusa branca com um decote solto e baixo que mostrava seus seios magnificamente. Seus lábios eram de um rosa fofo e sua pele estava beijada pelo sol.

Estava linda.

Torturava-o.

Violet deu-lhe um sorriso brilhante enquanto caminhava em direção a ela.

— Aí está você. Estou positivamente morrendo de fome.

As mãos dela foram para o estômago e, é claro, o olhar dele foi atraído para o decote que praticamente escorria do seu top.

— Eu preciso de algo na minha boca agora.

Definitivamente tortura.

Quando se sentaram para jantar, em vez de sua mesa regular, Violet insistiu em uma cabine ao ar livre. E quando se sentou na cabine, ela sentou ao seu lado.

— Eu acho que posso espiar por cima do seu ombro enquanto você faz mais pesquisas on-line sobre rodas em Santorini. Tenho certeza de que acertaremos a conexão.

Ele a olhou, tentando manter o rosto impassível. Violet era baixa, a cabeça apenas chegando ao ombro dele quando se levantou. Gostava que fosse pequena, mas esta noite amava e odiava, porque sempre que a olhava, tinha uma visão panorâmica do que poderia ser o melhor decote em todo o Mediterrâneo.

E teve que agir como se não fosse afetado, porque deveriam ser *amigos*.

Jonathan pegou seu tablet e tentou focar seu olhar nele e apenas nele. Olhar para ela significaria mais olhar para seu magnífico torso. E não podia olhar se era amigo dela, porque nada sobre esse par de mamas gritava *amigo* para ele. Eles gritavam por atenção, por sua boca, por tocar, por horas de atenção sendo dispensadas a eles.

Quando a garçonete colocou um copo de água na frente dele, agarrou e chupou, tentando ignorar o fato de que seu braço roçou o seio dela. Droga isto.

— Você pode abrir o poema? — Violet perguntou a ele, sua voz baixa. Aproximou-se para ler por cima do ombro dele, e os seios roçaram o braço dele novamente.

— É claro — exclamou, feliz pela superfície da mesa que esconderia sua ereção. Mentalmente desejou que fosse embora enquanto puxava o arquivo muito familiar e segurava o tablet.

Ela não pegou, apenas se inclinou contra o braço dele e leu, seus lábios se movendo de um jeito que o fez pensar em sexo. Então, novamente, tudo o que fez lhe fez pensar em sexo.

Depois de um momento, balançou a cabeça.

— Ainda não tenho nada. Você?

Como na terra ela poderia esperar que fosse capaz de se concentrar quando sua coxa pressionou contra a dele na cabine e cada movimento fez seus seios magníficos se esfregarem contra ele?

— Nada.

Ela se inclinou um pouco mais e apontou para o primeiro parágrafo do poema que os deixou perplexos.

— “Vire, Fortuna, gire o volante e abaixe o orgulho.” Menciona fortuna e rodas várias vezes lá. Você não acha que precisamos procurar uma cartomante local, não é?

— Podemos fazer o que quiser — Jonathan concordou rapidamente, oferecendo-lhe o tablet novamente.

Ela ignorou e cutucou o braço dele.

— Nós devemos resolver isso juntos.

— Receio não ser uma ajuda nisso. Eu serei os bolsos, você pode ser o cérebro.

Violet olhou para ele com uma carranca no rosto bonito, mas ela deixou passar.

Eles comeram o jantar em silêncio, Violet escolhendo sua comida. Ele acabou com a sua o mais rápido possível para que pudesse voltar para o seu quarto e se masturbar.

Triste que agora precisava buscar liberação para seu corpo em uma base regular. Apenas estar perto dela aumentou sua libido ao extremo.

Violet pediu uma sobremesa. Ele recusou, e desde que não quis parecer rude e a abandonar, adquiriu um café para ele. A sobremesa era uma confecção de creme chantilly sobre o bolo, coberto com uma cereja, e isso o fez pensar em seus seios novamente, como eram macios, montinhos cheios como travesseiros com mamilos cor de cereja, e...

Precisava muito daquele banho frio o mais rápido possível.

Ela pegou uma pequena colherada da sobremesa e levou-a aos lábios. Quando deu um pequeno gemido de prazer, seu corpo inteiro ficou rígido em resposta.

— Oh meu Deus, isso é tão bom. Você quer um pouco, Jonathan?

Ele a olhou. Caramba, precisava parar de olhar, porque agora tinha uma visão de seu decote profundo, tão cremoso e parecendo muito mais delicioso do que qualquer sobremesa. E mesmo que devesse ter dito não, quando ela levantou a colher em sua direção, abriu a boca.

Ela lhe deu a mordida, observando-o com expectativa. Não provou nada, sua mente cheia da sua pele, o gosto de Violet.

— Bom — proferiu rudemente, e quase gemeu em voz alta quando ela lambeu os próprios lábios novamente. Queria agradecer a todas as divindades do mundo quando ela não lhe ofereceu outra mordida, e bebeu seu café, olhando para o nada.

Foi o jantar mais longo do mundo. No momento em que a conta chegou e ele pagou, ignorou Violet enquanto gemia e conversava sobre sua sobremesa, lambendo os dedos e os lábios com gosto. Pagou e deu o fora dali.

Assim que voltou ao seu quarto, praticamente correu para o maldito chuveiro. Ligou o aparelho – começou a se despir, arrancando a roupa. Ele se masturbaria algumas vezes e talvez pudesse se concentrar em algo além de Violet. Esperava. Cristo estava alcançando seu pau com mais frequência do que um estudante ultimamente.

Uma batida soou em sua porta. Amaldiçoando, fechou as calças novamente. Quando seu pau continuou a sobressair, um sinal evidente do que estava prestes a fazer, ele enfiou a mão na calça e se ajustou, achatando o comprimento e enfiando a cabeça de seu pau contra o cinto. Foi doloroso, mas porra. Um pouco de dor pode distraí-lo. Com isso, Jonathan foi para a porta sem camisa.

Um rápido olhar pelo olho mágico mostrou que era Violet. Preocupado, ele abriu a porta.

— Está tudo bem?

Seu olhar foi para seu peito nu, e então o olhou. Poderia ter jurado que seus cílios tremulavam um pouco.

— Eu tenho um pequeno problema. Podemos conversar?

— Claro. — Abriu a porta mais larga e gesticulou para ela entrar. Se Violet tinha um problema, também era problema dele. Seu coração doía. Esperava que não estivesse pedindo para sair, não estava pronto para deixá-la ir ainda. Mesmo que ela estivesse aqui o torturando, era a tortura mais doce, deliciosa que já experimentara, e não estava disposto a desistir. Ele se virou para encará-la, odiando a leve carranca em sua testa.

— Com o que posso ajudar?

— Bem, é difícil para eu dizer. — Torceu as mãos e mordeu o lábio, em seguida, começou a andar em seu quarto.

Droga, ela pediria para sair, não era? Fúria e possessividade varreram através dele, e cerrou os punhos quando bateu a porta do seu quarto.

— Se você está pedindo para ir para casa, minha resposta é não. Não até descobirmos o que seu pai nos deixou.

Pareceu surpresa com o temperamento dele.

— Que diabo se arrastou até sua bunda?

Você, queria rosar. Você, porque não quer estar aqui comigo e eu fiz tudo ao meu alcance para tentar torná-la minha novamente, e ainda não é o suficiente.

— Nada.

— Não parece nada para mim — falou, e colocou as mãos nos quadris. O movimento apenas enfatizou suas curvas, e ele quase desejou que ela baixasse os braços novamente. Quase.

— Você quer se sentar para que possamos conversar?

— Eu não sei. Isso demorará muito?

Suas narinas se alargaram e por um momento pareceu querer socá-lo.

— Por que você está sendo tão idiota comigo? O que eu fiz?

Ele *era* um idiota, e isso era injusto para ela.

— Não é você. Sou eu — afirmou ríspidamente, e se virou para o banheiro. Um momento depois, teve o chuveiro desligado e saiu para vê-la sentada na beira da cama, suas mãos torcidas daquele jeito nervoso novamente.

— Eu sinto muito. Agora, me diga o que está errado e talvez eu possa ajudar.

— Bem — começou, e colocou uma mecha de cabelo atrás de uma orelha nervosamente. — Eu... Veja, tem essa coisa.

Ele cruzou os braços sobre o peito, esperando.

Ela colocou as mãos de volta no colo e depois enfiou o cabelo atrás da outra orelha, um sinal claro de nervosismo se houvesse uma.

— Digamos que eu tenha um desejo por baklava.

Agora era sua vez de franzir a testa. Ele gesticulou para o telefone.

— Está com fome? Você quer que eu peça algo?

Seu olhar se intensificou, tornou-se irritado.

— Deixe-me terminar.

Levantou as mãos em um pedido de desculpas silencioso, indicando que ela deveria continuar. Observou sua linguagem

corporal, notando a tensão ali. Mesmo angustiada, era linda de se olhar. Nunca se cansaria de olhar para sua forma primorosa.

Ela se mexeu na beira da cama e colocou as mãos ao lado de suas coxas.

— Tudo certo. Digamos que a última vez que eu tive baklava, me deu uma intoxicação alimentar viciosa. Jurei não querer baklava para o resto da minha vida. Então, digamos que alguém apareça com uma bandeja e parece delicioso, e eu me lembro do quanto eu gosto. A questão é, eu tenho uma chance, sabendo que eu poderia me queimar mais uma vez? Ou mantenho minha promessa e fico longe sabendo que é mais seguro?

Não ouviu uma palavra que disse. Ela começou a se inclinar para frente enquanto falava, e o decote de seu top solto continuava deslizando para baixo, e tudo o que podia ver eram os topos dos seios dela. Aquela camisa era uma provocação cruel. Por que a usou?

— Jonathan?

— Hmm? — Forçou-se a desviar o olhar daqueles seios magníficos, para se focar em seu rosto concentrado.

— Você ouviu o que eu disse?

— Algo sobre baklava. E intoxicação alimentar. — E... Cristo, seus mamilos estavam eretos sob aquela blusa? Jesus Deus no Céu, precisava daquele banho frio.

— Você quer que eu peça algo do serviço de quarto?

— Não! — Gritou, zangada. Suas mãos apertaram ao lado do corpo e ela se sentou ereta, toda rigidez.

— Você não está ouvindo nada?

— Estou um pouco distraído. — *Por seus seios e sua proximidade.*

Violet se ergueu em um movimento fluido que fez seus seios saltarem. Não que ele tenha notado. Não mesmo.

— Droga, Jonathan — chorou. — O que uma garota tem que fazer para você notá-la? Se você não está mais atraído por mim, apenas me enlouquecendo, diga isso! Não dance em volta como um idiota.

Capítulo Onze

Jonathan olhou para Violet enquanto ela ajeitava as roupas.

Ela inclinou a cabeça para trás em um olhar arrogante.

— Não... Atraído por você? — perguntou lentamente. Estava louca? Lutava contra sua atração com unhas e dentes para garantir que não ultrapassasse o limite dos amigos.

Seus olhos brilhavam com lágrimas não derramadas.

— Estou praticamente me jogando em você aqui.

Ela estava? Era disso que se tratava? O biquíni e o jantar onde ela praticamente se esfregou contra ele? Ele estava em choque.

— Mas se você não estiver interessado, apenas me diga. Eu sei que mudei nos últimos anos e estou com medo de me machucar de novo, mas parece que sou a única...

Jonathan correu para frente e segurou o rosto dela entre as mãos. Beijou-a antes que ela pudesse mudar de ideia, silenciando qualquer protesto que pudesse fazer.

— Nunca pense isso — murmurou entre beijos. — Nunca pense por um momento que eu não amo e adoro você.

— Estou com medo — sussurrou Violet, mesmo quando agarrou seus ombros.

— Tenho tanto medo de me machucar novamente. A última vez... quase me quebrou.

A dor atravessou-o no medo em seus olhos, a emoção sincera ali. Fez isso com ela. Ternamente, passou o dedo em uma de suas adoráveis bochechas e se inclinou para beijá-la novamente. Suavemente. Reverentemente. Então, prometeu: — Nunca mais te machucarei novamente. Isso eu prometo.

Ela olhou incerta. Então, balançou a cabeça lentamente e se inclinou em seu toque.

— É tão difícil para eu confiar, mas... Eu confio em você.

Ele sentiu como se tivesse recebido um presente. Beijou-a de novo, a poesia brotando em sua mente enquanto olhava para seu rosto virado para cima.

— *Eu te amei; mesmo agora posso confessar.*

Algumas brasas do meu amor mantêm o fogo;

Mas não deixe que te cause mais angústia,

Eu não quero entristecê-lo novamente.

Sem esperança e com a língua amarrada, mas eu te amei muito.

Com dores, os ciumentos e os tímidos sabem;

Tão carinhosamente eu te amei, tão sinceramente,

Eu oro para que Deus conceda outro amor a você assim.

— Isso foi adorável — afirmou em voz suave e dolorida. — Quem era aquele?

— Pushkin ¹⁴ — murmurou, inclinando-se e beijando a sobrancelha com reverência.

¹⁴ Aleksandr Sergeevich Pushkin é o maior poeta russo na época romântica, considerado por muitos como real fundador da moderna novela russa.

Queria cobrir todo o rosto dela com beijos, e começou a fazê-lo, tocando os lábios na testa, na bochecha, no nariz, em toques suaves.

— Pensei em você toda vez que ouvi esse poema. Exceto, receio, a última parte.

— A última parte? — murmurou, inclinando-se para cada beijo que ele pressionou em seu rosto.

— Eu não quero que outro te ame — confessou, colocando os dedos levemente sob o queixo para que ele pudesse virar o rosto em forma de coração para o dele.

— Porque eu queria você para mim mesmo. Nunca parei de amar você. Nunca parei de querer você. A cada segundo de cada dia, meu coração sempre foi seu.

Os seus belos olhos o olhavam, brilhando de emoção. Não respondeu, mas a mão dela se enrolou atrás do pescoço dele e ela o puxou para um beijo. Quando seus lábios encontraram os dela, murmurou contra sua boca:

— Faça amor comigo.

— Tudo o que faço por você é por amor — disse entre beijos rápidos e fervorosos. — Estou todo fazendo amor, porque faço por amor por você. Mas tocar em você? Isso é adoração.

— Então me adore — murmurou a outra mão deslizando para frente de seu peito e pressionando sobre seu coração.

— Mostre-me seu amor.

Ele gemeu uma onda de necessidade queimando quente e forte através dele. Uma imagem mental de jogá-la na cama e rasgar sua roupa, batendo violentamente nela enquanto ela gritava seu prazer e

arrastava as unhas nas costas dele, enchendo sua mente. Estremeceu. Haveria tempo suficiente para isso depois. Por enquanto, queria seduzi-la. Fazer amor com ela tão devagar e docemente que ela não poderia deixar de se apaixonar por ele novamente.

Ele confessou seu amor. De novo e de novo, confessou. Ela nunca respondeu em espécie. Sabia disso. Sabia que seu coração estava guardado, e cabia a ele quebrar essas barreiras mais uma vez.

— Você toma a pílula? — perguntou, certificando-se de que ela sabia exatamente o que pedia.

Um sorriso irônico curvou sua linda boca.

— Sempre. — Ele assentiu. — Estou limpo.

Hesitação endureceu seu corpo.

— Eu também estou, mas ainda quero que você use camisinha. Apenas, você sabe, no caso. Mordeu o lábio.

Caso a pílula falhe? Não queria ficar sozinha e grávida de novo? Por um momento, se sentiu como o maior imbecil do mundo. Deixou a mulher que amava grávida e a abandonou há todos aqueles anos.

— Preservativos — concordou grosso. Foi ao seu banheiro e vasculhou os artigos de higiene embalados por um de seus assistentes. Sempre mantinha preservativos à mão e encontrou uma tira deles depois de um momento de busca. Tomando um na mão, voltou do banheiro, colocou-o em uma mesa de cabeceira e viu seu rosto forrado de preocupação novamente.

Odiava que ela estivesse tão ansiosa sobre o que deveria ser um belo ato de amor. Foi amor entre eles uma vez. Resolveu que seria novamente. Ele a faria perder essa preocupação. Queria que se afogasse em seu toque, não se preocupasse se engravidaria novamente.

Isso seria tudo sobre ela, mais uma vez.

Andando pela sala até ela, pegou Violet em seus braços e a beijou novamente. O beijo começou suave e doce, uma pressão suave de lábios. Quando sua boca se abriu sob o corpo dele e seu corpo relaxou, seus beijos se tornaram mais focados, mais intensos. Sua língua acariciava seus lábios macios em uma provocação, e quando deu um pequeno suspiro de prazer, quase gemeu em resposta. Deus, amava essa mulher.

— Deixe-me fazer amor com você, Violet. Deixe-me te adorar. Deixe-me dar nada além de prazer. Deixe-me mostrar o quanto eu te adoro.

Ela assentiu, e ele sentiu a cabeça dela se mover contra a dele, muito levemente, sentiu a tensão em seus dedos enquanto ela os enrolava contra seu peito. Estava se agarrando a ele, mas ainda não totalmente perdida no momento. Teria que romper esse medo dela, essa cautela que a impedia de se perder nele. O que seria necessário? Lembrou-se da resposta dela no avião. Isso foi docemente lindo. Estava desprevenida e foi assim que conseguiu quebrar suas defesas?

Era hora de ele tirá-la da guarda novamente? Violet teria que ser empurrada de trás de suas paredes para que ela se divertisse com ele mais uma vez?

Se isso seria o que fosse preciso, faria isso. Daria qualquer coisa para vê-la gritando em seu prazer novamente. Sua mente se encheu com imagens gloriosas dela no avião, suas mãos pressionadas contra sua cabeça enquanto seus quadris se agitavam contra seu rosto, e sua boca se encheu com o delicioso sabor dela.

Gemeu de dor e necessidade. Deus, precisava disso de novo.

— O que é isso? — Ela sussurrou, apertando os dedos em sua jaqueta.

— Você confia em mim? — perguntou, sua voz um pouco mais dura do que pretendia.

Ela piscou para ele, surpresa.

— Eu... Por quê?

— Apenas me responda Violet. Você confia em mim?

Violet olhou para ele por tanto tempo que achou que responderia negativamente. Seu olhar procurou seu rosto, e depois do que pareceu uma eternidade, balançou a cabeça devagar.

— Eu confio em você — sussurrou.

— Bom. — Essa onda de possessividade correu através dele novamente. Os dedos dele passaram pelos cabelos dela e depois seguraram seu rosto doce. — Bom.

Inclinou o rosto para ele, os olhos fechados, implicitamente confiando nele.

E isso lhe deu uma ideia.

— Eu quero amarrar você, Violet.

Seus olhos se arregalaram.

— O quê?

Mas assim que disse em voz alta, sabia que era uma ideia perfeita.

— Você confia em mim, certo? Deixe-me amarrá-la.

Isso empurraria sua confiança além da segurança verbal e em um reino físico. Realmente teria que confiar nele para deixá-lo amarrá-la e fazer o que queria para ela. Isso exigiria mais do que apenas dizer de boca. Queria ter absoluta certeza de que ela confiava nele. Que não apenas dizia isso.

Seus cílios tremularam e ele observou a indecisão cruzar seu rosto. Então, depois de um longo momento de dúvida, assentiu lentamente. — Eu... Tudo bem. — Olhou para a cama, depois para ele.

— Como você quer fazer isso?

— Fique na cama — ordenou a ela. — Tire suas roupas para mim.

Tremeu visivelmente, mas assentiu. Amava sua disposição. Queria regá-la com beijos de novo, mas isso teria que esperar.

Ao se aproximar da cama, se virou para a cômoda e tirou duas gravatas de seda. Carregava-as com ele o tempo todo, em caso de reuniões improvisadas ou importantes visitantes de negócios, e agora eram perfeitos para o que queria. Amarrou as pontas menores para criar uma corda longa e macia e então voltou para Violet e a cama.

Sentou-se na beira da cama e tirou o top sedoso e esvoaçante e o jogou no chão enquanto ele se preocupava com a gravata dele. Também tirou a calça e agora não usava nada além de um par preto de calcinha de corte alto e um sutiã de renda preta que parecia desenhado mais

para sedução do que para funcionalidade. Então se vestiu com a intenção de seduzi-lo? O pensamento enviou uma emoção através de seu corpo, que a mulher que desejou e sonhou por tanto tempo estava em sua cama, e veio atrás dele.

Estava determinado a não a decepcionar.

Aproximando-se da cama, estendeu os laços na mão para ela.

— Tem certeza de que deseja fazer isso, Violet? Eu não usarei isso contra você se você mudar de ideia.

Ela olhou para os laços, lambeu os lábios, depois o olhou.

— Eu quero isso.

Passou os dedos pela curva da bochecha dela.

— Se você ficar com medo, qual é a sua palavra segura?

Violet pensou por um momento.

— Pare?

Ele riu, ainda traçando seu rosto com as pontas dos dedos, fascinado pela maneira como ela se inclinou em seu toque.

— Deve ser algo que você não chamaria no calor da paixão.

— Bem, eu deveria esperar que eu não estivesse gritando “pare” — exclamou, parecendo um pouco irritada.

— Escolha algo incomum, que eu não esperaria que você gritasse.

Um brilho perverso brilhou nos olhos dela.

— Papai?

— Você está realmente tentando matar a minha ereção, não é? — riu.

Ela sorriu, e aquela estranha tensão entre eles se dissipou.

— Quem era o poeta de antes?

— Pushkin?

Para sua surpresa, deu uma sacudida de cabeça.

— Soa muito perto de “*empurrar para dentro*”. Talvez eu deva escolher uma palavra diferente. Usaremos Ozymandias¹⁵.

Ele sorriu. Conteí com sua Violet para dar uma palavra segura – algo que não pretendia que precisasse usar – uma consideração tão minuciosa.

— Tudo bem então será Ozymandias. Agora me dê suas mãos.

Colocou os pulsos para cima e juntos no ar, o olhar em seu rosto cheio de confiança e nervosismo.

Sentiu como se estivesse recebendo um presente. Jonathan pegou seus pulsos em suas mãos e gentilmente colocou um beijo em cada um deles.

— Antes de começarmos, quero agradecer a Violet.

Pareceu surpresa.

— Agradecer?

— Por confiar em mim. — A dor em sua garganta deixou-a atada. Não percebeu o quanto sua confiança nele o comovia?

Deu-lhe um sorriso trêmulo.

— Eu confio em você. Eu só estou com medo.

¹⁵ "Ozymandias" é um conhecido soneto de Percy Bysshe Shelley, publicado em 1818.

Ele se certificaria de que nunca traísse essa confiança novamente. Cuidadosamente, envolveu seus pulsos na seda da gravata em um movimento de oito figuras e, em seguida, passou o tecido pelo meio novamente.

— Muito apertado?

Testou suas mãos.

— Não, está bem.

— Boa. Quero amarrá-las na cabeceira agora. — Moveu-se para o lado e ajeitou as almofadas na cama em uma grande pilha, depois gesticulou para que se deitasse sobre elas.

— Aqui.

Seus olhos se arregalaram, mas assentiu. Olhando para trás, recuou na cama com pequenas mexidas de seu corpo que o fez quente com a necessidade. Quando finalmente recuou contra os travesseiros, deitou-se e experimentalmente levantou as mãos acima da cabeça.

— Perfeito. — Agarrou a gravata pendurada entre os pulsos e examinou a cabeceira da cama. Era de madeira espessa e pesada, com um desenho de chave grega recortada que era ideal para ele proteger seus nós. Moveu uma ponta da gravata e deu um nó.

— Ainda bom?

Ela assentiu.

— Você faz muito isso? Eu sinto que deveria perguntar isso.

— Nunca — afirmou a ela. — Nunca tive o desejo antes de agora.

Ela pensou por um momento.

— Eu estou supondo que este é um momento ruim para perguntar, mas... Você teve alguém a sério depois de nós, você sabe...

— Não — ele disse honestamente. — Para mim, nunca houve ninguém além de você.

— Eu não sei se isso me faz sentir melhor ou se me assusta.

Suas mãos se torceram contra os laços, testando-os.

— Por que isso deveria aterrorizar você? — arrastou os dedos por um braço estendido. Sua pele era tão macia.

— Porque eu sinto que não posso viver de acordo com qualquer imagem que tenha de mim na sua cabeça desde então. Não sou a mesma pessoa.

— Eu sei. — Essa Violet era mais reservada, e quando o deixava entrar sob suas paredes, intensamente mais vulnerável. — Eu não me importo com as mudanças. Na verdade, eu as amo.

— Minha bunda não é tão pequena como era.

— Sua bunda é linda. — Sua mão se moveu para baixo de seu lado, roçando seu quadril.

Ela bufou.

— É verdade. É grande e succulenta e eu adoraria dar uma mordida nela.

Deu uma risada nervosa com isso.

— O quê? — perguntou, rindo um pouco. — Eu não posso querer afundar meus dentes naquela sua pele cremosa?

— Você me faz soar como jantar.

— Não, você é sobremesa. Doce, deliciosa, e mal posso esperar para te provar em meus lábios.

Sua respiração ficou presa na garganta e observou seus cílios vibrarem novamente.

— Tirarei as roupas? — perguntou ele, deslizando a mão por sua linda coxa.

Assentiu em silêncio.

Suas mãos foram para o cinto e começou a desatar lentamente. Ficou contente que o olhar dela foi para a cintura dele e ela o observou, olhos quentes, quando tirou o cinto dos laços e o jogou no chão, depois desabotoou as calças e deixou-as cair. Seu pau estava duro e dolorido através de suas cuecas. Teria que esperar por alívio. Pretendia fazê-la chegar até que estivesse mole de prazer. E então talvez mais uma vez depois disso.

Com esse pensamento em mente, deixou cair a boxer e saiu de sua roupa.

Seus olhos se arregalaram e ela lambeu os lábios ao vê-lo, o que só o fez mais duro.

— Eu esqueci quão bom você parece nu. Isso é tão injusto.

— Como isso é injusto? — Pegou seu pau na mão e lentamente acariciou da ponta as bolas, só para assistir a reação dela. Com certeza, seu olhar seguiu a mão dele, fascinado. Gostou disso.

— Porque você não deveria parecer tão delicioso. Aqui eu tentava superar você e você está melhor do que nunca. Quero dizer, você tem um pacote de seis praticamente até a sua garganta.

Enquanto se acariciava novamente, seu olhar seguiu e ela lambeu os lábios mais uma vez, em seguida, fez um gemido suave em sua garganta.

— Você só sentará lá e me provocará? — perguntou.

— Nada de errado com um pouco de provocação — respondeu a ela, e deu em seu pau outro golpe feroz com a mão, apreciando a maneira como seus olhos brilhavam em resposta. — Aguça o apetite.

— Mas eu já tinha um apetite saudável — declarou.

— Mmm. Saudável, mas não voraz.

— E *você* está faminto?

— Para você, eu estou.

Ela sentiu um pequeno arrepio.

— Então me mostre.

Como poderia resistir a essa sugestão?

Jonathan deu alguns passos em direção à cama e se arrastou ao lado dela, seu olhar fixo em seu rosto. Observou seus olhos nervosos piscarem sobre seu corpo enquanto colocava sua forma maior sobre a dela, e então estava de quatro sobre sua forma indefesa. Seu corpo preso debaixo dele. Sorriu para ela, sentindo-se perversamente no controle. Gostava que Violet fosse sua para fazer o que quisesse, e pretendia exercer esse controle.

— Ainda confia em mim?

— Claro. — Souu mais confiante do que parecia.

— Bom. — Inclinou-se e deu-lhe um leve beijo.

Ela levantou a boca, a língua lambendo a dele e ele se perdeu no gosto dela. Estava deliciosa. Tudo sobre ela – a sensação suave de seus lábios, a provocação de sua língua contra a dele, sua boca quente e molhada – tudo era perfeição. Gemeu contra ela, então assumiu o controle do beijo, deslizando sua língua contra a dela e intensificando o beijo até que sentiu como se estivessem se devorando. Violet deu pequenos gemidos embaixo dele, gemidos de prazer e necessidade, e fizeram seu pau doer. Ansiava por pressioná-lo contra ela, mas amarrada e deitada, as manobras eram limitadas. Ainda assim, isso lhe dava a oportunidade de rastejar sobre ela e fazer o que quisesse, e certamente o faria.

Relutantemente, terminou o beijo, então não conseguiu resistir a morder seu lábio inferior e chupá-lo, mesmo quando se afastou.

Ela engasgou, seus olhos sonolentos de desejo enquanto olhava para ele.

— Oh, cara, você é um bom beijador. Eu tinha esquecido como é bom até algumas semanas atrás.

— E então eu fui tão bem que você me deu uma joelhada nas bolas? — Beijou ao longo do seu rosto, lembrando-a de seu primeiro encontro.

Deu uma risadinha de menina que o encantou.

— É sua própria culpa. Você não agarra uma mulher que não viu em dez anos.

— Nem mesmo se ela é a criatura mais linda que já vi e fantasiei com ela por uma década?

Violet gemeu quando mordeu o lóbulo da orelha dela.

— Nem mesmo então.

— Agora isso é injusto — falou, lambendo sua garganta. Seus seios roçaram contra o peito dele, e podia sentir quão duro seus mamilos estavam mesmo através do tecido de seu sutiã. Isso sairia muito em breve. Queria sentir sua pele nua contra o peito.

— Jonathan? — perguntou, sem fôlego.

Continuou a beijar sua garganta.

— Hmm?

— Você não me perguntou se eu tive mais alguém nos últimos dez anos. — A tensão vibrou através de seu corpo.

Não perguntou, porque o pensamento o deixou louco.

— Você tem mais alguém que você está vendo?

— Não! Claro que não!

— Então ninguém mais importa, porque a partir deste momento, você é totalmente minha. Corpo e alma. — Pressionou a boca na garganta dela e chupou. Queria marcá-la, marcá-la como sua, embora soubesse que era loucura. Seu intenso amor por Violet o levou à loucura. Ela foi seu primeiro e único amor, e tê-la de volta em seus braços era um sonho feito realidade.

— Oh, Jonathan — ela suspirou, arqueando sua garganta para que ele pudesse continuar a beijar e chupar. — Às vezes você sabe a coisa certa a dizer para deixar os joelhos de uma garota fracos.

— Eu não estou dizendo apenas por uma reação, Violet. É como me sinto. É como sempre me senti. Você é e sempre foi minha. Você sempre teve todo o meu coração. Eu nunca parei de amar você.

Mordeu o lábio e então lhe deu um sorriso provocante.

— Você nunca parou de falar também. Pensei que faríamos amor.

— Deu uma pequena sacudida nos laços sobre a cabeça.

Deixou-a desconfortável com seus votos de amor? Ele os silenciaria então. Qualquer coisa por ela. Só queria que ela soubesse como se sentia.

— Eu não sabia que você estava tão ansiosa — murmurou, levantando a cabeça e arrastando uma mão sobre o peito e tocando-o. Seu mamilo apontava através do tecido rendado de seu sutiã.

— Claro que estou ansiosa — declarou, suas palavras docemente sarcásticas.

— Eu tenho me jogado em você o dia todo.

— É para isso que o biquíni foi? Cobria menos que isso. — Seu dedo deslizou sob o final de uma das taças de seu sutiã, provocando a pele por baixo. — Eu gostei.

— Esse era o ponto — afirmou, com a voz um pouco mais ofegante ao seu toque.

— Para me motivar? — Beijou a pele delicada em sua clavícula. — Estou lisonjeado. E terei que me certificar de que você seja amplamente compensada por seus esforços.

Sua mão deslizou sob suas costas, e ela arqueou, permitindo-lhe um acesso mais fácil ao fecho atrás dela. Respirava rapidamente, a excitação colorindo a pele de um lindo e corado rosa. Solto o sutiã com uma das mãos e começou a empurrá-lo para fora do caminho.

— Você fez isso com bastante facilidade — murmurou. — Muita prática?

— Se você está buscando respostas, o que você procura é “profissionais”. Sem relacionamentos. Apenas muitas e muitas garotas trabalhando.

— Eu... — Balançou a cabeça. — Eu não posso decidir se estou chocada ou divertida. Eu pensei que você fosse um playboy.

— Só para mostrar. — Levou uma garota estranha com ele para eventos de alto perfil quando um encontro era necessário, mas geralmente uma amiga de um colega, e nunca a mesma garota duas vezes.

— Estou apenas surpresa. Profissionais mesmo?

— Elas são mais fáceis do que um relacionamento — explicou, deslizando o sutiã entorno de sua clavícula para que pudesse admirar seus seios recém-expostos. Deus, eles eram gloriosos. Tudo macio, creme e rosa. — Exigem nada mais que camisinha e dinheiro. Se eu tivesse uma coceira que precisasse coçar, chamaria um serviço que tivesse garotas limpas, examinadas e que cuidassem disso.

— Você faz sexo soar como uma transação comercial.

— Isso é tudo o que era — disse sem rodeios. — Não houve emoção envolvida.

— E... comigo? — Havia uma pegada suave em sua voz.

Ele se inclinou e lambeu a inclinação de um seio, quase gemendo ao sabor delicioso de sua pele.

— Com você, estou fazendo amor. Não há comparação.

— É estranho isso... Que eu estou feliz? Que não há mais ninguém?

Só se fosse estranho que ele também estivesse feliz, por estar livre para ela aqui, agora.

— Eu nunca persegui mais ninguém. Não era justo para elas se meu coração ainda era seu.

— Deus — ela murmurou, e seu corpo estremeceu embaixo dele. — Você está tentando me seduzir somente com palavras?

— Não, eu pretendo usar minha língua um pouco. — E para provar isso, levou um lindo mamilo em sua boca.

Ela gemeu, arqueando contra ele, os braços puxando contra os laços sobre a cabeça. A pequena ponta de seu clitóris estava apertada com a necessidade, e ele girou a língua sobre ela, provocando-a. Ele conhecia os toques que ela mais gostava – lambidas ásperas e rápidas na parte de baixo de seu mamilo – mas queria prolongar o prazer. Queria que todo o seu corpo tremesse e doesse.

Sua boca trabalhou no mamilo enquanto mudava seu peso, alisando seu corpo sobre o dela. Queria pressionar toda a extensão de sua pele contra a dela, esfregar seu pau contra o sexo dela e senti-la balançar contra ele. Tudo a tempo, disse a si mesmo. Precisava andar sozinho. A coisa mais importante soprava na mente de Violet. Esse era o seu objetivo.

Queria segurar o outro seio e trabalhá-lo mesmo quando a boca dele funcionava no primeiro, mas precisava da mão para se apoiar na cama. Por um momento, amaldiçoou sua “ótima” ideia de amarrar as mãos dela. Não queria nada mais do que Violet tocá-lo, para mostrar que o queria tanto quanto a queria. Cristo, estava morrendo por seu toque em sua pele.

Quando se mexeu embaixo dele e gemeu, mais uma vez se arrependeu de sua ideia. Queria Violet selvagem e se contorcendo em seus braços, participando plenamente. Gostava indefesa enquanto amarrada na cama.

Então uma ideia atingiu.

Puxou a boca do mamilo, satisfeito com o murmúrio de protesto dela.

— Diga-me o que você quer que eu faça com você, Violet.

Seu olhar estava fora de foco, envolto em paixão.

— O que...?

Ele se inclinou e beijou seu seio.

— Você gosta da minha boca aqui?

— Sim — respirou.

— Então me diga onde você quer em seguida.

Ela o olhou por um longo momento, como se incrédula que a faria assumir o lugar do motorista. Então, jogou a cabeça para trás e gemeu. — Você não pode simplesmente... continuar com isso? Você está indo muito bem até agora.

— Eu quero que você me guie — pediu. — Isso é sobre o seu prazer. Você me diz onde você quer e eu coloco minha boca lá.

Ela respirou fundo, mas ficou em silêncio.

Era Violet... tímida ao ser questionada sobre o que queria na cama? Tentou se lembrar, mas suas memórias eram de parceiros iguais, de mãos gananciosas e beijos apaixonados roubados após longos dias na escavação. Mas agora ela ficou em silêncio.

Descansou o queixo em sua pele macia e adorável e esperou.

Ela se mexeu. — Você... Você realmente me fará dizer isso?

— Por que eu não faria?

— Porque eu não sou tão magra ou tão bonita quanto eu era quando era mais nova. Eu não sou... Excitante. — Mordeu o lábio. — Cresci e fiquei chata e desleixada.

Ela estava louca?

— E eu estava bem com isso até que vi você e você ficou todo incrivelmente lindo, e agora sinto que... bem. — Suspirou. — Sinto que não estou segurando bem como estou.

— Você está louca — afirmou, inclinando-se e lambendo um mamilo atrevido. — Não vejo falhas quando olho para você. Nada além de pele exuberante e deliciosas curvas apenas implorando para serem degustadas.

— Isso é gentil de sua parte — falou com um pequeno sorriso nervoso.

— Eu não estou sendo gentil, Violet. — Lambeu o mamilo novamente. — Ser gentil não teria nada a ver com levá-la para a minha cama. Eu te desejo. Quero você mais ferozmente agora do que no passado. Meu pau dói para estar enterrado profundamente dentro de você mais uma vez. E eu quero você. Você com o cabelo curto e a desconfiança em seus olhos, porque essa é a mulher que eu amei uma vez e ainda amo. As coisas que eu amava em você – sua inteligência afiada, sua língua afiada, seu sorriso – nada disso mudou. Você ainda é a mesma mulher por quem me apaixonei há dez anos, e a mesma mulher por quem me apaixonei ontem e no dia anterior.

Ela parecia tremer debaixo dele.

— Por que a poesia parece doce, mas suas palavras soam ainda mais doces?

— Porque você sabe que eles vêm da minha alma — declarou, e beijou entre seus seios. — E você sabe que eu quero te satisfazer mais do que qualquer outra coisa no mundo. Você sabe disso, certo?

Sentiu-a tremer de novo e, quando ficou em silêncio, olhou para cima.

Ela deu um aceno brusco.

— Então... Diga-me o que você quer.

Capítulo Doze

Oh, claro. Ele fez parecer tão fácil. *Diga-me o que você quer que eu faça com você, Violet.* Grandes palavras em teoria, mas agora que estava na cama com ele, nua, e era todo glorioso e bronzeado e ela não era? Não foi tão fácil cuspir coisas como *eu quero seu rosto entre as minhas coxas* ou *quero seu pau dentro de mim*.

Tudo o que ela podia ver eram suas coxas pálidas contra sua pele bronzeada pelo sol, suas curvas suaves contra seus músculos duros. Um deles esteve trabalhando nos últimos dez anos e não era ela.

Não sabia por que estava tão inquieta. Ele a seduziu no avião e ficou um pouco ansiosa, mas não muito nervosa assim. Caiu sobre ela e a fez se sentir bonita. Então, por que tremia como uma colegial ao pensar em exigir que fizesse o mesmo agora?

Porque as apostas eram diferentes.

Porque agora seu coração estava totalmente comprometido, e não queria que ficasse desapontado com ela. Porque na última semana, se perguntava se ele foi repelido por tocá-la, e isso a fez questionar sua própria conveniência.

Não achou que fosse nojenta, é claro. Era apenas mais baixa e um pouco mais curvilínea do que a maioria. O problema era que não era a mesma criança selvagem de cabelos compridos que foi quando a conheceu.

Não queria que ele ficasse desapontado, porque ela não estava desapontada com ele. Se fosse alguma coisa, amava as mudanças em seu corpo.

Então lambeu os lábios e tentou afastar seu nervosismo. Ele olhava para ela com aqueles olhos intensos, aquele olhar completo que dizia que era o centro do universo dele, e nada mais importava. Era difícil falar sob esse intenso escrutínio. Para dizer coisas obscenas e sujas sobre o que ela queria.

— Diga-me — Jonathan murmurou, e inclinou-se para colocar a língua no mamilo novamente.

Engasgou, arqueando as costas para poder empurrar o peito contra a boca dele. — Mas você está indo tão bem sozinho.

— No entanto, eu quero mais. Quero fazer você se torcer e mancar pelo prazer.

— Você já está a caminho — protestou.

Aquele calor estava de volta em seus olhos.

— Diga-me o que você quer de mim.

— Eu... Eu quero mais beijos. — Deus, era tão covarde.

Uma sobrancelha erguida e apenas aquele pequeno gesto a fez ficar mais molhada.

— Em algum lugar em particular?

Respirou fundo.

— Minha boca?

Ele rastejou sobre ela novamente, e ela se esticou nos laços em suas mãos. Seu grande corpo cobrindo o dela era pecaminosamente

delicioso. Gostava que fosse quase um pé mais alto que ela, gostava disso quando rondava em cima dela, podia cobri-la inteiramente. Isso a fazia se sentir delicada de uma forma que a maioria dos homens não se importava.

Jonathan apoiou as mãos em seus lados e deu-lhe um sorriso lento e sensual antes de se inclinar e roçar levemente os lábios contra os dela. Quando fez, seu pau roçou contra seu sexo, e ela percebeu que ele deixou cair os joelhos para que sua ereção esfregasse contra sua carne sensível com cada toque de sua boca contra a dela.

Ela gemeu.

Quando a sua boca abriu, a língua dele deslizou para dentro e começou a beijá-la devagar, sensualmente. Beijos suaves e lambedores que pareciam levar todo o tempo do mundo para explorar sua boca, para saborear seu gosto. Estava encantada com aqueles beijos, drogados pela doçura deles. E com cada movimento de sua língua, dava um pouco de seus quadris, esfregando seu pau contra suas dobras. Dobras que já estavam escorregadias com necessidade e doloridas por um toque.

Sua respiração veio em um suspiro irregular que engoliu com a boca. Ela pediu beijos e ele os entregaria a ela. Mais e mais, fez amor com sua boca, lambendo e lambendo até que estava perdida na sensação de sua boca, seus lábios contra os dela, o gosto dele em sua língua, a sensação de seu pau pressionado contra sua boceta em um silêncio, mas sugestão firme.

Foi tão bom. Então, tão bom. As suas pernas se abriram mais, até que se abriu na cama debaixo dele, e quando seu pau se arrastou entre suas dobras, ela sentiu tudo dele.

E isso foi incrível.

Gemeu de novo, perdida na sensação.

Sua língua dançou sobre seus lábios.

— O que você quer agora, Violet?

— Oh. — Foi convidada a pensar? Não conseguia pensar em nada além de sua boca na dela, seu pau deslizando através de suas dobras e roçando seu clitóris com cada pequeno movimento de seus quadris.

— Violet?

— Hmmm? — Seus lábios se agarraram aos seus, não querendo que se afastasse. Deus, ele tinha grandes lábios.

— Diga-me o que você quer ou eu pararei.

Ela choramingou.

— Você é cruel.

— Não — disse suavemente, e a beijou novamente. — Só quero que você seja uma participante completa nisso, amor. Não quero que se sinta como se não tivesse voz nas coisas, só porque suas mãos estão amarradas. Você pode ser a única nas cordas, mas ainda é a responsável.

Ela estremeceu com isso. Lentamente, arrastou uma perna para cima e envolveu-a entorno de seus quadris, empurrando com o pé para pressionar seu pau mais contra sua boceta.

— Quero mais disso.

Desta vez, Jonathan gemeu. Sua boca arrastou através de sua face.

— Você quer meu pau dentro de você?

— Oh sim, ele sim. Mas ainda não. Logo — prometeu. — Mas quero que você continue me provocando.

— É isso mesmo. — Lambeu ao lado de seu pescoço. — Acho que posso gerenciar isso.

Levantou a outra perna, ambas agora engatadas entorno de seus quadris.

— Mostre-me. — Deus, se sentia tão má, exigindo isso dele.

— Olhe para mim — ordenou, e seu rosto levantou do pescoço. — Olhe para mim quando eu te tocar.

Ela não percebeu que seus olhos estavam fechados. Ela se perdeu na maneira como ele a fazia sentir. Parecia insanamente difícil abrir as pálpebras, mas ela fez, e viu a tensão em seu rosto lindo e intenso, as pupilas escuras, os cílios grossos, as feições fortes.

Ele esfregou o nariz contra o dela em um gesto surpreendentemente terno, e quando o fez, girou os quadris. O movimento esfregou seu pau contra sua boceta, arrastando seu clitóris sensível com uma sensação extraordinária. E quando o fez, ele continuou a observá-la.

Aquilo foi... tão erótico. Respirou fundo, seu olhar fixo no dele. Para seus olhos azuis escuros com suas manchas de âmbar. Para o olhar que parecia exigir mais e mais dela. E o tempo todo, continuou a esfregar lentamente contra seu clitóris, até que ela podia sentir seus sucos arrastando sobre sua pele e molhando os dois.

Ela gemeu.

— Assim, Violet?

Assentiu, incapaz de desviar o olhar, incapaz de falar. Estava envolvida na intensidade de Jonathan.

Ele empurrou contra ela, o impulso focado em esfregar a cabeça de seu pau contra seu clitóris. Ele abriu os lábios com sua ereção e arrastou para trás e para frente através de seus sucos, seu rosto pairando a centímetros de distância dela.

— Você é minha — falou a ela com uma voz suave, mesmo quando seu pau deslizou contra seu clitóris novamente.

— Minha Violet. Meu amor. Você sabe disso, certo?

Ela tremeu debaixo dele novamente.

— Eu... Eu...

— Shhh — pediu, e se inclinou para beijá-la.

— Você não precisa dizer nada. Apenas saiba disso.

Seu corpo flexionou debaixo dele quando se balançou contra ela novamente. Este era um banquete sensual, mas também era tortura. Seu corpo exigia mais do que apenas esfregar. Seus mamilos doíam, implorando por mais atenção.

Ela esticou os laços em seus pulsos novamente.

— Seus braços estão bem, querida?

— Eles querem estar perto de você — respondeu sem fôlego.

— Não desta vez — afirmou. — Desta vez, estou dando prazer a você.

Mas ele também fez isso da última vez. Quando seria sua vez de lhe dar prazer? Violet abriu a boca para protestar e ele mordeu o lábio inferior novamente.

— Diga-me o que você quer.

Ela arqueou então seus seios se levantaram, implorando por atenção.

— Penetração — ela respirou.

Ele gemeu o primeiro sinal de perda de controle que tinha mostrado até agora. Ficou fascinada e a excitação passou por ela. Queria mais disso. Queria que perdesse o controle também. Enquanto seu controle era emocionante, o pensamento dele perder a cabeça ao tocá-la era ainda mais gratificante.

Então decidiu falar sujo para ele, ficando ousada agora com aquele gemido ecoando em sua mente.

— Está tudo bem? — perguntou, e mordeu o lábio dele. — Ou você queria continuar arrastando isso? Porque eu estou doída para ter você dentro de mim por dias.

Seus olhos se fecharam seus cílios escuros se abanando quando seu rosto ficou tenso. Parecia que lutava para manter o controle.

Beliscou seu lábio novamente, mesmo quando ele balançou seu pau contra sua boceta mais uma vez, um pouco mais áspero desta vez.

— Não me entenda mal — murmurou. — Eu amo a sensação daquele pau grande e grosso contra minha boceta, mas amo o pensamento dele dentro de mim ainda mais. Amo o pensamento de você me enchendo e me fazendo doer porque você é tão grande que você está me esticando ao seu redor.

Ele gemeu novamente.

— Violet!

— É verdade, você sabe. Você é grande. Você sempre foi um ajuste apertado. Eu me lembro disso. — Contorceu seus quadris contra os dele, ofegando quando fez coisas ruins em seu clitóris. — Eu amei quão forte você estava dentro de mim, como me preencheu. Isso sempre me deixa tão quente de pensar. E você sabe que eu tenho pensado nisso desde que você me tocou no avião.

— Você tem? — murmurou, sua voz áspera. Sua boca se arrastou sobre a dela, sua língua lambendo a dela para um beijo feroz e rápido.

— Mmmhmm — respondeu quando ele se afastou. — Eu sonhei com isso. Sobre você me agarrando e me jogando em sua cama e me perfurando...

Ele gemeu e pressionou o rosto no pescoço dela.

— Porra, Violet, fique quieta ou perderei o controle. — Seus quadris empurraram contra os dela rudemente, e o sentiu recuar. Levantou os quadris, inclinando-os, e a cabeça de seu pau pressionou contra seu núcleo, provocando-a.

Resistiu contra ele. — Preservativos — suspirou. — Precisa de preservativos.

— Preservativos — concordou grosso, mas não se levantou imediatamente. Segurou seu corpo contra o dela, deixando-a louca. Então, sua boca procurou a dela e lhe deu outro beijo lento e demorado.

No entanto, ele não se movia rápido o suficiente. Ela estava doente de desejo e necessidade, e se sentia tão vazia que poderia gritar com a deliciosa dor dele.

— Você não quer afundar dentro de mim, Jonathan? Enterre-se profundamente e me faça gritar de prazer.

Ele gemeu novamente e se afastou de suas pernas agarradas. Saiu da cama, indo em direção ao preservativo que deixou em uma cômoda próxima.

Observou olhos gananciosos, quando abriu e rolou para baixo de seu comprimento espesso. A cabeça de seu pau era um profundo e delicioso roxo-avermelhado, e imaginou que desejava estar dentro dela tanto quanto ansiava por tê-lo ali.

Com o preservativo, se aproximou da cama, com um olhar misterioso fazendo-a tremer de necessidade. Ela queria que subisse em cima dela e começasse a empurrar para longe. Para levá-la selvagemmente e preenchê-la. Deus, queria tanto.

Mas parecia que estava determinado a deixá-la louca de luxúria. Sentou-se na beira da cama, ao lado de onde ela estava ofegante e esparramada, e apenas a olhou.

— Você é linda, Violet. Já te disse isso? — Seus dedos acariciaram a linha de seu queixo.

— Você mencionou isso uma ou duas vezes — contou, tentando manter sua voz brincalhona. Quando os dedos dele chegaram perto dos lábios dela, tentou beliscá-los.

— Eu poderia olhar para você a noite toda — falou, seu olhar indo para os seios doloridos. A mão dele segurou um, o polegar dele provocando o mamilo enquanto ela gemia e se esforçava contra as gravatas segurando seus pulsos, impedindo-a de estender a mão e agarrar aquela grande e deliciosa ereção com bainha de preservativo que estava tão perto, mas tão longe.

— Espero que você não vá — falou sem fôlego. — Acho que minha boceta não poderia suportar isso.

— Nós não podemos fazer isso, podemos? — Ele se inclinou e deu-lhe outro intenso beijo profundo, distraíndo-a.

Estava tão absorvida pela sensação de sua boca que não notou a mão dele até que ela segurou seu monte e ele começou a arrastar os dedos para trás e para frente através de suas dobras molhadas.

Violet choramingou e ofegou contra sua boca. Seus quadris se arquearam para fora da cama, batendo contra a mão dele.

— Oh, Deus, Jonathan, por favor.

— Por favor, o que, amor? — sussurrou contra sua boca. — Diga-me o que você quer.

Queria alívio daquele tormento erótico e enlouquecedor de seus dedos. Queria mais disso. Não sabia o que queria. Queria o orgasmo que estava tão perto de subir à superfície. Então simplesmente rolou os quadris contra a mão dele e quando roçou os dedos contra o clitóris novamente, engasgou.

— Ali!

— Bem aqui, querida? — arrastou um dedo através de sua escorregadela, até o seu núcleo.

— Não, não — gemeu. Provocação cruel.

— Aqui? — ele murmurou, e circulou seu clitóris com dois dedos. Ela ofegou.

— Sim! Deus, sim. Ali.

— Diga-me, é o que você quer.

Violet gemeu. O homem a torturava.

— Eu quero Jonathan — implorou, praticamente soluçando as palavras. — Por favor, por favor, brinque com meu clitóris.

— Eu adoro ouvir você dizer isso — declarou, em seguida, mudou-se para a cama. Inclinou-se e lambeu um de seus mamilos, mesmo enquanto continuava a esfregar contra seu clitóris. Violet gemeu, as sensações duplas levando o orgasmo em desenvolvimento para mais perto da frente. Esqueceu tudo sobre querer penetração e querer deixá-lo louco. Era a única a perder a cabeça agora.

Seus dedos encontraram um ritmo lento e constante contra o clitóris, e era tão enlouquecedor quanto delicioso. — Mais rápido — gemeu, mesmo quando ele suavemente mordeu o mamilo. — Oh Deus! E continue fazendo isso!

— Eu irei. — Sua voz era grossa. — Doce, linda Violet. — Sentiu a mão dele mudar, e seu polegar pressionou contra o clitóris, então começou a esfregar lentamente para trás e para frente, mesmo quando sentiu seus dedos indicadores empurrarem em seu núcleo.

Ela gemeu, apertando os músculos contra ele. — Sim — gritou novamente. — Eu estou tão perto! — As sensações foram esmagadoras, e todo o seu corpo parecia que foi puxado apertado, como um arco, enquanto ele continuava a provocar seu acidente vascular cerebral e brincar o seu clitóris com o polegar, seus outros dedos empurraram profundamente dentro dela, sua boca atormentando seu mamilo.

Um momento depois, sentiu o pico dentro dela, e engasgou, o orgasmo rasgou seu corpo com uma ferocidade que a surpreendeu. Estremeceu, os membros travados no lugar enquanto continuava a esfregar e acariciá-la através das ondas do orgasmo, até

que ficou tremendo e ofegante com a necessidade. Então, aos poucos, relaxou contra os travesseiros, respirando com dificuldade. — Oh — sussurrou. — Senhor, tenha piedade. Isso foi intenso.

Ele levantou a cabeça e ela olhou para baixo apenas para vê-lo lentamente com a língua no seu mamilo. Isso enviou um estremecimento tremendo através dela, e sentiu sua boceta apertar entorno de seus dedos, ainda enterrados profundamente dentro dela. Lentamente, arrastou o polegar sobre o clitóris novamente, e ela sentiu outro tremor ondular através dela. Um gemido construiu em sua garganta.

— Eu quero que você venha de novo para mim — ordenou naquela voz baixa e intensa. Seus dedos puxaram para trás e empurraram profundamente, e arqueou quando ele empurrou, seus músculos tremendo em resposta. — Eu preciso ver isso de novo. Você era tão incrivelmente adorável que quase parou meu coração.

— Jonathan, por favor — murmurou. — Eu quero você dentro de mim. Você não está com dor?

— Eu faço, mas eu estou gostando muito de assistir você — disse a ela.

Hora de mais conversa suja. Ela estava sem fôlego e contorcendo-se contra o toque dele enquanto ele continuava deslizando o polegar sobre o clitóris supersensível. Deus, queria que ele se afastasse – e continuasse. Pequenos tremores orgásticos continuaram a sacudi-la, lembrando-a de que poderia ter outro a qualquer momento. — Mas você me prometeu penetração se eu pedisse — falou suavemente. — E eu pedi por isso. Eu praticamente te implorei por isso.

Seus dedos empurraram dentro dela novamente, provocando outro gemido.

— Estou penetrando você.

— Não, eu quero todo você — pediu a ele. — Eu quero aquele pau grande e grosso dentro de mim, me enchendo até não aguentar mais. Seus dedos são bons, mas seu pau fica melhor, e faz tempo demais desde que eu o tive dentro de mim.

Seus olhos escuros estavam praticamente negros de necessidade. — Você não quer que eu enterre meu rosto entre suas pernas e faça você gozar novamente, Violet? Eu amo te lambar. Amo o gosto de você na minha boca.

Violet estremeceu. Ele sabia exatamente o que dizer para deixá-la fraca, não sabia? Aquela imagem mental a assombrou, e pensou no orgasmo gritado que lhe deu no avião. Mas a dor profunda dentro dela não iria embora, e queria vê-lo gozar dessa vez. Ela veio duas vezes sob suas mãos; queria ver o mesmo lançamento no rosto de seu amante. Queria ver Jonathan se soltar.

— Por favor, Jonathan — implorou. — Eu preciso de você dentro de mim.

— Venha novamente para mim — ele exigiu.

Ela apertou seus músculos interiores, tentando apertar seus dedos arrastando dentro dela.

— Não até que você esteja em mim e possamos nos unir.

Ele hesitou, depois gemeu e apertou o rosto contra o estômago dela.

— Porra, eu te amo, mulher.

Ela esperava que isso significasse qu conseguiria o que queria.

— Depressa — encorajou-o. — Estou doendo muito por você.

Jonathan se virou e subiu na cama novamente, depois se inclinou e a beijou, e ela ansiosamente colocou as pernas em volta dos seus quadris. Gemeu contra sua boca, e sentiu a mão dele mover-se entre eles, guiando seu pau para aquele ponto perfeito entre suas pernas. Quando colocou a cabeça em seu núcleo, ele hesitou.

Ela investiu contra ele, tentando encorajá-lo a avançar.

— Sim! — Mas ele só esfregou contra ela, aquela fera má. Gemeu quando pressionou contra sua entrada, mas não mais. — Faça!

— Eu te amo, Violet — disse com voz rouca. Então, pressionou fundo e afundou até o punho.

Ela ofegou. Não só por causa de suas palavras sinceras, mas por causa da sensação dele, a memória dele enchendo-a assim há tantos anos. Sexo com Jonathan sempre foi bom, mesmo quando eram dois adolescentes desajeitados. Sexo com ele como um adulto atingiu novos níveis de incrível. Apertou seus músculos internos entorno dele, deleitando-se com a sensação de seu pau profundamente dentro dela. Deus, era tão bom. Tão perfeito para ela.

Gemeu, seus olhos se fecharam e ela observou seu rosto, faminta por ver seu desejo. Para vê-lo perder o controle. Queria senti-lo acariciar profundamente dentro dela, mas mais do que isso, queria vê-lo quando perdesse o controle, para ver seu rosto apertar com seu próprio orgasmo, para assistir a liberação se mover através de suas belas feições.

Estava com fome por isso. E então Violet flexionou seus quadris, encorajando-o a começar a se mover.

— Você está incrível, Jonathan. Você está tão profundo dentro de mim, não é?

— Violet — murmurou grosso. — Minha Violet.

— Toda sua — concordou, e engasgou quando balançou os quadris, empurrando para dentro dela. Oh, isso foi pecaminosamente magnífico.

— Toda minha — afirmou em voz baixa, e empurrou para dentro dela novamente, seus movimentos firmes.

— Você é, não é?

Ela não respondeu. Não precisava. Foi no modo como avidamente levantou os quadris para a próxima viagem, o modo como os braços dela se torciam nas amarras, morrendo de vontade de tocá-lo. Queria tudo dele. E então cravou os calcanhares em sua bunda e levantou os quadris com cada impulso poderoso que ele deu a ela.

Se Jonathan tivesse pensado em fazê-la selvagem com impulsos lentos, medidos, claramente se subestimara. Sentiu o corpo dele tremer contra o dela, e viu o rosto dele ficar tenso, como se estivesse tentando se segurar. Uma mão apertou seu quadril e a segurou firmemente, mesmo quando martelou fundo novamente.

— Sim — exclamou, levantando os quadris e apertando seus músculos internos a cada impulso. — Sim, Jonathan. Dê-me isto.

Seu controle diminuía. Seus poucos impulsos seguintes perderam sua cadência medida, e então levantou uma das pernas de seu quadril e arrastou seu tornozelo até o ombro. Pressionou um beijo ali e

empurrou-a novamente, e isso tornou sua penetração ainda mais profunda, ainda mais maravilhosa do que antes. Ela deu um grito suave e mordeu o lábio. Oh, Deus, isso foi maravilhoso.

E o tempo todo, começou a empurrar mais e mais forte. Ouviu o tapa de suas bolas contra sua bunda, sentiu sua pele bater contra a dela com o poder de seus impulsos. Foi maravilhoso. Mais que isso, o olhar em seu rosto ficou rígido, a poucos centímetros de perder o controle. Empurrava dentro dela com tanta força que seus seios saltavam com cada movimento, e a cama no quarto do hotel rangia alto.

Não se importou. Adorou.

Ela estava tão fixada no prazer de Jonathan e no olhar em seu rosto que ficou surpresa quando sentiu o início de um orgasmo começar a florescer profundamente em sua própria barriga novamente. — Oh — gritou, chocada. Normalmente, precisava que seu clitóris fosse manipulado para que viesse, mas a condução selvagem de Jonathan fez isso por ela. — Oh, Jonathan — engasgou, urgência construindo dentro dela. Os dedos dos pés se enrolaram e o tornozelo cravou-se no ombro dele.

— Oh, continue indo!

— Venha para mim — ele grunhiu, a voz dura com a necessidade. A cama rangeu mais alto, e bateu nela mais e mais forte. Sua mão tinha deixado seu quadril e usava ambas para apoiar seu corpo enquanto dirigia nela. Seus seios saltavam descontroladamente, e ela estava amando, seus gemidos aumentando com cada impulso. Tinha certeza de que estavam sendo extremamente barulhentos.

Também tinha certeza de que não se importava. Fechou os olhos e mordeu o lábio novamente, focada naquele orgasmo indescritível, na sensação dele batendo nela. — Oh, Deus, por favor, continue. Bem desse jeito. Deus, sim. Sim! — Construiu e construiu, e então tentou levantar seus quadris para encontrar seus impulsos martelando enquanto ele se movia impossivelmente rápido dentro dela. Não conseguia acompanhar seu ritmo, seus corpos fora de sincronia. Não importava. Ela não se importou. Tudo o que importava era fechar naquele orgasmo.

E de repente estava lá. Deu um pequeno grito quando seu corpo estremeceu, sua boceta apertou entorno do comprimento grosso do pau de Jonathan, e gozou e gozou e gozou. Faíscas explodiram atrás de seus olhos e seu corpo inteiro tremeu, e oh, Deus, foi tão bom.

Seu nome arrastou para fora de sua garganta entre estocadas. — Violet.

Ela abriu os olhos, mesmo quando seu corpo estremeceu com o orgasmo, e desejou poder tocar seu rosto.

— Venha para mim, Jonathan — sussurrou. — Oh, Deus, venha comigo.

Mesmo quando desceu, ele inclinou a cabeça para trás e gemeu, as cordas em seu pescoço se esticaram quando veio sozinho. Observou maravilhada o corpo dele ficar tenso, o rosto vermelho, e pensou que nunca tinha visto nada mais bonito que Jonathan Lyons, com o rosto apertado do orgasmo. Seus impulsos se tornaram erráticos e diminuídos, sua respiração ofegante igualmente, e então arrastou seu pau dentro e fora dela em um último e quase exausto impulso, e seus olhos sonolentos se abriram para olhá-la maravilhados.

— Violet — murmurou grosso.

— Estou aqui — declarou em voz baixa. — Estou aqui.

Respirando com dificuldade, saiu de cima dela e foi para uma lata de lixo nas proximidades, tirando o preservativo. Observou suas nádegas flexionarem enquanto ele andava admirando-as e as linhas bronzeadas separando sua cintura de sua bunda. Ele se voltou para a cama e foi até a cabeceira da cama, seus dedos desfazendo os nós que seguravam seus pulsos no lugar. — Você está bem?

— Eu posso honestamente dizer que eu esqueci completamente qual deveria ser a minha palavra segura — proferiu sem fôlego.

Ele ficou tenso.

— Eu machuquei você?

Ela bufou e sentou-se quando os laços de seus pulsos se soltaram e os esfregou. Eles não a machucaram, exceto aonde ela lutou contra eles.

— Não seja ridículo, Jonathan. Se eu gritava, era porque eu estava louca de prazer.

Ele relaxou e voltou para a cama. Antes que pudesse ir ao banheiro limpar, colocou as mãos entorno de sua cintura e arrastou seu corpo contra ele.

— Não me deixe ainda.

Essas palavras eram como facas em seu coração. *Não me deixe ainda.* Pobre Jonathan. Ela se aconchegou perto dele e gostou que pudesse finalmente tocá-lo agora. Rolou para o lado, de frente para ele, e começou a esfregar os dedos para cima e para baixo em sua barriga lisa.

— Mmm — disse suavemente quando ela arrastou os dedos através da linha fina de cabelo abaixo de seu umbigo.

— Da próxima vez, sem mãos atadas. Eu gosto muito do seu toque.

Haveria uma próxima vez, perguntou-se Violet? Então decidiu, sim, haveria. Não era idiota; se Jonathan lhe desse o sexo alucinante, tomaria de bom grado toda chance que pudesse ter antes que tivessem que se separar.

Então franziu a testa. Eles teriam que se separar. Não era uma boa ideia se apaixonar por Jonathan novamente. Ela sempre poderia gostar dele. Poderia amar o sexo que ele dava a ela. Mas não sabia se estava pronta para ir com tudo mais uma vez. Seu coração ainda carregava as contusões da última vez.

Incomodada, rolou de costas e olhou para o teto.

— Você está bem? — A mão dele roçou seu braço.

— Só pensando. — Seus pensamentos também a sugaram. Eles estavam cheios dela voltando para seu emprego de professora quieta em Detroit, e Jonathan voltando ao seu estilo de vida fascinante de projetos fascinantes e explorando lugares famosos e perigosos e dirigindo sua empresa de automóveis. Mesmo que se encaixassem como estudantes universitários, trocou de direção assim que voltou para casa. Eles não se encaixam como adultos. Jonathan era um bilionário com um estilo de vida agitado. Violet era bem... chata. Era apenas uma professora de escola.

Ele se cansaria dela em outra semana ou duas.

Por isso era tão importante que mantivesse o coração trancado, não importava o que acontecesse. Eles podiam fazer sexo, podiam rir e brincar juntos dentro e fora da cama, e ela podia beijá-lo, mas ela tinha que manter seu próprio coração.

Porque se ele quebrasse novamente, nunca seria capaz de se recuperar.

Violet suspirou e olhou para o teto sem vê-lo. Percebeu, no entanto, que eles derrubaram a imagem na parede. Ela pairava sobre suas cabeças, a poucos centímetros acima da cabeceira da cama, e estava inclinada para um lado. Isso foi muito engraçado.

— Acho que fomos um pouco excessivamente vigorosos — falou Violet com um sorriso e apontou para a foto.

E então, percebeu a foto em si. Com um suspiro, se sentou e se virou para olhar a foto. Era uma giclée, uma publicação produzida em massa de uma cena pastoral que provavelmente era vendida em vários catálogos de hotéis, cheios de móveis feios, mas discretos. anão tinha prestado muita atenção a isso antes, e provavelmente não teria percebido agora, exceto por uma coisa: a cena pastoral de um rio que corria em direção a um moinho e a uma gigantesca roda d'água.

Uma roda.

— Você vê o que eu vejo? — perguntou, apontando para a foto.

Jonathan sentou-se. Depois de um momento, riu e citou a primeira linha do poema novamente.

— *“Volte, Fortune, gire o seu volante.*

— Você acha que é a nossa roda? — perguntou Violet ansiosamente. Engatinhou para frente de joelhos na cama e tirou a foto da parede, olhando para a parte de trás dela. Nada.

— Bem, minha nota dizia Kallista Hotel — concordou Jonathan. Passou a mão sobre o papelão da fotografia barata.

— Então tem que ser algo com este hotel. — Violet olhou para ele, pensando. — Isso não é original. Eu me pergunto se os outros quartos têm uma pintura semelhante neles?

Jonathan deu-lhe um olhar pensativo.

— Você quer que eu alugue o hotel inteiro?

— Você pode fazer isso?

Ele deu a ela aquele sorriso lento e preguiçoso que fazia seu coração virar.

— Um bilionário pode fazer o que quiser, amor.

Capítulo Treze

Na manhã seguinte, Jonathan alugou todos os quartos do andar deles – o segundo andar. Eles passaram por todos os quartos e só encontraram dois com a mesma pintura que ela olhou na cama, e nenhum deles tinha uma mensagem escrita sobre eles.

Eles voltaram para o quarto de Jonathan, não mais perto do que quando começaram.

Confusa e frustrada, Violet voltou ao poema, estudando-o repetidas vezes.

— Isso tem que ser a roda. Tem que ser.

Ela se inclinou sobre o tablet, olhando para a mensagem digitalizada e desejando que a inspiração acontecesse.

Quando o fez, Jonathan se inclinou e murmurou em seu ouvido:
— Alugarei outro andar?

— Isso é apenas um desperdício de dinheiro se estamos no caminho errado — pontuou Violet, embora estremecesse ao sentir sua respiração acariciando sua orelha.

— Você sabe que eu não me importo com o dinheiro — falou, e se inclinou e beijou o lado de seu pescoço.

Violet engasgou e arqueou, dando-lhe mais acesso a sua garganta. Depois da maratona da noite anterior, dormiram por algumas horas e ela acordou com os beijos famintos dele no meio da noite. Eles fizeram amor duas vezes mais, cada vez mais violento do

que o anterior, e quando a madrugada chegou, tinha caído em um sono exausto e ofuscado.

Mesmo agora, estava enrolada nos cobertores, nua e sentada à mesa em seu quarto, apesar da hora do fim da tarde. Depois de não encontrar sorte no segundo andar, voltaram para o quarto e fizeram amor novamente.

E de novo.

Jonathan acabara de tomar banho e cheirava fresco e limpo, e ela queria lambe as gotas de água de sua pele bronzeada. Deus, o homem estava delicioso.

— Algum de nós está tentando trabalhar aqui — brincou com ele enquanto ele continuava a roer seu pescoço. Ela se afastou dele com um sorriso e apontou para o tablet.

— Olha o que você me fez fazer. — Seus dedos tinham batido na tela quando ele a beijou e ela acidentalmente deu um zoom, a caligrafia na nota aumentando em um grau extremo.

— Está tudo bem — Jonathan afirmou, sua boca se movendo para sua orelha e sua mordiscada continuando no lóbulo da orelha.

— Somente ignore isso. Nós trabalharemos nisso depois.

— Você é incorrigível — disse com um sorriso.

— Mmm, grande palavra de professor. — Suavemente mordeu o lóbulo da orelha dela e deslizou uma mão no cobertor, enquanto pegou um de seus seios.

— Isso me excita.

— Tudo te excita — brincou ela.

— Tudo sobre você — concordou, e ela esqueceu tudo sobre trabalhar pelas próximas horas.

Quando implorou por misericórdia, Jonathan se vestiu e desceu para pegar algo para beber. Eles limpavam o minibar de água engarrafada durante a noite fumegante e ambos estavam com sede. Enquanto esperava por ele, tomou um banho rápido e vestiu uma das suas camisas, já que suas roupas ainda estavam em seu quarto. Ele não se importaria dela tomar emprestado; diabos, provavelmente gostava do jeito que o slogan na frente da camiseta se esticava em seus seios.

Enquanto esperava por ele, pegou o tablet e voltou para a cama, decidida a decifrar o poema. O tablet ainda estava aberto para a tela que tinha deixado, e a fonte gigante olhou para ela assim que bateu na tela. Ela sacudiu os dedos sobre a superfície, tentando reduzir a fonte, e ao fazê-lo, notou algo curioso: o “i” na segunda linha parecia mais escuro do que o resto das letras. Era impossível dizer quando olhava de longe, mas de perto, era claramente mais escuro.

Curiosa, examinou o resto do poema. Mais algumas letras também eram mais escuras. Pegou uma caneta e um pedaço de papel de rascunho da mesa de cabeceira e começou a marcá-los.

— *Vire-se, Fortuna, gire o volante e abaixe o orgulho;*

Gire sua roda selvagem pela luz do sol, tempestade e nuvem;

A tua roda e a ti não amamos nem odiamos.

Por sua vez, Fortuna, gire sua roda com um sorriso ou franzir a testa;

Com essa roda selvagem, não subimos nem descemos;

Nosso tesouro é pequeno, mas nossos corações são ótimos.
Sorria e nós sorr~~i~~mos os senhores de muitas terras;
Franzindo a testa e sorrimos os senhores de nossas próprias mãos;
Pois o homem é homem e senhor de seu dest~~i~~no.
Por sua vez, vire o volante acima da multidão que está olhando;
Tua roda e tu são sombras na nuvem;
A tua roda e a t~~i~~ não amamos nem odiamos.

Olhou para suas anotações, pensando. IVIIII não significava nada para ela. Não havia símbolos mais escuros no último parágrafo, então se perguntou se o espaçamento tinha algo a ver com isso. Em um palpite, separou as letras por parágrafo. IV, III, III.

Números romanos.

433

O Kallista Hotel tinha quatro andares.

Ela ofegou. Foi isso. Esteve na frente de seus rostos todo esse tempo. Eles simplesmente não tinham prestado atenção nas letras porque estavam tão focados no poema.

A porta se abriu e Jonathan entrou na sala com uma sacola plástica cheia de garrafas de água e uma pequena sacola com cheiro de baklava fresco.

— Eu pensei que você poderia estar com fome.

Ela se lançou da cama com um grito e pulou para os braços dele.

— Eu descobri isso!

Jonathan largou as sacolas e segurou-a enquanto se jogava contra ele.

— Você descobriu?

— Deixa comigo! Quarto 433! — Sorriu para ele, os braços entornando o pescoço dele.

— Dez dólares aposto que a sala tem uma dessas pinturas de rodas feias.

— Como você resolveu? — Suas mãos foram para o traseiro dela, e ele gemeu.

— E por que você não está vestindo calcinha? — Estava vestida com nada além de uma de suas camisetas. — Estou usando isso porque não saí do seu quarto nas últimas vinte e quatro horas — brincou ela. Agarrou a mão dele e arrastou-o para a cama.

— Olha, te mostrarei. — Ele se sentou na cama e ela se arrastou ao lado dele, puxando o tablet e suas anotações, mostrando-lhe sua descoberta.

— Isso é incrível — murmurou, e então se virou para olhar para ela, com um sorriso no rosto.

— *Você é* incrível.

Violet sorriu para ele, em êxtase. Descobriu isso sozinha. E com ele sorrindo para ela, se sentiu muito incrível. Naquele momento, sentiu que poderia dominar o mundo.

E quando seu olhar passou de sorrir para ela e descer para a boca dela, Violet percebeu que ele estava excitado. Parecia que agarrar seu traseiro nu o distraiu. E estava se sentindo bastante sexy e fortalecida. Ela o queria, e queria ser a única no controle.

Então, com uma expressão perversa no rosto, se inclinou para um beijo. Quando sua boca encontrou a dela, colocou a mão entre as pernas dele e acariciou a protuberância em suas calças.

Jonathan gemeu sua mão apertando a dela.

— E o quarto?

— Pode esperar — afirmou, acariciando seu pau através de seu jeans.

— É a minha vez de estar no comando. — Com um sorriso, moveu a mão para o peito dele e deu-lhe um cutucão sutil, indicando que ele deveria se deitar.

Jonathan caiu de costas na cama, com os olhos quentes enquanto a observava.

Com as mãos seguras, agarrou a fivela do cinto dele e a desabotoou, acariciando sua mão sobre seu pau de vez em quando para mantê-lo excitado. Em seguida foram os botões em sua mira, e então empurrou o jeans para baixo de seus quadris. Ele os levantou para ajudá-la, e agarrou sua boxer em seguida, puxando-a para baixo e expondo o que queria – seu pau.

Ele estava ereto e pronto para ela, grosso e duro já. Deu um pequeno arrepio de prazer ao ver aquilo e se inclinou sobre ele.

— Eu tenho vontade de fazer isso com você por dias.

— Você tem? — sussurrou sua voz rouca.

— Oh, sim. — Sua mão deslizou em volta da base dele, envolvendo-o com os dedos. Amava a espessura dele, amava a carne macia de seu pau, a pele macia salpicada de veias levantadas que pareciam fascinantes sob seus dedos.

— É por isso que foi uma tortura tão grande para eu ter minhas mãos amarradas na noite passada. Queria pegar isso e colocar na minha boca.

Ele gemeu.

— Mas não há nada que me pare agora, não é? — Sua voz ofegou de desejo. Ela se inclinou e lambeu a cabeça dele, amando o modo como o corpo dele se apertou e ficou tenso quando fez isso. — E é tão saboroso quanto eu pensava.

Jonathan não disse nada, mas a mão dele foi para o seu cabelo e envolveu os fios ali, como se precisasse de uma âncora.

Gostou disso. Lambeu-o novamente e, novamente, usou a língua para banhar a cabeça de seu pau em traços firmes e provocantes. Circulou no centro com a língua, lambendo o pré-sêmen que estava ali.

— Você é delicioso, você sabe disso?

— Não tão delicioso como você — murmurou. — Eu amo o gosto de você na minha língua.

— Sim, mas agora é a minha vez — ela ronronou. — Então, não me distraia. — E quando ele começou a falar novamente, levou a cabeça dele completamente em sua boca e chupou.

Sua cabeça caiu para trás sobre os cobertores e ele gemeu.

Violet fez um som suave de prazer em sua garganta, e com uma mão em seu eixo, a outra se moveu para seu saco e começou a massageá-lo enquanto continuava a chupar a cabeça de seu pau, esfregando-a com a ponta de sua língua. Ela o bombeava com uma mão, inclinando-se sobre ele, e então começou a levá-lo mais fundo,

trabalhando-o em sua boca com movimentos lentos e fáceis. Adorava provocá-lo com seus lábios e língua, seu pau enchendo sua boca e fazendo-a esticar para levá-lo.

— Violet — gemeu quando ela apertou a mão entorno da base e continuou a chupá-lo profundamente. — Eu não durarei.

Ela o soltou com um pop audível.

— Pobre bebê — murmurou, não se arrependendo nem um pouco, e se inclinou para lhe dar outra lambida malvada.

— A grande e má Violet fará você perder o controle?

Seus dedos cravaram em seu couro cabeludo.

— Ela é. Ela é uma mulher má.

— Mmm, eu gosto disso — declarou em voz baixa, e então se inclinou sobre seu pau novamente para levá-lo em sua boca mais uma vez. Desta vez, quando o levou fundo, sentiu a mão dele pressionando contra a parte de trás de sua cabeça, uma sugestão silenciosa para mais. Estava feliz em fazer isso, bombeando-o com a boca uma e outra vez.

Então, sentiu-o tenso embaixo dela.

— Violet, eu estou vindo!

Ela fez um pequeno zumbido em sua garganta, para deixá-lo saber que estava tudo bem, e o chupou mais fundo.

Com uma maldição, o sentiu cair, e seu pau bateu na parte de trás de sua garganta. Então, sentiu o jorro quente de suas sementes, caindo no fundo de sua garganta, e ele deu um gemido de dor e êxtase.

— Oh, Deus, *Violet*. — Ela se afastou lentamente, engolindo tudo, e então deu a cabeça do seu pau um beijo de despedida. Isso, decidiu, era divertido demais.

— Você certamente não durou muito tempo para um homem que pode me torturar por horas a fio.

Ele gemeu e jogou um braço sobre a testa, ainda ofegante.

— Eu não posso evitar. Você tem uma boca incrível.

— Bajulação — brincou, então se levantou da cama.

— Aonde você vai?

— Escovarei os dentes e depois daremos uma olhada no quarto
433 — gritou, sentindo-se bastante satisfeita consigo mesma.

Ele gemeu novamente e não se moveu da cama.

— Dê a um cara um minuto para se recuperar?

— Um minuto — brincou novamente. — Mas só por pouco tempo.

Voltou ao seu próprio quarto para se vestir.

Escapou do quarto dele usando não muito mais do que uma toalha e correu para seu próprio quarto, que estava a apenas algumas portas de distância. Graças a Deus tinham todo o corredor para si. Então, depois de se arrumar e arrumar o cabelo, olhou para o reflexo no espelho, corando. Seu pescoço estava coberto de marcas vermelhas brilhantes que seu cabelo curto não escondia completamente. Isso seria bastante óbvio para o mundo, não é? Mas... meio que não se importava. Colocou seus sapatos, saiu de seu quarto e Jonathan esperava por ela no corredor.

Lá embaixo, a moça da recepção tinha más notícias para eles.

— Receio que o quarto 433 esteja ocupado.

— É importante que eu tenha esse quarto — explicou Jonathan, puxando o clipe do dinheiro e arrastando notas de cem dólares da pilha.

— O que será preciso?

— Sinto muito, senhor — a menina na recepção desculpou-se. — Eu posso entrar em contato com as pessoas que estão atualmente no quarto e ver se elas estão dispostas a mudar, mas não posso forçá-las a isso.

Violet colocou a mão sobre o dinheiro de Jonathan, abaixando a mão antes que pudesse começar a arremessar dinheiro para a garota. Sorriu para a atendente da recepção e, em seguida, agarrou o braço dele, arrastando-o para longe. Quando estavam fora do alcance da voz, sugeriu: — Por que não subimos e perguntamos se podemos conversar com eles por um minuto? — Eles não precisavam da sala inteira, apenas da pintura.

Teoricamente ainda poderiam estar errados sobre isso.

Jonathan olhou para ela e depois assentiu, guardando seu dinheiro. Puxou-a debaixo do braço, casualmente arrastando-a contra o seu lado.

— Veremos o que podemos fazer, então.

Alguns minutos depois, eles foram até o quarto andar e encontraram o quarto que procuravam. Uma etiqueta “Não perturbe” estava pendurada na porta.

— Oh, não — exclamou Violet. — Talvez devêssemos voltar mais tarde.

Jonathan ignorou e bateu na porta.

Estremeceu, antecipando um homem irritado aparecendo para repreendê-los. Um minuto se passou, e então ouviu alguém se arrastando para a porta. Abriu uma fenda um momento depois, a corrente ainda na porta e um homem idoso olhou para eles. O homem olhou para eles.

— Temos toalhas suficientes.

— Eu não estou aqui com toalhas, senhor — afirmou Jonathan, sorrindo.

— Imaginávamos se poderíamos ver a pintura em seu quarto — interveio Violet. O homem olhava para eles com bastante suspeita, e a última coisa que queria era que ligasse para a recepção e os expulsasse do hotel. Não importava quantos quartos ele alugasse; se assediasse os outros convidados, ainda podia ser chutado.

O homem balançou a cabeça e começou a fechar a porta.

Jonathan enfiou o pé na fresta.

— Pagarei dez mil dólares para nos dar essa pintura na parede.

Os olhos do homem se arregalaram.

— É verdade — Violet entrou na conversa. — Eu prometo. Mostre-o, Jonathan.

Na sugestão, ele pegou seu clipe de dinheiro e acenou para o homem.

Olhou-o por um momento mais longo, e então estendeu a mão. Jonathan tirou o pé da porta e entregou ao homem o maço de dinheiros. A porta se fechou e ela sentiu uma pontada de preocupação. E se não abrisse de novo?

Mas um momento depois, ele abriu, e os dois sorriram nervosamente para o velho, que vestia com nada além de uma camiseta e um par de boxer velhos. Na cama, sua esposa idosa estava sentada, usando um roupão floral, o controle remoto na mão.

Ele gesticulou para que Violet e Jonathan pudessem entrar.

— Nós só queremos a pintura — falou rapidamente Violet. Isso foi tão estranho.

— Tome — disse o homem. — É uma coisa feia.

— Obrigado — agradeceu a Jonathan, e caminhou para a cama. Violet mordeu a bochecha para manter o rosto impassível quando ele tirou a pintura da parede, acenou para o velho casal e saiu pela porta. Ela arrastou atrás dele, segurando em sua excitação. Jonathan estava ilegível, com o rosto em pedra, enquanto caminhavam para o elevador.

Quando as portas do elevador fecharam, se virou e sorriu para ela.

— Correu tudo bem.

Bufou, torcendo as mãos enquanto olhava para a pintura em suas mãos.

— Se você chamar de entregar todo o seu dinheiro “bem”, então sim, eu acho que sim.

— Isso é mudança de bolso.

Para ele, talvez. Para o resto do mundo, era uma quantidade de mudança de vida. Balançou a cabeça e focou na foto.

— Existe alguma coisa na parte de trás da pintura?

— Não que eu veja. Nós o separaremos quando voltarmos para o meu quarto. Nosso quarto. — Corrigiu. — Eu quero que você se mude para lá esta noite.

Isso foi uma grande aposta dele.

— Você não me perguntou — falou em voz baixa.

— Isso é porque você é minha, e eu planejo te lambar por horas para garantir que você saiba disso — declarou, com aquele olhar intenso em seu rosto novamente.

Tudo bem, isso a convenceu.

— Bem, então. — Violet ventilou com suas bochechas coradas.

O elevador apitou e eles voltaram para o segundo andar. Ela queria correr para o quarto, sua antecipação lá no céu, mas se forçou a andar devagar e com firmeza ao lado de Jonathan, que não parecia estar com a mesma pressa e ansiedade que ela estava.

Mas então, alguns momentos depois, estavam em seu quarto. Jonathan colocou a pintura na cama e era quase idêntica à pintura em seu quarto. Este era um ângulo diferente da cena pastoral, e a roda d'água dominava a maior parte da imagem.

— Tem que ser isso — afirmou Violet animadamente.

Jonathan virou-o e passou a mão pelo papelão de baixo do quadro.

— Veremos se não podemos fazer isso.

Observou ansiosamente enquanto ele levantava as abas nas costas e lentamente retirava o apoio. Lá, na parte de baixo, colados no tapete, havia dois envelopes com uma única palavra escrita na capa de

cada um. A caligrafia era familiar. *Violet. Jonathan.* Um para cada um deles.

— É isso — respirou Violet. Pegou o envelope com o nome, passando os dedos pela caligrafia do pai. Nas costas, podia sentir o selo de cera do pai. Ele se preocupou tanto com tudo isso. Não entendeu. Em sua experiência, seu pai era um homem que estava interessado em pouco além de suas próprias necessidades pessoais. Para organizar tudo isso para ela descobrir – com Jonathan ao lado dela, depois da morte dele? Isso a fez se perguntar se haveria apenas a estela e os jornais no final dessa caçada, ou se haveria algo mais significativo.

Jonathan pegou o envelope com o nome dele.

— Você quer abrir o seu primeiro?

Ela correu um dedo ao longo das bordas do envelope grosso, curiosamente hesitante. — Dez dólares dizem que é outro poema — afirmou, tentando manter a nota provocante em sua voz e falhando. Por alguma razão, estava estranhamente emocional. E se esse fosse o último envelope? Seria o último empate para o pai dela. Um homem que ela nunca esteve perto, mas que, depois de sua morte, quis envolvê-la nisso o suficiente para arrastar Jonathan para ela.

Não sabia como se sentia sobre isso. Questionando-se, quebrou o lacre de cera no envelope e puxou o papel para dentro e começou a ler.

Fui ao Jardim do Amor,

E vi o que eu nunca tinha visto:

Uma capela foi construída no meio

Onde eu costumava jogar no gramado.

*E os portões desta capela foram fechados,
E não escreverás sobre a porta;
Então eu virei para o Jardim do Amor,
Que tantas flores doces traziam.
E eu vi que estava cheio de sepulturas
E lápides onde as flores deveriam estar:
E padres vestidos de preto andavam em suas rondas
E amarrando com espinheiros, minhas alegrias e desejos.*

Violet piscou quando terminou de ler.

— Uau. Isso é... Olhou para Jonathan. — O que você acha?

Sua boca se apertou.

— Parece-me que é sobre a perda do amor.

Claro que era. Foi este outro tapa de seu pai além do túmulo? Examinou a escrita, mas não viu nada em negrito ou fora do comum. Balançou a cabeça e dobrou o bilhete, devolvendo-o ao envelope. — Eu não tenho certeza do que eu faço disso.

— Talvez faça mais sentido com o meu — Jonathan sugeriu, e rasgou uma ponta do envelope, tirando o próprio pedaço de papel. Escaneou rapidamente, então fez um som em sua garganta.

— O quê? — perguntou Violet, mal respirando. — O que isso diz?

Sem palavras, segurou o papel para ela.

Ela arrancou da mão dele e leu.

Há um trinco sob a lápide que abre um compartimento secreto. Você encontrará as respostas que você procura lá.

Violet sentiu frio. Arrepios subiram em seus braços. Mandava-os de volta para o túmulo? Seu túmulo estava em Detroit. Em casa. Ele os mandou para a Inglaterra e o Novo México, e agora a Grécia... Tudo para que ela pudesse voltar para casa?

— Eu não entendo.

— Violet — Jonathan falou suavemente. Estendeu a mão e acariciou o braço dela.

— Você está bem?

— Eu não sei — respondeu. Foi uma resposta honesta também. Não sabia como se sentia. Parte dela estava furiosa, e outra parte desapontada. — Ele nos mandou em todos os lugares para nos fazer virar e voltar direto para Detroit? Qual foi o ponto? Por que não nos mandar para lá em primeiro lugar?

— Talvez houvesse uma mensagem, algum tipo de significado, em cada um dos locais e poemas.

O lábio dela se curvou de raiva.

— Cada poema basicamente soava como se estivesse me repreendendo por ser uma filha má que ignorou seu querido e velho pai. Se essa é a sua mensagem e eu deveria estar envergonhada por isso, ele falhou.

— Está tudo bem — ele a acalmou, puxando-a contra ele em um abraço de um braço só.

— Nós descobriremos isso quando formos para o túmulo dele. A nota diz que todas as nossas respostas estão lá.

Ela se afastou de Jonathan, sacudindo a cabeça.

— Eu não quero ir.

— O quê?

— Isso não é nada além de manipulação. Tudo isso. — Apontou para as letras — É só mais um dos seus jogos estúpidos. O que encontraremos no final disso? Uma cópia de sua palestra favorita? Seu livro favorito?

— Eu estou esperando encontrar minha estela — Jonathan proferiu calmamente. — Suas anotações seriam um bônus, é claro, mas eu quero levar a estela de volta para a escavação em Cadiz.

Ela balançou a cabeça. Depois de todo esse tumulto emocional entre eles, depois de ser arrastado de país em país, só para descobrir que o pai dela só queria que visitasse seu túmulo? Sentiu-se manipulada por ele mais uma vez.

— Eu não quero ir.

A voz de Jonathan era baixa, calma.

— Eu estarei com você, Violet. Está bem. Ele não pode mais te machucar. Estamos juntos novamente. É como se os últimos dez anos não tivessem acontecido.

Era como se tivesse lhe dado um tapa no rosto.

Os últimos dez anos não aconteceram? Como eles não aconteceram. O corpo de Violet ficou gelado. Seu coração parecia gelo.

— Mas os últimos dez anos aconteceram. Não podemos mudar isso.

— É apenas uma memória ruim agora.

Ela se encolheu. Não foi apenas uma má memória para ela. Dane-se isso. Foi abandonada, devastada e perdera tudo. Ele sonhou com ela enquanto vivia a vida plenamente. Ela se reconstruiu novamente.

Ele poderia ter passado os últimos dez anos ansiando por ela entre as expedições arqueológicas e viagens por todo o mundo, mas ela tinha passado pelo inferno. Passou pelo inferno... E saiu do outro lado uma pessoa mais forte e independente. Sabia a diferença entre amor, luxúria e necessidade.

E não estava prestes a esquecer os últimos dez anos, simplesmente porque desejava Jonathan agora mesmo.

Dez anos atrás, Violet DeWitt precisava de Jonathan Lyons e ele a abandonou. Violet DeWitt, de vinte e nove anos, não precisava de ninguém.

E mesmo depois de dez anos, Jonathan Lyons ainda não a entendia.

Calmamente, recolocou a carta e colocou-a no envelope, e estendeu a mão para Jonathan.

— Só porque você não quer pensar nos últimos dez anos não significa que não tenham acontecido. Eles não são um erro que você pode apagar. Você não pode fingir que não existem. Aconteceu e precisamos aprender com isso.

Mesmo quando disse as palavras, sentiu uma pontada de remorso. Dez anos atrás, estar na cama dele a engravidou e a abandonou. Agora parecia que ela cometia os mesmos erros.

— Violet, não é isso que eu quis dizer... — Estendeu a mão para ela.

Ela se afastou, ficando de pé.

— Eu preciso pensar Jonathan.

Ele ficou de pé também, seguindo-a enquanto se dirigia para a porta.

— Aonde você vai?

— De volta ao meu quarto.

— Então você pode pensar? Pensar sobre o quê?

Ela o olhou calmamente.

— Talvez eu pense nos últimos dez anos. Porque eles com certeza aconteceram para mim.

— Violet, você sabe que eu não quis dizer isso...

— Na verdade, Jonathan, não sei disso. — Sua voz era gelo. — Eu sei que cometi um erro há dez anos quando caí em sua cama, tive problemas e esperei que você viesse me resgatar. Esse resgate nunca veio e eu tive que aprender da maneira mais difícil que você não pode depender de ninguém além de você mesmo. E aqui estou eu, dez anos depois, de volta à mesma posição em que me encontrei antes. E não tenho muito orgulho disso.

O rosto de Jonathan ficou duro.

— Violet — ele respirou. — Eu te amo. Isso não mudou...

Suavemente, deu um tapa no peito dele.

— Você pode não ter mudado, Jonathan, mas eu mudei. E agora preciso de tempo para pensar.

Ela virou-se para a porta e abriu-a, apenas para encontrar a mão de Jonathan em seu braço.

— Violet. Por favor, não vá. — Havia uma riqueza de dor em sua voz. — O que eu disse me desculpe. Eu não quis dizer...

— Eu sei — falou. — Eu sei que você não quis dizer isso duramente. Mas ainda permanece – você não se importa de esquecer os últimos dez anos, e eu me importo. Eu não posso voltar para aquela garota que eu era. E preciso que você queira a mulher que eu sou.

— Eu quero.

Ela deu-lhe um sorriso suave e doce.

— E eu preciso ver se ainda quero as mesmas coisas que fiz há dez anos. — Tirou a mão do peito dele. — Preciso pensar Jonathan. Apenas deixe-me ter um pouco de tempo, tudo bem?

E Violet se virou e saiu não inteiramente certa se estava satisfeita ou aliviada – ou desapontada – que não a seguiu.

É como se os últimos dez anos não tivessem acontecido.

É apenas uma memória ruim agora.

Essas duas linhas tocaram na mente de Violet várias vezes, como uma gravação ruim presa em um loop. Ficou deitada de costas na cama toda à tarde, imóvel e olhando para o teto enquanto pensava.

Pensou em Jonathan – o do passado e o do presente. Pensou em seu pai e seus jogos manipulativos. Pensou no bebê que perdeu dez anos atrás. Pensou em seu emprego em Detroit, seus alunos, seus amigos e seus colegas de lá.

Jonathan queria fingir que o passado simplesmente não acontecera, e ela não podia fazer isso. E doía pensar que até sugerisse tal coisa. Erros aconteceram e aprendeu com eles, cresceu a partir deles. Cresceu mais esperta, mais forte, mais resistente. Ela se machucou, chorou e aprendeu.

Não podia voltar para a garota que era há dez anos e não queria.

E Jonathan ter perdido isso, feriu sua alma.

Ele não a conhecia se disse isso para ela. Então, novamente, não tinha passado pela dor da perda que passou. Entristeceu tanto com a perda do bebê. Suas palavras a fizeram se perguntar se ele realmente sentiu como se a tivesse perdido, ou se a tivesse temporariamente cancelado.

E agora que passaram algumas semanas juntos, esperava que ela simplesmente voltasse para a cama com ele e em sua vida como se o tempo não tivesse passado?

Para ser justo, era a idiota rastejando por toda a cama dele, então não era inocente. Mesmo amando estar com ele novamente, sexualmente, ainda não sabia como se sentia sobre essa lacuna no relacionamento deles. Não sabia se poderia superar isso. O sexo era ótimo, mas o que era sexo sem amor? Jonathan falou que a amava, mas... Ela não sabia.

Simplesmente não sabia mais nada.

Capítulo Quatorze

Depois de agonizar por horas, Violet decidiu.

Silenciosamente fez as malas e vestiu-se para um voo para casa. Reservou um bilhete no aeroporto, providenciou um táxi e, quando não conseguiu mais, seguiu pelo corredor até o quarto de Jonathan.

Seu coração doía e parecia uma pedra em seu peito. Ainda esta manhã, estava feliz, incrivelmente estupidamente feliz. Mas essa felicidade era extremamente frágil; só bastou um comentário de Jonathan para ela perceber o quanto eles não sabiam um do outro.

E ela era responsável demais agora para mergulhar de cabeça em outro relacionamento ruim que só a deixaria dolorida e vazia novamente. Melhor cortar suas perdas agora, enquanto ainda podia. Se entrasse mais fundo, poderia não aguentar.

Enfiando o cabelo atrás das orelhas, apertou a bolsa e bateu na porta do quarto de hotel dele. Ela o ouviu atravessar a sala e a porta se abriu. Jonathan ficou parado, a camisa amarrotada, o cabelo bagunçado e o rosto cansado e envelhecido, apesar do fato de tê-lo visto apenas algumas horas antes.

— Violet — murmurou, e segurou a porta mais aberta. — Entre.

— Na verdade — disse suavemente — eu não posso. — Seu coração doeu e lágrimas ameaçaram. — Eu vim para lhe dizer adeus.

— Não — ele respirou. Seus olhos se estreitaram e se endureceram. — Violet, não. Não faça isso comigo. — Estendeu a mão para ela como se quisesse segurá-la, e então recuou, como se sentisse que se afastaria.

— Violeta, por favor. Falaremos sobre isso...

— Não há nada para conversar, Jonathan. Eu só... Vir aqui foi um erro. Eu me permiti ser sugada, e acho que é hora de ir para casa e voltar para a minha vida normal antes de ser puxada para o fundo. Foi ótimo ver você, mas não posso fazer isso.

— Nós não temos que ir ao túmulo de seu pai — falou rapidamente. O olhar em seus olhos estava tenso. — Nós podemos esquecer que ele começou essa droga de caça ao tesouro. Apenas fique comigo. *Por favor.*

Ela balançou a cabeça, recuando um passo ou dois.

— Não torne isso mais difícil do que já é.

— Tornar isso mais difícil? — soltou uma risada e foi dura, feia. — Não parece ser difícil para você me deixar em absoluto. Esta é a segunda vez que as coisas ficaram intensas e você se vira e corre.

— Isso não é justo. — Apertou a bolsa contra o seu lado como se fosse uma tábua de salvação.

— Eu não dou a mínima para justo, Violet. Eu te amo. — Sua voz era áspera, e a dor em seu rosto era terrível de se ver. — Eu sempre te amei. Isso nunca mudou.

— Mas *eu* mudei, Jonathan. Eu acho que é onde nós continuamos tendo uma diferença de opinião. Eu mudei e não sei o que você tem. — Seu sorriso foi sofrido, triste.

— Você não está nem me dando uma chance. Porra, Violet, pelo menos me dê uma chance!

Ela sabia que não estava. Mas também sabia que não precisava dar a ele uma chance. Era óbvio para ela como essas coisas acabariam.

— Diremos que sim. Digamos que eu pule de volta para sua cama e continuamos nosso caminho alegre. O que então?

Suas sobrancelhas franzidas.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer, o que acontece em seguida para nós?

Ele parecia exasperado com a pergunta dela.

— O que você quiser. Não me importo Violet, enquanto estivermos juntos. Isso é tudo que importa para mim.

— Sim, mas você tem uma vida e amigos. Você também tem expedições arqueológicas que você está apoiando e uma empresa de automóveis para administrar. Eu tenho escola para ensinar. Você está baseado em Nova York, não é? Estou em Detroit. Essas coisas não combinam muito bem. Quando veríamos um ao outro?

Ele abriu a boca e depois a fechou novamente, estreitando os olhos como se sentisse uma armadilha.

Levantou a mão no ar, uma desculpa muda.

— Eu sei. Não há resposta certa. Você não pode simplesmente desistir do seu negócio e de suas atividades para vir comigo enquanto eu leciono, e não posso simplesmente abandonar a escola e meus alunos só para poder ser sua namorada.

— Violet...

Balançou a cabeça.

— Você não vê? Nós seguimos em frente. Mudei no passado.

— Eu não vejo nada disso — falou, levantando a voz. — Eu vejo você tentando me desligar de novo...

— Isso não é verdade.

— Você nem me deixará terminar uma frase — retrucou. — É porque você não gostará do que estou tentando dizer? Porque é mais fácil apenas decidir que você já tem a sua opinião sobre mim, e que continuará sua vida sem mim?

Sua boca se fechou e ela o olhou, irritação subindo nela. Sofria quando se aproximou da porta dele, e agora tentava virar isso para ela? Quando ele não disse mais nada – o céu proíbe que ela o interrompa – deu um pequeno suspiro. — Eu não estou aqui para discutir com você.

— Não, você está aqui apenas para me deixar. — Passou a mão pelo cabelo e parecia tão atormentado que ela sentiu uma pontada de dúvida. — Violet, por favor. O que você quiser, eu farei isso acontecer. Eu só não quero perder você de novo.

Sua boca se forçou em um sorriso vacilante.

— O que é esse velho ditado sobre amar e libertar algo?

— Não — afirmou asperamente, e desviou o rosto, como se estivesse com dor.

— Sinto muito, Jonathan. Eu só... Eu simplesmente não posso. Não posso confiar em mais ninguém para a minha felicidade. Tem que vir de dentro de mim.

— Você me faz feliz, Violet.

Seus olhos eram curiosamente brilhantes, e isso fez seu coração doer ainda mais. Isso fez o que tinha a dizer duplamente difícil.

— Sim, mas não tenho certeza se sinto o mesmo.

Ele fechou os olhos.

— Deixe-me tentar fazer você feliz. Por favor, Violet. Só me dê uma chance.

Ela balançou a cabeça.

— Adeus, Jonathan. Não venha atrás de mim, ok? Liberte-me.

Antes que pudesse dizer qualquer outra coisa, se inclinou para frente, deu-lhe um rápido beijo na bochecha e então se virou e correu para o elevador. Se olhasse de volta, se arrependeria. Se visse a dor em seus olhos, isso apenas aumentaria a dor que sentia agora. Mas sabia que isso era uma dor que poderia superar. Superou isso uma vez. Poderia fazer isso de novo.

Quando apertou o botão do elevador, ouviu o som de um abajur se chocando contra uma parede.

—

Violet foi embora de novo. Sua Violet o abandonou mais uma vez. Falou que era para poupar os dois, mas sabia a verdade. Ela estava com medo, e então correu de novo.

Não venha atrás de mim, ok? Liberte-me.

Deus. Cerrou os punhos, os ombros arfando enquanto procurava algo mais para atirar. A TV estava perto, e pegou a tela plana e bateu-a na parede, desfrutando perversamente da chuva de peças quebradas que choveram sobre os tapetes.

Dane-se *tudo*.

Seu coração acabou de ser arrancado de seu peito e pisado por uma pequena e linda mulher que amava com toda a sua alma. Alguém que ele não fez feliz. Isso o atormentava mais do que qualquer coisa. *Não podia fazê-la feliz*. Mesmo se ela ficasse com ele, ainda seria infeliz.

Não poderia ganhar seu amor de volta. Não havia amor para ela dar.

Violet nem queria tentar. Pensou que ela derrubava suas paredes, deixando-o entrar de volta em seu coração. Em vez disso, fechou de novo e o fechou como se não sentisse nada por ele. Como se *ele* não fosse nada.

E estava impotente para fazer qualquer coisa sobre isso. Não queria que ele fosse atrás dela.

Não o queria em tudo.

Com um grunhido furioso de raiva, passou as mãos pela cômoda, esmagando tudo no chão.

—

Sem a linda e sorridente face de Violet ao seu lado, a caça ao tesouro pós-morte do Dr. DeWitt não tinha significado para ele. Deixou a ensolarada Santorini e se dirigiu para seu mais novo projeto, a escavação em Cádiz, mas mesmo os relatos entusiasmados da equipe de arqueologia não conseguiram tirá-lo da nuvem escura de apatia que pairava sobre sua cabeça.

Depois de dois dias na Espanha, voltou para Nova York para se enterrar no trabalho. Enquanto a Lyons Motors tinha uma frota de

presidentes extremamente capazes e sua empresa privada corria sem muita intervenção do proprietário, de tempos em tempos, colocava as mãos e brincava com um novo projeto. Desta vez, sugeriu que a pesquisa e o desenvolvimento apresentassem um novo modelo de carro para entrar em um mercado diferente. Era uma manobra de distração, mas não ótima. Convocou reuniões e reuniu-se com engenheiros e designers e ouviu sugestões entusiasmadas, esperando sentir a mesma faísca dentro de si.

Foi inútil. Não importava o que fizesse, não conseguia tirar os olhos mortos de Violet e sua expressão calma demais de sua mente. O jeito que o cortara tão eficientemente de sua vida novamente.

Da última vez, ela implorou para voltar para casa com ela. Desta vez, era óbvio que deu o bote antes que tivesse a chance de se machucar novamente. Nos dez anos desde que eles se separaram, Violet aprendeu a empurrar todo mundo para longe. Estava perfeitamente feliz com ele naquela manhã, mas assim que as cartas de seu pai foram encontradas, o fechou e o forçou a sair de sua vida.

E o triste foi que entendeu por que ela o afastou. Sabia que se machucou terrivelmente, tanto pelo pai quanto por ele. Sabia que estava com medo de ser ferida novamente. Mas como poderia provar que não a machucaria quando ela nem queria tentar deixá-lo entrar em sua vida?

Não conseguia dormir à noite porque ansiava por tê-la ao lado dele. Não conseguia se concentrar durante os dias porque ficava imaginando o que Violet fazia. Era tão infeliz quanto ele? Ou já estava de volta à sua antiga rotina, com o coração cuidadosamente armado? Ou chorava e ficava miserável porque queria amá-lo e estava

apavorada? E se os preservativos e o controle de natalidade dela tivessem fracassado e estivesse grávida novamente? E ele a abandonou mais uma vez?

Pegou o telefone e baixou uma dúzia de vezes todos os dias. Se ligasse para ela, estaria assediando-a porque ela pediu especificamente que não queria que a contatasse. Tinha a informação dele; sabia onde encontrá-lo. Falou a si mesmo que, e se houvesse um problema, ou se o quisesse, ligaria.

Mas Violet nunca ligou, e ele foi forçado a admitir para si mesmo que talvez seu amor fosse unilateral, afinal de contas. Talvez a amasse mais do que ela o amava.

Talvez o amor de uma pessoa não fosse o suficiente para um relacionamento.

— Você parece muito mal, cara — Reese chamou quando Jonathan sentou em seu lugar familiar na mesa de pôquer.

— A reunião de negócios atrasou — falou sem emoção, pegando seu copo vazio e levantando-o com os outros cinco homens quando eles convocaram a reunião da Irmandade para pedir. — *Fratres em prosperitatum*¹⁶ — anunciou com os outros. Esperavam por ele para começar sua reunião semanal.

— Esta reunião da Irmandade é convocada — afirmou Logan. — Agora, garotos, garotas. — Começou a distribuir cartas pela mesa

¹⁶ Irmãos na prosperidade em latim.

enquanto os homens se acomodavam para uma longa noite de cartas, charutos e conversas de negócios.

Jonathan largou o copo vazio e empurrou-o para o lado da mesa. Normalmente apreciava um pouco de uísque com suas cartas, mas perdeu todo o gosto pelo álcool desde que viu aquele olhar horrível nos olhos de Violet quando se embêbedou em um estupor. Não que importasse se bebesse mais, se ela o tivesse cortado de sua vida. Considerou o copo e então sacudiu a cabeça. Para ele, isso ainda importava.

— Sério você parece mal — Reese disse a ele, mastigando o fim de um charuto caro enquanto pegava seus cartões.

— Tudo certo?

— Tudo bem — Jonathan concordou, seu tom cortado. — Espero que isso acabe com a conversa.

— Você deveria estar de bom humor — afirmou Hunter, sua voz grave e áspera. O bilionário cheio de cicatrizes sentou-se na sua frente e, por uma vez, sua noiva não estava empoleirada em seu colo. — Sem meninas hoje à noite.

Jonathan bufou para esconder a pontada de inveja que sentia. Parecia que todos os seus amigos tinham se estabelecido no ano passado. Suas reuniões semanais eram frequentemente interrompidas pela nova esposa de Reese, a noiva de Hunter e a noiva de Logan. Até mesmo Griffin, o mais astuto idiota de seu bando, tinha recentemente ficado noivo e tendido a deixar sua namorada de cabelos crespos levá-lo pelas bolas. Muito feliz, se o conteúdo que aparecia no rosto de Griffin fosse qualquer indicador. O último solteiro do grupo deles era o Cade.

Ele franziu a testa. E ele mesmo. Ainda era solteiro, embora em seu coração, sempre foi reivindicado por Violet.

Mão após mão do pôquer junto com discussões familiares foram ocorrendo. Estava em sua maior parte em silêncio, embora mencionasse a nova linha de carros que desenvolvia quando chegou a hora de compartilhar seus negócios mais recentes com o grupo. Principalmente, porém, estava apenas distraído.

Não conseguia tirar sua mente de Violet. Ela se arrependia de sua retirada apressada? Ou apenas não se importava? Se a conhecesse – e achava que sim – ela empurrava qualquer tipo de emoção tão profunda para que não sentisse nada. Apenas passaria o seu dia, blindada e gelada, até que algo a detivesse. E então explodiria em uma fúria de lágrimas e miséria.

E isso fez seu coração apertar ainda mais. Não estava nem chateado com Violet por empurrá-lo; só temia quando o controle dela finalmente escorregasse e quebrasse, porque queria ser o único a confortá-la. Ela precisava de um ombro para chorar, mesmo que fosse dele.

Perto da meia-noite, jogou suas últimas fichas na pilha. — Todas as fichas. — Sabia que era uma mão ruim, apostou imprudentemente a noite toda e perdeu uma pequena fortuna na mesa. Não que se importasse. Só queria estar feito. Queria ir para casa e lamber suas feridas e meditar sobre a perda de Violet por um pouco mais de tempo.

Francamente, estava um lixo esta noite.

Ficou feliz quando Cade ganhou a mão. — Eu estou fora — Jonathan afirmou com uma careta falsa.

— Tudo bem. É hora de encerrar a noite de qualquer maneira. —
Levantou-se da mesa, se despediu de seus amigos, subiu as escadas e
saiu do clube, indo para sua vaga reservada.

— Espere — uma voz chamou atrás dele enquanto pegava suas
chaves.

Jonathan se virou, franzindo a testa para Cade Archer, que o
seguiu. O homem loiro estava com as mãos enfiadas em sua jaqueta de
cor clara e olhava para a rua, procurando por seu motorista que
provavelmente pairava nas proximidades. Archer foi até Jonathan e
parou perto.

— O que é isso? — perguntou sua voz baixa.

— Só queria saber como as coisas foram com Violet — Cade
perguntou. — Vocês dois têm muita história.

— Caralho!

— Tão bem, hein? — O sorriso de Cade permaneceu. — Sinto
muito por ouvir isso. Eu sei que você se importa muito com ela.

Jonathan cerrou os dentes, a mão apertada entorno de suas
chaves. Parte dele queria soca-lo na boca – Cade, que era a definição
de bondade – e parte dele queria derramar suas entranhas.

— Posso perguntar o que aconteceu? — Cade perguntou depois
que ele hesitou.

— Ela me largou de novo.

— Novamente?

Cerrou os dentes.

— Eu pensei que você já conhecia esta história?

— Conte-me.

— Há dez anos, Violet me pediu para fugir com ela. Eu recusei e ela saiu sem mim. Parece que ela me implorou para ir atrás dela e eu nunca recebi a mensagem. Estava grávida e abortou meu bebê. — Parecia uma ferida aberta só de admitir isso em voz alta. Deus, era um homem horrível. Não merecia uma mulher como Violet. Teve que forçar as próximas palavras para fora de sua garganta. — Desta vez, nós transamos e ela ficou com medo e me deixou novamente. Pediu-me para não a seguir.

— Mmm — foi tudo que Cade murmurou.

Não era isso que ele queria ouvir.

— Que diabos isso significa?

— Então ela pediu para você segui-la antes e você não fez?

— Eu não sabia que ela estava grávida. Seu pai me disse que ela foi para casa e se casou com outra pessoa. Eu pensei... Eu pensei que ela tivesse ido embora.

— Então você não lutou por ela. Você ligou para ela para ver se estava bem? Para fechar a porta? Então você poderia seguir em frente?

Rangeu os dentes novamente, a expressão cerrada.

— Não. Eu estava chateado. — E magoado. E com dezenove anos, tendo acabado de perder seu primeiro e único amor.

— Mmm.

— Droga, o *quê*?

— Ela ficou com medo e deixou você desta vez, e você está aqui?

Ele fez uma careta para Cade.

— Ela me disse para não a seguir.

Cade pareceu perplexo com o humor cada vez mais violento de Jonathan. Arrastou um de seus caros sapatos de couro na calçada e olhou para o clube, que ainda latejava com o baixo, apesar da hora tardia.

— Quando conversei com Violet, tive a impressão de que ela não teve uma infância muito feliz. Parece se ressentir um pouco do pai. É assim?

Jonathan assentiu bruscamente, sem saber ao certo para onde isso ia.

— Então, alguma vez ocorreu a você que Violet espera que todos que gosta a desapontem? Talvez seja mais fácil se retirar do que se estender e tentar fazer as coisas funcionarem.

Jonathan apenas o olhou.

— E então eu me pergunto... Quero dizer, claro que ela te afastará. Você a machucou no passado e está com medo de se machucar novamente. Eu acho que estou me perguntando por que você não está lutando por ela.

Sua boca ficou seca.

Claro.

Ele era tão idiota. Tão perdido em sua própria miséria que nem sequer lhe ocorreu ir atrás dela. Tudo parecia tão incrivelmente óbvio agora. Violet o afastou porque estava com medo de se machucar. Não foi atrás da última vez e a perdeu por dez anos. Desta vez, não havia nada que os detivesse, a não ser medo.

E precisava mostrar que ele não estava com medo.

Agarrou Cade pelo colarinho.

— Você é um gênio, você sabe disso?

Cade sorriu.

— Fico feliz que eu possa ajudar.

Capítulo Quinze

Violet tomou um gole de café e olhou para a nova placa em frente à Neptune Middle School enquanto os trabalhadores a ajustavam. Havia algum tipo de ironia doentia em saber que ela teria que ir trabalhar todos os dias na Jonathan Lyons Middle School. O destino era uma puta cruel desse jeito.

— Ei, há muito tempo, que não a vejo — alguém disse atrás dela, e Violet se afastou da placa e viu sua amiga Kirsten. — Fico feliz em ter você de volta — afirmou Kirsten com um sorriso, uma xícara idêntica de drive-thru de café em sua mão.

— Como foram as férias?

— Foi interessante — respondeu, mantendo a voz leve. Tomou um gole de café para não ter que dizer mais do que isso. Kirsten se aproximou dela e as duas professoras se dirigiram para a escola.

— Bem, você não perdeu muito aqui — contou Kirsten, enfiando o cabelo castanho em um clipe com a outra mão de uma forma que mostrava anos de prática. — Mais reuniões, mais detenções, apesar de termos conseguido algum financiamento adicional para o programa da banda, graças ao seu misterioso benfeitor. — Parecia empolgada; Kirsten era a professora da banda e, para ela, tudo circulava em volta de instrumentos de sopro e metais. — Você tem um bronzado legal, pelo menos. Para onde vocês foram?

— Grécia — murmurou Violet, e com o gemido de excitação de Kirsten, acrescentou ela — apenas para pesquisa.

— Mulher. Grécia! Você diz a esse bilionário se ele precisar de uma professora de banda, eu sou a primeira da fila.

Uma pontada de ciúme atingiu Violet. Kirsten seria do tipo de Jonathan, não é? Era borbulhante, bonita e descontraída, como costumava ser. Como ela não era mais. Se fosse uma boa amiga, os juntaria e mataria dois coelhos com uma cajadada só. Faça Kirsten feliz e tire Jonathan de seu mundo para sempre.

Mas não disse nada. O pensamento a incomodou totalmente.

É só porque você ainda está muito apegada, disse a si mesma. *Dê a si mesmo alguns meses para superá-lo e você ficará bem.*

Repetia isso como um mantra na última semana ou mais. Isso não a impediu de chorar em momentos fracos, ou acordar à noite desejando que ele estivesse ao lado dela. Isso não a impediu de ficar de mau humor, e evitou voltar para a escola até que não pudesse mais adiar.

Só precisava de tempo, falou a si mesma. O tempo cura todas as feridas. Teoricamente, esta ainda não teve tempo para sarar.

Então ouviu Kirsten tagarelar sobre a mais nova peça que seus alunos estavam aprendendo, e como seu único tubista era eternamente fraco em cada nota, pobre garoto, e por fim chegou à sua sala de aula, onde seus alunos não ficaram entusiasmados em tê-la de volta. O substituto os deixara assistir a filmes enquanto ela estava fora, e não viu o mal em continuar isso por mais alguns dias. Colocou um documentário histórico sobre múmias e as deixou sozinhas, olhando pela janela. Algo sobre estar em casa parecia um pouco... fora. Não conseguiu descrever. Apenas pareceu errado.

Não foi até que estava no banheiro da sala dos professores durante a hora do almoço que teve sua primeira suspeita sobre o que a incomodava. Sentada em uma das cabines, com a cabeça apoiada nas mãos. Ela não usava o banheiro, apenas se escondia do mundo. Se estivesse no banheiro, não teria que responder perguntas sobre Jonathan, ou sobre a viagem em que estivera, e que todos na escola estavam curiosos. Eles não significavam nenhum mal, mas ninguém poderia dizer pelo rosto rigidamente sorridente de Violet que não queria falar sobre isso.

Alguém na cabine seguinte bateu na parede adjacente.

— Você não tem um absorvente, não é?

— Claro — murmurou Violet, pegando a bolsa pendurada no gancho. Tirou um tampão e passou por baixo da baia.

— Obrigado — a mulher do outro lado agradeceu. — Meio que me surpreendeu esse mês.

— Eu já vi acontecer — disse simpaticamente, e congelou. Seu sangue parecia gelo. Isso era o que perdeu.

Seu período.

Seu coração batia em suas veias, tão alto que nem conseguia se ouvir pensar. Emoção caiu através dela. Nenhum período. Oh Deus. Com os dedos dormentes, procurou em sua bolsa, tirando seu estojo de controle de natalidade. Abriu e o examinou. Não havia um dia perdido. E ela e Jonathan usaram proteção todas às vezes.

Mas... Não teve menstruação.

É só estresse, disse a si mesma. Apenas estresse. Você está estressada com toda a coisa de Jonathan e é por isso que você não

consegue dormir à noite. Está te jogando fora. Você não está grávida. Você não está.

Mas depois do trabalho, ainda foi à farmácia e comprou um teste de gravidez. Em um estado de torpor, voltou para seu apartamento e entrou. O teste de gravidez estava em sua bolsa, esperando. Tudo o que tinha que fazer era tirá-lo da embalagem, fazer xixi no pau e conseguiria resultados. Então saberia se estava na mesma situação que esteve dez anos atrás, ou se apenas pirava por nada.

Em vez de ir ao banheiro para acabar com a tortura de não saber, sentou-se no sofá e ficou olhando para frente, pensando.

Não estava fora de si com terror desta vez. Talvez fosse porque não era mais uma estudante universitária; agora, tinha estabilidade e anos de vida de experiência. O que acontecesse, poderia lidar com isso agora.

Se estivesse grávida...

Teria que contar a Jonathan. Estranho como seu coração pulou com o pensamento. Eles teriam uma razão para estarem juntos, além da pura luxúria animal. Isso iria contra tudo que estava se prevenindo, mas com uma criança, eles teriam uma razão para permanecer um na vida do outro.

Seu coração vibrou de excitação com o pensamento.

Talvez, apenas talvez, pudessem ir devagar e criar o bebê juntos, e aprender um com o outro. Eles poderiam começar de novo.

Poderiam começar de novo.

Ela não deveria querer fazer isso. Deve ser a última coisa que queria. Mas o pensamento de Jonathan ao seu lado quando eles fossem

para consultas de bebê, tocando sua barriga, balançando seu filho de volta para dormir à noite e, em seguida, rastejando de volta para a cama com ela.

Deus queria isso. Queria tanto isso que a surpreendeu. Ela se separou de Jonathan para não machucar seu coração, mas parecia que seu coração já decidiu o que queria, e queria ele.

Mas o afastou.

Torcendo as mãos no colo, se perguntou o que pensaria se fosse até ele e contasse que estava grávida. Ele ficaria feliz?

Ou pensaria que estava brincando com ele? Seu coração caiu com o pensamento. Era um homem rico e bonito. Poderia ter qualquer mulher que quisesse. Ele queria Violet, mas o afastou duas vezes agora. Provavelmente desistiu dela neste momento.

Graças a suas próprias ações, estava de volta ao mesmo lugar que estivera há dez anos – sozinha, perturbada, possivelmente grávida. E desta vez, não podia por a culpa em seu pai, porque foi a única a fazer todos os esforços.

Não podia culpar ninguém além de si mesma.

Pressionou a ponta dos dedos na boca, sentindo-se mal. Por que tinha surtado tanto quando ele afirmou que os últimos dez anos não importavam?

Não queria nem ouvir suas explicações. Ouviu as palavras descuidadas dele, julgou que faltava em sua mente e foi direto para casa. Alguma esperança de relacionamento? Ela cortou e cortou de uma só vez. Só decidiu que ele era o mesmo idiota que sempre achou que era e o desligou antes que pudesse explicar. Era o que sempre fazia

– fugir e enfiar a cabeça na areia quando as coisas ficavam difíceis. E fez isso de novo.

Oh, Deus, *realmente* ficaria doente.

Sua campainha tocou.

Uma mão pressionando a boca, se levantou e se dirigiu automaticamente para a porta. De todas as vezes que um de seus vizinhos pedia emprestada alguma coisa, agora não era a hora. Aquele teste de gravidez queimava no fundo de sua mente como uma marca, e não conseguia parar de pensar em Jonathan, e...

Abriu a porta e olhou para o homem à sua porta.

Jonathan parecia muito mal. Não se barbeava há alguns dias e havia círculos escuros sob seus olhos. Seu cabelo escuro estava uma bagunça despenteada, e parecia que tinha dormido com sua jaqueta e a camisa por baixo. Enquanto seu visual normalmente era casual, ela ficou surpresa ao vê-lo tão amarrotado.

Ficou surpresa ao vê-lo.

— Jonathan — disse, já que não conseguia pensar em mais nada para dizer.

— O...o que você está fazendo aqui?

O olhar em seu rosto era sombrio, teimoso.

— Estou aqui para lutar por você.

Seus olhos se arregalaram.

— Você o quê?

— Estou aqui para lutar por você — repetiu, colocando a mão na porta, no caso dela tentar bater na cara dele. Deu um passo à frente,

devorando-a com os olhos. — Eu não lutei por você da última vez. Apenas presumi que você estava fora de alcance e deixei você sair da minha vida. Eu não estou cometendo o mesmo erro novamente.

Em branco com o choque, se afastou e deixou-o entrar.

— Entre.

Ele entrou, e o observou ainda mal capaz de acreditar que ele estava aqui, afinal. Seus grandes ombros pareciam engolir seu minúsculo apartamento. Perguntou-se o que achava do lugar dela. Era pequeno e cheio de livros e objetos diversos que atraíam a ela. Em uma parede pendia um mapa do Império Romano. Em outro, tinha uma fileira de frascos de gengibre antigos e delicados. Não havia muitas fotos pessoais; ela não possuía animais de estimação, não tinha ex-namorados que tivessem deixado sua marca. Não era nem mesmo uma ótima empregada. Que embaraçoso. Passando por cima de uma das cadeiras, falou nervosamente.

— O que você está fazendo aqui em Detroit de novo? Pensei que você estivesse em Nova York.

— Eu estava. — Examinou o apartamento dela, depois se virou para olhar para ela. — No entanto, eu posso ficar aqui por um tempo. Talvez para sempre.

Seu coração batia como se tivesse corrido uma milha.

— Oh? Por quê?

— Porque você está aqui, Violet. Se você está aqui, é aqui que eu quero estar. — Aproximou-se dela, espreitando como um grande e delicioso predador, pegou a mão trêmula que ela pressionou contra os lábios e beijou as pontas dos dedos.

— Eu sei que você disse que não queria que eu te seguisse. Você falou que isso não funcionaria. Que éramos duas pessoas diferentes. A coisa é... Eu sei que somos diferentes. — Seu sorriso era suave, quase tristonho, mesmo quando seus olhos devoraram seu rosto. — Você não é a mesma garota que era há dez anos, e eu não sou o mesmo garoto idiota. Gosto de pensar que aprendi com meus erros. Então, desta vez, não deixarei você ir.

— Você não deixará?

— Eu não deixarei. Estamos fazendo isso do seu jeito. Como você quiser. Se quiser me ignorar pelos próximos dez anos, me foder por uma noite e depois me apagar de novo, é assim que faremos isso. Sempre que você precisar de mim, estarei aqui.

Ela se encolheu com as palavras dele. Deus, a fez soar tão fria. Puxou a mão da dele, magoada.

— Jonathan, isso não é justo.

— Eu não dou a mínima se é justo ou não. Estou cansado de tentar fazer a coisa certa, se isso significa que eu não tenho você. — Ele se moveu para frente e colocou as mãos nos ombros dela, muito gentilmente. — Você não entende Violet. Eu não estou dizendo isso para te machucar. Estou te dizendo que estou aqui para você, para sempre. Sempre. Eu sei que você está com medo de se machucar e se decepcionar. Sei que você está com medo, que eu vá te machucar de novo e abandonar você. Eu sei que o único homem em sua vida foi seu pai, e ele a negligenciou. Eu sei que sua mãe estava perdida em seus próprios problemas, e você nunca teve ninguém para depender. Estou aqui para dizer que serei essa pessoa, Violet. Estou aqui. Sempre estarei aqui para você. Você pode depender de mim. — Seus polegares

roçaram seus ombros e deu a ela um olhar terno que a fez doer por dentro. — Sempre.

Os lábios dela tremeram. Uma riqueza de emoção ameaçou entrar em erupção dentro dela. Não prometia amor intenso e apaixonado como ele normalmente fazia.

Prometia ficar ao lado dela. Sempre.

E isso era exatamente o que ela precisava ouvir. O que precisava desesperadamente e ainda estava apavorada de pedir.

— Jonathan.

— Não me afaste Violet. Por favor. Seja qual for o motivo pelo qual você me quer em sua vida, eu estarei aqui. Mesmo que não seja como seu amante. Mesmo que você só queira um amigo, eu estarei aqui.

Agora as lágrimas derramaram por suas bochechas. Ele era tão altruísta. Não o merecia, não merecia o amor dele. Era uma criatura ferida que foi privada de amor e carinho tantas vezes que nem sabia mais como pedir. Não sabia dizer *sim*, *ótimo*, *obrigada*.

Mas o olhar de compreensão nos olhos dele lhe disse que ele também sabia disso.

— Estou com medo — murmurou, sua voz vacilante. — Toda vez que eu amo, eu me machuco.

— Às vezes o amor é sobre a dor, Violet. — Passou as costas de seus dedos sobre as bochechas dela, afastando suas lágrimas. — Mas o prazer no amor é maior que a dor. Muito maior. Você apenas tem que estar disposto a dar esse salto.

— E se, daqui a dez anos, não conseguirmos fazer funcionar? O que acontece se nos separarmos então?

— Então eu tive dez anos do seu amor. Dez anos de lembranças maravilhosas e não me arrependerei nem um pouco disso. Todo momento, todo ano, toda hora importam. Eu finalmente percebi isso agora. — Sua boca torceu em um sorriso irônico. — Lembra quando eu falei que os últimos dez anos não contam? Eu estava errado. Porque se não tivéssemos os últimos dez anos, eu não saberia como era perder você. Sem isso, eu poderia nunca ter vindo aqui esta noite, apesar de saber que você não me queria aqui. Poderia nunca ter tentado novamente. Eu teria parado de tentar. Esses dez anos me permitiram aprender com meus erros.

Chorando abertamente agora, ela caiu em seus braços e se aconchegou contra seu peito.

— Eu te amo — choramingou, ranho, lágrimas e soluços. — Eu te amo e estou tão assustada. — Seus dedos se enrolaram em sua jaqueta. — Só não me deixe de novo.

— Você não pode se livrar de mim, amor. Eu prometo. Não importa o que, eu sou seu. — Envolveu-a em seus braços e a segurou com força enquanto ela gritava suas emoções em sua jaqueta.

Eles permaneceram assim por um longo, longo tempo, Violet lutando para se recompor, as mãos dele se movendo sobre seus ombros, seus braços, seus cabelos. Não tinha certeza se era porque ele tentava acalmá-la, ou se ele simplesmente não conseguia tocá-la o suficiente. De qualquer forma, adorou. Amava seu toque, e nunca queria ficar sem isso novamente.

Com uma última fungada, se afastou e deu um passo para trás, olhando para o rosto dele. Seu rosto maravilhoso, de barba porosa,

olhos maravilhosos. — Eu amo você. Eu só... Não percebi isso até que eu te afastei novamente.

— Eu também te amo, Violet. Eu amava a garota que conheci há dez anos, mas eu amo a mulher que é agora ainda mais. — Sua mão acariciou seu pescoço, puxando-a para mais perto, e quando roçou os lábios contra sua boca nos mais ternos beijos, sentiu esperança. Mais uma vez.

O mundo de repente ficou cheio de esperança.

— Estou tão feliz por você estar aqui — sussurrou.

— Estou feliz que você esteja feliz — ele murmurou. — Imaginei se você me ouviria ou haveria uma ordem de restrição envolvida. Na verdade, estou um pouco surpreso por não ser a última.

Ela deu uma risada aquosa.

— Eu queria você aqui. Apenas me levou te perder de novo para perceber o que eu tinha.

— Você nunca me perdeu — afirmou, escovando o cabelo atrás das orelhas em um gesto terno que a deixou sem fôlego. — Nunca pense isso.

Seus dedos se enrolaram em suas roupas.

— Eu estava tão preocupada que te afastei de novo e que você desistiria de mim para sempre. Que eu não seria capaz de consertar o erro. — Hesitou, e depois acrescentou: — Eu... perdi meu período.

Ela sentiu o corpo de Jonathan se contrair contra o dela.

— Pensei que você tomava pílula?

— Eu tomo. Nunca pulo uma dose.

— E nós usamos camisinha.

— Eu sei. Eu ainda comprei um teste de gravidez. — Mordeu o lábio. — Eu sei que as chances são praticamente impossíveis, mas. ..

— Sempre há aquela pequena esperança.

Era *uma* esperança, Violet percebeu. Ela queria uma criança para ancorar Jonathan a ela, forçá-lo a voltar para sua vida. Mas agora que estava aqui, ainda queria um bebê. Sempre quis uma família. Mais do que independência, mais do que viajar, mais do que uma carreira, queria uma família honesta para a bondade. Aquela unidade central de pessoas que a amariam incondicionalmente. Aquela unidade central de pessoas que sentia que nunca teve.

Até agora. Então olhou para Jonathan e deu-lhe um sorriso vacilante.

— Faremos xixi em um palito juntos?

— Bem, eu não sei o que o meu fará, mas se você quiser, estou pronto.

Violet sorriu para ele através das lágrimas.

Dez minutos depois, sentou-se no balcão do banheiro, esperando pelos resultados. Fez a ação e depois deixou Jonathan entrar para que pudessem esperar pelos resultados juntos.

Não foi surpresa para Violet que o teste tenha se mostrado negativo quase que imediatamente. Foi demais para esperar, realmente.

— Sem bebê — murmurou, e jogou o pau no lixo. Devia estar louca por ficar desapontada, mas estava.

— É o melhor.

— É estranho se eu estou desapontado? — Jonathan perguntou, puxando-a para fora do balcão e em seus braços.

— Não é estranho — disse Violet. Estranhamente desapontada também. A preocupação antiga e familiar retornou. Se não houvesse bebê, eles não teriam que ficar juntos, não é? Estava livre para ir a qualquer momento.

— Tire esse pensamento da sua cabeça — falou suavemente, pressionando um beijo em sua testa. — Eu posso dizer pelo olhar em seu rosto que você está esperando que eu corra.

Realmente era transparente, não era?

— Eu não disse isso.

— Não, mas você pensou. — Sua boca se contorceu em um sorriso. — Só porque não há um bebê agora não significa que não pode haver um em um ano ou dois.

Sua pele se arrepiou com suas palavras; não medo, mas antecipação e excitação. Apenas o pensamento de ficar dois anos na estrada com Jonathan encheu-a com uma intensa sensação de prazer.

— Então o que acontece agora?

— Nós saímos do banheiro?

Violet revirou os olhos, mas saiu de seus braços e caminhou pelo corredor. Ia para a sala de seu apartamento quando Jonathan puxou a sua mão, indo em direção ao seu quarto.

Bem, não teve nenhum problema com isso. Deixou que ele a puxasse para seu quarto, estremecendo quando viu sua cama desfeita e a roupa suja no chão.

— Eu não sou uma ótima empregada.

— Contratarei uma — afirmou ele, movendo-se para sentar ao lado de sua cama e puxando-a para baixo ao lado dele.

— Eu não quero que você me contrate uma governanta — disse a ele. — Eu sou professora.

— Então você continuará sendo uma professora empobrecida e eu tomarei a governanta — afirmou, arrastando sua forma menor contra a dele para que pudesse morder sua orelha.

— Você tem uma casa aqui em Detroit? — Era difícil se concentrar com a língua passando rapidamente em sua orelha. — Eu pensei que você morasse em Nova York.

— Eu viajo para Detroit muito a negócios e vivo principalmente em Nova York. Costumo ficar em um hotel quando estou em Detroit, mas se você está aqui, é aqui que eu também quero ficar.

— Mas e o meu trabalho?

— Eu não pediria a você para desistir do seu trabalho por mim. — Afastou o cabelo de lado e beijou seu pescoço, sua bochecha, em todos os lugares que podia beijá-la. — Eu tenho alguns aviões particulares. Eu voarei muito mais, desde que você voe comigo ocasionalmente. Nós faremos funcionar.

— Eu acho que nós faremos, não faremos? — Havia essa esperança, batendo um padrão frenético em seus seios novamente.

— Eu tenho reuniões toda sexta à noite que eu não posso perder, mas se você não se importa de me perder uma noite por semana, o resto delas são suas.

— Você se mudaria por mim? — Parecia que ele saia de seu caminho para a conveniência dela. Ela com o trabalho

insignificante. Ele era um bilionário com uma enorme companhia para gerenciar e se preocupava em *incomodá-la*?

— Violet, você parece não entender. Eu faria *qualquer coisa* por você.

Ela se virou para ele e jogou os braços entornando o pescoço dele.

— Eu te amo, Jonathan.

Ele caiu de costas na cama dela, os braços em volta da sua cintura quando caiu sobre o peito dele. Seus olhos estavam misteriosamente brilhantes novamente.

— Você sabe que eu nunca me cansarei de ouvir você dizer isso?

— Estou com medo de estar apaixonada — admitiu para ele. — Tenho medo de me colocar lá fora e me machucar.

— A última coisa que eu quero é machucar você — afirmou com uma voz rouca, a olhando com amor.

— Eu estou começando a descobrir isso. — Seus dedos roçaram seu cabelo e se inclinou para beijá-lo, em seguida, puxou de volta novamente. — Mas demorará um pouco para me sentir confortável com as coisas. Eu imagino que serei difícil de vez em quando...

— Eu gosto difícil.

— E eu provavelmente te fecharei quando eu me machucar ou ficar chateada.

— Só terei que empurrar o meu caminho de volta novamente.

— E eu sou uma dona de casa terrível.

— É uma coisa boa que eu estou contratando essa governanta.

Ela riu, sentindo-se leve, arejada e maravilhosa.

— Eu acho que é.

— Contanto que você nunca me deixe de novo — pediu, seus dedos apertando em sua cintura. — Eu posso suportar quaisquer momentos difíceis, qualquer chão bagunçado, qualquer coisa que você jogue em mim.

— Eu não sairei de novo. Eu prometo — afirmou, e traçou um dedo através da barba em seu rosto. — Eu amo você.

— Eu te amo mais do que qualquer coisa no mundo.

Sorriu e se aconchegou contra o peito dele, pressionando a bochecha contra o coração dele. Adorava ouvir isso. Tinha a sensação de que constantemente ouviria apenas para acreditar, mas Jonathan era bom em contar a ela.

Sua mão deslizou pelo corpo dela, acariciando seu quadril.

— Posso dizer o quanto estou feliz que você não bateu a porta na minha cara?

Seus lábios se contraíram com diversão. Sentiu-se tão leve, tão maravilhosa, tão totalmente despreocupada no momento. Ela o amava e ele era todo dela. Por quantas vezes quisesse, pelo tempo que quisesse. Sentiu uma onda de prazer possessivo misturada com desejo. Sua mão desceu pela frente dele em uma carícia, deslizando de seu peito para sua virilha. Ela o sentiu endurecer imediatamente sob sua mão.

— Você parece feliz. Bom e... Feliz.

Jonathan gemeu, suas mãos se apertaram contra ela. — Você está me distraindo, não é?

— Isso é ruim?

— De jeito nenhum. Distraia-me tudo o que você quiser.

Ela não conseguia parar de sorrir; sua mão acariciava seu pau através do tecido de seu jeans pensativamente.

— Diga-me um poema?

— Um poema? — Repetiu, claramente distraído.

— Sim. Diga-me algo romântico. — Acariciou sua mão para cima e para baixo em seu pau.

Ele ficou quieto por um longo momento, enquanto pensava, seus dedos arrastaram sobre o contorno de seu pau, e circulou a cabeça através do tecido, fazendo-o se contrair debaixo dela. — Você... Como Rossetti?

— Eu tenho certeza que eu gostarei.

— Tudo bem, então. — Respirou fundo quando arrastou as unhas sobre o jeans, e então começou. — *“Eu te amei primeiro, mas depois o seu amor, superando o meu, cantou uma música tão mais alta...”* Alguma coisa alguma coisa.

Ela riu.

— Alguma coisa?

— Eu... Parece que não consigo pensar no resto no momento. Estou um pouco distraído. — Sua mão deslizou por suas costas, puxou seu sutiã pelo tecido de seu top.

— Eu acho que me lembraria mais se estivéssemos nus.

— É assim mesmo?

— Não pode doer.

— Estou disposta a tentar — brincou, sentando-se. Sorriu para ele e puxou a blusa sobre a cabeça, jogando-a no chão. Um momento depois, o sutiã dela seguiu e se sentou na frente dele orgulhosamente, nua da cintura para cima.

Jonathan gemeu e arrastou seu corpo de volta contra o dele, procurando sua boca em um beijo. — Deus, você é linda. Eu sou o mais sortudo homem vivo.

Sorriu para ele. Sentia-se com sorte. Este homem maravilhoso, inteligente e lindo a amava. Amava-a ridiculamente. Amava-a mesmo quando ela era impraticável e assustada. Então o beijou ferozmente, tentando mostrar a ele todo o amor que sentia no momento. Sua língua roçou em seus lábios e depois se afastou.

— Como está essa memória?

Ele estendeu a mão e roçou os dedos sobre a ponta do seio dela.

— Dê-me um minuto. Tenho certeza que tudo voltará para mim.

— Oh, tome o seu tempo — murmurou, arqueando em seu toque. Sua outra mão também provocou seu mamilo, e inclinou a cabeça para trás, suspirando de prazer.

— Eu não estou com pressa.

— Então você não se importaria se eu fizesse isso com você o dia todo?

Arrepios se arrastaram em sua pele com o pensamento de apenas deitar-se e languidamente deixá-lo provocá-la com pequenos toques durante todo o dia.

— Eu não posso dizer que me importaria, não.

— Mmm. Entretanto, eu acho que partes de mim ficariam loucas antes de muito tempo. — Ele se sentou e a arrastou contra ele. Seu rosto pressionou contra seu decote e então acariciou seus seios, beijando a pele macia. Os bigodes não barbeados em seu rosto fizeram cócegas e arrastaram sua carne, enviando um bando de sensações através dela. Sintonizou seus tremores, mordendo e lambendo suavemente para ela. — Eu amo seus seios. — Segurou um e levou-o à boca, arrastando o mamilo sobre os lábios cheios.

— Eles são a sua parte favorita?

— Não, seu cérebro é — contou, e ela derreteu toda de novo. — Mas eles são uma das partes mais saborosas.

Ela riu disso.

— É bom saber que sou saborosa, pelo menos.

— A mais saborosa — concordou.

— Isso tudo é para me distrair do fato de que você não conhece nenhuma outra poesia, não é?

Ele riu, sua respiração se agitou contra sua pele.

— De modo nenhum. Isso é para que eu possa chupar essas belezas por um tempo. — Seu polegar brincou com um mamilo antes de colocá-lo de volta em sua boca e começar a apertar com a língua.

Violet gemeu, o calor acumulando-se entre suas pernas, seu pulso batendo em uma batida sensual em seu corpo. Ele sempre a fazia se sentir tão bem, tão sexy. Não importava que seus seios não fossem tão firmes como eram há dez anos, e seus quadris mais largos. Ele a fez se sentir como a mulher mais linda do mundo. E talvez em seus olhos, ela fosse.

— Estou me lembrando de outra linha agora — murmurou, enquanto sua língua circulava a ponta do seio. — Isso definitivamente está ajudando.

— Mmm, continue indo então. Fico feliz de poder ajudar. — Seus dedos arrastaram-se pelos cabelos preguiçosamente, roçando a face, a barba por fazer, qualquer experiência tátil que pudesse derivar dele. Podia tocá-lo o dia todo e nunca ficar entediada.

— *“O amor rico não sabe nada do teu que não é meu. Ambos têm a força e o comprimento, ambos de nós, do amor que nos torna um.”*

— Isso é lindo — afirmou suavemente, e por um momento, esmagou-o contra o peito como se ela pudesse de alguma forma arrastá-lo contra ela e dar-lhe um pouco do amor que saía de seu coração. Estava apavorada, ao mesmo tempo, estava nas nuvens. Por alguma razão, agora que aceitou o amor de Jonathan, sabia que ele nunca a machucaria novamente. Isso iria contra tudo o que ele era.

— É verdade — exclamou, e olhou em seus olhos com seu próprio olhar intenso e solene. — O amor que nos torna um. Quando estou com você, me sinto inteiro de novo.

— Eu também. — Violet inclinou o rosto para que pudesse beijá-lo, e rolou para trás na cama. Ficou deitada em cima dele por um momento, os beijos continuaram, e então rolou os dois mais uma vez até que Violet estivesse sob ele, e ele estava em cima dela.

— Eu quero ver você nua, amor. Eu quero colocar minha boca em você toda. — Seus beijos se moveram de sua boca, para seu queixo, depois para seus seios. Todo o tempo, sua mão puxou e puxou sua saia.

Ela se contorceu sob ele, se afogando em seu toque. Queria a boca dele em cima dela, e apenas o pensamento de seus lábios penetrando em sua boceta a enviaram gemendo. Guiou a mão dele até o zíper em seu quadril e ele começou a puxá-lo lentamente para baixo. Parou no meio do caminho, preso, e fez um juramento e rasgou o resto do caminho.

Ela nem se importou.

— Eu quero sua boca em mim, Jonathan. Agora. Por favor.

Ele mordeu a ponta do mamilo em resposta, e ela quase saiu da cama com o doce choque de prazer misturado com a sugestão de dor.

— Paciência. Ainda estou desembrulhando meu presente.

— Desembrulhe mais rápido — pediu com desdém, levantando os quadris.

— Eu preciso de você.

— Nós temos todo o tempo do mundo, amor. — Sua língua lambeu lentamente em seu mamilo, acalmando a pequena mordida que lhe deu.

— Mas eu sofro por você — afirmou em voz baixa e suplicante. — Eu tenho sonhado com você, você sabe. Toda noite.

Ele gemeu e enterrou o rosto contra seu estômago suavemente arredondado, dando a sua saia outro puxão.

— Você tem?

— Eu tenho.

— Eu estava com um pouco de medo de ser a única pessoa ainda obcecada quando você me deixou. Fiquei pensando que você não se importaria.

— Isso não é verdade — disse em uma voz suave, sugando quando sua língua caiu contra o seu umbigo. Não tinha ideia de que estava com cócegas ali, mas a língua dele fazia com que ela quisesse se contorcer e se contorcer com cada carícia lambedora.

— Eu sonhei com você todas as noites.

— Sonhos sujos?

— Muito sujos — falou. — Sonhos eróticos, suados e felizes.

— Mmm, me conte mais.

Não se lembrava muito deles. Tudo o que sabia era que ela tinha o rosto dele em sua mente, seu corpo pressionado contra o dela, e quando acordou, sua calcinha estava molhada e ela doía com a necessidade não satisfeita.

— Eles nunca são tão bons quanto você, mas eu acordei todos os dias e sofri por você.

Seus dedos moveram-se sob sua saia, ainda engatada entorno de seus quadris, e segurou seu monte através da seda de sua calcinha.

— Você sentiu dor aqui? — Ela gemeu. — Sim.

Um dedo empurrou contra sua fenda, arrastando contra o tecido agora molhado.

— Toda essa umidade é para mim?

Violet abriu mais as pernas, encorajando-o.

— Oh, Jonathan, isso é tão bom.

— Como é bom?

Continuou a esfregar, empurrando para baixo contra sua carne como se ela fosse uma escultura que ele moldava sob seus dedos.

— D...decadente — ofegou, fazendo um som de miar toda vez que as pontas dos dedos arrastaram sobre o clitóris.

— Mmm, eu gosto dessa palavra. Eu acho que *decadente* me faz pensar em coisas doces e deliciosas. E você é doce e deliciosa, Violet?

— Por que não vem descobrir? — perguntou sem fôlego, levantando um joelho até que ela estava esparramada aberta contra ele, suas pernas abertas acenando.

— Oh eu farei. Estou apenas guardando minha sobremesa por mais um tempo. — Sua mão se levantou entre as pernas dela e a levantou até a boca, lambendo os dedos. Viu seus olhos se fecharem de prazer. — Deus, você prova bem.

— Ainda saboreando? — Seus quadris rolaram inutilmente contra os lençóis no olhar quente em seus olhos.

— Ou isso é apenas uma desculpa porque você não pode tirar minha saia?

Ele jogou a cabeça para trás e riu.

— Eu não admito nada.

Violet sorriu e deslizou a mão até a saia, passando-a pelos quadris com um pouco de agitação criativa. Por que, oh, por que ela escolheu usar um tecido tão apertado e inflexível hoje de manhã? Claro que parecia bom, mas foi muito difícil para tirar. Quando estava com a saia até os joelhos, ele pegou o material e tirou-o de suas pernas, jogando-o no chão. Foi deixada em nada além de sua calcinha rosa e sedosa, a

virilha úmida de excitação, e ele estudando-a. Automaticamente ela separou seus joelhos e se apresentou a ele, esperando por mais.

Para sua surpresa, ele colocou a palma da mão na barriga dela, logo abaixo do umbigo, e deu-lhe um olhar pensativo.

— Você já... Pensou muito no futuro?

Ela respirou fundo, de repente achatada.

— Você quer dizer, um bebê? — ele assentiu com a mão acariciando sua pele.

Oh, ou piscando para conter as lágrimas repentinas, Violet forçou um pequeno encolher de ombros.

— Mais cedo eu fiz, claro. Agora... Eu não sei.

— Eu acho que eu gostaria de ver você carregando meu filho — contou ele em uma voz suave, e se inclinou para beijar seu estômago novamente. — Talvez não imediatamente. Ainda precisamos de tempo para nós. Mas talvez daqui a alguns anos.

Violet assentiu, superada.

— Eu adoraria isso — afirmou ela, doendo. Não substituiria o bebê que ela perdera – aquela criança sem nome sempre ocuparia um lugar especial em seu coração – mas eles poderiam começar uma família. Começar de novo. Tentar novamente.

Amava o pensamento disso. Sua mão foi para o cabelo dele e ela tirou-o a testa dele com um toque amoroso.

— Talvez nós pulemos os preservativos hoje à noite, então.

Jonathan olhou para ela surpreso.

— Você ainda está tomando a pílula?

— Eu estou. Um passo de cada vez. Bebê ainda não, mas... Eu quero sentir você todo dentro de mim. — Queria aquele laço que ter sua carne contra a dela traria. A intimidade de saber que nada os separava um do outro, que eles tinham feito esse compromisso com os corpos um do outro.

— Tudo bem — disse Jonathan suavemente, e sua mão deslizou até a calcinha novamente. Desta vez, empurrou os dedos sob a faixa e procurou sua carne debaixo do tecido.

— Mas eu quero suas mãos em cima de mim, Violet. Eu quero sentir cada grama de sua pele contra a minha para cada momento.

— Eu posso fazer isso — afirmou com uma voz baixa e doce. — Seria o meu prazer. — Sua mão foi para sua bochecha e segurou seu rosto quando ele colocou a mão sobre o seu monte. Ele queria que ela o tocasse? Não gostaria de nada melhor. Seus dedos percorreram seu pescoço e sobre um ombro musculoso, mesmo quando sentiu os dedos dele empurrarem entre os lábios escorregadios de sua vagina, procurando seu mais profundo calor.

Ele gemeu ao senti-la.

— Deus, você está molhada para mim, Violet. Eu não posso esperar para chegar lá e beber você. Eu quero aquele doce cobrindo minha língua.

Ela choramingou com suas palavras. Se isso fosse verdade, por que a calcinha ainda estava ligada? Era a última peça de roupa que usava. Ele, enquanto isso estava completamente vestido. Arrastou os dedos contra o colarinho de sua camisa em um apelo silencioso. Pele. Isso era o que ela queria. Pele quente, deliciosa e bronzeada contra a dela.

Seus dedos empurraram mais fundo, e sentiu-o afundar um em seu núcleo. Violet gemeu, esbarrando na mão dele.

— Ai sim!

— Você está tão molhada e apertada para mim, Violet. — Ele enfiou o dedo profundamente dentro dela novamente e apertou a palma da mão contra o clitóris em um movimento que enviou ondas de choque emocionantes através de seu corpo.

— Deus, eu amo quão molhada você fica para mim.

Ela gemeu, empurrando seus quadris contra a mão dele.

— Nu, Jonathan — implorou. — Quero você nu.

— Em um minuto — ele disse a ela. — Eu não posso esperar mais para provar você. — Seus dedos deixaram seu calor e choramingou um protesto. Um momento depois, seu rosto pressionava entre suas pernas, sua calcinha se acumulando sob o queixo enquanto ele empurrava o rosto para baixo para lambe sua boceta. Suas mãos emolduraram seu monte, empurrando sua calcinha para trás e empurrando seus lábios largos, expondo seu clitóris.

Então ele se inclinou e tomou um longo e lento sabor.

Violet quase saiu da cama com prazer.

— Oh!

— Eu senti falta desse gosto doce — murmurou contra sua carne. — Eu quero isso todos os dias pelo resto da minha vida. Manhã, meio dia e noite.

Gemeu quando ele lambeu seu clitóris novamente.

— Jonathan, por favor.

— Por favor, o quê, amor? — Até a respiração dele contra a pele dela a deixou selvagem.

Ela soluçou por ter que declarar em voz alta.

— Por favor, me faça gozar.

— Ah, eu planejo fazer isso. Eu preciso de mais desse doce suco para lambar. — Arrastou a língua para baixo em suas dobras agora inchadas, gemendo de prazer quando ele fez.

— Eu planejo fazer você vir uma e outra vez.

Violet se arqueou contra a boca dele, tentando empurrar sua carne contra a língua dele em sugestão. Continuou a lambê-la, e cada deslize e carícia de sua língua a enlouquecia, deixando-a cada vez mais perto do limite. Ainda não acabou, mas mais perto. Seus dedos foram para os mamilos e ela começou a acariciá-los no tempo de sua língua.

— Deus, sua boca — gemeu.

— Você é tão adorável, Violet. Tão bonita. Eu quero que você venha tão forte para mim. Venha no meu rosto para que eu possa beber.

Suas palavras e suas próprias mãos provocantes a lançaram sobre o precipício; gozou com um gemido, as pernas tremendo enquanto ele continuava a lambê-la com certeza, em movimentos lentos, lambendo cada gota de umidade até que ela estremecia a cada lambida enquanto enviava tremores através de seu corpo.

Jonathan finalmente levantou a boca de sua carne, seus lábios brilhando úmidos, seus olhos quentes de paixão.

— Nada melhor do que você gozar.

Ela esticou os braços sobre a cabeça languidamente, sentindo-se deliciosa.

— Você é muito bom nisso.

Ele lambeu sua boceta novamente, fazendo-a tremer.

— É a minha coisa favorita no mundo, ver você perder o controle em meus braços.

Violet puxou a gola da camisa novamente.

— Você sabe o que me daria prazer? Você ficar nu para que eu possa colocar minhas mãos em cima de você.

Seus olhos brilhavam e ele deu um último beijo em seu monte e sentou-se.

— Eu posso fazer isso.

Ela se apoiou nos cotovelos e observou-o enquanto tirava a jaqueta e depois a camisa, flexionando os músculos. Levantou o pé e pressionou-o contra o abdômen quando ele pegou as calças.

— Cara, eu não sei sobre você, mas eu esqueci tudo sobre poesia.

— Que poesia? — perguntou, e deu a ela um sorriso malicioso que a fez estremecer.

— Meus pensamentos exatamente — murmurou Violet, puxando o pé para trás quando se inclinou para tirar as calças. Um momento depois, ele ficou em pé e saiu de suas calças, e ela deu um suspiro de puro prazer ao vê-lo, nu e lindo. — Isso é muito melhor. — Ela se sentou e começou a correr as mãos pelo peito dele, um pequeno suspiro de satisfação escapando dela. — Você é tão forte, todo.

— Eu sou — concordou com voz rouca. — Você não tem ideia.

— Oh, eu posso dizer. — Estendeu a mão para seu pau esticado e levou-o em sua mão. O comprimento dele estava rígido de excitação, a ponta vazando gotas de pré-goço. Seu polegar encontrou a umidade na coroa dele e esfregou, circulando em sua pele.

— Tudo isso parece muito duro e solitário para mim.

— Solitário? — Sua voz estava tensa. Suas mãos foram para o cabelo dela e enfiou os dedos nele, inclinando a cabeça para trás e beijando sua boca.

— Parece que quer ir para casa — afirmou brincando. — Eu sei apenas o local para isso também. — Sua mão envolveu totalmente entorno dele e o bombeava. — Em algum lugar quente, molhado e confortável...

Gemeu contra sua boca.

— O melhor de tudo, ele não precisa de uma capa de chuva — ela disse a ele, e então beliscou o lábio dele.

— Soa como o seu tipo de lugar?

— Sim.

Violet envolveu as pernas entorno de seus quadris e puxou-o para mais perto. Eles se beijaram, e podia saborear seu próprio desejo em seus lábios. Suas mãos alisaram para cima e para baixo de suas costas, e gemeu novamente.

— Eu amo o seu toque.

— Eu amo tocar em você — admitiu. Sua pele estava quente contra a dela, e cheirava a uma mistura de suor, almíscar e Jonathan, e não conseguia o suficiente dele. Ela se inclinou para frente e se sentou, os mamilos roçando seu peito, e respirou fundo quando ele

arrastou seus quadris para frente até que seu sexo embalou seu pau. Seu corpo foi puxado contra o dele, e se sentou na beira da cama enquanto ele se levantava, seus membros se enroscavam sobre ele em busca de apoio.

— Eu preciso estar dentro de você — afirmou.

— Eu preciso de você dentro de mim — respondeu, um leve sorriso brincando em seus lábios. — O que você está esperando?

Seus dedos se enrolaram em seus cabelos e inclinou a cabeça um pouco mais para trás, mordiscou sua boca novamente, e então disse: — Eu te amo, Violet. Com todo meu coração e alma.

E enquanto seu coração vibrava com aquela admissão intensa e sincera, ele empurrou para frente e se sentou profundamente dentro dela.

Violeta ofegou; ficava sempre um pouco chocada com a sensação dele quando ele empurrava dentro dela. A espessura de seu pau, a sensação dele empalá-la sempre foi bem-vinda, mas deslumbrante. Hoje, teve a sensação adicional de seu pau estar sem preservativo. Imaginou que podia sentir cada veia em seu pau pulsando contra suas paredes. — Oh, uau.

— Deus maldito — Jonathan exclamou com voz rouca. — Você sem uma camisinha... Jesus.

— Eu sei. — Suas mãos acariciavam seu peito. — Eu sei.

— Eu esqueci como era bom. — Fechou os olhos e puxou-a mais apertado contra ele, enterrando o rosto em seu pescoço. — Eu nunca fui nu com ninguém, só com você, você sabe.

— Sério? — engoliu em seco. Por que isso parecia uma coisa tão significativa?

— Realmente. — Seus braços envolveram entorno dela, segurando-a perto, e então gentilmente a deitou de costas na cama, arrastando-a para frente enquanto ele subia com ela. — Você foi o único relacionamento sério que eu já tive. Os outros eram apenas... bem, sexo pago.

Ele mencionou isso antes, mas ela nunca focou nisso, não realmente. Agora, a maravilha disso realmente a atingiu. Nunca houve ninguém para ele além dela.

Era humilhante.

Suas mãos alisaram sobre seus ombros.

— Eu já te disse que eu te amo?

Afastou-se e, em seguida, empurrou para dentro dela com infinita lentidão, seu corpo ainda apertado contra ele com um braço, o outro apoiando seu peso enquanto ele pairava sobre ela. — Você pode me dizer uma e outra vez, e eu nunca me cansarei de ouvir isso.

— Isso é bom, porque temos muito tempo para compensar — falou em voz baixa. Suas palavras se romperam em um gemido quando ele empurrou nela novamente, tão fortemente que seus corpos arrastaram em seus lençóis.

— Eu ouvi que o sexo de reconciliação é o melhor.

Ela riu disso, e suas risadas se transformaram em suspiros quando ele começou um ritmo constante, batendo nela com estocadas fortes. Toda a despreocupação se foi e se agarrou a ele, cravando as unhas em seus ombros e gemendo seu nome a tempo com seus

movimentos. Seus saltos cavaram em sua bunda, seus quadris levantando com cada impulso. Cada vez que seus corpos balançavam juntos, sentia seu orgasmo cada vez mais perto, mas ela queria vir com Jonathan. Ela já tinha vindo uma vez sem ele e queria compartilhar isso. Nunca se sentiu mais perto dele do que neste momento, e se agarrou a ele como se fosse uma tábua de salvação, sentindo cada impulso em seu coração, sua alma.

— Eu te amo — gemeu quando ele começou a bombear com mais força.

— Continue me dizendo — cerrou. — Eu adoro ouvir você dizer isso.

— Eu te amo — ela repetiu novamente, e engasgou quando ele girou seus quadris contra os dela em um movimento circular, fazendo novas terminações vibrarem.

— Oh, Deus, Jonathan! Eu te amo!

— Novamente. Diga isso de novo.

Ela o fez. Repetidamente, a cada golpe forte, dizia que o amava e parecia aumentar sua intensidade. Em poucos minutos, perdeu a cabeça com a necessidade, sua voz se elevando em um grito enquanto ele continuava a bombear cada vez mais forte dentro dela, deixando-a louca.

— Eu te amo! Eu te amo!

— Você é minha, Violet.

— Sua!

— E você gozará para mim de novo.

— Sim! Venha comigo!

Ele inclinou os quadris para o lado e prendeu-a pelo quadril, em seguida, começou a martelar nela novamente. Isso mudou totalmente o delicioso atrito e fez as coisas se intensificarem em mil. Seu orgasmo rugiu para a vida e, impotente para impedi-lo, começou a gozar. Suas pernas ficaram tensas e sentiu sua boceta apertar e puxar o pau dele enquanto ondas de prazer a percorriam. Deu um pequeno grito.

E alguém bateu na parede do outro lado do apartamento.

O grito de prazer de Violet se transformou em um suspiro horrorizado.

— Oh meu Deus.

— Shhh — pediu a ela. A mão de Jonathan passou por sua boca e lhe deu um sorriso selvagem, quase feroz. — Eu não terminei com você ainda.

E ele começou a dirigir nela com mais força, enviando-a gritando sobre o limite novamente, seus gritos abafados por sua mão. Mesmo quando ela gritou e gozou, ele gozou, também, uma onda de calor banhando-a por dentro e enchendo-a de satisfação quando seu rosto se contorceu de prazer e seus golpes diminuíram.

Por fim, levantou a mão e sorriu para ela, exausto e suado, mas totalmente satisfeito. Inclinou-se para um último beijo e depois rolou para o lado, ofegante.

Ela deitou de costas, atordoada, olhando para o teto.

A mão dele procurou a dela e ele entrelaçou os dedos com os dela enquanto deitavam de costas, e o pequeno gesto fez o coração de Violet dar um pulo feliz.

— Eu acho que nós assustamos meus vizinhos — sussurrou.

— Eu acho que você mordeu minha mão — ele brincou.

Ela sufocou uma risada.

Ele olhou para ela.

— Então — meditou. — Você me ama, Violet?

Ela espiou para ele através dos cílios.

— O quê, você não poderia dizer? Acho que todos os vizinhos do prédio me ouviram gritando.

Ele sorriu.

— Como você está ligada a este edifício, de qualquer forma?

— Eu não sei. Por quê? — Violet lhe lançou um olhar desconfiado.

Ele encolheu os ombros.

— Pensei em comprar um apartamento aqui em Detroit, embora eu provavelmente pegasse algo maior. O que você acha?

Ela considerou isso.

— Que bairro?

— Qualquer um que você quiser.

Violet rolou para o lado, divertida que o olhar dele seguiu os seios dela quando ela fez isso.

— Você está me pedindo para morar com você, Jonathan?

— Eu pensei que fosse óbvio. Quer morar comigo?

Rolou de costas novamente.

— Eu considerarei isso.

— Considerar isso? — Em segundos, o corpo maior de Jonathan estava em cima dela e pressionando-a contra o colchão. — Você precisa de convencimento? Eu sou muito bom em convencer.

Deu-lhe um sorriso malicioso, sua excitação subindo novamente. Seus dedos patinaram pelo peito dele. — Talvez você me mostre um pouco disso convincentemente, então.

Nenhum deles se levantou da cama por horas.

Duas semanas depois

— Você não se importará se eu aparecer? — Cade Archer, sempre solícito, pareceu preocupado quando os dois homens saíram do carro esportivo de Jonathan e se dirigiram para o elevador na garagem.

— Claro que não — afirmou Jonathan, colocando as chaves no bolso da jaqueta.

— Além disso, me fez companhia de volta para Detroit. — Estava feliz por isso também. Estava um pouco cansado esta noite, desde que teve que voar para a cidade de Nova York mais cedo naquele dia para reuniões de negócios, então ficou por perto para a reunião semanal da Fraternidade. Considerou ficar em sua casa na cidade de Manhattan durante a noite, mas o pensamento de voltar para Violet era uma atração maior do que o sono. — Eu liguei para ela mais cedo e está preparando um jantar tardio.

— Então, como estão as coisas entre vocês dois? — Cade perguntou.

Jonathan lançou um olhar curioso para o amigo.

— Não me diga que você veio até Detroit só porque queria ver como Violet e eu estávamos nos dando bem?

— Na verdade, não — Cade disse, um sorriso irônico curvando sua boca. — Eu posso ver pelos hematomas em seu pescoço como vocês estão se dando bem. Eu visitarei um amigo aqui em Detroit amanhã, e pensei em viajar com você apenas para dizer oi.

— Bem, não diga oi por muito tempo — advertiu Jonathan. — Eu planejo arrastar Violet para a cama na primeira oportunidade.

— Sem rodeios, senhor — riu Cade, não ofendido. — Ficarei hospedado em um hotel.

— Bem, você pode pelo menos jantar — concedeu Jonathan com um sorriso. — Mas só jantar.

Eles se dirigiram para a cobertura do prédio mais caro de Detroit. Estava mais longe da escola do que Violet gostaria, mas ela amou o apartamento quando o viram. Jonathan resolveu o problema da distância para ela, contratando um motorista para que pudesse ter outra pessoa para fazer o trajeto da manhã, enquanto ainda acordava e tomava seu café da manhã. Foi apenas uma das maneiras que ele teve a oportunidade de cuidar dela. Felizmente, o prédio ficava perto de seus escritórios no centro da cidade, então, quando saía do trabalho, ela já estava em casa e classificando os papéis para seus alunos. Suspeitava que seus escritórios em Detroit não sabiam o que fazer, agora que passava mais tempo em Detroit do que em Nova York, mas acabaram se aproximando. Permitiu-lhe a oportunidade de observar os escritórios e a administração de Detroit, onde as performances foram

mais pobres do que teria gostado no ano passado. Realmente, isso era uma coisa boa entorno.

Desde que eles se mudaram, ele estava feliz com ela. Era incrível poder acordar e encontrá-la em sua cama todas as manhãs. Violet descobriu-se, como uma grudenta durante o sono, e tendia a se agarrar a ele, como se estivesse preocupada que se o soltasse ele desaparecesse. Assim, tendeu a acordar com a frente de Violet pressionada contra as costas e os pés frios pressionados contra as panturrilhas.

Ele amava cada momento disso.

Eles faziam amor com abandono, falavam sobre o futuro, e nem se importava que ela tendesse a jogar seus sapatos onde quer que atingisse, e poderia seguir um rastro de roupas sujas de volta para o quarto. Afinal, eles sempre poderiam contratar uma empregada.

Tudo o que importava era que, quando subia na cama à noite, os braços de Violet giravam entorno dele. E quando acordava, ele olhava e via seu rosto adorável no travesseiro ao lado dele.

O seu coração nunca esteve tão cheio.

Cade manteve uma conversa tranquila enquanto seguiam pelo corredor em direção ao novo apartamento deles, mas Jonathan não escutava. Esteve longe de Violet por quase um dia inteiro; saiu antes do amanhecer naquela manhã e voltou depois das duas da manhã seguinte. Este foi o tempo mais longo que eles estiveram separados e ele perdeu a cabeça.

— Tem certeza que ela está acordada? — Cade perguntou, abafando um bocejo.

— Ela disse que estaria — respondeu a ele, e abriu a pesada porta de madeira do apartamento na cobertura. Imediatamente, o cheiro picante tocou seu nariz, e sua boca se encheu de água. Ele adorava comida asiática; desenvolveu um gosto por isso em suas viagens, e Violet se lembrou disso.

Como se soubesse que pensava nela, ela saiu da cozinha, vestindo uma de suas velhas camisetas e um par de calças largas que se agarravam às generosas curvas. Seu cabelo escuro estava amarrotado e seus olhos pareciam sonolentos, mas segurava uma espátula e sorria para ele.

— Você chegou em casa! Eu estava preocupada com você.

Seu olhar foi para Cade e aqueceu.

— E você trouxe um amigo. Oi Cade! É tão bom ver você.

— Violet — exclamou Cade, caminhando para frente para lhe dar um abraço rápido. — Você está linda.

Eles se abraçaram brevemente e assim que Cade a soltou, Jonathan arrastou sua linda mulher em seus braços, beijando-a apaixonadamente. Ela devolveu seus beijos sem fôlego, depois se afastou.

— Você me fará queimar a comida.

— Você não tem que cozinhar — afirmou em voz baixa.

— Estou feliz que ela tenha. Tem um cheiro incrível — discordou Cade, inclinando-se contra um dos balcões próximos.

Violet afastou-se dos braços de Jonathan com um rubor e um rápido olhar de desejo, e então voltou para a wok no fogão a gás.

— Eu precisava fazer alguma coisa para ficar acordada enquanto esperava por você. Café? — Apontou para a cafeteira meio cheia no balcão.

— Estou bem — afirmou Cade. — Posso olhar em volta enquanto esperamos por comida?

— É claro — declarou Violet, e estremeceu.

— Somente... desculpe a bagunça. Eu não arrumei.

— Eu não direi uma palavra — falou Cade com um sorriso, e desapareceu na sala de estar.

Imediatamente, agarrou Violet e começou a beijá-la novamente, pressionando-a contra um balcão próximo e esfregando sua ereção contra o berço de seus quadris.

— Deus, eu senti sua falta. — Seus beijos de retorno eram igualmente frenéticos, suas mãos arranhando sua camisa.

— Não tanto quanto eu senti sua falta.

Sua mão deslizou no cóis da calça e choramingou, puxando a mão dele.

— Não, Jonathan, espere.

— Eu não quero esperar — ele rosnou. Esperei o dia todo para tocá-la novamente. Para sentir aquela doce poça de aspersão entre as pernas só para ele. Vinte horas sem ela foram muito longas. Como aguentou dez anos?

— Uau, o teto aqui é enorme — Cade chamou da sala de estar. — O banheiro de hóspedes fica no final do corredor?

— S-sim — disse Violet, soando sem fôlego enquanto os dedos de Jonathan mergulhavam na frente de suas calças. Estava presa no balcão, mas não lutava contra ele. Em vez disso, se agarrou a ele, seus quadris empurrando contra a mão dele em um apelo silencioso por mais. Ah, aí estava. Seu clitóris já cutucava, rígido com a necessidade, e sua umidade atingiu os dedos assim que tocou suas dobras. Deus, ela sempre estava tão molhada para ele. Começou a esfregar e amou os pequenos gemidos que deu, mesmo quando ela começou a montar sua mão.

A sua boca capturou a dela e a beijou, duro e feroz, enquanto a esfregava em um orgasmo rápido e brutal. Ela veio momentos depois, agarrando-se a ele por apoio, sua palma inundando com seus sucos, seu pequeno grito sufocado por sua língua. Ele amava a visão disso, e o olhar vidrado, exausto e cheio que ela lhe deu enquanto ele afastava a mão. Ela se agarrou a ele, enfiando a cabeça no peito dele. — Mmm, estou tão feliz por você estar em casa.

Ele riu e pegou a espátula da mão dela e colocou no balcão. O refogado queimando, então desligou o fogão mesmo quando ela bocejou e se enterrou contra ele.

— Vamos para a cama, amor.

— Que tal comida — ela começou sonolenta.

— Eu comerei amanhã.

— E quanto ao Cade?

Ele a colocou em seus braços e começou a carregá-la em direção à cama.

— Ele pode ir buscar um quarto de hotel.

Pensou que Violet protestaria, mas apenas enterrou o rosto em seu pescoço e começou a lamber e chupar sua pele ali. Gemeu de necessidade.

— Apresse-se em chutá-lo para fora, então — ela murmurou quando empurrou a porta do quarto e a deitou na cama amarrotada.

Jonathan deu um beijo na sua testa.

— Eu não demorarei muito.

Ele não demoraria. Cade discretamente emergiu da parte de trás da cobertura assim que Jonathan fechou a porta do quarto e se ajustou.

— Você sabe — Cade declarou: — Eu acho que você apenas sabe, se é o melhor para você.

— Perfeito. — Jonathan sorriu para ele em compreensão.

— Você é um bom amigo.

— Eu posso passar pelos escritórios de Lyons daqui a alguns dias — disse, pensativo. — Pensando em comprar um carro personalizado para um amigo.

— Será um prazer — falou Jonathan. *Apenas deixe-nos nos próximos minutos.*

Cade assentiu aparentemente distraído.

— Então verei você em alguns dias, cara. — Bateu no seu ombro.

— Tem as chaves de um carro que eu possa pegar emprestado?

— As chaves do meu carro estão no gancho perto da porta. É seu. — Cade sorriu. — Eu irei, então. Diga a Violet que eu disse boa noite e que foi adorável vê-la.

— Direi — falou, e esperou que Cade saísse. Alguns momentos depois, o homem loiro se foi ele atravessou o apartamento, apagando as luzes e pegando os sapatos de Violet, para não tropeçar neles pela manhã. Jogou-os em uma cadeira próxima e, em seguida, dirigiu-se para o quarto, tirando a jaqueta.

Ela já estava dormindo, a bochecha enfiada na palma da mão. Isso estava bem; estaria perfeitamente feliz abraçando sua mulher enquanto ela dormia. Apenas tocá-la foi prazer suficiente. Tirou as roupas, apagou as luzes e subiu na cama.

Automaticamente, Violet se virou para ele que a puxou contra seu peito. Bocejou quando ele deu um beijo na testa e voltou a dormir.

Pelo menos, achava que dormia. Uma voz sonolenta surgiu da escuridão.

— Neste fim de semana, acho que quero visitar o túmulo de meu pai.

— O que você quiser — Jonathan concordou, puxando-a para mais perto dele. Admitiu para si mesmo que estava curioso sobre o que estava no túmulo do velho, e se sua estela estimada e os diários do Dr. DeWitt estavam escondidos lá, ótimo. Mas encontrá-los foi menos importante do que trazer Violet de volta, e estava contente em esperar até que estivesse pronta para abordar a tarefa novamente.

As coisas boas vinham para aqueles que esperavam, e dez anos de paciência lhe renderam o melhor prêmio de todos. Beijando a testa de Violet novamente, fechou os olhos, totalmente satisfeito.

Epílogo

No sábado, o céu estava azul e o sol apagado, o clima adorável. Era o tipo de dia que era feito para piqueniques e passeios no parque, sem visitar um túmulo. Mas agora que tudo o mais na vida de Violet se alinhava, essa era a única questão ainda sem resposta, e queria o fechamento.

Mesmo que o prêmio no final dessa caça ao tesouro fosse apenas uma das anotações bobas de seu pai ou um diário de pesquisa, pelo menos seria capaz de seguir em frente. Esperançosamente, a estela de Jonathan estaria fechada lá, e ele poderia seguir em frente também. Não haveria mais manipulação do Dr. DeWitt além do túmulo. Gostou do pensamento disso.

— Você está linda — Jonathan afirmou enquanto vestia um suéter preto simples.

Colocou seus sapatos pretos e deu-lhe um olhar estranho. Pulou a maquiagem naquela manhã, apenas no caso de se emocionar no túmulo de seu pai. Além disso, estava toda de preto. Seus lábios se contraíram com um sorriso nervoso; Deus, por que ela estava nervosa?

— Adorável, né? Por que isso?

— Absolutamente. — Ele se moveu para o lado dela, vestido com uma jaqueta preta. Em vez de sua camiseta normal e jeans, usava uma camisa preta com gola e calças por respeito ao túmulo de seu pai. Sua mão enfiou uma mecha de cabelo atrás da orelha e ele olhou para o rosto dela. — É o olhar em seu rosto esta manhã. Eu não posso tirar

meus olhos de você. Você está forte e resoluta, e toda vez que olha para mim, eu vejo o amor em seus olhos. Você é a mulher mais linda que eu já vi.

Um nó emocional ameaçou a garganta dela e inclinou o rosto para trás, silenciosamente pedindo um beijo. Para o conforto.

Ele roçou os lábios nos dela.

— Começaremos?

Ela assentiu, não confiando em sua voz.

De mãos dadas, eles foram para o estacionamento e Jonathan dirigiu seu carro enquanto ela navegava com seu tablet e um aplicativo de mapas. O cemitério estava do outro lado da cidade, e dirigiram em relativo silêncio, o único som silencioso das instruções de direção de Violet.

Quando Jonathan finalmente chegou em um estacionamento, o coração dela deu um aperto doloroso.

— Estamos aqui — Jonathan murmurou.

Ela assentiu, congelada.

— Você sabe onde ele está enterrado?

Olhou para as fileiras de lápides e flores, e então lhe deu um olhar suplicante.

Ele se inclinou e beijou sua bochecha.

— Espere aqui, amor. Eu perguntarei.

Esperou no carro, segurando o tablet no peito. O dia era lindo e o cemitério era bastante bonito. Ao longe, um casal de idosos caminhava pelas fileiras. Por alguma razão, ficou incrivelmente nervosa. Não foi a

morte em si; sua mãe tinha falecido quando Violet tinha vinte e um anos, uma bêbada miserável até o seu último momento.

Estava apavorada com o que encontrariam no túmulo de seu pai e no final da caçada.

Ela e Jonathan viveram em êxtase nas últimas semanas. Havia alguns malabarismos de agenda, é claro – ambos tinham empregos. Havia as costumeiras dores de crescimento de duas pessoas se mudando para um novo lugar juntas. Mas Deus, estava feliz. Tão feliz. E estava apavorada com o fato de que tudo o que encontrassem no túmulo de seu pai arruinaria de alguma forma essa frágil felicidade e a destruiria para sempre.

Não contava com menos do Dr. Phineas DeWitt.

Sua garganta estava seca quando Jonathan deixou o local da funerária, com as mãos nos bolsos, e foi até a porta do carro e abriu-a.

— Devemos ir?

— Claro. — No entanto, não parecia certa. Parecia aterrorizada. Mas quando saiu do carro, os dedos de Jonathan se misturaram com os dela e se sentiu um pouco melhor.

Eles andaram por filas de lápides, indo para a parte de trás do cemitério. Lá, no final de uma fila, perto de uma árvore, havia um longo e estreito marcador de pedra em forma de um famoso obelisco – a Agulha de Cleópatra. Vendo isso, Violet começou a rir. — Você está brincando comigo.

Jonathan sorriu para ela.

— Conte com seu pai para sair em grande estilo. Olha —
apontando para o topo. — Ele ainda tem seu nome em uma cartela.

Com certeza, o nome do pai dela estava escrito em inglês, e logo
abaixo, uma cartela com hieróglifos egípcios.

— Esses não são apenas para a realeza? — perguntou Violet,
divertida.

— Como isso já parou seu pai?

Ele tinha um ponto. Se alguém achava que tinha direito a tudo o
que o mundo tinha para oferecer, era o Dr. Phineas DeWitt. Sorrindo,
estudou a frente do obelisco. Tinha a data de nascimento e a data da
morte e, em vez de uma frase de família, dizia novamente o poema – O
Jardim do Amor.

Fui ao Jardim do Amor

E vi o que eu nunca tinha visto:

Uma capela foi construída no meio

Onde eu costumava jogar no gramado.

E os portões desta capela foram fechados,

E não deverás escrever sobre a porta;

Então eu me virei para o Jardim do Amor,

Que tantas flores doces traziam.

E eu vi que estava cheio de sepulturas

E lápides onde as flores deveriam estar:

E padres vestidos de preto andavam em suas rondas

E amarrando com urzes, minhas alegrias e desejos.

— Isso deve ter um significado especial para ele — constatou Violet suavemente.

A mão de Jonathan apertou a dela em solidariedade.

— Por todos os seus defeitos, DeWitt tinha águas mais profundas do que eu acho que ele gostava de deixar transparecer. Queria que todos pensassem que estava supremamente no controle de tudo, mas às vezes eu me pergunto sobre isso. — Ele se virou para Violet. — Como você está se sentindo?

Considerou a lápide de seu pai. Parecia estranho pensar nele enterrado aqui. Nem foi ao funeral porque estava tão cheia de ressentimento por ele. Agora, isso parecia egoísta.

— Eu honestamente não sei. Parte de mim ainda acha que era um homem podre e parte de mim...

— Ainda o ama porque ele era seu pai?

— Eu acho. — Sua voz era grossa.

Jonathan passou um braço pelos ombros dela e abraçou-a. — Nós podemos sair, você sabe. Tudo o que está segurando sobre nossas cabeças não vale a pena. Podemos nos virar e voltar para o carro.

Enterrou a cabeça contra o peito dele, aproveitando o calor e a força que ele oferecia.

— Mas sua estela? E os diários? Eu sei que você queria os dois.

Violet o sentiu dar de ombros.

— Haverá outras estelas, outras revistas.

Ambos sabiam que era mentira, mas era gentil da parte dele oferecer. Relutantemente se afastou do abraço reconfortante de Jonathan e balançou a cabeça.

— Nós chegamos tão longe, não chegamos? Podemos também ir a distância completa.

Ele a esfregou de volta.

— Tudo certo. Você quer fazer as honras?

— Não. Você pode. — Não tinha certeza se podia. Por alguma razão, se sentia toda emocional.

Jonathan lhe deu outro aperto, e então foi até a parte de trás do obelisco do pai. Olhou em volta e deu-lhe um olhar triste.

— Pode observar um vigia? Eu odiaria ter alguém vindo atrás de mim e me perguntar o que estou fazendo.

Uma risada histérica surgiu na garganta dela ao pensar em Jonathan sendo pego em flagrante fazendo algo para o túmulo de seu pai. Obedientemente virou de costas para ele e examinou a área. Não havia ninguém por perto. Um zelador mexeu com uma serra ao longe, e o casal de idosos que ela viu antes foi para o estacionamento.

Ouviu as roupas de Jonathan sussurrarem e então cantarolou baixinho.

— Há uma pequena saliência embaixo da base aqui e eu posso sentir uma pequena alavanca.

Uma emoção correu por ela. Não era surpreendente, mas ainda emocionante. Olhou em volta, mas não havia ninguém por perto, então se virou para Jonathan e se ajoelhou ao lado dele. Suas mãos corriam correndo ao longo da base do obelisco.

— Você pode abrir isso?

— Sim. Só tem muita sujeira nele. Dê-me um momento... Lá. — Um clique alto soou e um pequeno compartimento disparou meia polegada, então ficou preso na grama verde e grossa. Gemeu em desânimo.

— Eu acho que ele não achou todo esse compartimento secreto bem feito. Eu preciso cavar um pouco.

— Depressa — sussurrou Violet, olhando em volta. O cemitério ainda estava vazio, mas seu coração tremia descontroladamente em seu peito, como se corresse o risco de serem apanhados e castigados como crianças desobedientes.

— Quase consegui — Jonathan murmurou. Rasgou a grama na base do obelisco e cravou os dedos no solo até que conseguiu mexer a pequena prateleira um pouco mais para frente. O interior era de um vermelho brilhante, como uma caixa de joias, podia ver dois envelopes enfiados dentro de um saco plástico.

Violet prendeu uma respiração.

— Lá estão eles.

Jonathan enxugou as mãos na grama e pegou a sacola de plástico, tirando-a gentilmente do compartimento secreto. Entregou-as a Violet e deslizou os dedos pelo compartimento novamente.

— Nada mais.

— Nenhuma estela? — Sentiu uma pontada de desapontamento. Pobre Jonathan. Queria muito isso, se por nada mais do que restaurar o nome de seu pai, para os homens com quem trabalhou por tanto tempo e, finalmente, foi traído.

— Nenhuma estela — disse Jonathan. — Não importa.

Assentiu distraidamente e puxou os dois envelopes da bolsa protetora para o colo. Ambos estavam selados com o símbolo de cera familiar de seu pai, e seus nomes estavam na frente. Assim como de costume, exceto desta vez, o envelope de Violet era mais grosso, como se tivesse vários pedaços de papel. Ela o segurou para Jonathan, com os dedos trêmulos. Era isso. A menos que seu pai os estivesse enviando em outra perseguição selvagem, esta era a última comunicação que teria com ele.

O pensamento a fez se sentir curiosamente oca.

— Abra o seu primeiro. Jonathan pegou o seu envelope e o colocou no colo, esperando.

Assentiu e, sem fôlego, quebrou o selo. Dentro estavam várias folhas de papel pautado escritas à mão. Ao contrário das notas anteriores que foram enviadas em um pergaminho espesso e cremoso, estas eram páginas da escrita solta e confusa de seu pai, arrancadas de um caderno e dobradas repetidamente até que o papel estivesse macio, como se tivesse manuseado repetidamente antes de colocá-lo amorosamente no envelope para ela encontrar depois de sua morte.

Violet desdobrou e começou a ler.

Querida Violet Isolde DeWitt,

Eu poderia começar isso com um clichê e dizer que quando você ler isso, eu estou morto. Mas eu nunca fui um homem apaixonado pelo óbvio, como você deve ter adivinhado agora que está lendo isso. Prefiro deixar minha marca com estilo. Eu sou grato que você (e espero que Jonathan) tenha seguido minha trilha até o meu local de descanso final.

Sei que você guardou ressentimento para mim em seu coração. Tem havido muito sangue ruim entre nós. E como é impossível para nós falarmos sem emoção e com o nosso passado atrapalhando nossas palavras, queria contar tudo da minha perspectiva e esperar que você pudesse entender um pouco mais o seu querido e velho pai.

Sua mãe e eu nunca deveríamos ter casado. Eu era seu professor e ela era minha aluna, e nunca deveríamos nos envolver, mas não pude resistir. Nunca fui capaz de resistir a ela, realmente. Sei que isso talvez seja óbvio quando adulto, mas sei que foi difícil para você, quando criança, ter pais tão diferentes um do outro. Eu sempre fui envolvido em meu trabalho e sua mãe sempre procurava alguém para salvá-la de si mesma. Eu não percebi isso até que era tarde demais, e então ela estava grávida de você. Nós dois queríamos você, se nada mais, para salvar nosso relacionamento já fracassado, e então nos casamos. Mas descobri que sua mãe queria que eu desistisse do meu trabalho por ela e que não havia como agradá-la. Nos primeiros anos, realmente tentei. Eu fiquei em casa, longe de escavações importantes, fiz outros arranjos, e estava ao lado dela a cada hora do dia em que não trabalhava na universidade. Ainda não era o suficiente para ela, e comecei a perceber que o buraco negro na alma de sua mãe, que sugou toda a felicidade dela, se estenderia para mim se eu permitisse. Eu tive que fazer uma escolha, e escolhi o meu trabalho já que era isso ou sermos nós dois eternamente miseráveis.

Sei que a minha escolha não era a certa para você, mas não sabia mais o que fazer. Metade do tempo em que tentei voltar para casa, sua mãe insistia em ficar longe. Perdi vários dos seus aniversários, sua formatura do jardim de infância..., mas fiz isso tentando agradar sua mãe. No momento em que percebi que nunca a agradaria, já era tarde

demais e você e eu nos afastamos tanto que senti que havia um abismo intransponível entre nós.

Violet engoliu a seco. Ficou longe enquanto crescia porque sua mãe lhe pediu? Sempre acreditou que estava ocupado demais para ela, desinteressado demais. Descobrir que sua mãe miserável era igualmente responsável pela solidão de Violet não era surpreendente, mas era de partir o coração. Quantas vezes entendera mal o velho Phineas DeWitt, que sabia cuidar de um vaso de dois mil anos com cuidado, mas não sabia como passar tempo com sua filha ou lidar com sua esposa muito jovem e instável? De repente, as coisas não estavam mais tão preto no branco.

Você sempre foi o pedacinho mais brilhante, e mesmo que eu não fosse o melhor pai, estava orgulhoso de você. Você era inteligente, sensata onde eu não era; forte e independente, onde sua mãe não era. Sua mãe e eu éramos duas pessoas realmente fracas no nosso núcleo, mas gosto de pensar que criamos algo especial quando fizemos você. Quando você se formou, eu queria você ao meu lado durante o verão em Akrotiri. Sua mãe não queria que você fosse. Estava com ciúmes, eu acho, e solitária. Eu insisti, no entanto. Adorei ter você lá para a escavação naquele verão. Eu sei que não conseguimos passar tanto tempo quanto desejávamos juntos, mas eu estava tão orgulhoso de você. Eu ainda estou.

Agora, você provavelmente está se perguntando por que arrastei você para todo o lugar e a forcei junto com Jonathan Lyons mais uma vez. Tem tudo a ver com o Akrotiri, porque naquele verão... Cometi um grande erro.

Não foi preciso muita escavação para descobrir o problema em que você estava. Alguém havia escutado você contando a Jonathan que queria começar uma família, e uma das outras garotas que saíram com você confessou que você chorava muito. Isso me lembrou de como sua mãe e eu nos reunimos, na verdade. Imaginei que você estava grávida e tentando levar Jonathan para casa com você.

E eu fiquei egoísta. Eu vi Jonathan como o filho que eu nunca tive, e o pensamento dele perdendo seus sonhos para ir e criar um bebê com você... Isso me fez sentir como se a história estivesse se repetindo. Estava saindo de outra discussão amarga com sua mãe, e estávamos prestes a fazer algumas descobertas realmente maravilhosas em Akrotiri, e minha filha queria tirar meu assistente favorito. Então fui egoísta, e quando você deixou sua carta para Jonathan, a peguei e a escondi.

Ele nunca recebeu sua mensagem, Violet. A culpa é minha. No entanto, ficou claro que estava apaixonado por você. Assim que você saiu, se tornou uma pessoa diferente: chorosa e infeliz. Era como se a luz se apagou e soube que a luz era você. Então fiz o meu melhor para fazê-lo esquecer de você para que pudesse ter meu assistente de volta. Conteí que você se casou com alguém assim que voltou para casa. Quebrou seu coração, eu acho, mas fez o trabalho. Ele se jogou de volta na escavação e escondi minha culpa. Sabia que tinha esmagado o seu relacionamento, mas eu esperava, tolamente, que seria o melhor para vocês dois. Quando ouvi da sua mãe que você perdeu o bebê, minha culpa foi esmagadora. Até então, escolhi o meu curso. Você se ressentia comigo por continuar passando tempo com Jonathan, e senti como se tivesse perdido todas as conexões com minha filhinha, e a culpa foi minha. Escolhi a arqueologia e não a família pela última vez, e eu não

tinha mais nada a não ser o trabalho... Então trabalhei. Não era algo pelo qual pudesse pedir desculpas, então tentei esquecer que isso aconteceu.

É claro que voltou a me assombrar quando fiquei doente demais para trabalhar. Até então, escolhi o meu caminho. Não havia ninguém para sentar à cabeceira de um homem solitário e segurar sua mão e lhe fazer companhia. Empurrei todos para fora da minha vida, exceto colegas de trabalho, e se você não pode trabalhar você não os tem.

E enviei você nesta longa e louca perseguição para que você possa se lembrar de mim com mais carinho ao longo do tempo. Eu organizei essa “caçada” na esperança de que você se reconcilie com Jonathan, nem que seja como amigos. Foi minha culpa que vocês não acabaram juntos há dez anos. O mínimo que posso fazer é unir vocês na minha morte.

Você provavelmente já se perguntou sobre a poesia também. Lembro-me da minha doce Violet que amava poesia. Era uma forma de expressão para alguém que tinha dificuldade em se expressar. Espero que tenham gostado das peças que escolhi. Elas falaram comigo e pensei que os temas do amor e da perda eram apropriados para como me sentia também. Talvez você tenha a sua incapacidade de se expressar do seu velho e querido pai, hein?

Por favor, diga a Jonathan que roubei a estela deliberadamente para forçar sua mão. Está sendo mantida em um cofre no Credit Union de Detroit sob o seu nome e o código de acesso é sua data de nascimento. Destruí meus diários quando descobri que estava doente. Até um velho cretino pode guardar alguns segredos.

Acima de tudo, queria que você soubesse que, embora eu fui um pai terrível e ausente, ainda amei você com toda a capacidade do meu coração pequeno e egoísta e estou muito orgulho de você.

*Seu pai,
Dr. Phineas DeWitt*

Lágrimas borraram seus olhos. “*Eu ainda amei você com toda a capacidade do meu coração pequeno e egoísta e estou muito orgulhoso de você*”. Quantas vezes quiz que seu pai lhe dissesse isso quando menina? E, no entanto, se ele tivesse se aproximado dela como um adulto, ela teria se afastado dele com desprezo, seu coração endurecido pela decepção. Cuidadosamente redobrou a carta, com lágrimas escorrendo por suas bochechas. Então, estendeu para Jonathan para que ele pudesse ler. O fez, totalmente em silêncio enquanto folheava, os olhos examinando as palavras escritas com uma mão. Ela enxugou as lágrimas com irritação, mas elas continuaram vindo.

Sentia tantas coisas neste momento: tristeza por seu pai, que morrera solitário e cortado, sabendo que as escolhas que fizera em seus relacionamentos o condenaram; autopiedade de ter perdido o pai; frustração indefesa em conhecer os motivos de seu pai por trás das escolhas que estragaram sua vida. E uma dor triste e doce pelo fato de nunca ter dito ao pai que sempre o amara, mesmo que a tenha desapontado.

Acima de tudo, chorou pela percepção de que poderia se tornar seu pai.

Ela falhou no relacionamento e após o relacionamento, não estava disposta a se abrir para se machucar. Antes de Jonathan ter

empurrado seu caminho de volta para sua vida, estava sozinha, com amigos no trabalho, mas passando a maior parte dos finais de semana sozinha e passando o tempo dedicando-se ao trabalho. Assim como o pai dela.

Jonathan redobrou a carta e colocou-a de volta no envelope. Seu olhar foi para ela.

— Você está bem, Violet?

Ela tremeu, segurando os soluços.

— Eu só... Eu estava me transformando nele, sabe? Tenho guardado rancor por tanto tempo que me recusei a vê-lo quando estava doente. Eu quase te afastei também. E não teria havido nenhuma carta após o fato para que você soubesse que eu ainda te amava, porque teria sido tarde demais. — Seu corpo inteiro tremeu com soluços reprimidos.

— Eu gostaria de poder ter falado com ele mais uma vez.

Jonathan a puxou contra ele e a abraçou enquanto chorava, as mãos dele se acalmando em seus ombros.

— Ele entendeu Violet. Seu pai conhecia você e sabia que estava ferida. Eu acho que é por isso que te enviou nessa louca caçada às letras. Essa foi a única maneira de quebrar suas barreiras. Porque vale a pena, fico feliz que as coisas tenham se saído do jeito que fizeram.

Seus dedos arrancaram a manga de sua jaqueta enquanto ela cheirava.

— Porque acabamos juntos?

— Porque acabamos juntos — concordou. — Todo o resto valeu a pena. Todas as dores do coração, a miséria, as noites solitárias. Se

podéssemos mudar alguma coisa, eu ainda não mudaria, porque nos permitiu estar aqui juntos hoje.

Ela se agarrou a ele.

— Eu te amo.

— Eu também te amo.

Violet deu outra fungada aquosa.

— Você já abriu seu envelope?

— Ainda não. — Com os braços ainda em volta dela, rasgou o selo com os dedos e sacudiu sua carta.

Um pedaço de papel de caderno amarelado, dobrado em um dos intrincados desenhos que Violet aprendera no ensino médio, caiu na grama. Foi lacrado com um pequeno selo postal de Santorini e continha, PARA *JONATHAN – URGENTE!*, na capa.

Violet ofegou ao vê-lo. — Que... Essa foi minha carta. Sobre o bebê.

— Ainda selada — constatou Jonathan, a dor em sua voz. Seus braços se apertaram em volta dela.

— Parte de mim quer odiar seu pai por isso.

— E parte de você sente pena dele. Eu sei. — Murmurou. Sentia o mesmo.

— Mas estamos juntos agora.

Ele assentiu.

— Acho que devemos buscar sua estela.

— Desde que não posso quebrá-la sobre a cabeça de ninguém no momento? Sim, suponho que deveríamos.

Violet deu uma risadinha trêmula à imagem mental.

— Você não faria isso de qualquer maneira.

— Eu não faria? — Ele a puxou para longe de seu peito e lhe deu um olhar sério. — Violet, você percebe que é tudo para mim, certo? Nada neste mundo é mais importante do que você. Nada mesmo. Quebraria todas as estelas daqui para o Smithsonian¹⁷ se isso fizesse você feliz.

— Isso não me faria feliz — afirmou Violet. — Mas é gentil da sua parte oferecer.

— Então, o que faria você feliz, Violet?

Ela olhou para ele, em seu rosto bonito e preocupado. Preocupado com ela. E sentiu uma efusão de amor por este homem feroz e intenso.

— Só quero estar na sua vida. Em cada parte da sua vida. Para sempre. — Colocou sua bochecha no ombro dele. — Tenho que avisá-lo, provavelmente serei uma namorada extremamente pegajosa.

— A ideia de você ser extremamente pegajosa me deixa extremamente feliz — afirmou Jonathan. — Agarre o quanto quiser. Quanto ao resto da minha vida, não significa nada para mim se você não estiver ao meu lado.

Violet suspirou com total satisfação. Gostava de ouvir isso.

Jonathan beijou sua têmpora e depois murmurou: — Falando nisso, o que você fará na próxima sexta-feira? Gostaria que voasse comigo para Nova York.

— Oh?

¹⁷ Instituição educacional e de pesquisa associada a um complexo de museus.

— Eu tenho alguns amigos que quero que você conheça.

Naquela quinta-feira, Violet saiu correndo da Jonathan Lyons Middle School com o último sinal. Colocou a bolsa por cima do ombro e correu porta afora com os alunos, tão aturdida e empolgada como se estivesse fora das aulas depois de um longo dia.

Estacionado em frente à escola havia uma forma familiar em uma jaqueta casual e camiseta, encostado em um brilhante "cavalo" vermelho Lyons. Jonathan sorriu para ela quando saiu correndo pela porta e deu-lhe um beijo quando chegou ao seu lado.

— Pronta, amor?

— Pronta.

Ele abriu a porta do carro, e ela sentou no banco do passageiro. Um momento depois, se afastavam da escola, indo em direção a um aeroporto privado, onde a turboélice favorita dele, Socata, esperava.

Eles voaram para a cidade de Nova York no momento em que o sol estava se pondo, e reprimiu alguns bocejos enquanto Jonathan a conduzia a um sedã e instigava o motorista a dirigir-se a um endereço desconhecido.

Quando o motorista estacionou na rua do lado de fora de um clube, Violet deu a Jonathan um olhar curioso. Este era o clube que ele tinha “negócios” antes, quando a fez esperar na limusine. Estranho que deveriam vir aqui novamente. Também não estava adequadamente

vestida. Usava suas roupas normais de professora – uma saia lápis e uma blusa de gola alta com mangas compridas.

— Eu não estou vestida por uma noite na cidade, Jonathan.

— Não se preocupe — assegurou, movendo-se para o lado dela e descendo um braço possessivo entorno de sua cintura.

— Esse não é o nosso destino final. — Confusa manteve seus pensamentos para si, enquanto ele a conduzia para dentro e através do clube, depois para um corredor dos fundos. Havia um guarda-costas no corredor, em pé na frente de uma porta, e quase perdeu o bizarro gesto de mão que Jonathan lhe mostrou. O homem grunhiu e se afastou, e Jonathan se virou para olhá-la.

— Prometa-me que você não dirá isso a ninguém?

— Eu prometo — disse, agora mais curiosa do que cansada.

Pegou a mão dela e beijou as costas dela. Então, entrelaçando os dedos nos dela, assumiu a liderança e desceu o lance de escadas para o porão do clube. Cheirou charutos e ouviu o suave murmúrio de vozes quando a porta se fechou atrás deles.

— Meninos — Jonathan anunciou quando desceu as escadas e entrou no quarto. — Eu trouxe alguém comigo esta noite.

Cinco pares de olhos a encararam com surpresa quando entrou na sala do porão com Jonathan. Havia uma grande mesa de carteados no centro e cinco homens sentavam em volta dela, com uma cadeira vazia no outro extremo, sem dúvida esperando por ele. Bebidas e cartões espalhados, e uma nuvem de fumaça de charuto pairava no ar.

— Oi — falou Violet, olhando para Jonathan com curiosidade.

— Eu trouxe Violet para conhecer meus irmãos — falou, com um olhar orgulhoso em seu rosto enquanto a puxava para frente.

— Irmãos — perguntou curiosa. Ele não tinha irmãos, tinha? Pensou que teve um irmão mais velho, mas já tinha falecido há muito tempo. Olhou para os rostos em volta da mesa e ficou surpresa ao ver Cade Archer sentado entre os homens, um sorriso no rosto.

— Oh, droga — exclamou um homem de cavanhaque. — Aqui vamos nós.

Fim

Jessica Clare

AVISO 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em redes sociais ou qualquer outro meio!

Quer baixar nossos livros? Entre no nosso grupo ou em grupos parceiros, lá você encontrará todos livros que disponibilizamos e acompanhará nossos lançamentos!

Postagens dos livros em outros meios podem acarretar problemas!

Ajude-nos a preservar o grupo!

AVISO 2

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são feitos e distribuídos gratuitamente!

Nós somos contra e distribuimos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil. Solicitar dinheiro por romance é crime, pirataria! Seja esperta (o).

BILLIONAIRE